

Padres Népticos

FILOCALIA

VOLUME VII

CALIXTO O PATRIARCA A VIDA DE SÃO GREGÓRIO DE TESSALÔNICA

Tradução do grego

Jacques TOURAILLE

Abbaye de BELLEFONTAINE

Sob supervisão do

Pe. Boris BOBRINSKOY

Tradução

Luis KEHL

MMXII

*A todos os mestres,
para retribuir e para transmitir.*

***AMARRA TEU BARQUINHO
NO NAVIO DE TEUS PAIS.***

Calixto o Patriarca

CALIXTO O PATRIARCA

CAPÍTULOS SOBRE A ORAÇÃO

É possível, senão provável, que Calixto o Patriarca seja o mesmo Calixto Xanthopoulos, que foi patriarca de Constantinopla no final do século XIV. Mas nenhum documento o prova. Da leitura dos 83 capítulos que levam seu nome, uma coisa se depreende com certeza: o patriarca, cujo cargo o colocava à frente da Igreja, fala como o mais humilde e o último dos monges, e, sobretudo, como um testemunho e um profeta da interioridade e da atualidade do Reino de Deus.

Ele percorre esses capítulos como uma jubilação do Reino de Deus. O feixe da experiência milenar dos hesiquistas apresenta-se reunido aqui no testemunho pessoal de uma alma e de um coração que, no fundo, não têm a transmitir senão a alegria e a paz da deificação. “Plantar em nós o divino”, diz Calixto; isto implica fazer do paraíso a imagem do homem interior, “que tem como terra o coração e por árvores a contemplação”, a qual depende da humildade (“a humildade é o começo da contemplação, e a contemplação é a perfeição da humildade”). Entre o sensível e o inteligível, na contemplação hesiquistas como na revelação bíblica, não existe divisão nem dominação, mas uma humilde osmose. “O contemplativo colhe o invisível na criação visível. Ele vê a beleza”. Assim, a criação não é ocultada pela chegada do Reino. Ela é transportada com amor pelo louvor da alma. Mas há ainda mais: o contemplativo, diz Calixto, “dirige-se para o incriado”. A partir daí, a vida cristã é concebida sob o duplo signo da adoração de Deus em espírito e verdade, e a prece contínua, a “prece que vive”, a “prece que respira”, “a prece que faz subir do coração um fluxo incessante”,

mergulhando “o amor que nos conduz para a beleza visível de Deus” no “êxtase do eros divino”. Mas este amor tem uma condição: o contemplativo “deve, em primeiro lugar, participar do Espírito vivificante”. O amor louco não é jamais outra coisa que o fruto maduro da compaixão de Cristo, no coração do mistério da Igreja. Ele é em primeiro lugar o modo de agir de Deus. O homem não deve sua salvação senão à compaixão de Cristo e ao mistério da Igreja, a qual, como a função patriarcal, permanece aqui como o não dito implícito: o lugar da eucaristia, o lugar da deificação, o lugar da comunhão e do reconhecimento onde todo fiel – afirma Calixto – é como que um “segundo Cristo”

Ao longo dos capítulos, sentimos assim brotar da fonte a experiência do homem deificado que, a partir da revelação bíblica, atesta toda a tradição hesiquiastas. O lugar de passagem obrigatório da deificação permanece sendo a *noéra aisthesis*, o sentido intelectual, o sexto sentido que permite, a um só tempo no corpo e sem auxílio dos sentidos corporais, a visão do invisível, pela mediação do intelecto que ora: a chave da mensagem filocalica, uma mensagem que aqui é levada à incandescência pela conjunção do monge e do patriarca numa mesma pessoa testemunhando como nunca que a Igreja, totalmente aberta à via do mundo, está ao mesmo tempo absorvida pelo mistério da segunda vinda de Cristo.

CAPÍTULOS SOBRE A ORAÇÃO

1. Se você quer aprender a verdade, imite o exemplo do tocador de cítara. Ele mantém sua cabeça inclinada para baixo, com o ouvido atento ao canto e maneja a palheta. Ao mesmo tempo em que as cordas são vibradas umas após outras, a cítara espalha sua melodia e o citarista exulta com esta doçura de mel.
2. O trabalhador da vinha, que ama penar, que este exemplo lhe seja claro, e creia. A partir de agora, sóbrio e vigilante como o citarista, você encontrará facilmente na profundidade do coração aquilo que procura. Pois a alma tomada de alto a baixo pelo amor divino não pode voltar atrás. “Minha alma, diz o divino Davi, está ligada a você¹”.
3. Penso que a cítara, bem-amado, é o coração. As cordas são os sentidos. A palheta é a reflexão do intelecto. Este, por meio da razão, anima continuamente a palheta, que é a lembrança de Deus, de onde vem na alma um prazer inefável que reflete no intelecto puro o flamejar da luz divina.
4. Se não fechamos os sentidos do corpo, a água transbordante não pode correr em nós, esta água que o Senhor deu à samaritana. Ela buscava a água sensível, mas encontrou a água da vida que brotava dentro dela². Com efeito, assim como a terra guarda por natureza a água e a distribui, também a terra do coração possui por natureza

¹ Salmo 62 (63): 9

² Cf. João 4: 14.

esta água que jorra e corre da fonte, assim como a luz do Pai que Adão perdeu por sua desobediência.

5. Assim como a água corre de uma fonte inesgotável, também a água da vida, a água transbordante³, brota da alma. É esta água que residia na alma de Inácio o Teóforo e que o levou a dizer: “Não existe em mim um fogo para amar a matéria, mas uma água que age e que fala⁴”.

6. Esta bem-aventurada, ou melhor, três vezes feliz sobriedade, quero dizer, a sobriedade e a vigilância intelectuais da alma, é semelhante a uma água que jorra da profundidade do coração. A água que se espalha da fonte enche a fonte. A que jorra do coração é por assim dizer continuamente animada pelo Espírito e cumula de orvalho divino e de Espírito o homem interior e incendeia o homem exterior.

7. O intelecto purificado das coisas exteriores, que submeteu totalmente os sentidos pela virtude ativa, permanece imóvel como o eixo do céu. Ele contempla o centro: a profundidade do coração. Ele dirige a cabeça e olha além. Seus raios são como relâmpagos luminosos da reflexão que atraem das profundezas os pensamentos divinos. E ele submete todos os sentidos do corpo.

8. Que ninguém, ao ouvir falar em coisas proibidas, nelas toque antes do tempo, se não for iniciado nelas ou se ainda tiver necessidade de leite⁵. Os divinos Padres, ao ver tais homens

buscando antes da hora coisas que só vêm a seu tempo, esforçando-se por entrar no porto da impassibilidade sem ter os meios para tanto, consideravam que este era um gesto sem sentido, nada mais do que isto. Pois é impossível a quem não conhece as letras estudar em um livro.

9. Aquilo que o Espírito Santo coloca em movimento na alma que começa a combater enche de serenidade o coração que grita: “Abba, Pai!”⁶. Em si mesmo este movimento não possui figura nem forma. Mas ele transfigura pelo esplendor da luz divina e dá forma naturalmente sob o efeito do ardor do Espírito de Deus. Ele nos transforma, nos torna outros, como só Deus, com seu poder, sabe.

10. O intelecto purificado pela sobriedade e a vigilância se cobre facilmente de trevas, se não der as costas totalmente às coisas exteriores pela lembrança contínua de Jesus. Mas quem uniu a prática à contemplação e à guarda do intelecto não rejeita os ruídos. Sejam ou não uma linguagem, ele não os descarta. A alma ferida pelo desejo de amor que esta lembrança lhe traz segue a Cristo como a seu bem-amado.

11. Os que vivem no mundo podem até imobilizar as paixões e a rebeldia da carne, ou mesmo se deterem pela razão, como diz a Escritura: “Detenham-se e conhecerão⁷”. Mas eles jamais conseguirão apagar as paixões ou fazê-las desaparecer. Somente a vida eremítica consegue desenraizá-las.

12. Quanto à água que jorra, primeiro seu movimento é mais vivo,

³ João 4: 14.

⁴ Inácio de Antioquia, *Cartas*, Aos Romanos VII, 2.

⁵ Cf. I Coríntios 3: 2.

⁶ Cf. *Gálatas* 4: 6.

⁷ *Salmo* 45 (46): 11.

depois ele se acalma e se torna mais lento. Em seu primeiro movimento, a água não pode se turvar facilmente, pois corre depressa. Mesmo se se turvar um pouco, seu movimento é tal que logo ela se purifica. Mas quando a corrente de água perde sua força e se torna mais lenta, não apenas a água se turva, como ela se torna quase imóvel. É preciso então purificar-se totalmente e reencontrar por assim dizer o movimento nesta renovação.

13. Para os noviços e os que vivem da ética e da ação, o demônio se manifesta por ruídos, sejam estes uma linguagem ou não. Mas nos que miram a contemplação, ele suscita imaginações: o espaço parece se colorir com se fosse um efeito da luz. Às vezes ele chega a mostrar estas imaginações na forma de fogo, para enganar, desviando-os de seu caminho, os que combatem por Cristo.

14. Se você quer aprender como orar, considere qual a finalidade da atenção e da prece e não engane a si próprio. Esta finalidade, bem-amado, é a compunção contínua, a contrição do coração, o amor ao próximo. E o contrário é evidente: são os pensamentos da concupiscência, a maledicência, a aversão ao próximo e tudo o que se assemelha a isso.

OUTROS CAPÍTULOS. O PARAÍSO É UMA IMAGEM DO HOMEM.

15. Assim como o corpo visível do homem é uma imagem na qual transparece aquilo que é visível nele, também o Paraíso de todas as

belezas que Deus, em sua sabedoria, plantou no Éden a Oriente⁸, é uma imagem do homem interior que tem como terra seu próprio coração e por árvores (estas árvores que seu intelecto criado à imagem de Deus deve plantar com toda sua vontade) as numerosas e diferentes contemplações de Deus, os pensamentos e especialmente as manifestações divinas. Estas contemplações comportam uma variedade de formas e de odores espirituais. Eu acrescentarei que elas constituem um alimento, uma alegria e, certamente, um prazer. As coisas do Éden simbolizam aquilo que é o coração que delas se nutre naturalmente e que encontra claramente no divino seu prazer e sua alegria.

O paraíso sensível está a leste do sol sensível. Mas o paraíso inteligível está dentro do homem, sob a luz do conhecimento do sol inteligível. Pois, segundo os Padres, é impossível ao coração que não possui a luz do conhecimento ter pensamentos, visões e manifestações de Deus e ser inteiramente preenchido pelas representações divinas, das mais simples às mais complexas, como acontece num paraíso além do mundo.

Mas não existe paraíso sem águas. Pois aquele que o descobriu deve enchê-lo de plantas fecundas e de frutos. No meio do Éden vemos uma fonte que se divide em quatro correntes que regam a superfície da terra, conforme está escrito⁹. No homem, a fonte de água viva é o movimento vivificante do Espírito Santo, de quem o Senhor disse: “A água que lhe darei será para ele uma fonte de água viva¹⁰”, que jorra do coração, como a que brota maravilhosamente do Éden. Esta

⁸ Cf. *Gênesis* 2: 8.

⁹ Cf. *Gênesis* 2: 6.

¹⁰ *João* 4: 14.

fonte se divide em prudência, modéstia, justiça e coragem, as quatro correntes de onde jorram como rios as virtudes que nos assemelham a Deus. É por isso que foi dito que logo a água, ou seja, a energia, regou a superfície da terra, ou, se você preferir, a superfície do coração, para o crescimento, a maturação e a colheita dos frutos eleitos das virtudes divinas.

É uma coisa maravilhosa, doce e cheia de graça compreender o que acontece então e que reside na fonte, a qual representa, jorrando do meio do coração, como explicamos, o movimento e a energia sobrenaturais do Espírito vivificante. A fonte não é da mesma natureza das plantas nem da terra, pois estas são outra coisa. A água é suficiente para todas as inumeráveis plantas. Ela, que é uma, as rega, as assiste sem medida, embora elas difiram umas das outras a ponto de possuírem temperamentos opostos, sendo umas secas, outras úmidas, outras quentes, outras frias. A fonte, como eu disse, corre por entre toda esta variedade de plantas. Ela derrama sua água única e simples, que é seu maior auxílio; dividindo-se em quatro correntes, ela faz assim o que é melhor para cada planta. Ela não é da mesma natureza das coisas que existem em nós, sejam as virtudes, o conhecimento ou a contemplação ligada a ele. E ela também não é da mesma natureza que o coração. Ela é a divina irradiação sobrenatural d'Aquele que criou a vida, seu movimento e sua energia irrefreáveis. Ela é dada aos fiéis pela graça. Ela sobe continuamente de dentro do coração e corre na direção do que está fora. Ela se divide em quatro virtudes, como eu disse, que são as quatro virtudes que ela ampara acima de todas. Ela é sucessivamente a mesma água para todas. Pelo Espírito ela ampara primeiro a prudência, e através do conhecimento ajuda aos que fazem a obra da justiça. Enfim, chamada “a que dá sabedoria” e poder, esta água

revela depois de muito tempo sua energia amparando a castidade e a coragem.

Deste amor, desta sabedoria são testemunhos seguros Paulo e Isaías. Um diz claramente: “O amor de Deus se derrama nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado¹¹”. E Isaías conta o espírito da sabedoria dentre as sete energias do Espírito¹². Ora, não apenas o Espírito ampara o amor, mas se torna um espírito de zelo face ao amor, a ponto deste anular uma série de pecados, como está escrito¹³. O zelo leva à condenação, e às vezes à morte. Diz-se que Elias, o grande profeta e amigo de Deus matou pela espada muitos sacerdotes infames¹⁴. Antes, Finéas esfaqueou o Medianita com a Israelita¹⁵. E antes deles, o próprio Moisés, o santo legislador do Antigo Testamento, por zelo e com a mão dos homens de sua raça entregou à morte inúmeros homens. Quando se trata de ação, o melhor é o conhecimento. E quando se trata de contemplação, o melhor é a ignorância que ultrapassa o conhecimento. Mas é impossível que tal aconteça convenientemente numa alma que não possui o espírito de verdade nem o espírito do conhecimento. Tanto a alegria do coração como a tristeza que se opõe a esta alegria são manifestamente efeitos do Espírito. Ouça a Escritura que diz: “O fruto do Espírito é a alegria¹⁶”; e: “Deus concede a alguns um espírito de compunção¹⁷”.

¹¹ Romanos 5: 5.

¹² Cf. Isaías 11: 2.

¹³ Cf. I Pedro 4: 8.

¹⁴ Cf. I Reis 18: 40.

¹⁵ Cf. Números 25: 8.

¹⁶ Gálatas 5: 22.

¹⁷ Romanos 11: 8.

Em uma palavra, de acordo com os Padres, o Espírito Santo e vivificante intervém em todas as coisas da virtude e também nesses estados que, aparentemente, como eu disse, se opõem mutuamente e que a Escritura chama de fogo e água, coisas totalmente contrárias, pois ele auxilia a tudo o que, na alma, é bom e belo e ele suscita nela a energia que dá a vida e a força. É por isso que a Escritura fala dele no singular e no plural: o Salvador o chama de fonte e de rios. É assim que ele se divide em quatro correntes e assume todas as virtudes. Uma alma se torna nova em tudo a partir do momento em que a água dá a vida sobrenaturalmente à alma que está em comunhão com o Espírito, que a transporta a tudo o que lhe convém e acontece, e faz tudo como deve.

Assim eu penso que a pedra em que Moisés o legislador¹⁸ bateu com sua vara fazendo com que jorrasse água sobrenaturalmente como de rios, é o coração petrificado pelo endurecimento. Quando Deus, em lugar da vara, bate oportunamente com suas palavras este coração e o penetra com a compunção, o poder do Espírito alegremente suscitado jorra deste coração de maneira sobrenatural como se fossem correntes de água vivificante, e traz a tudo uma ajuda imensa. E como dizê-lo? Ela, que é uma só e mesma água por natureza, dá a vida a todos os seres que a recebem, numerosos e infinitos, na medida de cada um. É verdadeiramente maravilhoso que esta pedra levada sobre um único carro¹⁹ pode jorrar água que daria para encher miríades de carros até o infinito. Mas de onde lhe veio isto? De onde tirava ela tanta água? De que fonte? Porém, maior maravilhamento deve atingir aqueles que consideram o quanto o

cálice do coração, carregado com tanta leveza por um corpo tão ínfimo, não cessa de derramar um fluxo de miríades de espíritos e de corpos tão infinito quanto a vida. De onde veio isto ao coração, que está além de todo número? O Espírito, como disse Aquele que é a própria verdade, sopra onde quer. Você ouve a sua voz, mas não sabe de onde vem nem para onde vai²⁰. E no entanto ele sopra o tempo todo.

Assim, se recebemos de Deus tamanha dignidade, de plantar em nós o divino à imitação de Deus, aí estará o paraíso, claro que não o paraíso que os sentidos exteriores podem captar, mas um paraíso inteligível, como dissemos, bem mais elevado em toda sua beatitude, e além do entendimento de quem ainda não experimentou a dignidade sagrada. Entreguemo-nos por inteiro, com toda a piedade, com a retidão que leva à fé, ao fundamento da hesíquia e por intermédio dos mandamentos, a Cristo Deus na Trindade. Perseverando deste modo numa contemplação que recolhe as visões e os pensamentos divinos de que falamos – e eu acrescentarei as reflexões teológicas que ela planta no coração em Deus – com toda nossa resolução roguemos por ela como se deve para que habite em nós e faça jorrar em nossos corações seus pensamentos mais elevados do que o mundo. O Espírito Santo, podemos dizer, são os rios. Pois “quem crê em mim, como diz a Escritura, de seu coração brotarão rios de água viva²¹”. E o Apóstolo bem-amado acrescenta que ele dizia isto do Espírito que os que nele creram deviam receber²². A glória, pelos séculos dos séculos, a ele que dá aquilo que ultrapassa a inteligência.

¹⁸ Cf. *Êxodo* 17: 6.

¹⁹ Cf. *I Coríntios* 10: 4.

²⁰ Cf. *João* 3: 8.

²¹ *João* 7: 38.

²² *João* 7: 39.

DO DOM ESPIRITUAL.

Veja os dons de Deus que não volta atrás, e as graças de Deus que nada pode superar. E regozije-se com o milagre que chega agora divinamente, se você considerar as coisas que Deus fez a Adão, a primeira criatura, e as coisas mais elevadas ainda que ele fará por nós a seguir.

Ele insuflou em Adão um sopro de vida, a graça do Espírito vivificante, e assim Adão se tornou um homem perfeito. Ele se tornou uma alma viva²³, não apenas uma alma. Com efeito, a alma do homem não é o Espírito de Deus, mas se tornou no Espírito uma alma viva. Pois o Espírito Santo e vivificante de Deus se torna em verdade, para a alma que vive como se deve, uma alma dotada de razão à imagem de Deus. Mas o Espírito de Deus não faz corpo com a alma. Ora, esta caiu, perdeu a imagem de Deus e tudo o que era preciso para a vida a uma alma racional. A bestialidade, e mesmo a ferocidade, infelizmente a invadiu. Sem Deus, disse o Salvador, nada, absolutamente nada podemos fazer²⁴ daquilo que devemos realizar no Espírito e em Cristo. É por isso que o homem foi criado sem falha, isto é, total. Adão não se tornou simplesmente uma alma, mas uma alma viva. Pois Deus insuflou nele um sopro que é a vida para as almas dotadas de razão. Portanto, o sopro de Deus insuflado em Adão deu a este, na medida do possível, uma glória bem real. Ele oferece uma glória semelhante a Deus a quem participar aplicando-se às coisas pela visão e a profecia e se tornar assim verdadeiramente criador junto com Deus e um segundo Deus pela graça, por

²³ Cf. *Gênesis* 2: 7.

²⁴ Cf. *João* 15: 5.

intermédio das visões divinas e das profecias luminosas, como quis o Criador do universo, o Criador mais do que sábio.

Mas o homem dobrou o joelho e em sua queda submeteu-se ao grande mal da desobediência. Ora, ele caiu do Espírito Santo vivificante que nos ilumina, não foi capaz de guardar a imensidão de tamanha honra, foi verdadeiramente reduzido ao estado dos animais sem inteligência, assemelhando-se a eles²⁵. E, com toda sua ignorância e obscurecimento, ele se afastou do objetivo divino, incapaz de levantar a cabeça nestas trevas horríveis, manifestamente privado do dom divino, do dom sobrenatural deste sopro que Deus lhe havia insuflado.

Mas chegou o tempo das compaixões de Deus, e Deus enviou seu Verbo para nos curar de nossa corrupção²⁶. Ora, o Verbo traz em si o Espírito que o acompanha naturalmente, que ilumina e esclarece sua divindade – podemos dizer: seu poder – de que falou o profeta, quando deu graças a Deus por toda a humanidade: “Você enviou sua luz e sua verdade. Elas me conduziram, me levaram à montanha santa, ao seu conhecimento único e supremo, nas moradas e nas contemplações de sua glória²⁷”. É para lá que, levada por Deus, se eleva o intelecto e é lá que ele reside. Ele está acima das coisas visíveis, de certo modo aproximando-se do Deus Altíssimo. A partir do momento que veio o Verbo legítimo de nosso Deus, trazendo consigo naturalmente, enquanto santo Verbo de Deus, o santo Espírito de Deus, todos os que receberam com fé o santo Verbo de Deus receberam imediatamente o Espírito Santo de Deus, que

²⁵ Cf. *Salmo* 48 (49): 13.

²⁶ Cf. *Salmo* 106 (107): 10.

²⁷ *Salmo* 42 (43): 3.

acompanha sempre e indubitavelmente o Verbo. E eles não apenas o receberam de Deus Pai face a face, como na origem o fez Adão e mais tarde os discípulos de Cristo quando este soprou sobre eles²⁸, mas recebendo subitamente o invisível como um sopro – ou seja, o Espírito, que lhes insuflou claramente a graça que lhe é própria - os que participam do fundo do coração podem ver em seu intelecto o Espírito que derrama as águas sempre nascentes como de uma fonte, que imediatamente os ilumina e permite ao intelecto ver as coisas maravilhosas do novo nascimento e as coisas acessíveis da glória divina. Em uma palavra, pela participação sobrenatural ao Espírito por meio da graça, o intelecto de põe a contemplar misticamente e recebe abundantemente grandes benesses.

Progredindo na paciente concepção da graça, ele chega às visões e às presciências pela iluminação do Espírito, e se eleva ao nível de Deus. Ele vê a união hipostática que ultrapassa o entendimento, esta união da natureza divina com a natureza hipostática do homem. Ele vê a efusão do Espírito em tudo, esta efusão que Adão não viu assim, porque não comungava da natureza divina, nem recebeu de fato a adoção de Deus.

DA ENERGIA DIVINA NO HOMEM E, PORTANTO, DA PAZ.

17. Consideremos que está em nosso poder a energia que está no coração do Espírito Santo, e veremos depois as coisas que ela realiza. Consideremos ainda a energia que nos é natural e as coisas que lhe são próprias. Veremos que nos é praticamente impossível,

com nossas energias naturais, encontrar a paz. Pois está aí, juntamente com o amor e a alegria, o verdadeiro fruto da energia do Espírito: ser paciente, ser doce, cheio de bondade, partilhar nossos bens com os que nos são próximos. No imediato nenhuma energia que nos é natural se distingue do impulso da alma, a qual é manifestamente da ordem do ardor. Mas esta energia não vem a nós sem a vontade. A vontade do monge ativo está ligada ao desejo, como a do contemplativo está ligada mais à tensão. É por isso que é impossível às nossas energias naturais extinguir totalmente o desejo e o ardor por cujo intermédio nos colocamos normalmente em ação.

Porém a energia do Espírito Santo no coração é sobrenatural, sua gênese não reside em nada da natureza, mas ela se manifesta de forma inconcebível naqueles que receberam a piedade: ela é claramente suscitada apesar dela, ou, numa palavra, ela irradia luz. Pois ninguém pode lhe dizer o que leva à energia, ao flamejamento e à manifestação do Espírito, senão quem já recebeu naturalmente o dom de vê-la e de se regozijar com ela em seu coração. A energia divina não tem nenhuma necessidade da vontade nem do impulso natural para se desenvolver. É claro que o desejo e o ardor não operam aqui, nem fazem nada. Numa palavra, a parte passional da alma cai no ostracismo e perde a ação quando do coração sobe naturalmente a respiração do Espírito vivificante. Mas o intelecto exulta e vive. A partir daí também a alma encontra a paz, na calma e na absoluta e necessária impassibilidade. Ela contempla a Deus. Maravilhosamente, sua relação com Deus, sua iluminação, sua tensão se tornam o Espírito que ela recebeu de Deus. Assim ela vê que alcançou o conhecimento do inexprimível esplendor mais que luminoso da beleza divina, e ela ama abundantemente ao Deus mais do que belo. Ela se regozija em conhecer o Pai do Senhor, que, na

²⁸ Cf. *João* 20: 22.

medida em que se pode expressar, é infinito, ilimitado, incompreensível, ela se regozija por conhecer sua herança e a si mesma daí por diante dentro da inefável compaixão divina, e então atinge uma paz maravilhosa, pois percebe que não lhe falta mais nada, pela graça da extrema beleza que ultrapassa o intelecto.

Como dissemos, quando o ardor natural é suplantado em sua ação pela energia do Consolador, que se desenvolve por si só, a paciência e a doçura, unidas à maior bondade, se ligam à vida da alma. Elas são frutos do Espírito Santo²⁹, com o qual comungam os que receberam a piedade de Deus. Mas o espírito de ilusão e mentira, mesmo que pareça agir sobre a alma independente da vontade e do impulso de quem o recebe, não apazigua o estado passional – ao contrário, provoca-o – não realiza nem o amor a Deus, nem a alegria, nem a paz. Pois a mentira é desordenada, ela é inconsequente, estranha à paz e à calma que vêm de Deus.

18. Eu fico maravilhado, Senhor, diante da benfazeja luz da paz admirável, luz tão repousante, bem-amada, naturalmente transbordante, cheia de graça e imensamente transbordante. Ela, e só ela, é toda a vida do intelecto. Eu fico maravilhado, Todo-Poderoso, Mestre Santo, que uma vez tocados pelas efervescências inefáveis de sua bondade infinita, esta possa viver totalmente por si mesma e não por você³⁰, que está acima do ser. Pois você é a vida que criou as vidas, e a fonte de toda bondade e de toda beleza. Se, com efeito, a mulher não fez mais do que tocá-lo, e sequer a você, mas apenas às suas vestes, ó Salvador, e ainda sequer às suas vestes, mas apenas às franjas do tecido, e secretamente, e mesmo assim ela foi

imediatamente curada de toda uma vida de enfermidade e devolvida à saúde contra todas as expectativas³¹, que pensar, ó Rei, do que deve experimentar naturalmente, e da vida que deve levar, e por que, aquele que, em sua bondade, você tocou com a inefável efervescência divina, e a quem você concedeu clara e maravilhosamente sua compaixão? Sabemos que você tomou pela mão a sogra de Pedro. E que a febre a deixou de imediato. Ela recuperou a saúde, levantou-se e o serviu³² cheia de admiração e ardor. Ora, esta mulher não foi tocada senão uma vez, e de fora: pois você a tomou pela mão. Se então, de acordo com as palavras do Evangelho, ela foi inteiramente curada no mesmo instante, o que será daqueles a quem você toca inefavelmente, não uma vez, mas continuamente, noite e dia, e não em qualquer parte de fora do corpo, mas no mais profundo do coração, você que tanto ama suas almas, claramente auxiliando-os com sua força naquilo que lhes acontece, consolando-os nas infelicidades e fazendo por eles miríades de coisas boas e belas? Como então, ó Altíssimo, poderão estes homens viver para si mesmos, e não inteiramente para você, como é natural? Ou melhor, agora que eles vivem apenas por você, como não se considerarão infelizes, como não se prosternarão humildemente, se se virem, por qualquer satisfação efêmera, afastados do tão grande e extraordinário socorro de sua graça?

Glória a você, verdadeiramente glorificado, que glorifica os humildes. E quando eles são glorificados, você os torna ainda mais humildes, pois, com seus dons inefáveis, eles se tornam devedores de tantos bens imensos. Quando você concede a graça aos humildes, você se enraíza maravilhosamente em seus corações e eles são

²⁹ Cf. *Gálatas* 5: 22.

³⁰ Cf. *II Coríntios* 5: 15.

³¹ Cf. *Mateus* 9: 20s.

³² Cf. *Marcos* 1: 30s.

verdadeiramente glorificados. Você disse claramente no livro de Salomão que a sabedoria de Deus se enraíza num povo glorificado, além de toda imaginação. “É por isso que eu me elevei no coração como um cedro do Líbano³³, eu que superei as coisas de baixo, as coisas da terra. Chegado ao cume dos pensamentos divinos, atingi as alturas, a montanha de Deus. Como o terebinto estendi meus ramos. Naqueles em quem eu me enraízo por meio da graça espiritual, meus galhos são os ramos da glória e da graça³⁴”.

Senhor, você é a própria verdade. O que eu digo é inteiramente verdadeiro. É por isso que a alma pura, a alma que o recebeu como uma esposa, tanto desejou permanecer à sua sombra, por difícil que tenha sido. Ela mostra assim que seu fruto enche de doçura, e não simplesmente isto, como ele se torna doce na boca. Pois a doçura do Senhor normalmente não passa em todos pelos seus sentidos, como quando se diz: “Como o cinamomo e os bálsamo eu dei meu perfume, e como a mirra escolhida eu espalhei o bom odor³⁵”, ela não faz isto a todos. É o que também Paulo que dizer: “O perfume único e mesmo foi para alguns um odor de vida que conduz à vida, para outros um odor de morte que leva à morte³⁶”. É assim que acontece superabundantemente, se podemos dizê-lo, com a doçura divina e a glória de Deus que se revela concomitantemente. Não são todos, mas apenas alguns que as percebem por meio dos sentidos intelectuais: os que se dedicam à hesíquia e que receberam a bem-aventurança divina pela comunhão com o Espírito que dispensa a vida e a luz, em suma, os que têm o coração puro, na medida em que

é possível tê-lo. Se uma vida tumultuada, impura, manifestamente privada da comunhão com o Espírito, fosse digna, ela sentiria naturalmente em sua alma a glória de Deus, seu perfume e sua doçura. Mas isto não é possível, não pode ser. É preciso a fuga do mundo, a solidão, a hesíquia, a clausura, a vida devotada aos deveres da virtude, da sobriedade e da vigilância, da prece e da atenção, e a tudo o que trazem consigo os que se arrependem, a fim de lugar à insuperável bondade da misericórdia divina. Por amor ao homem esta se inclina e permanece na alma que a busca penosamente: é a piedade maravilhosa. Deus – ó, quanta graça! – se torna com a alma um só espírito enraizado na profundidade do coração, irradiando uma luz estrangeira, que cresce e se eleva em altura, estendendo-se nos ramos do intelecto e trazendo os frutos espirituais: o amor, a alegria, a paz, a paciência, a bondade, a nobreza³⁷ e miríades de coisas boas e belas, estes frutos que recebe aquele que deles se alimenta. Se você julgar corretamente o que acontece aqui, você poderá ter uma ideia de que sensação de glória, de perfume, de doçura, passa da boca à alma, quando se recebe com toda a pureza os frutos do Espírito que dispensa a vida e a luz.

É por isso que são verdadeiramente bem-aventurados os corações puros que possuem a ciência das virtudes. Pois eles verão a Deus³⁸ na vida futura mais completamente, mais claramente. E desde agora eles o veem como que em penhor³⁹, segundo as Escrituras: segundo estas, não apenas eles o veem e verão, como ainda poderão provar das coisas sobrenaturais na medida em que agora as experimentam parcialmente e delas usufruem em Cristo.

³³ Cf. *Eclesiastes* 24: 12-13.

³⁴ *Eclesiastes* 24: 16.

³⁵ *Eclesiastes* 24: 15.

³⁶ II *Coríntios* 2: 16.

³⁷ Cf. *Gálatas* 5: 22.

³⁸ Cf. *Mateus* 5: 8.

³⁹ Cf. *Efésios* 1: 14.

DA VIDA CONTEMPLATIVA. DE QUÊ O CONTEMPLATIVO
PRECISA. QUE A PRECE É CARACTERÍSTICA DA PARTE
CONTEMPLATIVA DA ALMA, E QUE A CONTEMPLAÇÃO É
ASSIMILADA PELOS PADRES À ORAÇÃO.

19. A vida contemplativa reside na santa prece. Ela é sua companheira constante. Uma e outra são sementes dadas por Deus, sementes deificantes da vida intelectual da alma. Elas são as obras inseparáveis da alma que Deus carrega e realiza com sua lei. Para a tradição, contemplação e prece estão de tal modo unidas que os Padres falam delas no singular: eles as chamam de ação do intelecto e contemplação. São Isaac disse: “O ato do intelecto se acha na pura obra deste, no intercâmbio divino, na prece perseverante e em tudo o que se lhe segue. Ele se realiza na parte da alma que deseja e se chama contemplação⁴⁰”. Veja que existe aí mais um símbolo de unidade do que a união das duas coisas, da prece e da contemplação. Ele acrescenta ainda que “esta contemplação purifica a energia do amor da alma, que é um desejo natural, que ilumina o que há de inteligência na alma⁴¹”. Compreenda que existe uma única energia da parte contemplativa da alma, a saber, a prece e a contemplação.

É o que também nos mostra São Máximo, quando diz: “O intelecto não pode se purificar sem o encontro e a contemplação de Deus”. E ainda: “A anacorese, a contemplação e a prece reduzem o desejo e até o suprimento”, e “a alma é conduzida conforme à razão, quando ambas vão a Deus pela contemplação espiritual e a oração”. E mais:

⁴⁰ Isaac o Sírio, *Obras espirituais*, pg. 91.

⁴¹ *Ibid.*

“Dê à razão as asas da leitura, da contemplação e da prece⁴²”. Assim, em tudo a contemplação é necessária à prece e a acompanha. As duas constituem uma mesma energia do intelecto, ou da razão, e são inseparáveis uma da outra. Esta energia é suscitada pelo intelecto, contemplação e prece sustentando-se mutuamente quando a razão é forte e se dedica à hesíquia com todo conhecimento. É por isso que os Padres dizem que o intelecto que ora sem o poder da contemplação é como um pássaro sem asas, uma vez que ele não se eleva a Deus seguindo suas próprias disposições nem se distancia sem falhas das coisas terrestres e que não consegue se aproximar das coisas do céu com toda a força da alma.

Segundo São Máximo, a contemplação purifica o intelecto, e o estado de oração o leva nu até Deus. Não é preciso dizer que o intelecto que não tende para a contemplação não será purificado, como diz a lei de Deus. Ele afirma que a pureza do intelecto está na revelação dos mistérios, pois a pureza do intelecto é a perfeição que faz retornar a contemplação celeste suscitada fora dos sentidos pelo poder espiritual do mundo de cima, o mundo das maravilhas inumeráveis. O contemplativo ora numa altura tal que a ciência da contemplação purifica nele a reflexão do intelecto. Esta pureza lhe permite ver a Deus com os olhos fechados, na medida em que isto é possível. Aquele que ora se rende verdadeiramente à beatitude.

SOBRE “DEUS É ESPÍRITO, E OS QUE O ADORAM
DEVEM ADORÁ-LO EM ESPÍRITO E VERDADE”.

20. Diz-se que Deus é Espírito, e que os que o adoram devem fazê-lo

⁴² Máximo o Confessor, *Sobre o Amor* II, 3; II, 47; IV, 15, 80 e 86.

em espírito e verdade⁴³. É dito “os que o adoram” no plural, e não “o que o adora”, no singular. Isto é bem natural, uma vez que ele quer salvar a todos os seres e conduzi-los ao conhecimento da verdade⁴⁴, ele que preparou incontáveis e diferentes moradas⁴⁵ para a fruição eterna dos que serão justificados, ele, o anjo do grande conselho⁴⁶, o salvador que, da altura de seu amor pelo homem, estende suas mãos para chamar aqueles cuja reflexão é sábia, ou tola, fraca ou doente. Um mesmo caminho de salvação é assim oferecido a todos os homens de uma vez por todas. Eles são aí levados por múltiplos caminhos e o tomam de diferentes maneiras, conforme o estado e a resolução de cada um; e eu acrescentarei segundo sua força e certamente segundo o ensinamento daquele que o levou a Deus e que escolheu adorar a Deus, como foi dito. Pois pode acontecer que não estejamos seguros a respeito de quem nos ensina ou que duvidemos que sua natureza seja boa. Mas então falhamos com o objetivo perfeito, que está em Deus. Outros podem ter tido um mestre experimentado nas coisas divinas, mas, por sua inaptidão, viram-se impedidos de atingir a perfeição. Mas uns e outros, e no fundo todos, se o quiserem, podem adorar a Deus em espírito e verdade, seja conforme a ordem própria a cada um, seja, é preciso dizê-lo, segundo sua força, seja segundo o dom que recebeu do Deus do universo.

Assim, um homem simples que caminha observando os mandamentos e vive a fé, se seguir humildemente outros homens considerados, torna-se claramente um adorador de Deus em espírito

⁴³ Cf. *João* 4: 24.

⁴⁴ Cf. I *Timóteo* 2: 4.

⁴⁵ Cf. *João* 14: 2.

⁴⁶ Cf. *Isaías* 9: 5.

e verdade⁴⁷. Pois a fé que fala claramente de Deus e das coisas divinas e invisíveis não pode ser outra coisa que o Espírito. De fato, o Senhor afirma: “As palavras que eu lhes digo são espírito e vida⁴⁸”. Quanto aos maravilhosos mandamentos deificantes daquele que é a própria verdade, não imagino que alguém possa ser tão fraco de inteligência para querer se separar da verdade. De modo que aquele que, pela fé, segue a Deus em espírito e verdade, assim como aquele que ensina as disposições desta fé, é chamado de monge ativo e contemplativo.

Mas quem se liga ao conhecimento dos seres ou da Sagrada Escritura, como é natural a uns e outros, que continue a se recolher em Deus, a passar do visível, do conhecido e da carne para as coisas do intelecto. É evidente que, elevando-se para o Espírito, e daí em linha reta para aquilo que ultrapassa a inteligência, ou seja, para a verdade além de toda verdade, para Deus, ele estará adorando claramente a Deus em espírito e verdade. Do mesmo modo os que salmodiam e os que oram, se compreendem o poder das palavras que cantam e o poder da prece, e se recolhem estas palavras em si tanto quanto possível, adoram totalmente a Deus em espírito e verdade. Pois é evidente que de espírito e verdade são também as santas palavras dos salmos e das orações. E certamente aquele que se dobra sobre si mesmo na comunhão visível e sob o impulso do Espírito, aquele que, em sua forma simples e com os olhos fechados vê a Deus pela luz do conhecimento, também este, da maneira mais elevada, adora a Deus em espírito e verdade.

Enfim, aquele que vê como em um espelho a luz da glória e da

⁴⁷ Cf. *João* 4: 24.

⁴⁸ *João* 6: 33.

economia de Cristo, na medida em que isto é possível, e a efusão do Espírito que vem do Pai por intermédio de Cristo, animando e consolando os fiéis, também este adora verdadeiramente a Deus em espírito e verdade, em Jesus Cristo.

DA PRECE

21. É Deus quem ensina o conhecimento ao homem⁴⁹, conforme está escrito. Mas como ele ensina? Ele dá a prece o santo impulso que transmite luminosamente ao que ora a respiração contínua do Espírito. Esta prece sagrada é verdadeiramente a morada, a grande morada da graça mais do que boa. Ela é um mestre para aquele que a recebe. Ela é manifestamente um espelho da alma: nela o intelecto vê claramente suas próprias tendências, seus desvios, suas alienações, suas acídias, suas fraudes. Mas não apenas isto. Ela é também o espaço da pureza, o esplendor da contemplação, o espírito da tensão da obra divina em direção a Deus, a chama do fogo dos desejos ardentes por Deus, a simplicidade do intelecto desembaraçado de formas, o silêncio longe de tudo e a imensa alegria do maravilhamento. Numa palavra, o intelecto vê e conhece infalivelmente por meio da prece aquilo que são os estados e as paixões da alma. Ele é iniciado luminosamente nas causas primeiras dos princípios que dão à alma seu movimento. Ela por sua vez serve às primeiras e se liga aos últimos, tanto quanto possível, sucessivamente, a partir do momento em que se tornam dignos de amor ou de solicitude.

⁴⁹ Cf. *Salmo* 93 (94): 10.

Levar a vida de monge dedicado à ciência implica assim não apenas que se conheça por meio da ascese, correta e perfeitamente, o uso conveniente do intelecto e da palavra, da reflexão e dos sentidos, como também que se saiba discernir o que se deve conceder ao ardor e ao desejo, que se aprenda sabiamente, por meio da ação e da contemplação, a formar em si mesmo, graças ao conhecimento natural da reflexão, a bela harmonia ordenada das potências da alma, e a cantar a melodia intelectual, na medida em que seja esta também infinitamente doce. Assim, a paz de Deus, a bem-amada paz, e a alegria que ela produz, virão repousar no monge iniciado na verdadeira prece e ornado com os frutos do Espírito.

Portanto, aquele que decidiu que deve por todos os meios e de todos os modos orar continuamente, como manda o Apóstolo⁵⁰, e que desta prece faz o próprio coração de suas ações, este será contado dentre os discípulos de Cristo. E seguindo seus conselhos relativos à sagrada oração, ele se tornará filho da graça em Cristo.

O QUE É NECESSÁRIO PARA A PRECE, E NO QUE ELA É DIGNA DE HONRA.

22. Se a santa prece não fosse mais do que o mestre que ensina e mostra os deveres da virtude, já não seria ela digna destas grandes coisas? E se ela não é apenas um mestre que ensina e mostra, mas também um consolador que conduz a tudo o que é naturalmente da ordem dos bens, de quantas oferendas sagradas não estaria ela acima, de quantos louvores não estaria além? E no entanto o ensino e

⁵⁰ Cf. *I Tessalonicenses* 5: 17.

a consolação de pouco ou nada servem, se o ensinado e o consolado forem fracos. É preciso um poder que estimule seu desejo. Se você procurar, você encontrará de uma vez por todas a oração, e nela descobrirá a energia que conforta a alma no Espírito.

É grande assim o poder da oração naqueles que se dedicam à virtude. E está certo. Pois a prece que respira, e por assim dizer a prece que vive, faz subir do coração um fluxo contínuo. E ela é assim manifestamente pela comunhão e a energia do Espírito vivificante. Três coisas são, portanto, as mais necessárias: o ensino daquilo que convém aos espirituais, o consolo nos combates das obras e, acima de tudo, o poder que alivia os atos e as dificuldades. Nosso Senhor, que nos deu o Espírito, disse: “Vocês receberão o poder do Espírito Santo que virá sobre vocês⁵¹”. E a este poder ele chamou de Consolador e Mestre que ensina, quando disse: “O Consolador, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome lhes ensinará tudo e os lembrará daquilo que eu disse⁵²”. É assim que por meio da oração é concedida a cada um, para seu bem, a manifestação do Espírito. A um é dado um espírito de sabedoria, a outro um espírito de conhecimento, a outro um espírito de cura⁵³ e todas as coisas que foram mencionadas pelo Apóstolo, que são animadas pelo único e mesmo Espírito, que se distribui em cada um conforme quer⁵⁴. É o que o ensinamento de São Paulo nos revela claramente.

A quem de algum modo participa dos dons do Espírito três coisas estão ligadas necessariamente: o poder mais alto do que a natureza, o

ensino mais elevado do que o mundo e a consolação divina revelada nas santas palavras do Senhor, conforme dissemos. Aliás, quando o Senhor diz: “Sem mim vocês nada podem⁵⁵”, ele mostra indubitavelmente que tudo o que tende a agir tem obrigatoriamente necessidade do poder divino. E quando ele diz: “Não chamem ninguém na terra de ‘mestre’, porque vocês não têm senão um mestre e guia, que é Cristo⁵⁶”, ele quer dizer que o homem tem necessidade do ensinamento divino para compreender o que deve fazer e o que lhe vem da parte de Deus. Enfim, quando ele afirma: “Eu pedirei ao Pai e ele lhes enviará um Consolador, o Espírito da verdade, para que ele permaneça sempre com vocês⁵⁷”, ele lembra que a consolação é necessária e inseparável da graça.

A distinção entre os carismas se estabelece assim por si só. Com efeito, uma coisa é a sabedoria e outra coisa (em espécie) o conhecimento. A profecia não se assemelha a ambos. E os carismas das curas são ainda outra coisa. Cada um dos dons do Espírito enumerados pelo Apóstolo⁵⁸ se distingue dos demais. Porém, qualquer que seja a graça, ela é adornada pelas três energias do Espírito de que falamos. Com efeito, como o intelecto criado preso dentro de um corpo poderia estar unido aos seus próprios bens e à virtude, se não lhe fosse dado participar do poder mais alto do que o céu, que nem os anjos possuem? E como encontraria ele um meio de participar do mistério mais elevado do que o mundo, sem a iniciação do Espírito? Vale dizer, ele seria tomado de vertigem ao alcançar esta altura a que é levado pelo grande dom de Deus e pela firme

⁵¹ Atos 1: 8.

⁵² João 14: 26.

⁵³ Cf. I Coríntios 12: 8-9.

⁵⁴ Cf. I Coríntios 12: 11.

⁵⁵ João 15: 5.

⁵⁶ Mateus 23: 8-10.

⁵⁷ João 14: 16.

⁵⁸ Cf. I Coríntios 12: 8-9.

tensão da virtude se não descobrir também a santa consolação do Deus bom.

Que devemos pensar então da prece feita sob a impulsão do Espírito, esta prece que dispensa à alma todo dom espiritual e traz em si o poder, o ensinamento e a consolação do Espírito Santo? De quantos louvores não será ela mais do que digna? Quanto não devem honrá-la os que a receberam pela graça? E quanto não devem buscá-la aqueles que ainda não a possuem, a ela que, pela santa união, liga o intelecto a Deus em Jesus Cristo, o Filho de Deus na verdade?

DA ORAÇÃO.

23. Quando, pela graça, o estudo regular das coisas que cercam a Deus e o socorro do sopro do Espírito vivificante propiciam ao intelecto um claro pensamento de Deus, que este veja a si mesmo e considere sua própria fraqueza, e que ele considere o quanto a negligência, o esquecimento dos deveres e o trabalho realizado pela ignorância o afastaram daquilo que ele devia fazer. Assim, você que se esforça por condenar a si próprio e se humilhar diante do que é justo e verdadeiro, dirija-se continuamente a Deus pela prece, com um espírito humilde, na certeza e na esperança do incompreensível amor que Deus dedica ao homem por inefável bondade. Este amor transbordante nos permite aproximar com segurança do trono da graça⁵⁹, como nos ensina são Paulo. Pois não é seguindo nossos caminhos que Deus costuma agir em nós, mas é conforme sua infinita compaixão. Não tentemos colocar em nós mesmos nosso

⁵⁹ *Hebreus* 4: 16.

olhar durante a prece, mas olhemos para a força da pureza e da grande compaixão que existe em nosso Deus, nosso Pai mais do que bom, a fim de que tenhamos em nós, sem mal, seu amor verdadeiramente salutar.

SOBRE “DEUS DISSE A ABRAHÃO: DEIXE SUA TERRA”. E DA CONTEMPLAÇÃO.

24. Deus disse a Abrahão, ou seja, ao emigrante: “Deixe sua terra, sua família, a casa do seu pai e vá para a terra que eu lhe mostrarei, uma terra onde correm o leite e o mel⁶⁰”.

É isto que ele diz ainda agora, e mais alto, ao intelecto que emigra e que passa do sensível ao inteligível: “Deixe os sentidos e as coisas sensíveis – e, no fundo, a totalidade do mundo visível – e venha para a terra que lhe mostrarei”. Estas palavras devem ser associadas ao que disse o Senhor: “Venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres e tome sua cruz – ou seja, crucifique-se para o mundo, para os sentidos e para as coisas sensíveis – e venha me seguir⁶¹”, a mim que subo para o Pai, juntamente com o Espírito que a tudo dirige⁶². Foi dito: “Deus disse a Abrahão”. Deus é o Pai que fala pelo Verbo, o Filho. E continuando: “Venha para a terra que lhe mostrarei”. Este é o gesto habitual do dedo, para apontar. Ora, o Espírito de Deus é chamado de “dedo de Deus”. Pois a expressão “eu expulso os demônios com o dedo de Deus⁶³” também aparece como “pelo

⁶⁰ *Gênesis* 12: 1.

⁶¹ *Marcos* 10: 21.

⁶² Cf. *Salmo* 50 (51): 14.

⁶³ *Lucas* 11: 20.

Espírito de Deus⁶⁴” em outra parte. Os sábios egípcios diziam: “É o dedo de Deus⁶⁵”, designando assim a energia espiritual. “Para a terra que lhe mostrarei”, é como se ele dissesse: “para a terra à qual o conduzirei por meu Verbo e meu Espírito”. “Para a terra onde correm o leite e o mel” equivale a dizer para a compreensão do próprio Deus, para o conhecimento daquilo que ele é por natureza.

Neste conhecimento é impossível que o intelecto seja aquilo que ele deve ser se não for iluminado e esclarecido pela chama do Espírito vivificante, esta chama que contemplamos por intermédio do Filho. Com efeito, a partir daí o Deus que ama o homem convida o intelecto e se engajar e partir como um novo Abraão, para além das agressões dos espíritos do mal, passando das coisas sensíveis às coisas inteligíveis, às coisas do além, onde se alcança em sua simplicidade a visão e a contemplação da Divindade nas três Pessoas. Ela é, por causa deste convite, revelada pelo tríplice poder e pela tríplice energia da Origem única. Pois Deus Pai é propriamente a terra prometida que os mansos devem herdar⁶⁶, bem como os de coração reto. Temos a promessa disto pelo Espírito divino. Os herdeiros terão o ardor da esperança: a terra onde correm o leite e o mel, as luzes da manhã, os raios gêmeos, a vida, as delícias, a purificação do mundo inteiro, até que invoquem Aquele que nasceu do Pai, seu Filho inseparável, quando ele se encarnará no homem como um raio de mel e quando a raça humana será cumulada de doçura e de maravilhosa alegria pelos ensinamentos e as graças transbordantes e pelas miríades de coisas boas e belas. O leite é o Espírito Santo. Ele é simples. Ele não é engendrado, mas ele

procede. E sua branca luz fornece alimento divino aos seres de razão que são os filhos chamados a entrar no Reino dos céus, como disse o Senhor.

É assim natural ver na terra onde correm o leite e o mel o Pai, o Filho e o Espírito Santo. É para esta terra que se transporta o intelecto e para ela que ele emigra, como foi dito, sob a condução e pelo poder e a energia da Divindade em três Pessoas. Pois, assim como ninguém pode dizer “Senhor Jesus” – segundo Paulo – senão no Espírito Santo⁶⁷, também ninguém pode levar o intelecto de sua alma para a glória e a grandeza da unidade simples das três Pessoas, e vê-las, senão pelo poder e a graça da Trindade, na deposição das coisas sensíveis pelos sentidos, e até das coisas inteligíveis reveladas pela Escritura e o mundo sensível, no distanciamento daquilo que é mensurável.

Assim, é na sua luz, na luz de Deus, ou seja na unidade de sua irradiação, que veremos a luz⁶⁸, que o veremos, a você que ilumina nossos corações e nosso intelecto. E possamos reconhecer, para contemplá-lo, aquilo que lhe pertence e o que vem de você, a fim de que nenhuma carne se glorifique de si mesma⁶⁹. É por isso que aquele que antes era Abrão, que quer dizer o emigrado, depois de ter partido e de ter deixado tudo como lhe fora ordenado, dirigindo-se para a terra onde correm o mel e o leite, recebeu o nome de Abraão, ou seja, o pai de numerosas nações. Também o intelecto digno de ser chamado de emigrante, desde o momento em que parte do sensível, dos sentidos e do mundo todo pelo poder e a energia da Divindade

⁶⁴ *Mateus* 12: 28.

⁶⁵ *Êxodo* 8: 15.

⁶⁶ Cf. *Mateus* 5: 5; *Salmo* 36 (37): 11.

⁶⁷ Cf. *I Coríntios* 12: 3.

⁶⁸ Cf. *Salmo* 35 (36): 10.

⁶⁹ Cf. *I Coríntios* 1: 29.

em três Pessoas, dirigindo-se para a irradiação simples da Trindade, para a contemplação e a visão, engendra e suscita, como se fossem numerosas nações, inúmeros grandes pensamentos, inefáveis e misteriosos. Ele está feliz, se regozija e exulta diante das coisas extraordinárias que lhe são reveladas e que nascem para ele, como um pai faz diante dos seus filhos, e possui a paz que está em Cristo.

DA HUMILDADE E DA CONTEMPLAÇÃO

25. Suas obras são admiráveis, Senhor, e minha alma está arrebatada por conhecê-las. A mesma causa que eleva o intelecto suscita também a extrema humildade. O que conduz a alma às alturas infinitas é também aquilo que mais a rebaixa. A humildade é o começo da contemplação, e a contemplação é a perfeição da humildade. Ainda que tivéssemos toda a sabedoria deste mundo seria impossível alcançar a contemplação sem a humildade. Quero dizer: a contemplação que nos eleva. Pois os Gregos tinham uma contemplação que não elevava. Sem a contemplação que eleva e sem inclinar o próprio pescoço como um cordeiro⁷⁰ é impossível ao homem ser humilde.

Oh sabedoria inefável d'Aquele que nos criou tão sabiamente! Mas quem a conhecerá jamais, sem tê-la experimentado primeiro, a partir da humildade, a mais alta elevação, e depois, a partir das alturas, a extrema humildade? E se dizemos a propósito do intelecto semelhante a Deus, que o que desce é o mesmo que sobe, devemos acrescentar que o que sobe é também o que desce⁷¹. Pois quando o

⁷⁰ Cf. *Isaías* 58: 5.

⁷¹ Cf. *Efésios* 4: 10.

intelecto que conhece a arte da humildade recebeu pela graça as delícias das alturas e se regozija por trazer em si as coisas que ultrapassam a razão, ele se coloca, pela humildade, abaixo de tudo. Davi disse: “Senhor, meu coração não se dilatou, meus olhos não se elevaram, eu não alcancei as coisas grandes e maravilhosas que me ultrapassavam, sem primeiro ter me humilhado⁷²”. Entretanto, o intelecto, não sem razão, pode dizer o contrário: “Senhor, eu não me humilhei, não me dei ao trabalho, não disse de mim mesmo ser terra e cinzas, sem que antes meu coração não se tenha dilatado, que meus olhos não se tenham elevado, que eu não tenha alcançado as coisas grandes e maravilhosas que me ultrapassam”.

Oh Rei, admirável Criador! Você leva o êxtase ao meu coração, em mim que compreendo a obra de sua sabedoria: o intelecto que sua providência criou sábio.

26. O intelecto que retorna a Deus pelas mãos da graça conhece em primeiro lugar um estado de condenação. Por isso o homem que traz em si este intelecto se lamenta no luto e sofre com lágrimas. Ele parte seu coração tanto quanto possível. A cada dia ele purifica o que nele existe de passional. Ele se humilha naturalmente sem a menor tristeza. Mas quando, pelo dom de Cristo, ele chega à purificação que traz a hesíquia, quando ele se opõe em espírito às agressões inteligíveis, quando ele se eleva para Deus e para sua glória e permanece tendendo à contemplação, ele descobre, depois daquela primeira, uma segunda condenação, que provém do intelecto, e esta condenação é imensa, dura um longo tempo e é sem saída. Dela, ele adquire uma humildade mais firme, real e clara, a tal ponto, que se

⁷² *Salmo* 130 (131): 1-2.

ele pudesse dizer que todos os homens são bem-aventurados, ele próprio se veria como o pior dos seres, ou antes, não somente ele se veria como o pior dos seres, mas, em verdade e pelos sentidos da alma, ele se veria pior até do que aquilo que não tem ser. Pois aquilo que não é, tampouco pode pecar, mas ele próprio está em constante estado de pecado.

Daí provém sua humildade. No entanto, ele se regozija e se glorifica de muitas coisas, embora nunca de si mesmo – pois ele nunca cessa de se condenar por seu pecado. Porém ele se entrega ao Deus compassivo, que o aproxima de seu sopro, ou, para falar mais claramente, que suscita e espalha dentro de seu coração fluxos de luz celeste e rios das maravilhas do Espírito eterno, e que ilumina o intelecto e diz de seu conhecimento: “Eu estou com você⁷³”. Deus revela a ele seus mistérios como a um amigo e o cumula de alegria. A ele respondemos com as palavras de Davi: “Ele não trata segundo nossas faltas, nem nos retribui segundo nossos pecados⁷⁴”. E segundo Paulo: “É pela graça que somos salvos⁷⁵”, ainda que tenhamos cumprido na medida do possível com todos os mandamentos divinos, ainda que tenhamos rejeitado todo caminho injusto⁷⁶ na medida de nossa capacidade, e ainda que nos tenhamos esforçado por não perder nada – se possível fora – daquilo que leva à salvação.

Aquele que não vê a si mesmo sentindo estas coisas e que não conhece a si mesmo experimentando-as ainda não tocou a verdadeira

contemplação. Ele não chorou o bastante. Ele não considerou a unidade da fé e o conhecimento da verdade⁷⁷. Ele não viu a glória divina nas coisas que acontecem, nem aquilo que está além dos afazeres humanos. Resumindo, ele não alcançou a ciência das razões divinas e humanas.

DA CONTEMPLAÇÃO

27. A criação que traz em si o inteligível e a Escritura que traz em si o espiritual testemunham a glória, o Reino, a sabedoria, o poder, enfim, a grandeza de Deus. Mas o que traz cada uma destas coisas? Seu testemunho é nada? É pouco, como uma gota no oceano? Não. Pois foi contemplando a si mesmo e, por assim dizer, liberando aquilo que nele é sábio, poderoso, glorioso ou grande, que Deus fez tudo o que fez. Ele nos permitiu ver as coisas grandes e gloriosas, cheias de sabedoria e de poder. Ele próprio não tem necessidade de nada. Mas ele transborda de bondade. Assim como ele resolveu, e na medida em que resolveu, ele, com muita harmonia e avaliação e para seu próprio bem conduziu o homem a estar, viver e passar seu tempo na terra, e velou para ligá-lo a si e por lhe conceder o gozo que lhe convinha. Ele criou o Adão único, mas considerando a multitude dos homens. Então ele permitiu que se visse que sua paciência nada negligenciara, e que nada faltaria a nenhum dos homens que viesse a habitar no mundo. A terra guardou o que a faz corresponder às coisas de baixo; o céu, o sol, o ar e o mar estão em correspondência com a terra. Assim, cada qual corresponde ao outro, e traz em si esta analogia que trouxe de Deus, que conhece todas as coisas

⁷³ Jeremias 1: 8.

⁷⁴ Salmo 102 (103): 10.

⁷⁵ Efésios 2: 5.

⁷⁶ Cf. Salmo 118 (119): 128.

⁷⁷ Efésios 4: 13.

previamente e que a tudo criou com uma ordem e um poder que exprimem a analogia e a harmonia.

Pois se o Criador não houvesse suscitado a gênese dos seres tendo em vista o uso do mundo, mas em vista somente de sua natureza potente e sábia, gloriosa e grande, teríamos miríades de mundos ao invés de um único, e não mundos como o que conhecemos, mas mundos estranhos, sobrenaturais, que ultrapassariam o entendimento. A alma não poderia suportar facilmente a glória e o esplendor de sua beleza e de sua sábia diversidade, e em seu arrebatamento ela quereria fugir para fora do corpo. Deus quis fazer do homem uma obra única, o rei das coisas da terra, um outro Deus das coisas de Deus, e de bom grado lhe deu o usufruto de todas as coisas deste mundo. Bem disse o profeta: “Ele formou a terra do nada⁷⁸”. E um outro: “Ele estendeu o céu acima das alturas como um manto⁷⁹”. E fazer tremer a terra apenas por contemplá-la⁸⁰, que transbordamento de poder! Assim é que ele entregou ao ser por sua simples palavra todas as coisas visíveis, mas guardou para o século futuro as coisas mais gloriosas e melhores que ele reformou com sua morte depois de as ter fundido no túmulo, para que a alma as possa ver. E o homem se tornou uma nova criatura devotada a novos bens, novas delícias, novas visões. Quanto aos homens que vemos agora, eles não passam de sombras ou de um longo sonho, podemos dizer.

Se você quiser se assegurar disso, considere tanto quanto puder a ordem dos anjos intelectualmente, sua sabedoria, seu poder, que nos são não apenas inefáveis como incompreensíveis. Embora o mundo

por vir não dependa senão apenas do pensamento de Deus, tamanha variedade e todas as coisas do além são maravilhosas. Se estas coisas dependem de um único pensamento, porque elas jamais existiram, uma vez que era possível que se pusessem em movimento pela vontade, a sabedoria e o poder de Deus? Mas se este pensamento é acessível, como é possível conceber que ele seja infinito? Com efeito, o infinito não tem limites e, onde não existem limites tampouco existe movimento, mas o escoamento da energia a partir do poder que vem da essência, para explicarmos a coisa em parte. O que a criação ou a Escritura revelam de Deus, se isto pode se comparar ao poder de Deus, é algo bem obscuro, uma pequena gota num oceano sem fundo nem fim. No entanto, possamos nós, digo eu, descobrir e conhecer esta gota espiritual. Assim, quando tivermos estendido o intelecto pelo infinito, depois de termos contemplado como uma gota a beleza, a glória e as delícias, e quando tivermos celebrado por analogia, na medida em que nos é permitido, Aquele que é para o infinito infinitamente mais que o infinito, possamos nós, intelectos simples e infinitos à imitação dos anjos, nos tornarmos Deus fora de todos os limites, nos unirmos a ele numa punica forma, num estado que nos leve para além do mundo, numa regozijo inefável, numa alegria e num transbordamento do coração, pela energia e a graça do Espírito. Amém.

DO MONGE ATIVO E DO MONGE CONTEMPLATIVO

28. O monge ativo que se aplica em ser manso e vigilante como deve sê-lo um ativo não deve deixar de salmodiar. Mas o monge contemplativo não está em estado de poder salmodiar. Ele não deve desejá-lo. Ele não o pode, uma vez que ele próprio se encontra assumido pela energia da graça divina, levado em silêncio ao cume

⁷⁸ Cf. *Isaías* 40:23; 26: 7.

⁷⁹ *Salmo* 103 (104): 2.

⁸⁰ Cf. *Salmo* 103 (104): 32.

das delícias espirituais, na alegria de um coração calmo que nada mais atinge. E ele não deve deseja-lo, uma vez que ele não contempla senão uma coisa, e que ele coloca em ação a faculdade intelectual da alma por meio de pensamentos imutáveis e pacíficos, numa profunda serenidade. É por isso que a obra da visão de Deus passa necessariamente pelo silêncio da contemplação. No entanto a visão pode lhe ser concedida mesmo quando ele lê. Ele não deve se espantar. Devemos ver aí as mutações do intelecto e o caráter composto e mutante de nossa natureza. Mas é preciso saber que depois da leitura esta obra da contemplação pela graça ainda é o ponto mais baixo da obra da contemplação. Tanto por si mesmo como por seu próprio desenvolvimento, o intelecto não pode, apenas graças à leitura, considerar o indivisível. Mas na liberdade intelectual, que se cumpre misteriosamente no coração do silêncio, vemos no mais das vezes a unidade que supera a divisão. O que vemos das coisas sensíveis não ultrapassa o que ouvimos delas? Os olhos, com efeito, são mais fiéis que os ouvidos, como todos concordam. Tanto nas coisas sensíveis como nas inteligíveis, ver, ou seja, contemplar alguma coisa dos inteligíveis, é bem melhor do que ouvir, o que ocorre quando lemos. Pois, assim como no caso da mulher samaritana que, depois de falar com o Verbo verdadeiro, foi pregar sua divindade aos seus concidadãos, mas quando o Verbo, no transbordamento de sua extrema bondade, foi ele próprio à cidade e falou aos seus habitantes, estes disseram que não precisavam mais do testemunho da mulher para estabelecer a divindade do Verbo⁸¹; do mesmo modo, quando a reflexão se encontra fora da alma e de suas potências, ela testemunha da divindade pelas palavras da linguagem com as quais ela fala.

⁸¹ João 4: 42.

Mas quando a alma e tudo o que há nela vê pela graça a divindade do Verbo, já não é mais o tempo em que ela tinha necessidade do testemunho de fora. Quem escuta deve, com efeito, ver o que escuta. Quem vê não precisa que lhe sejam ensinadas as coisas que ele vê, uma vez que ele é contado entre os que veem, entre os que têm olhos. É o que podemos observar em Tomé, que ouviu e não foi persuadido, mas disse: “Se eu não vir, não acreditarei”. Mas quando ele viu, ele gritou: “Meu Senhor e meu Deus⁸²”. Naquilo em que ele não acreditava antes de ter visto, ele próprio reconheceu a verdade; aquilo que ele não possuía quando apenas escutara – ou seja, a fé – ele adquiriu no momento em que viu.

É preciso, portanto, distinguir a contemplação da ação, do mesmo modo como distinguimos o intelecto dos sentidos.

29. As criancinhas e os homens na flor da idade precisam de leite. Mas para uns o leite é um alimento, para outros um prazer. O mesmo acontece aos monges ativo e contemplativo quando eles leem os salmos. Um o faz para confortar e afirmar sua alma, o outro – o contemplativo – o faz por prazer, e sobretudo para deixar repousar o fogo de seu coração, sua tensão para Deus e o fluxo de suas lágrimas. Pois o Espírito abalança-se nele, o cumula de alegrias nos esplendores da beleza de Deus, o transfigura de glória em glória⁸³ e o faz crescer. Mas a compleição da carne a argila do coração são fracas. Assim, o monge ativo passa seu tempo nas palavras divinas para o conhecimento, o ensinamento e a ciência que elas fornecem. Mas o contemplativo recolhe em silêncio o conhecimento das

⁸² João 20: 25. 28.

⁸³ Cf. II Coríntios 3: 18.

palavras de Deus. Nenhum discurso é capaz de expressar o que ele aprende inefavelmente e o que ele vê em sua contemplação. A Escritura diz que o ouvido escutará as maravilhas da hesíquia⁸⁴. Ela diz: “maravilhas” Mas ela não pode dizer quais são estas maravilhas. Ela não tenta expressar o que não é exprimível nas coisas que ultrapassam a razão. É por isso que eu quero chamar de bem-aventurados os monges ativos a quem a palavra divina glorificou por terem acreditado antes de ver⁸⁵. Mas eu considero que os contemplativos são ainda mais que bem-aventurados. Pois se o monge ativo, embora sem ver, recebeu apenas por sua fé a bem-aventurança, tudo o que diz respeito ao contemplativo é inconcebível, pois ele caminha numa fé bem mais elevada do que a do monge ativo. Pois ele vê as coisas grandes e maravilhosas, ele experimenta as elevações em seu coração⁸⁶, ele está naturalmente todos os dias em estado de contemplação.

30. O Criador e Ordenador do universo concedeu o desfrute aos dois componentes do homem que se correspondem e assim deu à vida um só e mesmo nome. Ao homem exterior ele ofereceu toda a criação visível. Ao homem interior, que é a alma, ele ofereceu o que há de inteligível na criação sensível. Pois assim como no homem o inteligível está unido aos sentidos, também em toda a criação visível a beleza inteligível pode ser percebida no coração de cada coisa. Não há nada nas coisas sensíveis – é o mínimo que podemos dizer – que esteja privado de conexão com o intelecto. E é bastante natural. Pois nada, de tudo o que foi feito para o homem pela palavra divina d’Aquele que domina o universo, pode existir sem razão. Ora, é isto

⁸⁴ Cf. *Jó* 4: 12.

⁸⁵ Cf. *João* 20: 29.

⁸⁶ Cf. *Salmo* 83 (84): 6.

que aconteceria se a criação sensível não estivesse penetrada pelo intelecto. Como o corpo se contenta com a sinergia do visível, a alma cristã permaneceria vazia. O corpo seria melhor do que a alma, o que é absurdo. E de onde a alma tiraria a vida que lhe é própria? De Deus? Mas então uma criação sem razão irá contra a ordem d’Aquele que a tudo criou pelo Verbo. Pois as substâncias separadas que são as dos seres compostos seriam inferiores, se esta criação nos coubesse sem mediação, uma vez que tais substâncias se dirigiriam por si mesmas a Deus. Seria preciso ao contrário se elevar a partir dos simples inteligíveis e descobrir as delícias da visão? Mas se acontecesse que inteligências materiais, ultrapassando sua natureza, rivalizassem com as inteligências imateriais para tender para o bem, só isto já nos permitiria alcançar uma ordem semelhante à dos anjos. Pois estes possuem suas vidas em si mesmos e tendem à beleza primeira. A partir de si mesmos eles desfrutam das auroras da luz única de Deus. Mas nós que, por nossa natureza, estamos abaixo deles e somos segundos depois dos anjos e das ordens que por assim vêm depois deles, em nosso nível nos recolhemos em Deus e em sua beleza, sem colocarmos na frente as substâncias separadas, ou as coisas simplesmente inteligíveis. Pois esta é a obra angélica, a obra dos que descobrem por si próprios a tensão divina. Mas avançando pela razão a partir dos seres compostos e chegando às criaturas simples, passamos ao incriado como as coisas da natureza, conforme eu já disse. Nós nos recolhemos na simplicidade em nós mesmos e em Deus.

É por isso que, a fim de que possamos desfrutar, viver e nos elevarmos a Deus em nosso intelecto, nos é necessário contemplar o inteligível espalhado por todo o sensível e unido às coisas visíveis, este inteligível que o monge ativo não pode ou não quer ver. Ele não

pode, se não tiver um homem, ou a Escritura, para lhe mostrar. E ele não quer, mesmo que lhe seja dado, quando, por presunção ou malícia, ele desconfia de seu próximo, não crê senão em si mesmo, jamais provou do ensinamento dessas coisas e considera que as indicações da Escritura são para ele um guia suficiente. Ele se contenta em colocar a criação a serviço de seu corpo, pensando que é nisto que reside a piedade. Isto lhe basta, e ele não busca nada além. O contemplativo, ao contrário, recolheu o invisível na criação visível, descobriu aquilo que na Escritura concorda com o Espírito, e com passo alegre partiu para as substâncias separadas. Ele vê a beleza de seu esplendor, ele se regozija em atravessá-las pela graça e ele se dirige para o incriado inteligível de Deus. Dedicado às delícias do infinito e da contemplação, na medida do possível, ele está, na simplicidade e no sobrenatural, inefavelmente suspenso no raio da beleza divina. Num maravilhamento mais alto do que o mundo⁸⁷, num estado de unidade e de simplicidade, ele desfruta naturalmente da beleza inexprimível e deste esplendor luminoso. Ele está cumulado de alegria e de admiração. Assim ele recebe o fluxo sem fim do regozijo divino, e em sua generosidade ele mostra ao monge ativo, por suas palavras e seus escritos, o caminho que conduz à verdade.

DA COMUNHÃO COM O ESPÍRITO SANTO

31. Você sabe quem se difunde no coração dos fiéis e qual é o signo desta efusão? É acima de tudo o Espírito Santo quer procede do Pai pelo Filho, e que preenche o mundo. Ele está inteiro em tudo, e se

⁸⁷ Mais alto do que o mundo, acima do mundo, além do mundo (ou do que o ser, do que a natureza): traduz o grego *hyperousious*, supraessencial.

difunde inteiro em cada um dos fiéis. Ele se distribui impassivelmente e se dá numa comunhão irresistível. O sinal de sua comunhão, ou de sua efusão em nós, é o desejo pela humilde pobreza, as lágrimas que não cessam de correr sem dificuldade, o amor verdadeiro, o amor total por Deus e o próximo, a alegria do coração, o regozijo em Deus, a paciência nos deveres, a mansidão para com todos, e simplesmente a bondade, a união do intelecto, a contemplação, a luz, o ardente poder da prece contínua, enfim, a ausência de cuidados com as coisas temporais e a memória do eterno. “Como são maravilhosas suas obras, Senhor!⁸⁸”. “Da cidade de Deus se disseram coisas verdadeiramente gloriosas⁸⁹”; a cidade de Deus é aqui o coração fiel.

32. Se depois que ele se fez ouvir você compreendeu o grande Conselho de nosso Deus, conselho inconcebível em sua bem-aventurança, que nos foi revelado pelo amor sobrenatural do Pai pelo homem e que Jesus nos trouxe e transmitiu, ele que na bondade transbordante de sua santidade que ultrapassa o entendimento e em seu amor pela raça se fez por nós o Anjo deste grande conselho⁹⁰ que recolhe todas as razões das coisas visíveis numa única razão concisa que Deus prometeu nos dar⁹¹, se você compreender você nunca deixará de estar maravilhado, alegre e em paz.

33. Se você conheceu o objetivo que nos foi assinalado pela grandeza de Deus, e o que por este objetivo acontece entre nós e Deus, e se você compreendeu o que Deus quer para nós, como ele

⁸⁸ *Salmo* 103 (104): 24.

⁸⁹ *Salmo* 86 (87): 3.

⁹⁰ Cf. *Isaías* 9: 6.

⁹¹ Cf. *Isaías* 10: 23.

cumprir o que é nosso e o quanto nos falta daquilo que lhe pertence, sua obra será cheia da tristeza amada por Deus e de uma humildade total e verdadeira.

DA CONTEMPLAÇÃO

34. Quem medita a respeito de tudo o que o amor de Deus lhe permite experimentar nas visões intelectuais, verá sem dúvida se erguer em sua alma três coisas que as Escrituras e os Livros santos sublinharam com fervor – que se fosse preciso que os homens as adquirissem por todos os meios – ou seja, a fé, a esperança e o amor⁹², que são o cumprimento, ou antes o fundamento, de todas as virtudes da ação e da contemplação. Esta é verdadeiramente a trindade santa que está em nós e que pode nos unir à Santíssima Trindade, se a levarmos como se fôssemos anjos.

35. O intelecto não contempla geralmente ao redor de Deus três ordens de sistemas, que são por sua vez trinitários: a ordem pessoal, a ordem natural e a ordem que se segue à natural. A primeira trindade se revela ao intelecto principalmente pelas Santas Letras. A trindade natural é descoberta a partir da contemplação dos seres. Quanto à trindade que se segue à natural, ela provém da verdade da razão. Portanto, quando o intelecto penetra na primeira ordem trinitária, ou mais precisamente quando ele tende para ela, ele encontra o inacessível, mas ele ainda não se tornou simples. Quando ele atinge a segunda ordem, maravilhado, ele descobre a alegria da sabedoria. Mas quando ele penetra na terceira trindade, ele entra

verdadeiramente na treva, aonde está Deus. Ele se torna totalmente simples, infinito, para além de todo limite, num estado no qual não existem nele nem figura nem forma. Quando enfim ele considera, ou melhor, quando ele tenta ver estas três ordens como uma décima ordem na qual os pregadores da verdade dizem que toda a plenitude da divindade reside num corpo⁹³, então ele enxerga verdadeiramente a paz que o ultrapassa, na natureza perfeita da graça da contemplação.

36. Se ele subdividir novamente, o intelecto contemplará então no dom apaziguador de Cristo três estados que organizam no mistério a graça espiritual: o que está além do mundo, o que abarca o mundo e o que está em si. Nesta unidade trinitária, ou no dez, ou na perfeição da contemplação, o intelecto, pela bondade da graça, celebra na alma os aguilhões do amor de Deus e os mistérios deste amor. Ele brilha ao redor deles, ele se torna radioso, ele irradia uma luz de felicidade. Ele próprio não vive senão em espírito. Ele volta para Deus o amor da alma. Tanto quanto possível, ele o transporta para o *eros* divino. A partir de então ele começa a amar a Deus, e com razão. Ele se eleva e avança ao redor deste amor, ele se liga aos mandamentos, ele os contempla, corre para eles tanto quanto pode. Ele se esforça continuamente para desabrochar pela graça, na medida em que isto lhe seja permitido, e para realizar ciosamente em si mesmo o amor divino. Então Deus e o intelecto se tornam maravilhosamente um só Espírito. Do mesmo modo como Deus está espiritualmente no intelecto que o recebe, o intelecto está em Deus que o penetra. Considere aqui com clareza o que diz Paulo: “Aquele que se liga ao

⁹² I Coríntios 13: 13.

⁹³ “É em Cristo que habita, em forma corporal, toda a plenitude da divindade.” (Colossenses 2: 9)

Senhor se torna um com ele em Espírito⁹⁴”. A partir daí Deus se torna para o intelecto irradiação, luz, *eros*, amor. E o intelecto se regozija em Deus com maravilhosa alegria, exultando no esplendor único da tripla luz. Ele se acalma e repousa naturalmente em Cristo com arrebatamento.

37. Quer as expresse, quer as conceba ou as veja, possa o intelecto contemplativo preferir dizer naturalmente diante de Jesus encarnado estas cinco palavras⁹⁵ referentes à glória, ao amor, à graça, à paz e ao repouso.

Primeiro a palavra de glória: o Verbo se reflete na criação do visível e do inteligível. Pois “tudo foi criado por ele e nada do que foi feito foi feito sem ele⁹⁶”; os séculos e o que está na eternidade, ou seja, a ordem do mundo mais alto do que o céu e, com mais forte razão, o mundo temporal. Mais ainda, ele é da mesma natureza e está sobre o mesmo trono que Deus Pai e o Espírito. Ele é a imagem do Deus invisível⁹⁷ e a irradiação de sua glória⁹⁸. Dele é naturalmente tudo o que o Pai tem⁹⁹. É por isso que ele está no Pai e o Pai está nele¹⁰⁰. Depois vem a palavra de amor: pois o Verbo se fez carne a partir de nós e habitou entre nós¹⁰¹. A palavra da graça: pela efusão e o dom do Espírito vivificante em nós, pois todos recebemos de sua

plenitude, e graça por graça¹⁰². A seguir a palavra de paz, esta paz cuja boa nova o Verbo anunciou aos que estavam próximos ou distantes dele¹⁰³; ele fundou a paz¹⁰⁴ e reconciliou o que está sobre a terra com o que está nos céus¹⁰⁵. É por isso que o Pai nos ressuscitou e nos estabeleceu com ele nos lugares celestes em Cristo¹⁰⁶. Enfim, a palavra de repouso: pois por ela nos tornamos incontestavelmente herdeiros de Deus. Não apenas nada é mais forte do que Deus, mas ninguém se iguala Àquele que, além de toda medida, é maior do que o infinito.

A partir de então aquele que é conduzido em espírito e verdade por estas cinco palavras contempla na Trindade única as três palavras conjuntas em vista do extraordinário cumprimento do único objetivo secreto. Assim, pelo amor e a temperança, pela vigília, a leitura e a oração, na humildade fundamental e na justiça ativa, na medida do possível, ele progride simultaneamente para as contemplações de Deus e as contemplações divinas, e ele vive só com Deus, não dando a menor atenção a si mesmo, nem se abandonando ao medo que se agarra a ele. Desde então ele usufrui inefavelmente dos numerosos e luminosos carismas do Espírito, no santo amor, na alegria do coração, na paz sobrenatural, nos bens que acompanham a verdade. E ele se torna um templo de Deus, um novo herdeiro. A graça o faz herdeiro de Deus por adoção de uma vez por todas.

⁹⁴ I *Coríntios* 6: 17.

⁹⁵ Cf. I *Coríntios* 14: 19.

⁹⁶ Cf. *João* 1: 3.

⁹⁷ Cf. *Colossenses* 1: 15.

⁹⁸ Cf. *Hebreus* 1: 3.

⁹⁹ Cf. *João* 16: 15.

¹⁰⁰ Cf. *João* 14: 10.

¹⁰¹ Cf. *João* 1: 14.

¹⁰² Cf. *João* 1: 16.

¹⁰³ Cf. *Efésios* 2: 17.

¹⁰⁴ Cf. *Efésios* 2: 15.

¹⁰⁵ Cf. *Colossenses* 1: 20.

¹⁰⁶ Cf. *Efésios* 2: 6.

SOBRE O QUE DEUS DISSE A ABRAHÃO:
“EU MULTIPLICAREI A SUA SEMENTE.”

38. A partir daí, quando, pelo poder do Espírito que dá a vida e a luz, eu contemplo o Senhor, o Deus-Homem, com o olhar apaziguado da alma, e quando eu lembro claramente das cinco palavras a seu respeito, eu vejo maravilhosamente cumprir-se a promessa que o Verbo encarnado fez um dia a Abrahão quando lhe anunciou: “Eu multiplicarei sua semente como as estrelas do céu e como as areias à beira-mar¹⁰⁷”. Da mesma forma, quando ele diz: “Todas as nações serão benditas na sua semente¹⁰⁸”, esta semente, para São Paulo, significa Jesus. A semente multiplicada de Abrahão é, por conseguinte, o Senhor Jesus, que, pela união e a energia da divindade, é o único capaz de suscitar a superabundância. Sua grandeza é infinita, sua amplitude insondável, sua verdade multiplicada como as estrelas do céu ou a areia à beira-mar, pois ele é o Deus das graças. É precisamente dele que provém a raça de Abrahão. Deus não fala aqui de Ismael, pois este não era filho de uma mulher livre¹⁰⁹. Está escrito: “É de Isaac que lhe virá um filho¹¹⁰”. Ele também não fala de Israel, pois não é tanto de uma multidão que abarcaria todos os homens da terra, mas do Senhor, do Cristo assumido, a partir da semente de Abrahão, por Deus o Verbo: uma pessoa única, homem e Deus. Somente sua paz não tem fronteiras¹¹¹, seus julgamentos são um abismo¹¹² e seus caminhos

são insondáveis¹¹³. Seu poder, sua sabedoria e todo o divino que o cerca são no infinito infinitamente infinitos. Nele as nações invisíveis foram abençoadas¹¹⁴ contra toda espera, e tal multiplicação se cumpre através daquilo que havia sido previsto. Mas não era conveniente nem necessário a Deus prometer ao patriarca que lhe concederia a graça de multiplicar o povo com sua semente. Pois regozijar-se destas coisas é no mínimo pagão e grosseiro. Mas um homem devotado ao melhor, como Abrahão, e amado por Deus como o era este patriarca, não podia senão amar e se regozijar com toda sua alma pelo conhecimento e a contemplação de Deus que se abriam para ele, uma vez que daí ele recebeu uma superabundância de pensamentos, de contemplações e de iluminações divinas, que se multiplicavam cada vez mais, como convém a Deus.

Assim é que Moisés soube admiravelmente suplicar, a fim de ver claramente a Deus que lhe aparecera¹¹⁵. E quando ele o viu, ele foi considerado tão justo que se multiplicou. E dele veio tamanha soma de conhecimentos divinos que nem se pode mencionar. Também Salomão recebeu de Deus uma profusão e uma soma de sabedoria e de ciência dos seres igual à areia das praias¹¹⁶. E ele se multiplicou mais do que todos os seus contemporâneos.

Se refletirmos a respeito disto descobriremos facilmente como Deus multiplica o homem ou a semente do homem que recebeu a graça. Com efeito, Deus não se regozija simplesmente com a multidão de

¹⁰⁷ *Gênesis* 22: 17.

¹⁰⁸ *Gálatas* 3: 7.

¹⁰⁹ Cf. *Gênesis* 16: 1-2; *Gálatas* 4: 22.

¹¹⁰ *Gênesis* 21: 12; cf. *Hebreus* 11: 18.

¹¹¹ Cf. *Isaías* 9: 6.

¹¹² Cf. *Salmo* 35 (36): 7.

¹¹³ Cf. *Romanos* 11: 33.

¹¹⁴ Cf. *Gênesis* 12: 3.

¹¹⁵ Cf. *Êxodo* 33: 18s.

¹¹⁶ Cf. *I Reis* 5: 9.

um povo. Ele se regozija com a sabedoria, a ciência espiritual da alma e com as outras virtudes divinas que estão além de todo número. O Senhor Jesus, que possui todas estas virtudes em superabundância, é ele próprio o cumprimento da sabedoria de Abraão, ele, em cujo corpo habitou toda a plenitude da divindade¹¹⁷ que ultrapassa infinitamente toda ordem de grandeza. É dela que provém toda a superabundância e os tesouros do conhecimento e da sabedoria ocultos em Cristo¹¹⁸. E este é verdadeiramente o dom que convém a Deus, este dom eminente prometido com toda justiça ao eminente amigo de Deus, Abraão.

Veja assim em Jesus Cristo a divina multiplicação, como que infinita, das cinco palavras de que falei. Em primeiro lugar a irradiação da natureza divina é revelada pela glória que envolve Cristo. Pois ele é verdadeiro Deus. As meditações teológicas dos Padres sobre a grandeza são infinitas, e são insondáveis aquelas sobre a abundância da multiplicação. Pois tudo o que diz respeito à filiação do Pai, a justa doutrina da consubstancialidade, as coisas da comunhão do Espírito, a efusão dos dons dos quais participam miríades de homens – talvez a terra inteira – e que jamais diminuíram, e ainda as coisas da economia da encarnação, e tudo o que daí decorre, tudo isto é inefável e sem número. Ora, tudo isto, para resumir, o que provém da glória, o que provém do amor, da graça, da paz, de nosso repouso, tende a se multiplicar secretamente, na medida em que é permitido, mais do que o número das estrelas do céu e do que os grãos de areia das praias, em Jesus Cristo, a semente de Abraão. Esforcemo-nos para louvar e glorificar tão alta promessa, maravilhosa e secreta, digna somente de Deus, a fonte das

¹¹⁷ Cf. *Colossenses* 2: 9.

¹¹⁸ Cf. I *Colossenses* 2: 3.

graças, feita a um amigo fiel eleito entre todos, para a imensa felicidade comum da raça humana, em especial dos crentes. Glória Àquele que quis que assim se multiplicasse a semente. Amém.

SOBRE “LOUVE A MINHA ALMA AO SENHOR”.

39. Louve minha alma ao Senhor¹¹⁹ pelo céu dos céus, este céu cujo ser é a luz. Louve-o acima dos céus, por seus anjos e suas potências. Profundamente louvados sejam seu poder e sua sabedoria. Bendito seja seu santo nome. Louve ao Senhor. Louve-o pelas águas que estão abaixo do firmamento e pela luz que está acima das águas. Louve-o pelo firmamento do céu, por sua ordem e seu giro maravilhoso. Louve-o pelo azul que a tudo inflama. Louve-o pelo sol, a lua, as estrelas, por sua glória e beleza, por sua diversidade, sua posição e seu movimento, por seu estado flamejante e sua ardente existência de fogo sem matéria, esta coisa inteiramente terrível. Louve-o pela luz do dia, e pela sua mudança quando se extingue, esta mudança por meio da qual com toda sabedoria ela cobre por igual tudo o que há no mundo.

Louve minha alma ao Senhor pela paz e o equilíbrio maravilhosos nos quais se enfrentam os elementos irredutíveis, os quatro grandes elementos do todo: a água, o fogo, o ar e a terra. Louve-o pela imensa proliferação e pela diversidade dos pássaros, pela providência que dirige sua vida e seus movimentos. Louve-o pelo mar e sua enorme potência que é quebrada pela coisa mais frágil de suas margens, a areia. Louve-o por todos os seres inumeráveis que

¹¹⁹ *Salmo* 145: 1.

vivem nas águas, com tamanha diversidade de formas, de grandeza, de qualidade, de condutas, de hábitos, de costumes, de força e de energia. Na paz e no arrebatamento, louve ainda ao Senhor por tudo o que o mar pode reunir tão depressa e que contribui para as necessidades da vida do homem.

Com alegria louve ao Senhor pela terra, os animais e as serpentes sem número que se deslocam sobre ela, tão diferentes e variados. Louve-o igualmente, é certo, pelas árvores que crescem e que, paradoxalmente, dentro de uma mesma família, dão frutos ou não os dão, numa diversidade incomparável. Louve-o pelas ervas, os frutos, os cereais, os legumes, que estão ligados aos perfumes, ao calor, ao frio, à umidade e à secura, e que diferem por muitas razões que ultrapassam a razão. Louve-o pelas águas que se dividem e se repartem, pelas chuvas, a neve e a geada, pelas tempestades e pelos raios.

Por estas coisas e por outras semelhantes louve, minha alma, e bendiga ao Senhor, por seu poder incompreensível, sua sabedoria inefável, sua glória inexplicável. Pois todas as coisas visíveis lhe foram dadas por este Criador no indizível amor que ele tem por você, desde que no meio de todas essas coisas luminosas e gloriosas você veja em sua intimidade e em sua razão, que você reflita a glória, a sabedoria e o poder de seu Criador que nos amou a ponto de nos dar seu filho único¹²⁰, que se fez homem, coisa nova e maravilhosa que ultrapassa a inteligência.

¹²⁰ Cf. *João* 3: 16.

DA CONTEMPLAÇÃO

40. É preciso que se diga: o que concebeu fazer o poder de seu poder, que ultrapassa todo poder, Mestre supra-essencial, mais alto do que o ser? E o que quis você por meio deste poder, Rei mais do que sábio? Que quis você em sua incompreensível benevolência, Deus mais do que bom? E o que fez você, Senhor mais do que glorioso que domina o universo, em seu amor infinito, na inefável providência de sua bondade por nós? Glória à sua infinita bondade com que, sem limites, nos cumulou em sua previdência, sua sabedoria e seu poder que não compreendemos, você que em tudo é totalmente inacessível. Possa eu dizer, também eu, com o bem-aventurado Davi: “Como são grandes as suas obras, Senhor, e profundos os seus pensamentos¹²¹”. Pois eu vejo pelo intelecto, tanto em verdade como em espírito: eis que a casa do Senhor está cheia de glória¹²². Mas da mesma maneira, ao mesmo tempo em que eu recebo esta visão, eu me vejo, também eu, na morada da glória do Senhor, repleto de glória e de graça, cumulado do repouso inefável e da indizível paz eterna. Eu estou, e não sem razão, totalmente fora de mim, atingido, ferido pelo aguilhão do amor divino, e queimo com o ardor do desejo do amor, na alegria espiritual, na felicidade e no mais alto regozijo, acima do mundo. Pelo dom de Deus eu estou até o fundo do coração cheio da santa luz do Espírito, esta lâmpada que jamais se extingue, se podemos nos expressar assim. Assim eu penetro nas razões dos seres, reunidos numa única razão secreta com todas as razões do universo, e vejo todas as coisas da Escritura convergir para esta razão. Mistérios me são revelados, conduzindo a esta razão única, manifestando-se por ela apenas aos que veem em

¹²¹ *Salmo* 91 (92): 6.

¹²² Cf. *Isaías* 6: 1.

espírito em espírito e em verdade. Esta razão é o grande Conselho de Deus. É por ela que Davi cantava quando a viu: “O Conselho do Senhor reside na eternidade, e os pensamentos de seu coração de geração em geração¹²³”. Pois ninguém jamais poderá impedir o Conselho do Senhor¹²⁴. Este Conselho se vê e se transmite não por um ensinamento, mas por uma graça espiritual anipostática iluminando verdadeiramente o intelecto e dispondo-o a enxergar o que está além do mundo.

“Quem conhece o poder de sua cólera, Senhor? E quem considera seu ardor e o teme?¹²⁵”, diz a sagrada Escritura. Mas a sabedoria espiritual em mim diz também: quem conhece o poder do seu amor? Quem pode medir seu *eros* a partir de seus atos? Maravilhosas são as obras de seu amor, Senhor, minha alma sabe-o bem. O conhecimento do seu *eros* é um maravilhamento¹²⁶. Mas quem pode tender inteiramente para ele? Este conhecimento, que se estende infinitamente até o infinito, não está apenas acima de tudo pela qualidade, mas também pela diversidade. Não podemos falar dela, porque ela provém de uma e outra fonte, numa sabedoria sem limite e na correspondente potência, ó Senhor inefável. Pela natureza, o poder, a energia, você é a Unidade. Pelas hipóstases, pelas propriedades pessoais, é a Trindade. Seja bendito, você que nos abençoou com a benção espiritual¹²⁷ total na Pessoa de nosso Cristo Jesus, por meio de quem você nos revelou e nos estabeleceu nos

pousos celestes¹²⁸ acima de todo princípio, de todo poder, de toda potestade, de toda dominação, de todo nome pronunciado neste século ou no século futuro¹²⁹, você que nos fez herdeiros com ele¹³⁰, herdeiros seus em tudo, herdeiros da Trindade do Deus único, e que maravilhosamente nos deu o poder sobre tudo o que há no céu e na terra. Pois é nele, em Jesus Cristo, que nós, os terrestres, fomos justificados pela razão e pela graça.

Você, Deus da Trindade, que transborda de amor divino e do maravilhoso *eros*! Por seu intermédio participamos do dom de Deus o Verbo. Você é verdadeiramente glorificado, Senhor que nos contemplou assim com a sua glória, acima de todo entendimento, você que é verdadeiramente inefável, e que faz o que é incompreensível, e que mantém oculto o *eros* que, além de toda medida, lhe traz até nós.

41. Bem-aventurado o homem cujo sentido intelectual refloresceu graças à admirável hesíquia e que retornou por assim dizer a si mesmo e que vive pela inspiração e pela impulsão do Espírito. Redirecionando as disposições da alma, despertando o intelecto e transformando sem dificuldade o coração, este sentido é pela graça o fruto de uma reflexão sã, quando esta voa na direção do divino. Mas ela não pode retornar a si sem a experiência da hesíquia e a pureza que a graça dá ao intelecto. Isto é tão impossível a um homem quanto nadar no ar. Com o sentido intelectual, sua lembrança e sua contemplação de Deus são eficazes e úteis; sem ele é como se houvesse um esquecimento de Deus, e sua lembrança é mais

¹²³ Salmo 32 (33): 11.

¹²⁴ Cf. Isaías 14: 26-27.

¹²⁵ Salmo 89 (90): 11.

¹²⁶ Cf. Salmo 138 (139): 6.

¹²⁷ Cf. Efésios 1: 3.

¹²⁸ Cf. Efésios 2: 6.

¹²⁹ Cf. Efésios 1: 21.

¹³⁰ Romanos 8: 17.

ignorância e ceticismo do que contemplação e conhecimento. Aquele que pela graça encontrou este sentido divino é como se tivesse encontrado a Deus: ele não tem necessidade de palavras; ele se mantém próximo a Deus. Ele foi escolhido para celebrar a liturgia divina. Ele abraça o silêncio, ou melhor, ele se cala ainda que não queira. O Espírito de Deus permanece nele. O amor, a paz, a alegria espiritual se erguem nele. A vida que ele vive não é a mesma vida habitual e comum, pois ele se regozija em Deus e seus olhos veem a luz intelectual, pois eles próprios são olhos do intelecto. Seu coração guarda o fogo. A simplicidade, a imutabilidade, o infinito, a ausência de limites e de começo, o eterno se unem maravilhosamente nele para arrebatá-lo. As lágrimas não cessam de correr de seus olhos. Ele tem em seu coração nada menos do que a fonte de água viva, a água espiritual. Ele encontra a unidade e a totalidade ao se unir ao inteligível. Ele se cerca da luz do único. Ele desfruta das delícias que estão acima do mundo. Ele é arrebatado pelo êxtase, ele brilha de alegria, maravilhado, fora de si, absorvido por Deus.

Quem experimentou isto compreenderá e celebrará com justeza ao Deus Altíssimo, além de toda imagem, de toda qualidade, de toda geração, de toda quantidade, simples, sem forma, inexplicável, sem começo, eterno, incriado, incorruptível, incompreensível, insondável, mais alto que o ser, mais que poderoso, mais que bom, mais que belo. A ele o louvor e a glória pelos séculos dos séculos.

DA ILUMINAÇÃO DIVINA

42. Senhor, aos insensatos a sabedoria diz: “Venham, comam meu

pão e bebam o vinho que preparei para vocês¹³¹”. Assim eu me confiei ao seu inefável amor pelo homem, Senhor, e chego a você, verdadeiramente insensato que sou por ser pecador em todas as minhas ações. Assim eu imploro, ó compassivo, eu lhe imploro, conceda-me o dom do alimento espiritual e da bebida de seu Espírito, este Espírito que é também incontestavelmente a própria luz. Pois os seus o dizem: os que trazem o Espírito trazem também a luz. Assim, quando a luz surgir inefavelmente, eu saberei que ela está em mim de um modo que ultrapassa a natureza. Pois você será para mim minha vestimenta, minha vida santa e bem-aventurada. Os que trazem a luz como a possuem os seus, de você se revestem¹³², aurora luminosa da glória do Pai, vida verdadeira e sem mistura. Tais homens, como seus santos, revestiram-se do Pai. Assim são eles claramente as mansões, as moradas, os templos da Divindade três vezes luminosa, a Divindade celebrada acima de tudo. Eles deixaram o visível, separaram-se do inteligível, eles repousam espiritualmente em você, a Divindade mais que divina.

DE ONDE VEM O EROS DIVINO NA ALMA

43. O *eros* divino vem habitar na alma por meio dos mandamentos e dos dogmas de Deus, quando o Espírito vivificante volta a se iluminar no coração. Então ele se inflama com um fogo ardente. Este amor é como uma alma cheia da divina oração pura, eterna, sempre transbordante: ele é um movimento, uma energia, ele unifica e agrega, é êxtase e visão, a alegria verdadeiramente sagrada que provém da iluminação. Ele é o caminho reto da união perfeita e

¹³¹ *Provérbios* 9: 4-5.

¹³² Cf. *Gálatas* 3: 27.

maravilhosa que vem de Deus, é a fonte incontestável da luz supranatural, esta luz intelectual anipostática de que falam os Padres. Ele é a fonte dos dons da deificação, da segurança da futura herança dos santos, das garantias da glória de Cristo, da vestimenta mais que celeste da alegria que paira acima do mundo, do selo da santa adoção, numa palavra, do esplendor de Cristo, que torna semelhantes a ele os que o recebem¹³³ e lhes permite participar de sua inefável deificação. Eles serão chamados de irmãos, de herdeiros de Deus, herdeiros com ele¹³⁴: isto é uma coisa absolutamente maravilhosa.

Por isso é bem-aventurado aquele que, votando-se ardentemente ao que dissemos, pode adquirir o *eros* inefável de Deus e se dedicou à santa oração levando uma vida voltada para a hesíquia. Pois ele estará verdadeiramente ligado a Deus e transformado pela mudança deificante que ultrapassa o intelecto. Sofrer por Cristo será para ele uma alegria¹³⁵, ele se consagrará inteiramente aos seus mandamentos¹³⁶. A ele a glória por todos os séculos dos séculos. Amém.

DO EROS DIVINO

44. Deus está naturalmente no infinito infinitamente acima de toda contemplação, mesmo a dos querubins. Mas de certa forma podemos contemplar seu *eros*, que provém de uma infinita bondade. É por meio dele, pela força do *eros*, que o criado é feito inteligível e que o

visível se torna inteligível através das razões inteligíveis das criaturas. É por isso que o *eros* divino, desde sua primeira efusão, se manifesta nos seres inteligíveis, ou seja nos anjos e nas almas que estão mais próximos de Deus e são com ele aparentados. São principalmente as naturezas inteligíveis que têm como característica a divindade. Pois por meio delas Deus cria também as outras naturezas em seu amor e grandeza de alma, ou mais precisamente na grandeza intelectual que é sua, como já revelamos. Assim é possível àqueles que contemplam em plena luz, de um modo ou de outro, o *eros* d'Aquele que em si é totalmente invisível, verdadeiramente verem através das coisas visíveis, como nos templos, o inteligível que está acima dos mundos.

Entre Deus que ama o homem e o homem que é amado, muitas coisas provêm profundamente do *eros* divino quando ele atrai das muitas maneiras que lhe são naturais e, sobretudo, quando o intelecto faz do coração iluminado sua morada, trazendo em seu espírito a visão que o inflama. É então que a alma recebe pela graça no coração as garantias da vida espiritual. É dado a ela sentir a energia do intelecto: ela começa a contemplar sobrenaturalmente na luz divina, sem erro e com toda segurança, os dons d'Aquele que a ama. A partir daí, ela se sente chamada a se lembrar dele e busca continuamente voltar aos seus dons. Com alegria ela representa para si o rosto d'Aquele que a ama e se maravilha desmesuradamente, se consome de amor por Deus e já não se permite sentir ou conceber outra coisa senão isto. No transbordamento da contemplação ela já não sabe, ela ignora que ela é. Assim engajada, ela se torna radiosa, ela exulta, ela se regozija, ela transborda de felicidade, ela ama a Deus, ela alcança a fervura do *eros*, é conduzida aos mistérios de Deus, é levada ao fogo do coração pelo Santíssimo Espírito

¹³³ Cf. *Romanos* 8: 29; *Filipenses* 3: 21.

¹³⁴ Cf. *Romanos* 8: 17.

¹³⁵ Cf. *Colossenses* 1: 24.

¹³⁶ Cf. *Salmo* 111 (112): 1.

vivificante.

Existe aí um círculo sagrado todo feito de doçura: o círculo do amor. Este círculo é maravilhosamente animado pelo *eros* divino que revela a aparição das criaturas, este eros por meio do qual Deus, tomado de amor por nós, indica manifestamente o caminho que faz de nós seres tomados de amor por ele. Assim é que Deus se faz amado por nós e nós, que proviemos de Deus no princípio, a ele retornamos. Quando chegamos à semelhança divina em imagem, pela doçura e o regozijo do *eros* que recebemos de Deus, tornamo-nos bons e sábios, ou seja, somos ativos e contemplativos, somos amados por Deus e amamos a Deus, experimentando os mistérios da união vivificante e do êxtase, numa palavra, a paixão bem-aventurada da luz radiosa do conhecimento, em Cristo nosso Senhor.

DO TEMOR NO AMOR

45. Vocês que escolheram o amor de Deus e o repouso espiritual do *eros* místico, vocês que com toda sua sensibilidade carregam o cálice divino, que com ele estão inefavelmente radiosos e felizes, vocês que contemplam as profundidades dos mistérios que estão acima do mundo, que desfrutam do indizível e repousam na mais profunda paz, temam ainda e orem, atentos a Deus, votados à humildade de todas as maneiras, e ouvindo aquilo que o divino Davi disse abertamente a Deus: “Você é minha alegria, livre-me daqueles que me encarceraram¹³⁷”; e também o que ele ensina em sua natural nobreza, por ser portador do Espírito: “Sirvam ao Senhor com temor

¹³⁷ Salmo 31 (32): 7.

e regozijem-se nele com tremores¹³⁸”; vejam igualmente a Paulo, o vaso de eleição¹³⁹, que foi arrebatado até o terceiro céu, que entrou no paraíso sagrado e que ouviu as palavras inefáveis que nenhum homem pode dizer¹⁴⁰, e que depois de tão grandes coisas ainda temia ensinar aos outros sem ter ele mesmo aprendido o bastante¹⁴¹.

Do mesmo modo, se o divino Davi, o mestre da terra inteira, diz: “Vocês que amam ao Senhor, execrem o que é mau¹⁴²”, é como se ele ensinasse abertamente: “Vocês que amam ao Senhor, temam”. Ele via que a malícia tentava se opor invejosamente ao amor a Deus e se misturar naturalmente à alma. É por isso que ele também disse, àqueles que amam ao Senhor, que chegaram a este estado, que estão atentos em execrar a malícia: “Se vocês aprenderam que devemos execrar a malícia, mesmo assim ainda devem temer”. Pois se não houvesse nada mais a temer, o profeta não ordenaria execrar àqueles que amam a Cristo.

Pois se regozijar-se e exultar em Deus contemplando os mistérios naturais consiste num estado elevado, num estado elevado verdadeiramente cumulado de graça, ainda assim nossa alma é naturalmente mutável e muito próxima da matéria terrestre e do corpo que esta cultiva. Ela deve se cobrir rapidamente do temor na luta que a faz tender ao eterno, mas ela espantosamente se une à matéria. Quer queira, quer não, ela respira com ela, sofre com ela, muda naturalmente de forma, como se, podemos dizê-lo, não tivesse

¹³⁸ Salmo 2: 11.

¹³⁹ Cf. Atos 9: 15.

¹⁴⁰ Cf. II Coríntios 12: 2-4.

¹⁴¹ Cf. I Coríntios.

¹⁴² Salmo 96 (97): 10.

nenhum poder. A matéria se opõe a ela implacavelmente e a comanda de muitas maneiras levando-a à ruína. Assim é que se torna necessária a prece suscitada pelo temor. A alma que tende para Deus tem necessidade tanto do temor quanto do tremor. E eu peço aos mais nobres dentre os que me ouvem para que se esforcem para ver e discernir o que são esta atenção e esta prece, a partir do momento em que a alma contempla estas coisas pela graça luminosa do Espírito e experimenta ardentemente o amor a Deus.

Se Adão tivesse tido naturalmente o temor, uma vez que ele recebeu tanto dom profético, do qual ele usufruía e que o levou a imitar a Deus, ele não teria sido vencido tão pouco nobremente. Mesmo Sansão, nascido da promessa¹⁴³, mesmo Davi que trazia a Deus em si, e tantos outros, dos quais o mais admirável foi Salomão. Se tais homens foram vencidos, é porque eles tinham necessidade do temor, da luta, da atenção e da prece. Que pensar então dos que ainda não alcançaram o dom e a energia sobrenaturais do Espírito? E dos que ainda não se elevaram no êxtase do *eros* divino, neste amor louco que nos conduz à beleza visível de Deus? De quanto temor, quanto tremor, quanta atenção e quanta prece não necessitam estes em Jesus Cristo, com o coração humilde e constantemente?

DAS TRÊS FORMAS DO AMOR

46. A experiência mostra que o princípio do amor é triplo e que analogamente as coisas primeiras são triplas; assim sendo, as razões do amor são triplas.

¹⁴³ Cf. *Juízes* 3: 3.

Existe o amor sensível, ou seja, o amor dos sentidos, voltado para as coisas sensíveis; este amor consiste num desejo passional por aquilo que se quer. É assim que, na maior parte dos casos, amam os animais desprovidos de razão.

Existe outro amor que consiste num impulso da alma, um impulso da razão em direção ao que pensamos ser o bem, e para que recebamos os benefícios que nos traz o bem.

O terceiro amor é o amor do intelecto. Mas este provém do Espírito vivificante. Um encantamento sobrenatural empurra a beleza para dentro do coração sem que se queira, inflamando e ativando a contemplação do bem supremo, ou seja, de Deus. Pois não é por sua vontade, mas por natureza, que a alma considera que Deus é belo, e que ele é infinitamente mais belo do que tudo. Assim, seu *eros* não se inflama sob a ação da vontade. Pois ele é sempre suscitado pela energia natural do Espírito vivificante que age no coração, na mesma medida em que este está longe de ser animado pela vontade. Ao contrário, é ela suscita naturalmente a vontade. O consolo divino, como é natural e conforme foi dito, é assim a energia de Deus levada à alma pelo sopro e vinda do Espírito. Ela é a relação da alma com Deus que nos dá a vida. A consolação que ela traz é maravilhosa: ela é a união e a compaixão. Ela leva todo o intelecto a se unir com toda força, com todas as potências da alma, à beleza divina no desejo intelectual do belo.

Segue-se daí que a consolação não é propriamente nada do que foi dito: nem o apetite do sensível, nem o desejo do bem. Só é chamado consolação o amor da beleza intelectual percebida pela

contemplação, este amor que provém da energia pela qual o impulso do Espírito Santo é suscitado pelo coração de maneira sensível. E o Espírito Santo que coloca em ação esta energia é chamado de Consolador. É esta energia que é verdadeiramente o amor; as duas outras formas de amor não passam de ídolos. O amor da alma que busca pelo raciocínio o bem para o bem é naturalmente um ídolo do amor divino e espiritual. Quanto ao amor sensível, ele é uma consequência do amor psíquico.

É praticamente impossível conhecer racionalmente as coisas do amor, a doçura e a consolação, e menos ainda o que é a pureza do coração, se este não for animado, de modo contínuo e manifesto, pelo poder vivificante do Espírito Santo. Pois o raciocínio não é capaz de modo algum de colocá-lo em movimento do interior da sede das potências da alma, vale dizer, o coração. Ele só consegue fazê-lo desde o exterior. O mesmo acontece com os sentidos, com mais forte razão. É por isso que por meio do raciocínio e dos sentidos só é possível amar de modo parcial, idólatra e tenebroso. Mas o poder e a energia do Espírito Santo vivificante, penetrando até o fundo e o interior toda a morada da alma, e suscitando e conduzindo, em seguida, com seu encantamento, as potências da alma na contemplação intelectual da extrema beleza, arrebatada a alma ao mais alto ponto em direção à beleza divina, pelo amor verdadeiro e o encanto que estão acima do mundo. Portanto, somente aquele que traz a Deus em si e que está divinamente animado por este poder que mencionamos, é capaz de compreender com toda certeza, no secreto de sua alma, o que é o amor verdadeiro e o que é sua fruição, e como nenhum homem pode amar de verdade coisa alguma, nem amar ao próprio Deus, antes de tomar parte no Espírito vivificante, ainda que ele seja capaz de amar de modo geral. Pois ele não sabe o

que é verdadeiramente o amor e o inefável prazer que este traz em Jesus Cristo nosso Senhor, a ele toda a glória pelos séculos dos séculos.

QUE O INTELECTO ALCANÇA A CONTEMPLAÇÃO DE DEUS DE TRÊS MANEIRAS

47. Assim como o movimento do corpo necessita de outro elemento dentro de sua própria ordem, a saber, os olhos, e de mais outro elemento que esteja acima de sua natureza – a luz –, também o movimento do intelecto tem necessidade de outros elementos: em sua própria ordem, os olhos, e acima de sua natureza, a luz. É por isso que nem todos os movimentos da alma são convenientes. A ela só convém aquele que é suscitado pela graça dos olhos e da luz.

Os olhos do intelecto são a porta do coração que se abre pela fé. A luz é o próprio Deus que age pelo Espírito no coração. E assim como a luz sensível não produz nada de justo sem os olhos, por lhe faltar aquilo que a vê, também a luz inteligível, Deus, não anima o intelecto de quem não abriu a porta do coração. Mas nem os olhos podem fazer nada sem a luz, nem a abertura do coração serve sem Deus. Ou antes, é impossível ao coração se abrir se Deus não agir nele, e sem que ele, o coração, veja.

COMO PARTICIPAR DA VISÃO

48. Quando o coração se une ao intelecto por meio da graça, este, sem erro, vê através da luz espiritual e tende para aquilo que deseja,

que lhe é próprio e que é Deus. Ele está inteiramente fora dos sentidos, ou seja, fora de qualquer cor, qualidade ou imaginação: ele descansa das imaginações do sensível. Nosso intelecto é como um vaso divino que recebe tanto quanto lhe é possível o inacessível esplendor da beleza de Deus. Trata-se de um vaso maravilhoso, que se dilata sob a abundância do Espírito divino quando este o penetra. Quanto mais o Espírito afluí, maior se torna o vaso. Se o Espírito penetra pouco, o vaso diminui, e se torna mais frágil quanto menor o fluxo. Se o Espírito o penetra com força, o vaso o acolhe em si e guarda sem perda aquilo que recebeu. Mas se ele recebe pouco, ele se torna frágil e inapto, e já não consegue reter o que foi vertido. Ele se torna mais leve quanto mais recebe. Mas se torna mais pesado e mais ligado à terra quando permanece vazio daquilo que lhe convém. A ele é mais fácil conter mais do que menos: ele é o contrário dos vasos sensíveis, que são mais aptos a conter menos do que mais.

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus¹⁴⁴”. Pela imensidão destas palavras dilata-se o intelecto que as escuta. Levando a ele a mais alta luz, Deus abre ao intelecto as mais vastas imensidões. Pela amplidão que sua voz emprestou à contemplação de Deus, tornou firme o intelecto permitindo-lhe alçar-se por si só e se tornar apto à elevação, contendo ao extremo a sabedoria divina. E quando Jesus, falando de Paulo, disse a Ananias: “Ele é para mim um vaso de eleição¹⁴⁵”, devemos entender isto como no sentido do homem interior: arrebatado ao terceiro céu, como ele próprio escreveu, Paulo recebeu palavras inefáveis, que não é permitido ao homem dizer¹⁴⁶.

¹⁴⁴ João 1: 1.

¹⁴⁵ Atos 9: 15.

¹⁴⁶ Cf. II Coríntios 12: 4.

DA CONTEMPLAÇÃO

50¹⁴⁷. Em que lugar está nosso intelecto quando recebe o esplendor da manifestação de Deus? Ele possui uma propriedade maravilhosa de que iremos falar e que o opõe ao lugar corporal. Pois este recebe mais na medida em que mais cresce, enquanto que com o intelecto acontece o contrário. Quanto mais ele se recolhe e se fecha, mais consegue acolher. E quando ele chega a reduzir a zero todo movimento da razão e da inteligência, bem como todo e qualquer movimento, ele consegue ver o que é grande e maior do que tudo: ele vê a Deus. Ele o vê na mesma medida em que a graça do Santíssimo Espírito Santo lhe concede, e que a natureza material e criada lhe permite ver Aquele que está além das coisas visíveis. Ele não imagina no vazio, nem repassa sempre o mesmo pensamento, como em um sonho. Mas pelo poder inefável do Espírito divino na luz do coração, operando e experimentando a transformação que ultrapassa a natureza e que ele recebe pela graça, ele repousa em calma e seu coração vigia¹⁴⁸. E antes ignorar quem se é do que ignorar esta energia divina e espiritual. Pois neste momento acontece um movimento contínuo do coração, um movimento espiritual feito de calor e transbordamento de vida que na maior parte das vezes vem acompanhado de doces lágrimas. Este movimento coloca em paz o coração não apenas em si mesmo, mas com todos os homens. Ele engendra a pureza, a bem-aventurança, as súplicas silenciosas, a abertura do coração, a alegria, o prazer inefável. O homem que descobriu este movimento por ter ouvido falar dele foge

¹⁴⁷ No original falta o capítulo 49.

¹⁴⁸ Cf. Cânticos 5: 2.

verdadeiramente, e não apenas em aparência, de todo prazer corporal, toda alegria mundana, toda riqueza, toda glória das coisas exteriores, que são abolidas.

Quem recebeu todas essas coisas carrega-as de fato, divina e espiritualmente, com o coração e o intelecto, e não apenas pelo simples raciocínio. E não é com esta luz sensível que ele se regozija, pois se deixando distrair pelos sentidos ele torna menos vívida a luz divina, a luz verdadeiramente doce do intelecto. É por isso que, desde que ele se dedica a esta, por pouco que seja, parece-lhe ser possível confortar um pouco o homem exterior: ele suporta tudo, ele aguenta tudo¹⁴⁹, ele se torna forte em tudo por sua atitude interior feliz no amor divino e na contemplação. Já nenhuma aflição, para não dizer nenhum pecado, lhe pesa.

É por este lugar, ou seja, pelo intelecto amoroso, que Davi tanto penou, que ele ensinou o desejo e confortou sua fadiga, quando ele disse não ter concedido o sono a seus olhos, nem descanso às suas pálpebras, nem repouso à sua face até que tivesse encontrado um lugar para o Senhor¹⁵⁰. E o sábio Salomão prescreveu: “Se o espírito do rei se levantar contra seu coração, não deixe seu posto¹⁵¹”. Também o Salvador ordenou a seus discípulos: “Levantem-se, vamo-nos daqui¹⁵²”. É deste lugar que ele falava, quando celebrou a Páscoa ritual numa sala no andar de cima¹⁵³. É por isso que, quando

chamamos de bem-aventurados aos pobres de espírito¹⁵⁴, penso que esta pobreza de espírito significa a retirada do intelecto para fora de todas as coisas, por assim dizer, seu desnudamento e seu recolhimento em si mesmo. Pois então o intelecto não apenas vê o Reino de Deus, mas também o experimenta: ele adquiriu a paz no regozijo imortal.

DO ATIVO E DO CONTEMPLATIVO

51. O contemplativo recolhe os frutos do prazer da melhor parte, que é a verdadeira contemplação, quando se dedica ao silêncio e contempla a Jesus. O monge ativo ignora este prazer que ainda não experimentou: ele se inquieta e se agita com muitas coisas¹⁵⁵ – ele canta, ele lê, ele esgota seu corpo e despreza, como preguiçosos que não fazem seus deveres, aqueles que voltaram suas faculdades intelectuais para as coisas inteligíveis que não aparecem aos sentidos, mas que produzem um prazer inefável aos que a elas se dedicam e uma alegria inexprimível aos que nelas repousam. Sequer ocorre ao seu espírito, ao que parece, que diante do verdadeiro Verbo de Deus que de nada necessita em seu grande amor pelo homem cessa todo regozijo pessoal. O regozijo passa a nascer então da contemplação divina, pois Deus é perfeito e não precisa do repouso que nos é próprio. É por isso que ele louva e acolhe a Maria sentada a seus pés¹⁵⁶, nutrindo-se da contemplação de suas palavras e despertando em si o homem interior para melhor compreendê-las. Mas ele não louva do mesmo modo a Marta, embora ela se inquiete

¹⁴⁹ Cf. I *Coríntios* 13: 7.

¹⁵⁰ Cf. *Salmo* 131 (132): 4-5.

¹⁵¹ *Eclesiastes* 10: 4.

¹⁵² *Marcos* 14: 15.

¹⁵³ Cf. *João* 14: 31.

¹⁵⁴ Cf. *Mateus* 5: 3.

¹⁵⁵ Cf. *Lucas* 10: 41.

¹⁵⁶ Cf. *Lucas* 10: 42.

e se agite por muitas coisas, como está escrito. Não apenas ele as exorta à melhor parte, como ele ensina, com elas a todos os homens a não acusarem de ociosidade aos que desejam contemplar e consagrar sua vida ao repouso, mas sim a louvá-los e imitá-los tanto quanto possível.

COMO CONTEMPLAM OS CONTEMPLATIVOS

52. Nas coisas presentes que já vieram ao mundo os contemplativos contemplam como num espelho e em enigmas¹⁵⁷ o estado das coisas futuras que estão para nascer. Mas assim como o espelho não mostra em si nada que tenha uma consistência real, embora aquilo que ele mostra exista – pois qualquer um que ame a verdade reconhecerá que o que se contempla num espelho é a clara imagem de uma realidade – também as coisas que existem e que virão não possuem outra consistência e outra substância do que a que mostram, mas revelam ao menos as imagens incontestáveis de realidades verdadeiras. Elas receberam a faculdade de contemplar e conduzem certamente à própria verdade.

Assim, quando você ouve Paulo dizer que caminhamos pela fé e não pela visão¹⁵⁸, não pense que ele fala da fé que provém de se ouvir dizer. Senão, como poderia ele dizer: “Eu agora conheço em parte, mas então eu conhecerei como sou conhecido¹⁵⁹”, e: “Quando chegar o que é perfeito, o que é parcial desaparecerá¹⁶⁰”? Percebe

¹⁵⁷ Cf. I Coríntios 13: 12.

¹⁵⁸ Cf. II Coríntios 5: 7.

¹⁵⁹ I Coríntios 13: 12.

¹⁶⁰ I Coríntios 13: 10.

que este conhecimento das coisas presentes leva a contemplar o que ele será no século futuro, e que a única coisa que separa o conhecimento do século futuro do conhecimento do século presente é como aquilo que separa o imperfeito da perfeição em sua forma única? Quem afirma caminhar pela fé e não pela visão diz também: “Assim eu corro, mas não ao azar, e luto, mas não como quem combate o ar¹⁶¹”, tão certo e verdadeiro era seu conhecimento das coisas do século futuro.

Ele não é inconsequente consigo mesmo quando diz essas coisas, longe disto, mas parece sê-lo devido ao duplo sentido da fé, como é duplo o sentido da visão. Pois existe uma fé que precisa de provas, porque nascida de uma simples asserção, e existe uma fé que não necessita nenhuma prova, pois algumas evidências convencem suficientemente aquele que crê: esta é aquela a que chamamos de fé anipostática.

Você compreenderá mais claramente o que quero dizer por meio de um exemplo. Suponha que eu lhe diga que vi um homem tecendo um pano bordado e capaz de inserir no tecido animais alados, formas de leões, de abutres, de cavalos, carros, combates e outras coisas semelhantes. Se você não viu com seus próprios olhos este tecido, é preciso que você tenha fé na simples asserção para aceitar sua existência. Mas se você viu não o tecelão mas o tecido, você saberá por isso mesmo, sem necessidade de alguém que lhe diga, que se trata de obra de um homem; pois não acontece na natureza que um tecido se faça sozinho, ou que possa ser tecido por algum outro ser semelhante a ele. A partir daí é outra fé, diferente da primeira, que

¹⁶¹ I Coríntios 9: 26.

preenche sua alma. É assim que o sentido da forma visível, como dissemos, é descoberto pela fé. Por exemplo, você viu um homem com cabelos louros, ou morenos, eventualmente longos; tudo nele é harmonioso, os olhos, a tez, o nariz, os lábios, todos os traços pelos quais se revela a forma de um rosto: esta forma que você viu é anipostática. Se lhe perguntarem como é este tecelão que você não viu, você poderá demonstrar de modo geral e com toda certeza, por haver visto o tecido, que aquele que o criou é um homem. Mas você dirá que ignora a forma anipostática deste homem, porque você não o viu com seus próprios olhos. Você não negará que se trata de um homem, não se recusará a reconhecer que quem teceu o pano bordado tenha uma forma humana: mas esta forma é vista de modo impessoal. Embora ela não tenha sido contemplada, ela é recebida sem hesitar de uma maneira geral, quase como se você o tivesse visto realmente.

Existe assim, repetimos, uma fé que trazemos em virtude de uma simples asserção e por ouvirmos falar. E existe uma fé anipostática que provém do fato de estarmos claramente persuadidos. Assim, existe uma forma que pertence a alguém, que é contemplada em sua realidade fundamental¹⁶² e à qual chamamos de anipostática; e existe uma forma que não pertence a uma pessoa, mas que é contemplada de forma geral e não se expressa nas numerosas diferenças deste gênero.

Todos os contemplativos possuem em si a fé anipostática. Mas em geral eles veem uma forma que não é anipostática. Pois se Deus não é uma forma inteligível, como pode ele ser chamado de beleza? A

¹⁶² Realidade fundamental (*hypokeimenon*): designa o que é inerente à hipóstase, ao fundamento do criado, à pessoa.

beleza de Deus contemplada pelo intelecto fora de sua pessoa simboliza esta forma inteligível, eminente, profundamente admirável e gloriosa, que suscita o arrebatamento da alma, que cumula e ilumina o intelecto com luz intelectual, banhando-o num esplendor abundante e diversificado, e abrindo-o ao sentido de Deus. Depois de sua visão, Manué disse: “Estamos perdidos, mulher, porque vimos a Deus¹⁶³”. Quem quer que tenha visto esta forma confessa que ela é uma aparição de Deus. É também nesta forma que Moisés viu a Deus, conforme está escrito: “Deus apareceu a Moisés em uma forma, não num enigma¹⁶⁴”. Mas se Deus fosse inteiramente desprovido de forma divina, ele seria totalmente invisível. E, como a beleza se amolda à forma, tampouco a ela veríamos.

Se, ao falarmos de Deus, deixássemos de dizer que a forma cabe à divindade, o mesmo ocorreria com a beleza, e com mais forte razão com a face, que exprime a forma e a beleza. Ora, vimos que foi dito pelos Profetas que ele próprio não possuía nem forma, nem beleza, que lhe faltava a forma¹⁶⁵. Mas o Profeta dizia isto do Verbo, a partir do momento em que este pendia do madeiro como um dos malfeitores¹⁶⁶, sem demonstrar em si mais nenhum sinal da natureza divina. Quanto à natureza humana, com efeito, mesmo que ela não tivesse mais nenhuma beleza devido à morte, é evidente que ela tinha no mínimo a forma de um morto. Davi celebra isto ao dizer que ele é belo com toda beleza¹⁶⁷, mas não em sua natureza humana.

¹⁶³ *Juizes* 13: 22.

¹⁶⁴ *Números* 12: 8.

¹⁶⁵ “Ele cresceu como broto na presença de Javé, como raiz em terra seca. Ele não tinha aparência nem beleza para atrair o nosso olhar, nem simpatia para que pudéssemos apreciá-lo.” (*Isaías* 53, 2-3)

¹⁶⁶ Cf. *Lucas* 22: 33.

¹⁶⁷ Cf. *Salmo* 44 (45):3.

Pois ele acrescenta: “A graça se espalha em seus lábios¹⁶⁸”, o que manifestamente se aplica à divindade, à qual a beleza está ligada. Davi menciona frequentemente a face de Deus. Ora ele diz: “Você retirou sua face, e eu caí¹⁶⁹”, ora ele clama: “Não retire de mim sua face¹⁷⁰”, ou: “Afasto sua face de meus pecados¹⁷¹”. Assim, se ele não recusa dizer que a face e a beleza são atributos de Deus, fora de toda imagem e de toda realidade fundamental, é justo dizer a mesma coisa da forma, que é face e beleza.

É a mesma coisa que pensava Paulo ao dizer: “Eu corro, mas não ao acaso; eu luto, mas não como quem combate o ar¹⁷²”. Pois não podemos ver a Deus em si mesmo, nem tomar parte do que ele é em si mesmo. Mas podemos vê-lo de outra maneira. O Incompreensível se deixa compreender. É também por isso que Davi nos aconselha a buscar sempre a face do Senhor¹⁷³, a fim de que, penetrando na visão de sua divindade, possamos descobrir a graça imensa e inefável, o regozijo e o prazer divinos. Ele fala assim a Deus, a respeito de si mesmo: “Eu serei cumulado por ver a sua glória¹⁷⁴”. Pois a glória do esplendor da face divina se ergue, abundante e infinita, sobre aqueles que contemplam a Deus em espírito e em verdade. O regozijo e as delícias da glória são inesgotáveis, e por assim dizer insuportáveis em sua superabundância para aqueles que o experimentam. Mas para os que não o viram nem provaram elas são indescritíveis e

inconcebíveis. De fato, se nenhuma palavra pode descrever a doçura do mel a quem nunca o experimentou, como se poderia mostrar as coisas da luz que ultrapassa o intelecto aos que nunca a viram, que jamais receberam o regozijo e o prazer divino que estas coisas trazem?

Não diremos mais nada. São Paulo, que tinha a fé anipostática em Deus e a forma de Deus eminente, mais do que bela mas não hipostática, dizia caminhar segundo a fé, e naturalmente pela fé anipostática, não pela forma contemplada em sua realidade fundamental, pois a fé não suscita sozinha a deificação incriada. De fato, diz São Máximo: “Eu chamo de deificação incriada à iluminação da divindade em sua forma anipostática¹⁷⁵”. Esta iluminação não tem origem, mas se manifesta de maneira inconcebível naqueles que são dignos dela. E no entanto é através da forma que podemos ver a beleza, esta beleza da qual o grande Basílio disse: “Que existe de mais digno de amor do que a beleza de Deus?¹⁷⁶”. E também: “A verdadeira beleza, a mais digna de amor, que somente o homem de intelecto puro pode contemplar, envolve a divina e bem-aventurada natureza¹⁷⁷”. É neste sentido que Paulo pode dizer de si mesmo que era ignorante na arte de falar, mas não no conhecimento¹⁷⁸. Pois é grande quem chegou a este conhecimento por meio do qual conhece em parte, em sua forma inteligível, a Deus que ultrapassa o entendimento.

É este conhecimento parcial que teve também Moisés vendo a Deus.

¹⁶⁸ *Ibid.*

¹⁶⁹ *Salmo* 29 (30): 8.

¹⁷⁰ *Salmo* 26 (27): 9.

¹⁷¹ *Salmo* 50 (51): 11.

¹⁷² *I Coríntios* 9: 26.

¹⁷³ Cf. *Salmo* 104 (105): 4.

¹⁷⁴ *Salmo* 16 (17): 15

¹⁷⁵ *Questões a Thalassius*, 16.

¹⁷⁶ São Basílio, *Grande Regra*, 2

¹⁷⁷ *Homilia sobre o Salmo* 44.

¹⁷⁸ Cf. *II Coríntios* 10: 6.

Ao considerar a forma divina e a beleza que não podemos ver na realidade fundamental, ele disse: “Se tenho achado graça aos teus olhos, rogo-te que me faças saber o teu caminho, e conhecer-te-ei, para que ache graça aos teus olhos¹⁷⁹”. Uma vez que já lhe haviam sido reveladas a manifestação divina e a glória da beleza, mas não na realidade fundamental de Deus, ele pedia o que é o mais perfeito. Mas Deus não lhe concedeu aquilo que sequer o olhar dos anjos – como de toda alma dotada de inteligência – pode ver, e que ultrapassa os limites de todo conhecimento. Pois Moisés era vidente: ele vira a Deus nas trevas, não na hipóstase, mas na forma e na beleza inteligíveis fora da realidade fundamental. Assim Deus se deixou ver. É o que disseram Moisés e Elias, e de modo geral os diversos profetas que viram a Deus.

Nós caminhamos pela fé anipostática nascida da contemplação de Deus, confirmada pela glória irradiante da beleza de sua face, atestada pela visão de sua luz que ultrapassa todo esplendor, e não pela fé que provém da simples afirmação daquilo que ouvimos dizer. Caminhamos pela fé anipostática, não pela visão¹⁸⁰ da realidade fundamental. Não é no século futuro que teremos necessidade da fé. É aqui que está a fé anipostática. Então veremos mais claramente a inteira beleza da glória divina. Agora a vemos primeiro como sombra. Como dizia Gregório o Teólogo: “Quando uma visão chega a uma aparência de verdade, ela está fora de si mesma”. É o que está simbolizado pelo que vemos na sombra. Pois então a coisa será face a face¹⁸¹. O parcial desaparecerá e o perfeito será revelado. Mas agora, como disse santo Agostinho: “A visão parcial de Deus é o que

arrebata toda alma dotada de razão no ardente desejo de sua glória”. Com efeito, é nisto que a alma se torna simples e em sua simplicidade vê uma única coisa: o segredo de Deus que ultrapassa tudo. Nesta forma, nesta beleza, nesta face, toda inteligência se cobre de alegria, de beleza e de luz. Ela é alegre, bela e luminosa no Espírito, e está para além do mundo. É por meio delas que ela estende, se eleva, transporta até o arrebatamento sua faculdade contemplativa. É por meio delas que a alma é misteriosamente iluminada, que ela é cumulada de regozijo e prazer divinos. Numa palavra, é por meio delas que são glorificados e deificados aqueles que amam contemplar e ouvir a divina Origem, e que se tornam seus amigos, seus discípulos, os iniciados de Deus, mesmo que ainda estejam ligados à carne. É por meio delas enfim que eles veem e refletem como num espelho, pelo sentido do intelecto, a fruição dos bens futuros e, em parte, a condição do século por vir, que o olho não viu, o ouvido não ouviu, nem o coração do homem realizou¹⁸².

SOBRE: “JERUSALÉM CONSTRUÍDA COMO UMA CIDADE
CUJOS HABITANTES VIVEM JUNTOS. PARA LÁ SOBEM AS
TRIBOS, AS TRIBOS DO SENHOR EM TESTEMUNHO DE
ISRAEL¹⁸³”.

53. Jerusalém se traduz como “lugar de paz”. Ela é o símbolo do lugar de Deus, ou seja, da alma que carrega a paz em Cristo. No entanto, não é a qualquer alma que é dado possuir a paz em Cristo e inscrever em si mesma o nome da paz, mas à alma construída como

¹⁷⁹ Êxodo 33: 13.

¹⁸⁰ Cf. II Coríntios 5: 7.

¹⁸¹ Cf. I Coríntios 13: 10.

¹⁸² Cf. I Coríntios 2: 9.

¹⁸³ Salmo 121 (122): 3-4.

uma cidade, a alma que possui a pedra angular¹⁸⁴, a pedra venerável que Deus colocou a Sião como promessa. Sião é o lugar de observação, lugar alto de Jerusalém, o símbolo do intelecto contemplativo da alma de paz. Mesmo que procuremos, não vamos encontrar em nenhuma outra parte o intelecto que se eleva, que observa das alturas e contempla a verdade. Ele só pode ser encontrado dentro de um coração que teve a experiência da paz em Cristo e que foi transformado para atingir um estado de vida que dissemina a paz.

A alma que carrega a paz divina possui assim a pedra venerável, a pedra angular e as pedras preciosas envoltas nas Letras sagradas com as quais são lapidadas as feras que tentam atingir a montanha de Deus¹⁸⁵. Ela possui também o betume, ou seja, a humildade suscitada pelo Espírito Santo, que queima sob o fogo de Deus¹⁸⁶ o coração endurecido como a pedra e aplaina o ser até fazer dele um espírito quebrantado¹⁸⁷ e humilde. Ela possui as águas das chuvas que o Salvador concede para que com elas corram rios do nosso coração¹⁸⁸. Ela também porta a madeira imputrescível – os pensamentos da ação verdadeira – que permitem a união. Ela traz os pregos e a dura verruma do temor diante dos mandamentos de Deus. Ela tem o Verbo divino como arquiteto, e também os que vêm logo abaixo, vale dizer, aqueles que, com sua ciência, edificam as potências da alma. Ela possui os móveis, que são simplesmente obras de marchetaria, o jejum, a vigília, a salmodia, a leitura e as

¹⁸⁴ Cf. *Isaías* 28: 16.

¹⁸⁵ Cf. *Êxodo* 19: 13.

¹⁸⁶ Cf. *II Macabeus* 1: 20s.

¹⁸⁷ Cf. *Salmo* 50 (51): 19.

¹⁸⁸ Cf. *João* 7: 38.

demais coisas, em uma palavra, aquilo que a razão orgânica nos transmitiu tendo em vista o modo da virtude. Ela possui o cordão vermelho¹⁸⁹, as leis sagradas de Deus que estão nas Escrituras. Ela possui a luz mais que irradiante, o sol do intelecto, que se reflete na vida da alma.

Em suma, a alma que possui divina e espiritualmente todas as coisas que recebeu de maneira sensível para a construção da cidadela, esta alma é a Jerusalém inteligível, e ela é construída como uma cidade para ser a moradia do Deus do universo, da Trindade vivificante que não tem começo. Cristo disse: “Eu e o Pai viremos – espiritualmente – e nele faremos nossa morada¹⁹⁰”. É como se ele dissesse: “Faremos nele uma cidade, uma cidade verdadeiramente maravilhosa que se estenda até o infinito”. É por isto que se diz: “Jerusalém que se constrói” e não “Jerusalém que foi construída”. Com efeito, uma vez que Aquele que nela habita não tem limites, é natural que também ela se estenda até o infinito. É por isso que não se diz “a cidade que é construída”, mas “ela é construída como uma cidade”. Pois ela se constrói por si mesma. A convergência dos numerosos e variados trabalhos tende a um cumprimento comum numa mesma obra construída em altura, comprimento e largura. Deste modo a cidade pode ser chamada com razão de “Moradia do Reino que não tem começo”. Mas uma vez que o infinito habita nele, não se pode pensar que o edifício possa ter um fim, coisa que não acontece com as cidades que são construídas. É por este motivo que nas Letras sagradas ela é chamada não de “cidade que foi construída”, mas daquilo que é “construído como uma cidade”. E este é o sinal evidente de que ela é Jerusalém e que ela é construída

¹⁸⁹ Cf. *Josué* 2: 18.

¹⁹⁰ *João* 14: 23.

como uma cidade: seus habitantes, ou seja, suas potências têm uma vida comum, elas não estão divididas, elas não erram, não giram no vazio. Mas elas possuem uma mesma e única vida e trazem sem perturbação a paz que está em Cristo.

Outro símbolo representa que este possa concluir com sucesso o edifício que permite aos habitantes da cidade ter uma vida comum. De fato, foi dito: “para lá sobem as tribos, as tribos do Senhor, em testemunho de Israel¹⁹¹”. Aqueles que mais acima foram chamados de habitantes da alma são agora chamados de tribos. Pois as potências da alma que lhe são estranhas não lhe pertencem. As potências que antes eram simplesmente as tribos da alma se tornam as tribos do Senhor. Elas se elevaram na alma de paz sobre os degraus divinos acima do mundo. Todas constituem em Israel – o intelecto que vê a Deus¹⁹² – um testemunho e uma confirmação, e todas colaboram para a obra única de Deus: o conhecimento de Deus. E todas essas tribos inteligíveis se esforçam em conjunto para construir a cidade santa e pacífica de Deus que domina o universo. Pois é verdadeiramente então que as potências da alma galgam os degraus e permitem ao intelecto que vê a Deus tê-lo em si e compreendê-lo. Quando as tribos ou as potências da alma dispersa e submetida à alienação e à divisão não levam uma vida comum, é impossível que se ergam e edifiquem a alma. Pois não existe aí nem um lugar de paz, nem Jerusalém que se construa, para que se possa ver o signo do intelecto. Mas quando as potências se reúnem, é impossível que elas não subam ao alto para o Senhor galgando os degraus intelectuais que conduzem às grandes coisas, defendendo e

salvando o intelecto que contempla a Deus. Assim, quando, num estado pacífico e calmo, a alma se constrói no Espírito como uma cidade cujos habitantes – suas próprias potências – vivem em comunidade, as potências intelectuais se elevam nos degraus do Senhor. Elas permanecem na unidade e na solidão, trazendo sua aliança ao intelecto que contempla a Deus. Então, cante: “Jerusalém, construída como uma cidade cujos habitantes vivem juntos. Pois para lá subiram as tribos, as tribos do Senhor, em testemunho de Israel”, em Jesus Cristo nosso Senhor.

54. Sem pretender ir demasiado longe, podemos acrescentar ainda ao que foi dito: procure saber se a luz divina, a luz que provém da paz, começou a cobrir com sua sombra a sua alma. Descubra se sua alma se tornou como Jerusalém, construída como uma cidade. Veja se seus habitantes vivem juntos, se todos os seus pensamentos e suas potências estão unificados e reunidos em seu desejo de construir uma cidade, não separadamente, mas em conjunto; e se a esta Jerusalém, construída como uma cidade, sobem as tribos do Senhor que sejam as potências genéricas da alma, as potências divinas que se elevam juntas em espírito. Se você perceber estas coisas acontecendo em você, não cesse de construir assim. Mas lembre-se da torre de Babel¹⁹³, de sua construção e da divisão das línguas, e saiba que nem toda construção é boa, mesmo que pareça assim vista do exterior. Os que têm olhos veem dois modos de construir e de erguer em geral. Um, que é fundamentado sobre o bem e permite que Deus venha a habitar em nós; esta cidade pode ser reconhecida pelo fato de que seus habitantes vivem juntos e que as tribos que sobem para ela são as tribos do Senhor, anunciando as grandes coisas que

¹⁹¹ Salmo 121 (122): 4.

¹⁹² Cf. Orígenes, *Tratado dos Princípios* IV, 3, 8; Nicolas Cabasilas, *A vida em Cristo* III, 24.

¹⁹³ Cf. *Gênesis* 11: 1-9.

cumulam a alma de maravilhas, de paz, de amor, de santificação, e que a edificam. O outro está fundado no mal e leva à ruína da alma; ele pode ser reconhecido infalivelmente pela divisão das línguas inteligíveis, pela malfadada confusão, pelas paixões que acabam por habitar em nós como a lacraia na torre de Babel. Compreenda, portanto, o sentido de uma e outras destas construções, e não peque ao escolher a melhor das duas.

Mas se de tempos em tempos a paz, a união dos pensamentos, a luz intelectual não cumulam as profundezas de seu coração, se a contemplação de Deus não faz subir ao seu coração um prazer inefável; se a energia anipostática do Espírito e seu fogo que reanima não escoam continuamente do lugar mais inferior do seu coração, a ponto de parecer esgotá-lo quando o coração traz o regozijo, a alegria intelectual, a visão profunda e mística nos membros superiores do corpo; se sua alma não experimenta em espírito os mistérios inefáveis; se uma alegria indizível e um arrebatamento inconcebível não agem de modo conjunto e uniforme sobre você; se você não recebe em seu interior a santificação de Cristo quando ela se levanta; saiba que sua alma não é Jerusalém, que ela não se constrói como uma cidade, que seus habitantes – os pensamentos – não estão unidos num único ser; que as tribos, as potências universais, não se tornaram tribos de Jesus e não se elevaram até o alto na alma para levar até aí o extraordinário, para iniciar o intelecto e pregar-lhe o que o olho não viu, que o ouvido não escutou, o que não subiu ao coração do homem¹⁹⁴ que não recebeu o Espírito de Deus. Cuide para não construir em si uma torre de Babel do intelecto, esta torre cujo fim é a queda, a divisão e a confusão das

¹⁹⁴ Cf. I *Coríntios* 2: 9.

línguas inteligíveis, e a perdição final, como foi dito.

Eu queria ainda lembrar por que razão alguns tem sua alma construída como a cidade de Jerusalém e quais são a causa, a construção e a ruína da torre de Babel. Eu queria ainda dizer por que os habitantes da primeira vivem juntos, e por que a torre de Babel conheceu de tantas maneiras a divisão das línguas. Mas eu me deterei aqui, velando pela brevidade o bom entendimento daqueles que me escutam.

SOBRE “ELES ERAM NOBRES ENTRE OS FILHOS DO ORIENTE¹⁹⁵”.

55. Nobres dentre os filhos do Oriente são aqueles que, pela contemplação e a visão de Deus, o Oriente – a luz e o esplendor do Sol espiritual e da justiça¹⁹⁶ – tornou livres e melhores em seus pensamentos; os que não nasceram nem do sangue nem da vontade do homem, nem da vontade da carne, mas de Deus¹⁹⁷; aqueles cujo coração e cujo intelecto amam permanecer nos templos divinos que estão nos céus; os que receberam os mistérios divinos, os mistérios inefáveis do Reino; os que se tornaram o Corpo de Cristo Filho de Deus, e seus membros, cada um de sua parte¹⁹⁸; os que formam com ele um mesmo corpo, uma mesma herança, uma mesma comunhão¹⁹⁹; os que dele herdaram e que tem por Pai ao Deus

¹⁹⁵ *Jó* 1: 3.

¹⁹⁶ Cf. *Malaquias* 3: 20.

¹⁹⁷ Cf. *João* 1: 13.

¹⁹⁸ Cf. I *Coríntios* 12: 27.

¹⁹⁹ Cf. *Efésios* 3: 6.

altíssimo, acima dos céus; os que, acima de toda razão, tem parte na natureza divina²⁰⁰; os que receberam o selo do Espírito Santo vivificante²⁰¹, com o qual comungam, no qual vivem, pelo qual veem. Eles estão cobertos de vestes brancas²⁰², que receberam do Espírito, e túnicas bordadas de ouro, cerzidas de pedras preciosas e de pérolas, sua touca e sua coroa são feitas de rubis, de diamantes, de toda espécie de pedras escolhidas, e eles comem e bebem à mesa do Rei. Aí o alimento é inesgotável e o néctar abundante. Pois aí todas as coisas estão em espírito, e eles as recebem em espírito.

Nestas moradias reais acontecem inumeráveis coisas maravilhosas. O fogo que refresca e reanima, e os agulhões do amor atravessam o coração. Uma água viva canta e espalha ondas de vida eterna. O ar é carregado de sopros perfumados, o Espírito dispensa a vida e a luz de esplendor único é aí três vezes luminosa, simples, mais alta do que o ser. Esses homens conheceram estas contemplações e estas delícias. A partir daí eles se separaram das coisas de baixo e se uniram às coisas do alto. Eles superaram o visível e se voltaram inteiramente para o inteligível. Eles ultrapassaram as coisas que passam e se deitaram com as que permanecem. Eles jazem em baixo e circulam em cima. Seus corpos os ligam e atraem para baixo, mas o Espírito os chama e desliga os laços consumidos pelo fogo. Então seus corpos se libertam ao mesmo tempo em que eles se elevam, rapidamente e em arrebatamento, aos céus. Eles se tornam simples pela própria simplicidade de sua tensão para Deus. Eles se separaram de tudo pela contemplação única de Deus, eles são transportados da

glória do Espírito a glórias ainda maiores²⁰³, passam de uma riqueza a outra mais abundante e desfrutam das delícias do inefável. Eles dizem a si mesmos: “Maravilhosa é a riqueza da glória e das delícias”. Depois eles são arrebatados por verem coisas ainda maiores do que as primeiras. E como que despojados de tudo, tornam-se cada vez mais empobrecidos. Eles mergulham no êxtase, ou melhor, eles se abrem ao êxtase e acumulam de alegria seu coração. Eles seguem o Rei das Potências, partilham de sua vida, penetram no coração dos anjos, maravilhados pela efusão de tão grande graça, profundamente gozosos desta herança indizível, deste inefável amor pelo homem. Tais são, tanto quanto eu saiba, os nobres dentre os filhos do Oriente²⁰⁴, em Jesus Cristo nosso Senhor, a ele a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amém²⁰⁵.

Quando o intelecto viu em Cristo a verdade divina em toda sua simplicidade, é tempo de se calar²⁰⁶. É tempo de beber o néctar de Deus, a bem-aventurança e o regozijo espiritual. É o tempo das visões místicas, de usufruir das coisas sobrenaturais. Pois o intelecto vê então manifestamente na mão do Senhor a copa cheia de uma mistura de puro vinho²⁰⁷. Ele vê na luz este vinho que se derrama de uma borda à outra, e sabe com toda evidência que é inesgotável. Pois o fundo da copa que a bondade divina nos concede dividir e por assim dizer a profundidade da riqueza e o cumprimento da graça ainda não são visivelmente consumidos na vida presente, por maiores que sejam a elevação a Deus e a deificação. O cumprimento

²⁰⁰ Cf. II *Pedro* 1: 4.

²⁰¹ Cf. *Efésios* 1: 13.

²⁰² Cf. *Apocalipse* 4: 4.

²⁰³ Cf. II *Coríntios* 3: 18.

²⁰⁴ Cf. *Jó* 1: 3.

²⁰⁵ I *Pedro* 4: 11.

²⁰⁶ Cf. *Eclesiastes* 3: 7.

²⁰⁷ *Salmo* 74 (75): 9.

e a perfeição ainda estão guardados para o igual usufruto de todos no século futuro. Segundo o discípulo bem-amado: “Aquilo que seremos ainda não foi revelado²⁰⁸”. E conforme Paulo, agora nós conhecemos em parte²⁰⁹, mas então virá a perfeição, quando todos os pecadores beberão com os justos da copa mística de Deus e descobrirão o fim, os espelhos abolidos e a verdade claramente revelada, por terem alcançado a perfeição do mistério que por ora se mantém secretamente velado. Os justos conhecerão uma felicidade ainda mais perfeita: eles receberão a recompensa de sua esperança em Deus e trarão os frutos das obras virtuosas, conforme está escrito: “Estarão embriagados pela beleza de sua casa, e você os embebedará com as torrentes de suas delícias²¹⁰”. É deles que o Senhor disse que abrirá o Reino do Pai e os servirá²¹¹. E é com eles que ele prometeu que beberá a nova copa e se regozijará em seu Reino²¹².

Mas os pecadores beberão a bile da amargura e do luto eterno. E beberão até que saibam de que se privaram para sua infelicidade ao recusarem o néctar dulcíssimo que o divino Davi pediu e ordenou que se beba neste século presente, quando disse: “Provem e vejam que o Senhor é bom²¹³”. Ora, os pecadores não alcançam este néctar. Mas os que o alcançam, os que se deixam persuadir pelo mandamento, veem a copa e observam o vinho transbordar de uma

borda à outra²¹⁴. Na bondade da graça, eles o bebem e experimentam da borda da qual ele entorna, cumulam de doçura os sentidos da alma, e cantam naturalmente a Deus odes de ação de graças. Eles dizem: “Sua copa que nos embriaga nos enche de delícias²¹⁵. E a partir daí sua inconcebível piedade, como o vinho, como o que permanece no fundo do cálice, nos seguirá por todos os dias de nossa verdadeira vida²¹⁶, a vida imutável e imortal do século futuro”. Trazendo sempre em nós estes divinos bens futuros, estaremos de fato neles, certamente provaremos da libação de parte e de outra da copa nova e vivificante que está na mão do Senhor. Pois os que bebem desta copa todos os dias compreendem verdadeiramente o que está oculto naquilo que veem. Eles descobrem o fundamental no que está disperso, e se tornam parcialmente, como em garantia, o século futuro. É claro que os justos terão no além uma parte mais abundante e mais total daquilo que eles já têm em parte, mesmo estando ainda ligados ao peso da carne e às trevas inferiores.

Também é claro que Davi não disse que todos beberão, sejam justos ou pecadores. Ao contrário, ele considerava duvidoso que os pecadores bebam. E ele deixou subentendido que certamente os justos beberão. Com efeito, podemos nos perguntar se os pecadores beberão, mas não se os justos beberão. Pois para os justos isto é evidente, tão saciados estão eles desde já pela libação, a ponto de se regozijarem e dizer: “Você me cumulou de alegria, Senhor, pelo que me fez, e eu me regozijo pelas obras de suas mãos²¹⁷”. Como “obras de suas mãos”, ele quer dizer que Deus segura e oferece a copa cheia

²⁰⁸ Cf. I João 3: 2.

²⁰⁹ Cf. I Coríntios 13: 9.

²¹⁰ Salmo 35 (36): 9.

²¹¹ Cf. Lucas 12: 37.

²¹² Cf. Mateus 26: 29.

²¹³ Salmo 33 (34): 9.

²¹⁴ Salmo 74 (75): 9.

²¹⁵ Salmo 22 (23): 5.

²¹⁶ Salmo 22 (23): 6.

²¹⁷ Salmo 91 (92): 5.

de uma mistura de vinho puro; que em seu grande amor pelo homem ele a inclina de uma borda à outra²¹⁸; e que ele guarda para o século futuro o vinho que ela contém. Mas desde já eles cantam a Deus em sua embriaguez: “Seu cálice que nos embriaga faz delícias em nós²¹⁹, em Jesus Cristo”.

A você que me criou eu cantarei e louvarei, Altíssimo que por sua graça distribui sobre mim suas compaixões. Rei mais do que bom que ama as almas, seu dedo sagrado toca no mais profundo de meu coração, como você sabe, você, o único que faz maravilhas e prodígios²²⁰. Você conduz aquele a quem você levantou a ver naturalmente as letras que sua santa mão escreveu no livro da vida por intermédio de seu Espírito divino, e a contemplar com seu próprio sentido do intelecto a beleza que ultrapassa todo arrebatamento, a beleza de sua mão, e tudo o que enche de regozijo e de alegria mística em Jesus Cristo nosso Senhor.

Existe uma paz, mais aparente do que real, que quando o corpo vive o prazer, provoca na alma muita perturbação, chegando a imitar a serenidade por algum tempo. E existe uma paz dos sentidos que buscam a fuga de tudo e a hesíquia. Mas esta, embora seja incomparavelmente melhor do que a primeira, dura pouco. Pois uma vez que a alma é perturbada pelo pensamento, o corpo e o homem inteiro sofrem e são naturalmente perturbados. Mas existe uma terceira paz, uma paz mais elevada dos sentidos e da alma. Uma conduta e um esforço sutis a suscitam na hesíquia das potências da alma e de todo o homem interior, quando se alcança a prece pura, as

²¹⁸ Salmo 74 (75): 9.

²¹⁹ Cf. Salmo 22 (23): 5.

²²⁰ Salmo 71 (72): 18.

mais doces lágrimas e o acolhimento prazeroso das palavras de Deus. Mas mesmo esta ainda não é a perfeição da paz.

Com efeito, é impossível que o flautista ou o citarista toquem continuamente as árias mais maravilhosas, pois eles suportam nas mãos a privação e a pena, e uma vez que lhes advém a fraqueza e a dor eles rapidamente cessam de tocar; do mesmo modo, quando a alma dispõe as harmonias fundamentais de suas próprias potências, o imutável não permanece todo o tempo com ela, mas relaxa pouco a pouco; por si ou por força o ardor diminui, ou a agitação e a acídia própria das criaturas se aliam ao peso e à rudeza do corpo contra a perseverança.

Mas quando a alma recebeu pela graça a vinda do Incrriado que criou o universo, quando ela comungou com o Espírito imutável e vivificante, ela se torna maravilhada e cheia de uma outra vida, ela é trazida naturalmente à vida pelo sopor vivificante do Espírito, ela desfruta daí por diante de uma vida sobrenatural e verdadeiramente imutável. E, assim como ela vive pelo poder vivificante, ela vê que o criou a vida é a luz, e se regozija em contemplar as obras sobrenaturais d’Aquele que está acima da natureza, ela se enche de uma paz que ultrapassa toda inteligência²²¹, pela incompreensível ação vivificante d’Aquele que criou a vida além do entendimento, pela iluminação, pela visão, pela alegria daquilo que ela enxerga dentro do mistério. Ela já não se altera, não relaxa, não se preocupa com as armadilhas e as mentiras do inimigo. Ao contrário, sempre em movimento para Deus, elas contemplam as coisas que cercam a Deus, não por sua própria vontade, mas pelo poder e a impulsão,

²²¹ Cf. Filipenses 4: 7.

direi mais: pela vontade do infatigável Espírito divino que, por sua energia e sua hipóstase, age no coração, não como imaginamos, mas como só o próprio Espírito sabe, ele que sonda e conhece as profundezas de Deus e que inicia os sentidos da alma que o recebem. Portanto, quanto maior for o tempo que guardarmos atentamente iluminada sobre nós mesmos a graça do Espírito e quanto mais vigiarmos para que ela não se extinga, vivendo sempre na hesíquia, tanto mais seremos cumulados com a santidade e a paz inefável e sobrenatural, em Deus, na Trindade, e traremos então verdadeiramente sem esforço, com humildade, amor e oração, a paz do corpo, do espírito e da alma, conforme dissemos. Pois a paz que vem com esforço ainda não é a paz perfeita, mas esta a suscita. A paz perfeita, segundo o que nos foi transmitido, vem sem o menor esforço corporal na calma e na perfeita celebração do sábado, e no repouso que existe em Cristo.

Você que entendeu que não era nada, que aprendeu com facilidade a conhecer Aquele que o criou e formou, que discerniu em sua imobilidade o movimento que foi a causa de sua passagem ao ser, você que, em seu desejo de amor, com toda sua disposição e de todo o seu ser, se ofereceu ao dulcíssimo Jesus, seu Criador que o formou, você que não age senão para contemplar sua face, você que, graças aos numerosos carismas de Deus, vive este movimento pela ação e a contemplação, você que é criatura se tornará Deus, espiritual, em tudo semelhante ao Criador, e se regozijará eternamente com seu Senhor e Pai na calma do desejo de Deus, no repouso que está em Deus, por Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos, pois você estará além das coisas visíveis. Amém.

56. Quando eu vi, ou seja, quando eu aprendi a conhecer pela visão

do intelecto de onde eu vim para chegar aqui de modo tão maravilhoso, e como eu me dirijo ao meu fim, em terceiro lugar eu imagino Aquele que me conduz, me carrega, me realiza, eu penso no Pai inefável, nem por um momento ignoro seu amor, e vejo assim de toda maneira o mistério do fim que me envolve. Eu me regozijo com estas três coisas, mais do que posso expressar. Mas a tamanho regozijo às vezes se segue uma tristeza não menor, quando eu compreendo que levo uma vida incontestavelmente indigna de minha vocação. Pois quando eu vejo, pela criação, como você me mostra sua glória inacessível, quando eu considero o modo como, pela encarnação de seu Filho único, você me revelou seu inefável amor por mim, quando eu conheço a inefável união sobrenatural que você me oferece permitindo-me tomar parte indizivelmente da contínua efusão do Espírito, eu admiro profundamente sua glória, me maravilho com a nova compaixão que você tem por mim, pois você me permitiu escapar a todas as coisas visíveis, elevou-me a todas as coisas inteligíveis e me fez repousar e me regozijar inefavelmente em você, santa Trindade mais alta que o ser.

Pretendendo Deus em sua grande sabedoria fazer do homem um novo anjo sobre a terra, em ente celeste que a ele se assemelhasse, nele colocou uma alma dotada de intelecto e capaz de compreender o conhecimento e a ciência divina. É por isso que ele disse: “Eu afirmo: vocês são deuses e filhos do Altíssimo²²² pela graça” Vale dizer: vocês são como anjos segundos, que contemplam a Deus em silêncio e se elevam amorosamente para ele na luz espiritual. Mas é impossível que o homem nascido sobre a terra possa se elevar até o estado angélico, pois claramente ele não é puro espírito como os

²²² Salmo 81 (82): 6.

anjos. É pela fé que o crente, por meio de Deus Todo-Poderoso que doa infinitamente, se torna espírito, como que transformado em criatura divina e mística. O Salvador nos revelou isto ao dizer que o que nasce do Espírito é espírito²²³. E o fiel João testemunha que nascem em espírito aqueles cuja alma se presta a isto, quando diz: “Ele deu o poder de se tornarem filhos de Deus aos que creem em seu nome, que nasceram não do sangue do homem, nem da vontade da carne, mas de Deus²²⁴”, para se tornarem o homem interior, ou seja, o homem à imagem do Deus que o criou.

É este nascimento, não segundo a natureza, mas segundo a graça, que estão ligados aqueles que nascem do Espírito, segundo a doutrina segura que recebemos. É por isso que o intelecto que participa da graça se torna naturalmente o trono do Espírito Santo. Da mesma forma, com efeito, que o ferro aquecido ao fogo se torna ele próprio fogo – não que ele se transforme naturalmente em fogo, mas ele participa do fogo por transmissão até que ele se assimile ao fogo, que ele se torne o trono do fogo e que o fogo repouse nele – também o intelecto, ao nascer do Espírito, ao se unir a ele ou ao se comunicar com ele, se torna Espírito e trono do Espírito: claramente, Deus o envolve. Ele se assenta e repousa sobre ele como num trono. Isto representa para a alma o maravilhoso início do progresso, embora ela não penetre na ordem dos anjos – da qual se diz ser a mais baixa das potências celestes – mas ela penetra na ordem do Deus Altíssimo. A seguir ela penetra na ordem dos tronos, depois na dos querubins, depois na dos serafins, até receber na totalidade a propriedade da ordem angélica, portanto da ordem mais baixa, anunciando aos que estão próximos em Espírito os gloriosos

²²³ João 3: 6.

²²⁴ João 1: 13.

mistérios de Deus. Pois se, de acordo com os sábios divinos, a participação deve preceder a transmissão, é claro que primeiramente é preciso participar do Espírito, na medida em que o intelecto é seu trono, e assim transmitir as coisas espirituais – como acontece com os querubins – no Espírito que revela a efusão e a amplitude da sabedoria espiritual, para então desejar passar a sabedoria a outros, e assim realizar-se com os serafins pelo conhecimento da sabedoria, e, graças ao cálice e à bebida que são dados por este conhecimento, alcançar os ardentes amores de Deus que nos despertam. É isto que nos mostra a ordem dos serafins. Poderemos então transmitir a outros seres o calor dos amores divinos, reanimando seu próprio fogo e atingindo a ordem que permite ensinar aos que são próximos: a ordem dos anjos. É por isso que, antes de se tornar Deus no Espírito e tronos de Deus, querubins e serafins, aqueles que passam pelas ordens espirituais inferiores não estão certos de se tornarem anjos, nem de servirem a Deus e ensinar em espírito e verdade as coisas, como exige o verdadeiro progresso da alma, que recebe seu início da participação do Deus Altíssimo e, conforme foi dito, se dirige a nosso Senhor Jesus Cristo.

Eu o confessarei, Senhor, inefável Trindade, não segundo o quanto lhe cabe, Mestre, mas segundo a minha medida, tanto quanto me é possível. Com o que lhe pertence, Deus indizível; é, com efeito, Senhor, e se estende infinitamente acima de toda palavra e de todo intelecto que pretenda compreendê-lo ou falar-lhe. Você me criou do nada pela grandeza de sua vontade, você me formou com suas mãos como um outro nada, e me fez à sua imagem e semelhança²²⁵. Mas eu sou vão diante de tais coisas preciosas e glorificadas. Falta-me

²²⁵ Cf. *Gênesis* 1: 26.

miseravelmente o reconhecimento para com seus mandamentos cheios de santidade, de alegria verdadeira e de criação divina. Pois é maravilhoso que antes mesmo de ter me concedido ser você tenha, por mim, pela minha vida, para que eu possa vê-lo, conhecê-lo e experimentar o extremo prazer espiritual das coisas que o cercam, criado um mundo de tamanha grandeza de beleza e de glória, de tamanho poder, tamanha sabedoria criadora, um mundo coberto de coisas tão abundantes e diversas sem as quais eu não poderia viver sequer uma hora, e com as quais eu vivo feliz em meu corpo, das quais usufruo e com as quais me alimento. É por intermédio delas, quando eu as contemplo em minha alma, que eu compreendo e admiro o oceano de sua providência e de seu amor feito de sabedoria e poder.

Mas, Deus inefável, até agora eu levei uma vida de desordem, contra seus mandamentos verdadeiramente doces e amados pelos sábios. Oh, minha alma, quão grandes são minha insensibilidade e meu endurecimento! Você não compreende, homem impuro, que para viver apenas em seu corpo e para viver essas coisas perecíveis, o pobre servidor depende do rico e deve se submeter sem tardança aos mandamentos de seu Senhor, por pesados que sejam às vezes. Pois a origem dessas coisas não está em quem age, mas manifestamente n'Aquele que ordena. Homem sem inteligência, como você recusa vilmente os mandamentos de tal Criador, de tamanho benfeitor, tamanho provedor, quando eles foram feitos para você e para sua glória imortal? Como, ao contrário, você se volta contra eles? Quanta insolência, e que mal eterno você atrai para si!

Quando eu me aproximei do Senhor, Deus mais que bom, na direção da inefável felicidade, oh Senhor que ama as almas, eu disse à sua

criatura, à minha pobre alma verdadeiramente pecadora: “Minha alma, você possui muitas coisas espirituais, coma, beba, regozije-se²²⁶”. E quando o pecador se levantou contra mim, eu fui maltratado e humilhado²²⁷. Mas oh!, riqueza da sua bondade, Deus benfazejo! Quando perigosamente eu me desviei do caminho reto e belo, você me concedeu seus dons sem medida, e logo me fez retornar. Eu comi e bebi verdadeiramente e me regoziquei naturalmente no Espírito por sua compaixão. Mas novamente fui banido, deixei-me perder pela mentira maléfica de um demônio ou por minha desatenção, não sei, ou sem dúvida por ambas as coisas. Talvez ainda tenha sido seu julgamento mais profundo que me levou aos abandonos, às faltas e aos castigos. De novo e sempre eu afundo no lodo do abismo sem nada que me segure²²⁸, e soffro, me inclino até que em mim penetre o espinho²²⁹ ou o agulhão do pecado que traz a morte, em suma, todas as coisas más que o inimigo tramou grosseiramente contra minha alma por causa de minha triste negligência e de minha lamentável loucura. Porém você jamais me abandonou totalmente. Meu Deus mais do que bom, você me chamou com sua voz espiritual no mais secreto de meu coração e disse à minha alma esvaziada: “Eu sou a sua salvação²³⁰. Não tenha medo. Volte a repousar. Não se perca”. Assim você me consolou, Jesus paciente, você se tornou para mim o sustentáculo da salvação. Você me recebeu com toda sua força, como a direita do Pai, como a direita do Senhor, e seu castigo me restabeleceu novamente²³¹, como tantas vezes, na enorme alegria dos

²²⁶ Cf. *Lucas* 12: 19.

²²⁷ Cf. *Salmo* 37 (38): 9.

²²⁸ Cf. *Salmo* 68 (69): 3.

²²⁹ Cf. *Salmo* 31 (32): 4.

²³⁰ *Salmo* 34 (35): 3.

²³¹ Cf. *Salmo* 17 (18): 36.

segredos inefáveis.

Então venha, Verbo de Deus, como um selo certo em meu coração, pela inefável contemplação de sua beleza sobrenatural. Venha para meus braços, pela ação de seus santos mandamentos vivificantes. Venha, Jesus Cristo, Rei mais alto do que o céu. Venha para que em você eu viva eternamente. Aproxime-se invisivelmente de mim que a você retorno com toda minha alma. Felicidade além do mundo, alegria daqueles em quem você vive inefavelmente, envie seu brilho, Deus infinitamente sábio, para que minha alma dotada de inteligência retorne a si, para que ela se volte para você e se percam e se dispersem os que em vão me combatem²³², os que me perseguem por nada, os que me fazem mal impiedosamente. Guarde-me continuamente. Senhor, eu lhe peço, como a menina dos olhos²³³, a fim de que eu o contemple eternamente, Mestre inefável, glorioso acima de tudo.

57. Que sou eu, terra e cinzas²³⁴? E quando eu passo como uma sombra²³⁵, um sonho rápido, que vale meu tempo diante de você, Senhor incriado que não teve começo, a cujos olhos mil anos são com o dia de ontem que passou e como uma vigília noturna²³⁶? E o que é minha consciência diante de você, que com toda consciência criou os céus e a terra²³⁷, que com sabedoria fundou num instante o universo em sua abundância, para que eu me mantenha íntegro

²³² Cf. *Salmo* 3: 8.

²³³ Cf. *Salmo* 16 (17): 8.

²³⁴ Cf. *Gênesis* 18: 27.

²³⁵ *Salmo* 143 (144): 4.

²³⁶ *Salmo* 89 (90): 4.

²³⁷ *Salmo* 135 (136): 5.

diante de você que tanto ama as almas? Não, Mestre, não, eu lhe peço, eu lhe suplico, os pais não julgam o que fazem os recém-nascidos, nem lhes pedem nenhuma obra, mas, de um modo ou de outro, provêm simplesmente, com toda misericórdia e zelo o que lhes cabe, alimentam-nos e cuidam deles tanto quanto possível.

É por isso, Deus santo que é verdadeiramente nosso Pai eterno profundamente amoroso, o Criador que tirou do nada tudo o que somos, que eu lhe peço que não se irrite com minhas altas e injustiças; você que ama o homem, não exija de mim obras análogas à sua graça. Mas como convém às criancinhas, e até mais, seja indulgente diante daquilo que eu faço, e aumente em mim seu puro dom, em mim que peço seu socorro, pois me falta a sabedoria. Sim, você me criou, você me conformou e você me formou de novo²³⁸ em vista a um objetivo infinitamente bom, Deus cantado acima de tudo, a fim de que, depois de me haver criado para o melhor e de me haver paramentado com as belezas da criação divina, como uma imagem fiel, você me glorifique nas coisas mais puras e mais altas, pois você veio não para me julgar, mas para salvar o mundo²³⁹. Amém.

58. Eu condeno a mim mesmo. Você vê, Senhor que conhece o que está dentro dos corações, Deus mais do que sábio. Eu não preciso de nenhum juiz. Quanto às coisas incertas, Deus mais do que bom, o julgamento se faz com justiça. Quem a ele se opõe não faz senão se condenar previamente. Na verdade ele vê e confessa não ser simplesmente pecador, mas ainda que peca a cada dia e a cada hora. Senhor que ama o homem, proteja-me do castigo. Fonte abundante de piedade e de graça, eu imploro sua piedade e peço sua graça.

²³⁸ O batismo (*anaplasis*)

²³⁹ Cf. *João* 3: 17.

Você quis se tornar homem por mim. Em sua transbordante bondade, você nada nos faz seguindo nossas faltas. Em seu imenso amor por nós, você nada nos devolve segundo nossos pecados²⁴⁰. Antes você se deixa vencer por seu amor, e, tão distante quanto está o oriente do ocidente, você afasta de nós nossas iniquidades²⁴¹. Eu lhe suplico então, Jesus Cristo, Senhor paciente, Mestre misericordioso, eu lhe imploro. Embora eu seja indigno, esqueça toda minha injustiça e todo meu pecado, coloque em meu coração o selo perfeito do seu Espírito Santo, conceda-me o dom verdadeiramente santo, em seu poder e sabedoria, a fim de que, pelo poder de sua graça, na sabedoria e na contemplação espiritual, eu faça aquilo que lhe agrada, tanto quanto estiver ao meu alcance, para que novamente o fluxo espiritual de sua pura sabedoria escorra de meu coração, no conhecimento da verdade e na luz que a acompanha, e para que eu me encontre a partir daí em comunhão com você e com o que lhe pertence, iluminado pelos séculos dos séculos e desde já por sua luz mais do que gloriosa, na incomparável compaixão de sua graça inefável. Amém.

59. Não podemos saber com toda clareza se uma mentira, ou aquilo que podemos chamar de “sugestão”, é fundamentalmente diabólica, a menos que tenhamos fugido dos demônios e escapado a seus ataques. E ninguém foge dos demônios nem deles se livra, como eu disse, se não tiver recebido na solidão de seu coração o impulso fundamental e contínuo da respiração divina. É isto que a fé ativa unida à humildade, ao amor a Deus e aos homens, engendra por meio da vida voltada à hesíquia e à vigília, e pela leitura consagrada à prática e à contemplação, enfim, à teologia acompanhada da

oração. Quanto ao amor ativo, podemos dizê-lo com razão, ele é o cumprimento dos santos mandamentos de Deus, na medida do possível. Não apenas este amor torna a compreensão mais pura e mais clara, como ele propicia daí por diante um conhecimento exato e um discernimento mais seguro das mentiras dos demônios e de sua irrupção na alma. Porém a inveja dos demônios ultrapassa todos os limites, eles combatem cada vez mais, rivalizando no ardor da luta e comportando-se furiosamente, sem tomar fôlego e com a maior selvageria, usando de tudo o que pode prejudicar a alma devotada a Deus. E se Cristo, o verdadeiro Salvador de seu povo, não vier, em seu amor pelo homem, tomar a defesa dos fiéis, nenhum homem será salvo, quem quer que seja, mesmo que santo.

60. Com toda evidência eu o reconheço e confesso, Senhor: por minha desatenção, minha ingratidão, minha conduta absurda, eu, que era dotado de razão, desgraçadamente me coloquei abaixo das feras sem razão, pois estas mantêm sua natureza e vivem segundo ela, enquanto que eu sequer conheço, seja por um instante, a pura e verdadeira energia de minha natureza, por estar marcado pela sujeira das más paixões, por minha tendência às transgressões e à confusão que elas provocam. Assim é que eu perco a inteligência e deixo de saber em verdade, como deveria, qual é minha natureza. Em minha malícia eu ultrapassei a própria tribo dos demônios e carrego em minhas intenções todos os seus vícios. Pois se eu pudesse viver como eles vivem, desembaraçados de toda doença, morte ou necessidade, não há dúvida que eu transbordaria de vícios, miserável de mim, incapaz de reter meus impulsos doentios. Não somente eu não sou imortal, mas ainda permaneço por longo tempo enfermo e mesmo assim eu transgriro, me exponho aos pecados e me regozijo com isto. O pior é que eu não tendo para um dado vício deixando os

²⁴⁰ Cf. *Salmo* 102 (103): 10.

²⁴¹ Cf. *Salmo* 102 (103): 12.

outros de lado, como faz cada demônio. Pois o demônio do amor ao Cada um trabalha uma paixão diferente, ou melhor, faz-se amigo e colaborador daqueles a quem convence que se dedique a esta ou àquela paixão. Somente eu amo e coloco em ação todas as paixões ao mesmo tempo e de todas as maneiras, com tanto ardor que, mesmo sem que os demônios se aproximem ou me assaltem do exterior eu me dirijo para elas, e nelas caio lamentavelmente. E mesmo as faltas que não cometo não é por ter delas fugido por minha vontade ou por tê-las rejeitado voluntariamente, mas, no fundo, apenas porque não tive possibilidade.

Assim é que eu tenho secretamente mais vícios do que estes seres imortais insensíveis às doenças e às carências da vida, e no entanto cada um deles não carrega mais do que uma única espécie de pecado. Mas eu, cujos dias não são apenas curtos mas, como já disse, ainda submetidos às doenças, à fraqueza, à malícia, eu que sou atraído por todos os pecados e que estou pronto a cometê-los o mais depressa possível, eu estou na realidade bem pior do que os próprios demônios. Mas Senhor, Senhor, nada está acima da compaixão com a qual você nos salva, pois sem nenhum ressentimento você a concede mesmo aos demônios arrependidos. Dê-me a força, a sabedoria e tudo o que devo fazer para que eu me arrependa como devo pelos pecados que cometi e para que sua santa Face me acalme, Mestre, suprema vida, vida benfazeja, regozijo contínuo dos justos para além do mundo, impensável amor absoluto, amor pelo homem e misericórdia inefável. Cumule com sua grande e maravilhosa compaixão minha alma que diz: “Tenha piedade, você que perdoa”, a fim de que fique claramente demonstrado aos que sabem que mesmo os demônios que retornaram e que, como tais, disseram: “Tenha piedade” à sua infinita bondade, não foram abandonados por você

para longe de sua compaixão, nem deles você se afastou, fonte das graças. Pois se você tem piedade de mim que sou pior do que eles e pior do que as feras sem razão, não existe em verdade nenhum homem nem demônio culpado de pecado que, prosternando-se diante de você e dizendo: “Tenha piedade”, não tenha se encontrado imediatamente junto de você, na eminência de sua bondade infinita e além de toda esperança, da mais rica e mais maravilhosa compaixão. Tenha piedade de mim, Jesus, que é nosso Pai e fonte de toda compaixão.

61. Muitas coisas me vieram ao espírito, Senhor, sobre as quais refleti. Mas nenhuma que eu tenha realmente compreendido e sobre a qual possua uma certeza definitiva. Nada existe que, de um modo ou de outro, deixe de escapar ao meu conhecimento. Com toda evidência, eu sou incapaz de conhecer de forma simples e total, e isto é bem natural. Eu vejo o céu e, é claro, a terra. Mas o que eles são, sobre o quê estão fundamentados, de que modo todas essas coisas giram umas ao redor das outras, qual é sua natureza, tudo isso eu ignoro, mesmo sendo fácil apontar o ar, a água e o fogo a quem quiser ver. Mas quem poderá saber a natureza de cada um, e por que a água desce e o fogo sobe, e por que o ar se espalha por toda parte? Posso murmurar sem sequer abrir a boca; mas renuncio a falar do conhecimento dessas coisas. Sequer um cabelo, a coisa aparentemente mais comum, quase não toca nossos sentidos. Como poderia? Alguns vêm com o tempo, progressivamente. Mas que sei eu dos cabelos em sua própria natureza?

É por isso que eu lhe peço, Mestre, que me livre da presunção que me faz julgar e condenar o próximo e não importa quem. Segure-me com seu braço poderoso, pois eu não possuo nem a inteligência nem

a força para adquirir essa sabedoria. Quem conhece a medida dos céus, o volume e o peso da terra, o curso do sol, tão rápido e infatigável, maravilhosamente pontual e regrado? Quem jamais compreenderá o poder que essas coisas carregam em tamanha sabedoria? Como é possível conhece-las, se não somos capazes de entender sequer o que é um mosquito? Eu não tenho nenhuma inteligência, perdi o poder da sabedoria, mas pela graça eu me confio a clamar pela deificação em você, pela união sobrenatural com Deus, que provém da ação divina que lhe é própria e da inteligência que está suspensa em você.

62. Somente aqueles que, pela visão que vem com a graça, conhecem o sentido espiritual, podem assistir aos que não adquiriram este sentido e se deixam levar, no plano psíquico, por sinais visíveis, ou ao menos pelos mais manifestos. Segundo o divino Paulo este homem, com efeito, discerne tudo, enquanto que ele próprio não é julgado por nenhum outro²⁴², enquanto que os outros não apenas não veem quem é desprovido do Espírito de Deus, como ainda em sua loucura chegam a chamar de bem-aventurados aqueles na verdade lamentam não ter recebido da graça o sentido espiritual e de serem levados pelo espírito do mundo, estes a quem a palavra divina chama de psíquicos²⁴³. Pois os espirituais que, por terem tocado o divino, conhecem tal sentido, não julgam absolutamente nada, nem com precipitação, nem conforme as aparências, como o faz a maioria. Eles julgam de acordo com a verdade imutável e eterna que está neles, pois eles são iniciados em tudo pelo Espírito vivificante que os ilumina, lhes concede uma vida sobrenatural inteiramente diversa da vida habitual e lhes dá a luz e o

conhecimento aos olhos da maioria, aos quais ele se revela assim manifestamente.

Assim foi Jacó o patriarca, que se mudou para permanecer num único lugar, que viu com seu olhar penetrante muitas coisas e que pronunciou palavras admiráveis a seus filhos²⁴⁴.

Também assim foi Isaías, esta grande voz dentre os profetas que, vendo Jesus ser levado à imolação como um cordeiro²⁴⁵, não se sentiu oprimido por este sofrimento, nem ferido por este rebaixamento e por suas consequências, mas contemplou misticamente, com o olho espiritual, a glória que naturalmente se ocultava nestas coisas. Ele viu que Jesus não mais possuía forma nem beleza²⁴⁶, e tudo o que ele sofreu além disso; e, no entanto, foi nisto que ele reconheceu a sua divindade.

Numa palavra, assim foram todos os profetas que, pela iluminação do Espírito, se ligaram com todo o intelecto às coisas inteligíveis. Quanto aos que trazem o espírito do mundo, ou, para dizer mais exatamente, que são levados pelo espírito do mundo, quem quiser reconhecê-los com facilidade deve se lembrar da raça dos escribas e dos fariseus nos Evangelhos, lembrar-se como eles só se ocupavam com as aparências, como só viviam para serem vistos, e como, pretendendo se fazer chamar doutores de Israel pela sua maneira de ser, pela gravidade de sua postura e de seu caminhar, não viam outra coisa do que esta pose, e com belas palavras simulavam a vida

²⁴² Cf. I Coríntios 2: 15.

²⁴³ Cf. I Coríntios 2: 14.

²⁴⁴ Cf. *Gênesis* 49: 1ss.

²⁴⁵ Cf. *Isaías* 53: 7.

²⁴⁶ Cf. *Isaías* 53: 2.

virtuosa²⁴⁷. Foi assim – ó cegueira! – que, pela inveja causada pelo espírito do mundo, eles condenaram cruelmente Jesus Cristo à morte, a ele que era o Filho verdadeiro do Deus do universo, a vida divina, a verdadeira vida. Pois se, como está escrito, o Espírito Santo não nos fala por inveja²⁴⁸, é evidente que o espírito do mundo o faz, e também julga na iniquidade e nas trevas. É por isso que eles se lamentarão²⁴⁹, conforme está escrito, quando vier o Juízo final de Deus, e se atormentarão a si próprios, pois verão Aquele que eles trespassaram²⁵⁰, e então eles se perguntarão, dizendo: “Não é este aquele a quem consideramos como nada e cuja vida pensamos ser uma loucura? Como é possível que ele tenha sido contado entre os filhos de Deus?²⁵¹”. Enganados pelas trevas da presunção às quais foram levados pelo espírito do mundo, eles não conheceram a verdade, nem se deixaram levar a ela, para onde vão os que possuem a prontidão no Espírito, o qual os guia e atrai. Quanto aos espirituais, Paulo diz: “Não sabem vocês que nós julgaremos os anjos? E como mais razão ainda as coisas da vida?²⁵²”. É assim que julga todo aquele que traz em si o Espírito²⁵³, este Espírito que o mundo, como diz o Senhor, não pode conceber nem contemplar²⁵⁴.

Portanto, aqueles que, pelo verdadeiro sentido da alma, não se revestiram do Espírito Santo mais do que celeste e tampouco conheceram Aquele que cumpre o inefável e diz o inexprimível

²⁴⁷ Cf. *Mateus* 23: 3-7.

²⁴⁸ Cf. *Tiago* 4: 5.

²⁴⁹ Cf. *Apocalipse* 1: 7.

²⁵⁰ Cf. *Zacarias* 12: 10.

²⁵¹ *Sabedoria* 5: 4-5.

²⁵² *I Coríntios* 6: 3.

²⁵³ Cf. *I Coríntios* 2: 15.

²⁵⁴ Cf. *João* 14: 17.

dentro do mistério, possuem apenas o espírito do mundo. Mas, diz São Paulo, “vocês não estão na carne, mas no Espírito, se o Espírito de Deus habitar em vocês. Ora, se alguém não possui o Espírito de Cristo, este não é de Cristo²⁵⁵”. Veem como aqueles que têm em si mesmos o Espírito não são carnis? E como aqueles que, miseravelmente, são privados do Espírito, não apenas são incapazes de fazer um juízo correto a respeito das coisas divinas, mas sequer podem ser de Cristo? O Apóstolo mostra ainda mais claramente em outra parte como se opõem o espírito do mundo e o Espírito Santo quando diz: “Nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, a fim de conhecer aquilo que, pela sua graça, Deus nos deu²⁵⁶”. Compreendem que só os que receberam o Espírito de Deus podem conhecer o divino e a verdade? É o que diz o Senhor quando afirma: “Quando vier o Espírito da verdade, ele os conduzirá a toda a verdade²⁵⁷”.

Você percebe de onde emerge naturalmente a verdade total? Não é quando o julgamento é justo e livre de todo e qualquer erro? É por isso que o Espírito Santo é chamado de Espírito de aconselhamento, Espírito de ciência, de inteligência, de sabedoria²⁵⁸, Espírito condutor²⁵⁹, Espírito de prontidão²⁶⁰, Espírito de verdade²⁶¹. O Espírito também é chamado em Isaías de Espírito de Julgamento²⁶². Pois é nele que a alma se comporta resolutamente naquilo que

²⁵⁵ *Romanos* 8: 9.

²⁵⁶ *I Coríntios* 2: 12.

²⁵⁷ *João* 16: 13.

²⁵⁸ Cf. *Isaías* 11: 2.

²⁵⁹ Cf. *Salmo* 50 (51): 14.

²⁶⁰ Cf. *Salmo* 50 (51): 12.

²⁶¹ Cf. *João* 14: 17.

²⁶² Cf. *Isaías* 4: 4.

dissemos. É por meio dele que ela é julgada, quando opera em si essas virtudes e as recebe. Sem ele, tudo é cheio de trevas e falta de verdade. Quem não possui o Espírito de verdade e logo se esforça por discernir o que é falso naquilo que lhe dizem não pode alcançar a verdade. “Ninguém, já foi dito, conhece o que há no outro, senão o Espírito que nele habita²⁶³”. Pois o Espírito sonda tudo²⁶⁴. Se fosse permitido descobrir a verdade sem ele, jamais o Espírito poderia ser chamado de Espírito Santo de verdade e de Espírito de julgamento, ele jamais teria estes nomes pelos quais o chamamos. Se aquele que julga fala sem o Espírito de verdade, ele se tornará o advogado da mentira sem saber; numa palavra, ele terá decaído da verdade (pois o Espírito da verdade e o do julgamento são o mesmo), ele estará se exilando para longe de Deus e da glória de Deus, ele estará dividido. Julgando e se explicando precipitadamente na falta da verdade, em sua ignorância e sua grosseria ele entregará o justo, como um novo Judas. Ora, este último, o três vezes miserável, foi condenado por ter traído dispendentemente, em detrimento de seu dever, nosso Senhor Jesus Cristo, a quem o Pai nos enviara, e que era, ele próprio, a justiça²⁶⁵ e a verdade²⁶⁶, conforme ele mesmo nos disse.

Fariseu miserável, cego, indo e vindo sem possuir o Espírito que ilumina os olhos espirituais da alma, julgando pelas aparências, apressada e falsamente o que há no homem como se o contemplasse com olhos espirituais, se você visse as ressurreições paradoxais e os milhares de milagres divinos que Jesus fazia por si só, por seu verdadeiro Deus, você deveria venerá-lo, celebrá-lo e crer nele, ao

invés de se irritar e se aborrecer por que ele, com imensa sabedoria e amor pelo homem, rompia o sábado e porque seus discípulos, os discípulos do Esposo, não jejuavam²⁶⁷ nem lavavam as mãos²⁶⁸. Fariseu sem Inteligência nem coração, podemos dizê-lo, e cheio de trevas, você pretendia dirigir a fonte da sabedoria e de tantas graças maravilhosas e inefáveis? Mas se você despreza as obras mais simples de um tão grande poder, estas obras cuja razão é inconcebível para você, como pretende você ainda enxergar? Você é muito ignorante, ingrato e insensível. Ademais, você se ilude a um ponto que a ninguém é permitido, podemos dizer. Por acaso você admirou as obras extraordinárias, as maiores que ele realizou, você o glorificou tanto quanto possível e celebrou Aquele que as realizou, dirigiu-se a ele humildemente e com a retidão dos que, em sua opinião, negligenciaram a tradição, você pediu a ele que lhe explicasse a razão pela qual ele rompeu o sábado? Mas a presunção, com a malícia que a acompanha, é aparentemente a coisa mais nefasta e mais penosa, e tanto mais tenebrosa na medida em que pretende saber. E tanto lhe falta a inteligência, que ela ignora sua própria ignorância.

Além disso, fariseu cego que não procura saber se o interior do cálice está limpo, mas que se preocupa em deixar brilhando o exterior do prato²⁶⁹ para que seja visto, você não ouviu o que Cristo, a verdadeira sabedoria, ordenou a respeito do julgamento quando disse: “Não julguem segundo as aparências, mas segundo a justiça²⁷⁰”? Não compreende que é impossível julgar com justiça e

²⁶³ I Coríntios 2: 11.

²⁶⁴ Cf. I Coríntios 2: 10.

²⁶⁵ Cf. I Coríntios 1: 30.

²⁶⁶ Cf. João 14: 6.

²⁶⁷ Cf. Mateus 9: 15.

²⁶⁸ Cf. Marcos 7: 2

²⁶⁹ Cf. Mateus 23: 26.

²⁷⁰ João 7: 24.

tomar as decisões corretas se nos fiamos apenas nas aparências? Com efeito, a aparência representa aqui aquilo que qualquer um pode ver. Como, insensato, o mesmo que não teme a ordem do Pai, nem compreende, ao que parece, que o homem verdadeiro não julga o visível a partir do visível, como não sente ele vergonha? Como não esconde ele a sua face? É o que você deveria fazer, uma vez que, privado da verdadeira vida, você próprio vive longe da luz, da sabedoria, da verdade, do conhecimento dado pela verdade, e de tantos outros bens que o Espírito Santo dispensa e distribui, e sem os quais não apenas é impossível que você possa julgar infalivelmente as coisas que lhe são estranhas, como também não é capaz de ver em que espécie de mal você está enredado. Se você quiser acreditar em mim, retire a trave de seu olho, ou seja, retire de seu intelecto a ostentação e a presunção. Então você verá racionalmente se pode retirar a palha²⁷¹ e eventualmente captar o pecado, secretamente aliviando o olho do seu próximo. Mas enquanto seu olho interior não vir a luz inteligível, é evidente que a trave colocada nele o encherá de trevas. Portanto, antes de buscar por si mesmo, antes de rejeitar para longe de você todo o mal, não pretenda combater as ofensas do demônio nem as provas da ignorância. Isto só podem fazer os que receberam a luz. Pois a empresa é fortemente aleatória e os impulsos são perigosos. Que só falem e, no fundo, só julguem – conforme o conselho do bem-aventurado Davi – aqueles a quem o Senhor libertou das mãos dos inimigos – os inimigos inteligíveis – e a quem ele reuniu longe dos locais hostis²⁷² – os estados passionais, estranhos, divididos – unindo-os a si mesmos e à sua glória. Que assim falem e julguem, libertos e salvos, os que foram reunidos, unificados, iluminados pela luz.

²⁷¹ Cf. *Mateus* 7: 5.

²⁷² Cf. *Salmo* 105 (106): 2s.

Mas se você não se encheu de luz espiritual, como foi dito, fortifique-se pelo silêncio e não tema aprender primeiro e confessar que você ignora se o que lhe acontece lhe traz a salvação ou a perdição. Como não o faz refletir as palavras de Cristo: “Eu não julgo ninguém²⁷³”? Mas você, o que diz? “Eu julgo todo mundo”. Quanta ignorância, para não dizer: quanta inconsciência! Foi dito: “O Pai entregou todo julgamento ao Filho²⁷⁴”. O Filho recebeu do Pai o poder de julgar. E você, de onde tirou aquilo que não lhe foi dado? A Trindade habita tão claramente assim em você? Ela caminha²⁷⁵ em você visivelmente como diz a promessa? Você se vê em Deus o Verbo e vê o Deus Verbo em você? Você está em Deus? As águas do rio do Espírito Santo correm ou jorram claramente em luzes inacessíveis no interior de seu coração? Você recebeu todas as outras graças pelas quais Deus age manifestamente nos seus santos? Ou você não tem necessidade de mediador? Proteja, portanto, sua língua do mal. Guarde seus lábios para que não digam mentiras. Procure, interrogue os outros com prudência, instrua-se, mas não ensine, deixe-se questionar pelos homens, e quanto a você, não julgue nada. ²⁷⁶É ingênuo e cego quem crê poder ler as palavras nos livros. Mais tolo ainda é aquele que, sem possuir o Espírito vivo, pretende conhecer o que há dentro do próximo. Pois onde as coisas não são aprofundadas, não podemos saber sequer o que há em nós, nem tampouco as armadilhas e os obstáculos que o demônio invejoso e maligno que desdenha do bem opõe ostensivamente a nós que, por presunção, caímos no mal e, contra nosso dever, nos

²⁷³ *João* 8: 15.

²⁷⁴ *João* 5: 22.

²⁷⁵ Cf. *II Coríntios* 6: 16.

²⁷⁶ Cf. *Salmo* 33 (34): 14.

deixamos persuadir e começamos a julgar.

E assim, por não nos deixarmos instruir nós nos iludimos, desgraçadamente não alcançamos a verdade e, ao invés de avançar e aprender, não servimos para nada. E ao mesmo tempo em que prejudicamos a nós mesmos, nos tornamos causa de escândalo e de males para aqueles que nos são próximos e nos tornamos passíveis do enorme julgamento de Deus. Mas se discernirmos as intrigas do demônio, se obedecermos à ordem que nos deu o grande Paulo no sentido de não julgarmos nada nem ninguém antes do tempo²⁷⁷, até que venha a nós em Espírito o Senhor que nos ilumina, que nos revela abundantemente as profundezas, que nos ensina com toda certeza os conhecimentos e as revelações das visões divinas e dos bens místicos, e que faz de nós sem falta seres verdadeiramente espirituais, portadores de Deus – ou antes, que faz de nós deuses – então ele nos desculpará. Ele nos restabelecerá em sua glória quando tivermos recebido a graça do discernimento, quando com pureza soubermos a que mal nos conduzem os julgamentos que fazemos sem que tenhamos o dom de Cristo. Somente então poderemos julgar corretamente sem o risco de cairmos.

63. Desde o princípio Deus assistiu a Israel em muitas coisas. Ele o cercou de uma grande e maravilhosa solicitude, e dentre todos os homens fez dele partícipe de sua herança²⁷⁸. Mas Deus também cumulou os fiéis em Cristo com esta assistência e esta solicitude, por meio de grandes e extraordinárias obras, que ultrapassam aquelas que fez por Israel, assim como a alma ultrapassa o corpo. Elas as cobrem, assim como o sol cobre as estrelas. As coisas dos cristãos

²⁷⁷ Cf. I Coríntios 4: 5.

²⁷⁸ Cf. Deuteronômio 32: 9.

superam as de Israel como o corpo supera a sombra. Pois, se bem compreendermos, os feitos de Israel são realmente a sombra dos nossos. Para eles o Faraó foi um senhor amargo e impiedoso, e cavaleiros selvagens²⁷⁹ foram a imagem de Satanás e dos seus, não porque pudessem fazer grande mal aos corpos, mas porque se esforçavam para atormentar impiedosamente as almas. Para eles foi Moisés quem conduziu o povo de Deus²⁸⁰. Mas nós temos em nós mesmos – e como isto nos eleva! – o Filho verdadeiro de Deus, o Verbo em pessoa²⁸¹, que supera infinitamente a letra da Lei. Lá havia o bastão²⁸², aqui a cruz²⁸³. A madeira, mudando paradoxalmente de aspecto, devorou as serpentes²⁸⁴. Mas a cruz se transformou de instrumento do mal em signo de bondade, destruindo os demônios. Eles roubaram o ouro, a prata, os ornatos das vestes²⁸⁵ do Egito. Mas nós fazemos secretamente em espírito a mesma coisa, mas sabemos que o subtraindo ao pecado conduzimos a Deus a beleza sensível. Lá, uma coluna de nuvens e de fogo conduziu Israel ao mar²⁸⁶. Aqui, a visão de Deus e de seu amor abrasador permite ao intelecto fiel e contemplativo chegar às lágrimas nas quais se perdem e morrem todas as coisas do ódio, quando este intelecto se afasta dele, do mesmo modo como antes o Faraó e os egípcios se perderam no mar²⁸⁷ milagrosamente enquanto os judeus conseguiam atravessar.

²⁷⁹ Cf. Êxodo 1: 8-11.

²⁸⁰ Cf. Êxodo 3: 10.

²⁸¹ Cf. João 1: 14.

²⁸² Cf. Êxodo 7: 9-20 e 8: 2s.

²⁸³ Cf. Mateus 27: 32.

²⁸⁴ Cf. Êxodo, 7: 12.

²⁸⁵ Cf. Êxodo, 12: 35-36.

²⁸⁶ Cf. Êxodo, 13: 21.

²⁸⁷ Cf. Êxodo, 14: 28.

Resumindo, se quisermos considerar e, por conseguinte, contemplar, tudo o que os judeus realizaram então, encontraremos a sombra e a imagem daquilo que seria cumprido daí por diante pelos verdadeiros cristãos. Assim, se quisermos saber do modo mais global e mais claro o que nos diferencia dos judeus, devemos pensar no que anunciava a Lei antiga e no que anuncia a nova Lei que os cristãos trazem. Deste modo podemos discernir sem erro. Pois a primeira predicação diz das criaturas, e das criaturas visíveis, que elas vieram de Deus, ao afirmar: “No princípio Deus fez o céu e a terra²⁸⁸”, etc. Quanto à predicação dos cristãos, ela não fala apenas das criaturas sensíveis, mas das criaturas inteligíveis. De fato, é ao inteligível que ela se refere, quando diz: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus²⁸⁹”. A predicação dos judeus afirma: “Deus disse: façamos o homem à nossa imagem e semelhança²⁹⁰”. Mas a dos cristãos diz: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós²⁹¹”. Uma diz: “Que ele domine sobre os peixes do mar, os pássaros do céu e sobre os animais, por toda a terra²⁹²”. A outra diz: “Nós recebemos tudo de sua plenitude²⁹³”. Uma afirma: “Deus disse: Faça-se a luz²⁹⁴”. E a outra: “O mesmo Deus que disse: ‘A luz brilhará no meio das trevas’, brilhou ele próprio em nossos corações²⁹⁵”.

Portanto, aquele que está indeciso entre uma e outra dessas duas

²⁸⁸ *Gênesis* 1: 1.

²⁸⁹ *João* 1: 1.

²⁹⁰ *Gênesis* 1: 26.

²⁹¹ *João* 1: 14.

²⁹² *Gênesis* 1: 26.

²⁹³ *João* 1: 16.

²⁹⁴ *Gênesis* 1: 3.

²⁹⁵ *II Coríntios* 4: 6.

predicações de que falamos, pode constatar com clareza: a experiência que os cristãos têm de Deus supera os bens dos judeus e os ultrapassa de longe. Ele dirá que tais bens não passam da sombra e da imagem de uma verdade sobrenatural, a verdade que os cristãos carregam, ou a verdade de Cristo. E ele celebrará e glorificará a abundância da graça e da providência divinas que, pela compaixão supra-essencial das coisas mais elevadas do que o mundo, eleva lentamente a humanidade das sombras e das imagens até Jesus Cristo nosso Senhor.

QUE DEUS, POR SEU AMOR PELO HOMEM, SE TORNA ACESSÍVEL A TODOS OS SENTIDOS DOTADOS DE INTELIGÊNCIA.

64. Ó santíssimo Verbo enipostático, Sabedoria e Poder de Deus! Como poderei eu, Senhor, louvar sua essência, ou sua glória inacessível? Como poderei celebrar a sua bondade, que é infinita? Eu não passo de um homem, e minha inteligência é limitada. Mas eu o louvarei e celebrarei aquilo que eu puder alcançar.

Pois me foi permitido de todas as maneiras sentir sua glória e sua bondade e minha alma a você se ligará com toda sua força²⁹⁶ e o seguirá. Assim, quando eu o ouvir, eu temerei como é natural, e a partir de então serei arrebatado por tudo o que está em você, conforme o profeta que disse: “Eu ouvi, Senhor, o que me anunciou, e eu temi. Compreendi suas obras, e fui arrebatado²⁹⁷”. Altíssimo,

²⁹⁶ *Salmo* 62 (63): 9.

²⁹⁷ *Habacuque* 3: 1-2.

Verbo incompreensível, que bateu à porta, ou seja, aos ouvidos da Esposa do Cântico dos Cânticos, cujo coração foi então revolucionado. Ela estava fora de si e procurava vê-lo com todo ardor, dizendo: “Mostre-me seu rosto, faça-me ouvir sua voz. Pois seu rosto é belo, e sua voz é doce²⁹⁸”. Também gosto do que disse Jacó: “Primeiro eu ouvi falar do Senhor, mas agora meu olho o viu²⁹⁹”. Pois assim como você é Verbo e Sabedoria, é também a verdadeira luz que ilumina todos os homens que vieram ao mundo³⁰⁰. Você é a luz que ilumina e se revela por toda parte desde a origem. Pois tal como, em Espírito, o Sol de Justiça³⁰¹, você é a luz deslumbrante que dá a visão a quem, em toda a beatitude e pela graça das virtudes, contempla os mistérios divinos e sobrenaturais do Deus púnico, e a natureza inefável das coisas ligadas ao *eros* divino e que ultrapassam o mundo. É o que João proclama claramente: “Nós vimos sua glória, a glória do Filho único provindo do Pai, cheio de graça e de verdade³⁰²”. Pois assim como você é o verdadeiro Deus, é também verdadeira luz, conforme João testemunha. A partir daí, aqueles que, por um intermédio de um dom indizível receberam de sua plenitude, Deus inefável, dizem abertamente: “O mesmo Deus que disse: ‘A luz brilhará no meio das trevas’, brilhou ele próprio em nossos corações³⁰³”.

Você irradia inefavelmente, ilumina com toda sua luz, a fim de nos permitir ver as coisas da graça e da verdade mais altas do que o céu,

²⁹⁸ *Cânticos* 2: 14.

²⁹⁹ *Jó* 42: 5.

³⁰⁰ Cf. *João* 1: 6.

³⁰¹ Cf. *Malaquias* 3: 20.

³⁰² *João* 1: 14.

³⁰³ *II Coríntios* 4: 6.

as coisas que ultrapassam a natureza e o mundo, e a fim de nos oferecer delas o maravilhoso regozijo. É por isso que em seu amor pelo homem você não apenas se tornou acessível ao ouvido e à vista, mas também ao tato. Disse o discípulo bem-amado: “Aquilo que ouvimos, o que vimos, o que contemplamos, o que nossas mãos tocaram do Verbo da vida³⁰⁴”. Se você revestiu os fiéis, dando o repouso de uma vez por todas aos seus, é claro, bom Deus, que você se deixou tocar por eles em espírito e milagrosamente. Segundo Paulo, o santo predicador da verdade, os que por felicidade foram batizados no Senhor e na fé que nele possuíam, dele se revestiram com mais felicidade ainda³⁰⁵, do Deus que nos cumula de dons. Assim é que Isaías, a trombeta profética, a grande voz, se regozijou com toda sua alma em Deus, o Pai e o Senhor. Pois o Pai lhe permitiu que de você ele se revestisse maravilhosamente, Senhor, como de um manto de salvação e uma túnica de alegria³⁰⁶, e com você ele se cobriu além de toda inteligência. Vê-lo ao redor dele, abraçando-o como a luz inacessível e maravilhosa, deu ao inspirado de Deus tamanho regozijo, tanta alegria, e tanto mais na medida em que ele compreendeu que ali estava a salvação, pois você é a própria salvação.

Assim é que na infinita abundância de seu amor, você mais uma vez se deixou sentir pelas narinas inteligíveis que tiveram a santa fé, e com isto você concedeu maravilhosamente o repouso aos que o celebram e louvam, cantando que seu nome é um perfume que se espalha³⁰⁷ e anunciando isto aos seus próximos. “Pois meu bem-

³⁰⁴ *I João* 1: 1.

³⁰⁵ Cf. *Gálatas* 3: 27.

³⁰⁶ Cf. *Isaías* 61: 10.

³⁰⁷ Cf. *Cânticos* 1: 3.

amado é um fruto bonito de se ver, bom em sentir e doce para provar. E seu perfume espalha o bom odor de sua mirra³⁰⁸. É por isso que Paulo, que lhe tinha em si, dizia que nós somos o bom odor de Cristo³⁰⁹.

Mas você também de comer e de beber aos seus fiéis. Você é o verdadeiro alimento e a verdadeira bebida da alma³¹⁰. Você maravilhosamente vivifica e nutre, faz crescer progressivamente e misteriosamente alegre aquele que o recebe. É isto que Davi, o santo profeta, dizia aos seus próximos quando sentiu que o provara ao trazer Deus em si: “Provem e vejam que o Senhor é bom³¹¹”. Pois você não somente se revelou como um fruto, mas ainda os pobres em espírito³¹², os humildes, aqueles a quem tudo falta, o comem como a um bom alimento e são saciados, e os que o procuram incansavelmente no desejo de encontrá-lo e comê-lo o louvarão³¹³, Senhor, pela imensa doçura que experimentarão ao prová-lo. Pois àquele que é reconfortado pelo seu poder que dá a vida, são oferecidos um santo alimento e uma bebida santa. Os corações dos que o comem viverão pelos séculos dos séculos³¹⁴. Você é eterno e incorruptível e torna incorruptíveis aos que o comem. Por sua transbordante ação natural, você os transporta para a eternidade. É por isso que, em sua infinita bondade que suscita tanta beleza e bem-aventurança, você chama e clama aos seres providos de razão,

dizendo: “Venham, comam do meu pão e bebam do vinho que preparei para vocês³¹⁵”. Ora, é a si próprio em sua santidade que você chama assim. Pois você diz também: “Eu sou o pão da vida³¹⁶”, e “Eu me entreguei como a fonte da vida³¹⁷”. Assim você nos propõe que comamos seu santo corpo e seu sagrado sangue³¹⁸.

Assim, nutrindo-os pelos sentidos intelectuais, você alegra os seus, Senhor que tanto ama as almas, você para eles se torna a luz e a vida, como os cumula de toda alegria, das coisas boas e belas acima do ser. Bendito seja Jesus, maná espiritual, celeste, alimento infinito. Glória, Mestre, ao indizível amor com que você nos envolve, glória à sua inefável misericórdia e à sua paciência. Amém.

QUE O ESPÍRITO DE DEUS HABITA NOS FIÉIS

65. É uma coisa maravilhosa para o sentido intelectual, ou a respiração, a efusão do Espírito vivificante proveniente de Deus Pai nos corações carnis que santamente acolheram a fé em economia do Verbo encarnado. Que o dom se espalha, que o poder divino, a energia da Divindade incriada mais elevada que o ser se espalha, é maravilhoso, dissemos. Mas que a energia se uma ao coração e no coração se torne um movimento perpétuo, isto é sobrenatural e pede que sintamos temor.

66. Outra coisa maravilhosa: que o Pai, no Espírito e pelo Verbo

³⁰⁸ *Cânticos* 1: 12.

³⁰⁹ Cf. *II Coríntios* 2: 15.

³¹⁰ Cf. *João* 6: 55.

³¹¹ *Salmo* 33 (34): 9.

³¹² Cf. *Mateus* 5: 3.

³¹³ Cf. *Salmo* 21 (22): 27.

³¹⁴ *Salmo* 21 (22): 27.

³¹⁵ *Provérbios* 9: 5.

³¹⁶ *João* 6: 35.

³¹⁷ *Jeremias* 2: 13.

³¹⁸ Cf. *Mateus* 26: 26s.

divino de Deus tenha criado por seu intermédio tudo o que existe de sensível e inteligível³¹⁹, e que esta Trindade possa conjuntamente habitar, caminhar³²⁰ e claramente fazer sua moradia na reflexão humana. É um grande milagre que para todo fiel votado à piedade, a Divindade em três Pessoas envie um anjo. Mas que a própria Trindade, infinitamente poderosa e vivificante, queira o bem do homem e lhe comunique a força e a energia espiritual de Deus, isto ultrapassa todo milagre.

67. É uma coisa verdadeiramente maravilhosa que o coração seja capaz de portar o santo raio do Deus Altíssimo que domina o universo, e confiar-se a ele continuamente. Num momento, do exterior, pelas santas Escrituras, Deus ilumina o intelecto, o torna doce e solícito, e o cumula de amor pelos homens e pelos milagres; noutro, a luz – ó alegria! – se entrega real e verdadeiramente ao fiel, de dentro do coração, não de fora, e sempre, sem fenecer. Isto está acima de toda admiração e ultrapassa o entendimento.

68. Mais uma coisa maravilhosa: o coração do fiel transporta em si também Àquele a quem os serafins e as potências celestes carregam miraculosamente. Isto é admirável. Porém além de transportar, unir-se a ele, tornando-se com ele um só corpo, como não seria isto além de toda admiração?

69. É verdadeiramente um milagre além de toda medida que, pela graça, a alma possa ser o trono, o leito, o carro de Deus infinitamente sábio e infinitamente poderoso, cujo trono é o céu. Mas que a alma seja a tal ponto amada por ele que possa se tornar

um único sopro com ele, que ela comungue das coisas mais altas do céu e que lhe sejam confiados os maiores mistérios, quem jamais poderá admirar-se disto na medida justa?

70. É uma coisa realmente maravilhosa e estuprificante: Deus, que não tem sequer um lugar para repousar³²¹, repousa divinamente no coração. Um rei terrestre, que tem seus limites, se adota alguém por amor, se o sustenta com sua mão generosa, busca plenamente e concede justamente àquele a quem adota ou sustenta, como dissemos, a glória e a honra, e com ela o regozijo e a alegria. Mas não se trata de um rei terrestre de quem falamos aqui, mas do Deus sem começo, do Deus incriado, do Criador e do Senhor do universo, a quem miríades e miríades e milhares e milhares de anjos servem com temor³²², é deste Deus mesmo que, longe de simplesmente sustentar de quem se compadece, o toca no interior do coração e nele vem habitar, não por um tempo, mas pela eternidade, unindo-se assim àquele que o acolheu e recebeu sua graça, glorificando-o imensamente, deificando-o maravilhosamente e cumulando-o de miríades de bens misteriosos. Que glória inefável, que honra, que regozijo, que felicidade, quantas coisas maravilhosas ele lhe concede sempre! Senhor, Trindade, tenha piedade!

71. É uma coisa maravilhosa: Deus, que criou o universo, e que o contém em si, se deixa conter de modo incompreensível, e não obstante claro e contínuo, pelo coração do fiel. Um rei mortal, cujo poder é bem pequeno, se bate à porta de alguém, se entra em sua casa, se come e bebe à sua mesa e compartilha de sua vida, cumula naturalmente de glória, de honra, de alegria, de prazer e de um

³¹⁹ Cf. *Colossenses* 1: 16.

³²⁰ Cf. *II Coríntios* 6: 16; citando *Levítico* 26: 11s.

³²¹ Cf. *Isaías* 66: 1.

³²² Cf. *Daniel* 7: 10.

grande reconforto a quem o recebeu. Mas que o Rei eterno, o Senhor do universo, o Criador das coisas sensíveis e inteligíveis, entre discretamente, não na casa, mas no coração daquele de quem se compadece, e não para usufruir dos bens que estão em seu coração, mas para lhe dispensar a força do céu, a consolação mais alta que o mundo e a glória sobrenatural e durável, que pensa disto aquele que recebeu tal graça? Qual não será sua alegria? Quanta felicidade, quanto prazer não sentirá ele? Numa palavra, quanta beatitude? Ela será imensa e benfazeja. Pois é verdadeiramente uma maravilha incomparável que Aquele que a tudo preenche e que se encontra acima de tudo faça do coração do homem sua morada e seu templo eterno.

72. Deus que disse: “A luz brilhará no meio das trevas³²³” brilha de alegre luz no coração dos fiéis. O amor de Deus se espalha nos corações pelo Espírito Santo a quem ele foi dado³²⁴. Pois Deus envia aos corações o Espírito de seu Filho, que clama: “Abba, Pai³²⁵”. Ligados assim ao Senhor – ó união maravilhosa! – os fiéis se tornam com Deus um só e mesmo Espírito³²⁶. Que outra coisa, dentre tudo o que dissemos, nos fará sentir tão de perto a graça?

73. É claro que os fiéis são herdeiros de Deus, herdeiros com Cristo³²⁷. Eles são como Cristos segundos, comungando com a natureza divina³²⁸ como filhos de Deus e deuses por adoção e por

graça, coisa que ultrapassa toda inteligência e transborda o pensamento. Eles contemplam e experimentam sobrenaturalmente o que está acima do mundo, ou melhor, eles o desfrutam. Eles desfrutam daquilo que o olho não viu, que o ouvido não escutou, daquilo que não chega naturalmente ao coração do homem³²⁹. Glória ao amor incompreensível de Deus Pai que nos ama verdadeiramente. Glória ao amor da Trindade, em sua extrema e inefável bondade, mais alta do que o céu.

QUE TODO FIEL É EMINENTEMENTE HONRADO POR DEUS

74. Quem nasce do Espírito é Espírito³³⁰, declarou Cristo. Ó incomensurável graça! Ó dom inefável! Deus criou o homem com numerosas graças verdadeiramente maravilhosas. Desde que foi criado, o homem é naturalmente uma criatura. Mas em sua transbordante generosidade, o Senhor todo compassivo, a Trindade mais alta que o ser e que criou o universo concedeu no limite à criatura – ó felicidade! – a graça do Espírito incriado. Coisa jamais concebível, ele próprio se uniu ao homem, o deificou, fez dele seu filho e lhe concedeu tornar-se Espírito. De fato, ele disse: “Eu disse: Vocês todos são deuses, filhos do Altíssimo³³¹”. A respeito de Deus está escrito: “Eu dei uma ordem, e esta ordem não passará³³²”. E: “Tudo o que quis, o Senhor fez³³³”. E: “A vontade do Senhor permanece pela eternidade, e os pensamentos de seu coração por

³²³ II Coríntios 4: 6.

³²⁴ Cf. Romanos 5: 5.

³²⁵ Cf. Gálatas 4: 6.

³²⁶ Cf. I Coríntios 6: 17.

³²⁷ Cf. Romanos 5: 5.

³²⁸ Cf. II Pedro 1: 4.

³²⁹ Cf. I Coríntios 2: 9.

³³⁰ João 3: 6.

³³¹ Salmo 81 (82): 6.

³³² Salmo 148: 6.

³³³ Salmo 134 (135): 6.

todos os séculos³³⁴”. Pois sua natureza é verdadeiramente inalienável e imutável. E seu Verbo em pessoa veio nos trazer sua palavra, sua ordem, sua vontade, seu conselho. Ele foi o anjo deste grande e maravilhoso conselho sobrenatural³³⁵. E ele deu o sopro do Espírito aos seus discípulos³³⁶, e assim os fez renascerem espiritualmente. Ele os incorporou misteriosamente ao Espírito e fez deles filhos de Deus. Pois os que são conduzidos pelo Espírito de Deus se tornam filhos de Deus³³⁷. Ora, se eles são filhos de Deus, é claro que são também deuses. O filho carrega necessariamente o ser daquele que o engendrou. É por isso que o Salvador ensinou aos discípulos a chamarem a Deus de Pai³³⁸, uma vez que eles possuíam a comunhão do Espírito. A Santíssima Trindade tornou assim deuses, Filho e Espírito, os fiéis, mas escondeu ao extremo todos os dons maravilhosos que até agora só o pensamento pode captar. Amém.

SOBRE: “ELE ESTENDEU SUAS ASAS, RECOLHEU OS SEUS E OS COLOCOU SOBRE SEU DORSO³³⁹.”

75. Compreenda pelo sentido intelectual o que vou dizer agora. Saiba que você ficará maravilhado, cheio da alegria do Espírito e indubitavelmente penetrado pelo prazer divino.

O Espírito Santo falou pela boca de Davi: “Revele-se, ó você que

assenta sobre os querubins³⁴⁰”. E também: “Aquele que vê os abismos, que assenta sobre os querubins³⁴¹”. E ainda: “Ele está sobre os querubins³⁴²”. Porque então vem ele sobre os fiéis? Que coisa excepcional, além de toda medida, sucedeu no intervalo? Pois não apenas Deus se coloca sobre nós como a galinha que protege a vida de seus pintinhos e os aquece, maravilhosamente guardando-nos e alegrando-nos, como ainda – ó arrebatamento da ordem do amor divino! – nos colocando sobre si e, tornando-se para nós como que um carro novo que na abundância de seu amor divino ultrapassa todo entendimento, nos guarda em toda segurança e nos conduz inefavelmente para as coisas da vida mais elevada que o céu, as coisas indizíveis que estão além do mundo. Ele nos dispõe para viver acima do ser nas delícias, na paz, no repouso, inefavelmente, para nos regozijarmos em espírito na alegria divina e conhecer sua doçura. O bem-aventurado Moisés disse com efeito no Espírito: “Ele – ou seja, Deus – abriu suas asas, recolheu os seus e os levou sobre seu dorso³⁴³”. Ó amor inefável! Ora, que ele tenha estendido suas asas, que tenha recolhido os fiéis, que tenha tornado a si mesmo aquele que os carrega, isto realmente vai além da honra dos querubins, e em verdade cumula de uma alegria imensa e inefável. Que ele receba a carga destes fiéis, que os receba sobre seu dorso, que os cubra com sua sombra, esta é uma coisa que, segundo o divino Davi, mesmo o intelecto dos querubins não é capaz de ver e celebrar dignamente. Assim como sua grandeza, sua compaixão é incomparável³⁴⁴, ó Santíssima Trindade, a você a glória!

³³⁴ *Salmo* 32 (33): 11.

³³⁵ Cf. *Isaías* 9: 6.

³³⁶ Cf. *João* 20: 22.

³³⁷ Cf. *Romanos* 8: 14.

³³⁸ Cf. *Mateus* 6: 9.

³³⁹ *Deuteronômio* 32: 11.

³⁴⁰ *Salmo* 79 (80): 2.

³⁴¹ *Salmo* 98 (99): 1.

³⁴² *Salmo* 17 (18): 11.

³⁴³ *Deuteronômio* 32: 11.

³⁴⁴ Cf. *Eclesiastes* 2: 18.

76. O hábito dos monges, as promessas que o acompanham e a vida monástica exigem um intelecto votado à solidão. Pois somente Deus anima este intelecto e nele age com toda atenção possível e com toda justiça. Ele o anima transmitindo-lhe a graça vivificante. Age nele permitindo-lhe contemplar a unicidade e a simplicidade de sua glória e de seu Reino que domina o universo. Pois só ele é o Altíssimo, de uma outra ordem do que a de todos os seres, diferente deles por sua incomparável preeminência. Só ele é soberanamente poderoso, e ele comunica a todas as coisas uma parte de seu poder. Só ele é verdadeiramente sábio, e dispensa aos sábios toda a sabedoria. Só ele é, real e eternamente, e de todas as maneiras o Pai e o Criador de todos os seres. Assim, é com toda a justiça e mérito que foi dito: “Todas as coisas vêm dele e são por ele e nele. A ele a glória por todos os séculos³⁴⁵”.

Se assim é, numa palavra, todas as coisas boas e belas recebem de Deus sua existência de uma vez por todas, nele se guardam e se protegem, tendem para ele e nele encontram seu fim. Estas coisas unem e ligam a Deus como a seu Pai todos os que delas vivem como convém. São a bondade, o amor, a prudência, a sabedoria, o conhecimento, a contemplação e a ação correspondente, a deificação, o prazer divino e a santa alegria que ele proporciona, a paz acima do céu, o temor religioso, a força, o conselho, a via de piedade, a ciência, tudo o que é próprio à natureza dotada de razão, tudo o que encanta, dá glória, alegra, identifica a Deus e deifica.

Se tudo o que de bom e belo de que falamos provém de Deus e dele

³⁴⁵ Romanos 11: 36.

apenas quem ama estas coisas belas e boas ama em vão, por estar dividido e separado de Deus, a raiz e a fonte de toda beleza e de todo bem. Pois ao dar as costas tão pouco nobremente àquele que a tudo criou, manteve e fundou tantas boas e belas coisas, ele jamais terá em si mesmo aquilo que por natureza é belo e bom. E o que ele imagina possuir de belo e bom jamais será verdadeiramente belo e bom: tudo não passará de engano e cruel desilusão. É de Deus, e somente de Deus, que poderemos esperar com todo coração, se nos aplicarmos com ardor e nos ligarmos fortemente à sua lei, e apenas a ela. Somente assim, com efeito, descobriremos a glória sem mescla, o prazer inalterado, a inalienável riqueza infinita, e traremos em nós plenamente a série de coisas belas e boas de que falamos, e também, ó milagre, o próprio Deus que habita e caminha com elas³⁴⁶, e desfrutaremos destas coisas que estão além do mundo e que os sentidos exteriores não podem ver nem ouvir. É assim que viveremos com toda simplicidade, em toda solidão, em Jesus Cristo nosso Senhor.

77. Quando o coração que traz em si o Espírito leva humildemente uma vida votada à hesíquia e se deixa animar pela graça, o intelecto alegremente concorde com a verdade de Deus se põe a contemplar um grande número de visões divinas, inicia-se nas coisas inefáveis que estão além do mundo, considera a si mesmo como um novato, como um estrangeiro entre os seres. Ele vive entre delícias, desfruta com clareza em espírito das coisas que ultrapassam a inteligência e que estão além de todo pensamento. Numa palavra, muitas vezes ele vê a Deus de maneira diversa, experimenta os arrebatamentos extáticos que o unem a ele, se lança pelo silêncio e a visão para a

³⁴⁶ Cf. II Coríntios 6: 16.

deificação, na medida em que esta é um estado feliz, e se eleva acima de si mesmo ao receber o *eros*, sob o impulso e o ardor do Espírito que dá a vida e a luz em Jesus Cristo nosso Senhor. Amém.

78. Aquele que, conforme a providência, leva sua vida permanecendo apenas em Deus, e que vê a Deus em espírito claramente caminhar e habitar em si, manifestamente cumpriu com o mandamento divino do Senhor Jesus que disse: “Permaneçam em mim, e eu permanecerei em vocês³⁴⁷”. Este se uniu a Deus, como um estranho no mundo, e com ele morreu maravilhosamente e em toda felicidade, tornando-se assim para o Salvador o operário seguro de todos os mandamentos. Pois aquele que permanece em mim e eu nele, disse o Salvador, traz em si muitos frutos³⁴⁸, ou seja, muitas virtudes. Que ele se apresse, se quiser, no amor divino, pela contemplação, a prece e a vida mais divina, portar as virtudes, habitar e perseverar em Deus tanto quanto possível. Então Deus, vendo o combate sagrado da alma, inclinará os céus, ó milagre, contra toda expectativa. Ele caminhará e permanecerá nesta alma para conceder àquele que o recebe a fruição de toda sorte de coisas boas e belas e a satisfação dos santos mandamentos. Pois foi ele que disse: “Sem mim vocês nada podem³⁴⁹”, pensem vocês fazer o que quiserem.

79. Se, por amor e no interesse de todos não se deve esconder um tesouro, nem a sabedoria, é claro que tampouco se deve guardar no intelecto, sem colocar por escrito, a obra intelectual votada a Deus, a contemplação e a tensão, mas, ao contrário, por amor e no interesse

de todos, devemos transmiti-la por escrito e por sinais visíveis. Pois o homem é um animal dotado de razão, que recebeu o intelecto e a ciência. É por isso que, quando ele pensa em Deus e considera os frutos da fé em si mesmo, ele recolhe o intelecto divino que lhe é próprio e penetra com ciência e coragem no lugar dos santos mandamentos. Mas para chegar até aí, ele tem necessidade da ajuda e do socorro de Deus, ou mais exatamente de sua proteção. Ele reza muito, pedindo com suas lágrimas a compaixão de Deus através dos mandamentos.

Mas quando quer ter compaixão por aquele que ora, como um pai tem compaixão por seu filho, ó milagre, Deus logo espalha sobre ele seu Espírito em seu coração. Ele traz assim maravilhosamente ao estado de amor ardente aquele que o recebeu. E, não é preciso dizê-lo, como pode um pai fazer a seu filho, ele lhe concede toda sua confiança, como uma garantia vivificante, pela efusão e a energia do Espírito, e o cumula de transbordante doçura e bondade. Ele lhe concede a humildade, mas pela união ele de outro modo o eleva para a glória e a honra, e o leva de tal modo ao fogo do *eros* que tudo o que ele vê ao redor de Deus, e do modo como o vê, lhe aparece verdadeiramente como seu próprio ser. Pois, numa palavra, as moradas do Pai, a riqueza, a glória, a força, a beleza, a sabedoria, o poder, o conhecimento total, todas as coisas boas e belas, são naturalmente a glória e o louvor, as delícias, a honra e a felicidade do filho. Assim, quando a alma, nas contemplações naturais, participa do Espírito, ou seja, quando ela contempla a Trindade em Deus, como reporta o grande Basílio, ela é em verdade tomada de um imenso amor, ela vê a Deus verdadeiramente como seu próprio Pai e vê as coisas de Deus como seu próprio ser, conforme dissemos. Basta-lhe simplesmente ver a Deus e nada mais. Sua felicidade é

³⁴⁷ João 15: 4.

³⁴⁸ Cf. João 15: 5.

³⁴⁹ João 15: 5.

imensa, e ela exulta em Jesus Cristo nosso Senhor.

O QUE É O PRAZER NO SENTIDO PRÓPRIO

80. Eu penso que ninguém, quando se vê com conhecimento de causa diante destas coisas que se referem ao que podemos chamar de prazer no sentido próprio, ignora que, na sua ação mais elevada, elas não são condenadas nem pela natureza nem pela razão. Elas enchem o coração de alegria e regozijo, assim que são realizadas. Pois elas estão muito longe daquilo que chamamos e prazer da carne, que é o prazer idólatra e não o prazer em sentido próprio. Quem deseja o prazer puro, o indissolúvel prazer espiritual do intelecto, deve buscá-lo não pecando mas fazendo passar das coisas da terra às coisas do céu aquilo que ele considera seu ser, e depois toda a sua alma. Com efeito, este é o prazer verdadeiro, o imutável prazer do coração que a alma dotada de razão tem em si inato, que permanece eterno, luminoso, que jorra sempre e que ninguém condena, desejável, que conduz à beatitude porque habita com os santos desde a origem dos séculos, silencioso, pacífico, bom, aberto, radioso, sorridente, divinamente sábio, transparente, consolador, cheio de alegria, ativo e tudo o mais. Se você conheceu por experiência este prazer, intelectual e espiritualmente, você concordará com tudo o que escrevemos. Caso contrário, guarde com fé essas palavras.

DO PRAZER DA CARNE

81. Quanto ao prazer que não é do intelecto e do espírito, mas da carne, é incorreto chamá-lo de prazer. Pois, uma vez obtido, ele traz

consigo a amargura e o arrependimento. Com toda evidência, é falso chamá-lo prazer. Ele é alterado, distante da alma racional, ele próprio desprovido de razão, baixo, irresponsável. Ele se delicia nas trevas, perturba, atormenta, passa e murcha depressa. Ele se vai contra sua vontade e envergonhado quando o corpo envelhece. Ele condena a si próprio, torna a vida penosa e difícil, é prisioneiro de si mesmo, cheio de infâmia e não pensando senão na corrupção, ele é desleixado, sem rosto, sem esperança e não se deixa ver. Uma vez obtido, ele cobre de tristeza tenebrosa aquele que se entregou em ato. Se você conheceu este prazer, saiba ao menos que é verdade o que dizemos. E se, graças a Deus, você se guardou, persuadido de que minhas palavras são a expressão da verdade, saiba colher os frutos gloriosos da vida.

82. Eu possuo a irradiação contínua da luz espiritual, a vida mais elevada que o mundo, o alimento e as delícias divinas, a tensão e o desejo, a união e a fruição da Divindade em três Pessoas, eu possuo o amor inefável e maravilhoso que me liga a Jesus Cristo, o Senhor do universo. Mas, ó minha miséria e minha loucura, ó mal de minha irracionalidade, minha inteligência que foi elevada pela graça acima do céu se deixa enganar, inclina-se para o que a faz cair, para as coisas terrestres, para a composteira, enchendo-se de mau odor. Quem não se espantaria com minha infelicidade e não choraria por mim, pedindo em sua piedade a Deus, que ama o homem inefavelmente, para que me conceda um maior poder divino por meio do Espírito vivificante que espalha a luz, para que eu escape mais facilmente ao diabo ardiloso e ao inimigo maligno, para que eu siga em minha vida santa e maravilhosa? Todos os sábios anjos e todas as almas dos justos, rezem por mim a Deus, por mim que vivo na insensibilidade do intelecto e na baixeza.

83. Meu Deus, meu Deus, nada á maior do que você, que não tem limites. Você carrega em si o todo, pois é o Criador do universo. Você está infinitamente acima de tudo, por ser mais alto do que o ser. Senhor, meu Senhor, santa união indizível, sopro inefável concedido aos cristãos de quem você tem piedade, eu lhe dou glória. Como, Mestre, vendo-o eu brilhar em meu coração dia e noite, não fico todo o tempo fora de mim sob o transbordamento da graça? Como posso ser negligente e insensível diante da imensidão de tal dom, Deus todo-poderoso? Oh, quão pecador eu sou!

Se você soubesse quem foi que me consagrou, e por quem e a quem minha vida foi consagrada, em seu arrebatamento você celebraria a obra do Deus mais alto que o ser, rendendo-lhe graças no mais alto grau pelas coisas gloriosas que ele fez em sua bondade, além de toda medida. Porém, se, antes mesmo de declarar seu maravilhamento, você compreendeu o quanto eu estou longe do verdadeiro mistério que existe em Cristo, você conhecerá minha irresponsabilidade, minha pesandez, minha negligência, para não dizer minha insensibilidade e minha manifesta loucura.

Naquele tempo, Jesus disse: “Eu o louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque você escondeu estas coisas aos sábios e aos inteligentes, mas as revelou às crianças. Ouve, Pai, eu o louvo porque você quis assim³⁵⁰”. Ore, peça que nos seja concedido nada experimentar que vá contra o amor pela sabedoria. Tanto nas aflições da vida como nas coisas de Deus, e para nada fazer que seja indigno dos dois. E me perdoe.

CALIXTO TELIKOUES

SOBRE A PRÁTICA HESIQUIASTA

³⁵⁰ *Mateus* 11: 25-26.

Calixto Telikoudes (cujo nome significa “realização”), também chamado de Angelikoudes (o “angélico”), é conhecido por haver vivido durante a segunda metade do século XIV num pequeno mosteiro da Macedônia, talvez sob a autoridade de Gregório o Sinaíta – com certeza, sob a de Nicéforo. Este curto texto sobre a prática hesiquiastas, retirado de seus Trinta Discursos, revela-o como um testemunho de última hora, fiel, embora apagado, aberto ao porvir absoluto, que transmite como nunca o inventário condensado da experiência monástica.

Calixto Telikoudes começa por explicar o duplo movimento que preside a vida do monge: em primeiro lugar, o retiro, que conduz à purificação, por meio do arrependimento, da anacorese e da hesíquia; depois a obra aberta e pacífica, por meio da qual o intelecto, desfrutando “da beleza mais alta que o mundo” se torna “o lugar do amor de Deus”. Enfim, ele sublinha a permanência obrigatória deste duplo movimento. O estado monástico – estado de solidão ofertada à comunhão – implica a um tempo a humildade e a confiança, a ascese da hesíquia (as privações, a salmodia, a leitura, o trabalho manual), alimentando sem descanso e protegendo da acídia isto que Calixto denomina “o outro cume”: a prece do coração. “Que em tudo o que você fizer em nome de Deus, de aurora a aurora, esteja em primeiro lugar a prece”. Calixto lembra então as condições e as modalidades desta oração (o coração manso e humilde e o amor de Cristo, o “paraíso de amor”), de que este texto simples, de pura transparência, que não retira nem acrescenta nada à milenar tradição hesiquiasta, oferece uma última imagem sucinta e clara.

Não é possível arrepender-se sem a hesíquia. Também não é possível alcançar a pureza sem a anacorese. Não podemos ao, mesmo tempo, encontrar e conviver com os homens e sermos julgados dignos de encontrar e de contemplar a Deus. Assim, é aos que desejam se arrepender de suas faltas e se purificar das paixões, que é concedido desfrutar do encontro e da contemplação de Deus. Estes são o fim e o objetivo dos que levam sua vida em Deus, e tais são, se posso dizê-lo, as garantias da herança eterna de Deus, que recém aqueles que, por todos os meios, buscam a hesíquia. Eles são, para seu próprio bem, levados a se retirar para a solidão e a fugir dos homens. Isto é tudo o que lhes pede seu estado de alma.

O começo dessas coisas se dá através do luto e da tristeza, da vergonha e da condenação de si mesmo, assumida através da hesíquia, a fim de alcançar a pureza. Depois vêm as vigílias, as horas passadas em pé em oração, a temperança, as penas corporais, que finalmente conduzem às lágrimas, que correm dos olhos devotados à humildade, na compunção do coração. Assim é que a purificação se aproxima. É por meio destas ações que chegamos a ela, que levamos enfim a paz aos nossos pensamentos, enquanto as lágrimas correm, conforme foi dito.

E é então que o intelecto começa por si próprio a examinar a natureza dos seres, a buscar a arte de Deus, a conceber pensamentos divinos, a contemplar o poder, a sabedoria, a glória, a bondade e os demais atributos de Deus. Ele começa a trabalhar e se aproxima dos segredos da Escritura. Ele prova dos bens espirituais. Ele desfruta da

beleza que está acima do mundo. Ele se torna o lugar do amor de Deus. Ele é arrebatado. Ele se regozija e exulta por se elevar ao cume das virtudes, ao amor do Criador do universo. Daí por diante ele cessa de trazer em si ou de temer o erro: ele pode escorregar eventualmente ou sofrer os impulsos pecadores e as desordens que lhe são impostos por diferentes razões, por que permanece sujeito à mudança. Nestes momentos, ele deve retornar sobre si mesmo e se manter longe do desespero. Ele deve se elevar em direção ao divino que dispensa o amor ao homem, sobre as asas da esperança, deve se entregar às lágrimas, à oração e aos outros bens de que falamos, e, na medida em que lhe for possível, desfrutar das delícias do divino Paraíso do amor; e não ver mais nada, nem imagem, nem volume, nem forma, nada além das lágrimas, da paz dos pensamentos e do amor a Deus. É assim que é possível se guardar de todo erro e adquirir a salvação da alma. Pois então a alma se torna modesta, sóbria e vigilante, e orante em Jesus Cristo nosso Senhor.

Quando você estiver sentado em sua cela, que seu intelecto se confie a Deus com toda humildade. Que ele se mostre humilde, por conta de sua baixeza, de sua vacuidade. Mas que tenha confiança, por causa do amor e da paciência incomensuráveis de Deus pelo homem. Pois é assim que a alma honra a Deus: embora sabendo-se pecadora, ela se confia ao amor que Deus tem pelo homem e se agarra a ele. É por isso que são Paulo ordenou: “Aproximemo-nos com confiança do Trono da graça³⁵¹”. A confiança em Deus é verdadeiramente o fulcro da oração, como que suas asas, como que uma segunda natureza. Mas não se deve pensar que nos confiamos a Deus por sermos bons: afastemos de nós tal disposição. É pelo pensamento do

amor e da paciência de Deus, de seu inefável amor pelo homem, que subimos com sobre asas em direção à esperança divina. Portanto, ore com um coração humilde, oferecendo sua vida com toda confiança, nutrido da boa esperança em Deus, como dissemos, em nosso Senhor Jesus Cristo.

É preciso procurar sempre e atentamente as coisas que acalmam o corpo e que livram o intelecto da perturbação. Ou seja: comer moderadamente, beber pouco, não dormir demais, permanecer acordado tanto quanti possível, ajoelhar-se quando puder, manter-se humilde, vestir-se com simplicidade, falar sobriamente e somente se necessário, dormir no chão duro e outras coisas que submetem o corpo. Também é bom buscar as coisas que despertam o intelecto e que contribuem para nossa ligação com Deus: a leitura refletida das Escrituras e dos Santos que as interpretaram, a salmodia compreendida, o estudo das palavras da Escritura e das maravilhas que podemos contemplar na criação, enfim, a oração que nossa boca pronuncia até que a santa graça do Espírito a faça subir ao coração. A partir daí virá o tempo de uma nova festa, o tempo de uma nova celebração, não mais dita pela boca, mas realizada pelo coração, no Espírito.

Veja agora como buscar essas coisas: ajoelhe-se sempre que puder e permaneça em oração. Quando você sentir a acídia depois de muito orar, dedique um tempo à leitura, e depois retorne à oração. Se a acídia voltar, levante-se, salmodie um pouco e depois volte a rezar. Se ela mais uma vez ressurgir, consagre-se ao estudo como dissemos, e em seguida retorne à oração. Enfim, para impedir toda forma de acídia, santo irmão, você deverá trabalhar um pouco com as mãos, conforme ensinaram os Padres. Que em tudo o que você

³⁵¹ *Hebreus* 4: 16.

fizer em nome de Deus, de aurora a aurora, a prece seja a primeira. Todo o resto só tem como função remediar a acídia que acompanha a oração. Mas quando a piedade de Deus socorre a alma e a graça do Espírito faz jorrar a prece do coração como de uma fonte, então o intelecto já não se consagra mais senão à prece e à contemplação, ele se desliga de tudo e sua única delícia consiste na prece e na contemplação no paraíso do amor de Deus.

A prece tem poder sobre todas as boas obras. É ela que engendra as lágrimas do arrependimento. Não considerando senão a Deus, que é a paz suprema, ela contribui grandemente para a paz do pensamento. É ela que faz nascer em nós o amor a Deus. Somente ela purifica a razão da alma, contemplando a Deus que suscita a purificação dos próprios anjos. Ela guarda puro o desejo que conduz a alma a Deus. Confiando-se a Deus infinita e sobrenaturalmente belo e bom, entretendo-se apenas com ele, ela se liga a ele com todo seu desejo. Enfim, ela acalma de tal maneira o ardor que este cai, invoca e clama por Deus, e leva a alma à humildade prosternando-se diante dele. Pois ninguém que ore e invoque a Deus pode ter um coração orgulhoso e irascível. É por isso que, numa palavra, a santa prece purifica e corrige todas as potências da alma, todas as energias da ação e da reflexão, em especial quando, através de uma vida dedicada à hesíquia e uma conduta como a que mencionamos, a alma se une à contemplação de Deus e ao *eros* divino que a acompanha. Que seu pensamento, voltando-se para seu interior, fixe sua meditação e sua visão no lugar do coração de onde provêm as lágrimas, quando você orar tanto quanto quando respirar o ar, e que lá ele permaneça sempre que possível. Isto constitui um grande auxílio e uma fonte de lágrimas abundantes e contínuas, libertando o intelecto de seu cativeiro, dispensando a paz, suscitando a prece

intelectual e contribuindo, com Deus, à descoberta da prece do coração, pela graça do Espírito vivificante em nosso Senhor Jesus Cristo.

É importante saber. Assim como o contemplativo, aquele que vê o que está oculto e que desfruta disto tem duas naturezas (ele é ao mesmo tempo Deus e homem), da mesma forma como, falando no geral ou em particular, ele tem dois modos (as aflições, seguidas das lágrimas). Aflições e lágrimas diferem muito entre si, mesmo sendo boas as duas, dadas por Deus e portadoras da bem-aventurança divina e da herança por ela concedida. As primeiras têm sua origem no temor a Deus e nos sinais do luto; as outras, no amor divino e no próprio Deus. As primeiras não conduzem diretamente ao regozijo, mas as últimas suscitam uma alegria imensa. As primeiras ocorrem aos noviços, as segundas àqueles que pela graça alcançaram a perfeição.

A hesíquia é feita de cinco obras: a prece (ou seja, a lembrança contínua de Jesus, introduzida no coração por meio da respiração, na ausência de qualquer pensamento) à qual chegamos por meio da mais ampla temperança, a do ventre, do sono e de todos os sentidos, permanecendo humildemente em nossa cela; a salmodia parcial, a leitura dos Evangelhos e dos Padres divinos, de seus capítulos sobre a oração, em especial os do Novo Teólogo, de Hesíquio e de Nicéforo; a meditação sobre o Juízo de Deus, ou a lembrança da morte e daquilo que está implicado nela; algum trabalho manual; depois dobrar-se novamente à oração, por mais obrigado que pareça, até que o intelecto, pela lembrança do Senhor e a descida contínua ao esforço do coração, se habitue a rejeitar por si próprio toda agitação. Tal é a obra dos monges noviços que desejam viver na

hesíquia, e por isso estes monges não devem sair muito de suas celas, mas evitar entreter-se com outros, mesmo vê-los, salvo se absolutamente necessário, e mesmo assim com atenção e prudência, e raramente. Pois estas coisas provocam dispersão não apenas entre os noviços, mas inclusive entre os mais avançados.

A prece se liga à atenção, que deve cortar todo pensamento. Ao dizer “Senhor Jesus Cristo Filho de Deus” o intelecto se volta para o Senhor lembrando-se dele de maneira imaterial e silenciosa. Ao dizer “tenha piedade de mim” ele se volta para si mesmo. O intelecto não pode deixar de pedir por si mesmo. Tendo avançado no amor, ele tende para o próprio Senhor, na união, por experiência; depois do segundo apelo ele recebe a plena certeza. É por isso que os Padres nem sempre nos transmitem aparentemente a oração inteira. Um nos dá a prece inteira, como João Crisóstomo. Outro diz simplesmente “Senhor Jesus”, como Paulo, que acrescentava: “no Espírito Santo³⁵²”. Com efeito, o coração ora quando recebe a energia do Espírito Santo. Isto é próprio dos mais avançados, mas ainda não é o cume, que é a iluminação. João Clímaco disse: “Flagele os adversários com o nome de Jesus. Pois o nome de Jesus está ligado à sua respiração³⁵³”. Ele não acrescenta nada mais.

Mesmo aos noviços é permitido seja dizer todas as palavras da oração, seja não dizer mais do que uma parte em espírito, como mencionamos. Mas não se deve mudar constantemente, para não cair na divisão. É preciso manter-se ligado ao método que descrevemos: o caminho da prece pura. Se os pensamentos e as presunções que impedem a oração não a desviam, aquele que combate alcança um

estado de ser em que consegue orar com toda liberdade, mantendo o intelecto no coração. No momento da inspiração o intelecto não força sua entrada no coração para logo sair: ele aí permanece como se estivesse em casa, e aí ele ora. É a prece do coração, e por isso é assim chamada. Ela é precedida no coração por um certo calor, que expulsa tudo o que poderia impedir a prece pura de se realizar completamente. Assim o intelecto permanece e ora livremente dentro do coração. É no seio deste calor e por meio desta prece que o amor pelo Senhor Jesus – de quem nos lembramos – nasce no coração, de onde correm as doces lágrimas que fazem jorrar em abundância o desejo de Jesus, quando o guardamos na memória.

Mas para que um homem seja considerado digno de todas essas coisas e de outras que as acompanham (das quais não falaremos agora) ele precisa se esforçar, com a lembrança de Jesus, mantendo diante dos olhos o temor a Deus dentro de seu coração e não simplesmente fora, a fim de escapar sem esforço não apenas às más obras, mas aos pensamentos passionais, chegando assim à plena certeza de que Deus o ama. Mas que ele não busque a manifestação de Deus, a fim de não receber aquele que é feito de trevas e se disfarça de luz. Com efeito, quando, sem procurar, seu intelecto encontra uma luz, que não a acolha nem a recuse, mas interogue aquele que tem o poder de lhe ensinar. E que assim aprenda a verdade. Se ele encontrou a quem o ensine, não apenas por ter aprendido nas Escrituras, mas por ter recebido pessoalmente a luz em toda beatitude, graças sejam dadas a Deus. Caso contrário, é melhor não receber a visão, mas recorrer a Deus humildemente, considerando a si próprio como indigno de tal contemplação, como fizeram os Padres e no-lo ensinaram. Em diversos escritos eles falaram dos sinais da iluminação real e da iluminação ilusória. Mas

³⁵² I Coríntios 12: 3.

³⁵³ Cf. *A escada santa* XX, 7 e XVII, 62.

assim como é preciso ter escutado de viva voz todas as coisas que dissemos, também é preciso ouvir estas últimas coisas a seu tempo. E aqui não é o momento.

Ao mesmo tempo que destas coisas e antes de tudo, é preciso agora instruir-se a respeito do seguinte: assim como alguém que quer aprender a atirar com arco não o estira sem ter um alvo, também o que pretende viver na hesíquia deve ter como alvo ser sempre manso de coração. Ele próprio jamais irá se preocupar com nada, nem nada irá preocupá-lo, senão aquilo que diz respeito à piedade. Esta é uma coisa fácil de alcançar se nos separamos de tudo e se nos calamos com mais frequência. E se mesmo então cometermos alguma falta, devemos nos arrepender imediatamente, condenando-nos, e nos colocarmos atentos para invocar antes de tudo a Jesus na hesíquia e com uma consciência pura, conforme já dissemos, para obtermos avançando no caminho sua graça divina que repousa na alma, e não apenas isto, mas ainda termos a alma em repouso longe dos demônios e das paixões que antes a perturbavam, e que ela se regozije com uma alegria inefável. Pois ainda que ela venha a se turbar, os demônios não poderão agir: ela não está mais ligada a eles, nem deseja o prazer que eles oferecem. Todo o desejo do homem que alcançou este estado está voltado para o Senhor que lhe concede sua graça. Assim é que o Senhor já não o abandona, embora permita que ele seja combatido. Por que? Para que seu intelecto não se encha de orgulho com aquilo que encontrou de bom. Ser combatido o mantém constantemente humilde. E somente a humildade não apenas lhe permite vencer os orgulhosos que o combatem, como ainda ser sempre considerado digno dos maiores dons, que também

nós recebemos de Cristo que se rebaixou por nós³⁵⁴ e que dispensa aos humildes sua graça em abundância³⁵⁵, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

³⁵⁴ Cf. *Filipenses* 2: 8.

³⁵⁵ Cf. *Tiago* 4: 6.

EXTRATOS DOS SANTOS PADRES

SOBRE A PRECE E A ATENÇÃO

Estes extratos dos Padres, publicados sem nome de autor, são talvez devidos ao mesmo Calixto Telikoudes. Em todo caso, no corpo da antologia, eles estão na sequência da “prática hesiquiasta”. À primeira vista é a mesma demonstração e a mesma exortação: impossível “voltar o olho livremente para a luz” sem a dupla ascese do corpo e do intelecto. Uma só necessidade: pela temperança, pela vigilância, revestir o homem interior, “viver para Deus”, fazer do corpo a “moradia da alma”, aí “recolher o intelecto” e alcançar assim o “céu do coração onde habita Cristo”. Onde, por meio da prece, uma atenção em todos os instantes: “sempre observar o presente para nele encontrar a beleza”. A inteligência, desembaraçada do sensível, se torna “semelhante a uma safira celeste”. Do despojamento das paixões à visão da luz eterna temos aqui como que uma ilustração do testemunho de Calixto Telikoudes: um breve resumo, fiel e incisivo, da via hesiquiasta.

Sobre a prece e a atenção.

Todo o esforço da ascese deve focar este ponto: quer a altura da alma não seja derrubada pela revolta dos prazeres. Pois como uma alma que se liga ao que está embaixo pelo prazer da carne poderá lançar um olhar livre para a luz inteligível à qual é aparentada? É por isso que, antes de tudo, é preciso ser temperante: a temperança guarda em lugar seguro a castidade. O intelecto que nos guia não deve se deixar absorver por pensamentos impuros. É, assim necessária a vigilância do homem interior, se quisermos que o intelecto não se perca em divagações, mas que se mantenha firme no objetivo da glória de Deus, a fim de escapar ao julgamento do Senhor que disse: “Infelizes de vocês, por que se assemelham a sepulcros caiados, que por fora parecem belos mas que por dentro estão cheios de ossos dos mortos e de todo tipo de impureza. Por fora vocês parecem justos perante os homens, mas por dentro estão cheios de hipocrisia e iniquidade³⁵⁶”.

É por isso que, pelo coração, a palavra e a ação, devemos conduzir um grande e justo combate, a fim de não recebermos em vão a graça de Deus³⁵⁷. Mas, assim como a cera é modelada pela arte do escultor, também nosso homem interior é modelado pelos ensinamentos de nosso Senhor Jesus Cristo. Então podemos realizar com nossas ações a palavra de Paulo, que disse: “Vocês se despojaram do homem velho e de suas obras e se revestiram do homem novo, que se renova no conhecimento, à imagem de seu Criador³⁵⁸”. Ele chama de homem velho a todos os nossos pecados e manchas. Devemos nos

revestir do homem interior, como sinal de vida nova³⁵⁹, até a morte, para que possamos dizer em verdade: “já não sou eu quem vive, mas é Cristo que vive em mim³⁶⁰”.

Portanto, é preciso muita atenção, muita vigilância para não faltar com nenhum dos deveres de que falamos, quando cumprimos os mandamentos. Pois senão não apenas seríamos privados de tamanha recompensa, como ainda tombaríamos sob o golpe de temíveis ameaças. Quando o diabo espalha suas armadilhas e, com grande violência, envia como se fossem flechas incendiárias³⁶¹ os pensamentos que ele secreta de si mesmo contra a alma que vive na hesíquia e na calma, quando ele se abrasa subitamente, quando ele prolonga indefinidamente e torna insolúvel a lembrança daquilo que algum dia foi lançado em nosso espírito, é preciso escapar a estas armadilhas por meio de uma sobriedade e de uma atenção ainda mais intensas, como um atleta que, com a defesa precisa e a velocidade de seu corpo consegue iludir os desígnios de seus adversários. Enfim, por meio da prece e da invocação da aliança do alto, é preciso deter a guerra e desviar as flechas. É o que Paulo nos ensinou quando disse: “Tomem sobre vocês o escudo da fé...”³⁶².

Quando a alma relaxa o rigor e o ardor da reflexão e começa a rememorar ao acaso tudo o que já lhe aconteceu, então o pensamento, longe de qualquer educação ou ciência em relação às coisas das quais ela se lembra, é absorvido por elas e, divagando mais e mais, acaba por cair em pensamentos infames e absurdos. É

³⁵⁶ *Mateus* 23: 27-28.

³⁵⁷ Cf. *II Coríntios* 6: 1.

³⁵⁸ *Colossenses* 3: 9-10.

³⁵⁹ *Romanos* 6: 1.

³⁶⁰ *Gálatas* 2: 20.

³⁶¹ Cf. *Efésios* 6: 16.

³⁶² *Efésios* 6: 16.

preciso corrigir esta negligência e este despedaçamento da alma por meio de uma tensão mais rigorosa e mais vigilante da reflexão, é preciso fazer com que a alma retorne sobre si mesma, e lhe dar sempre o presente para considerar, para que nele ela veja a beleza. Quer esteja numa praça pública, quer participe de uma festa, quer esteja sobre uma montanha, ou no campo, ou no meio de uma multidão, o filósofo justo faz de seu corpo o lugar de sua meditação e permanece seguro em sua alma, ele se mantém fundamentado em si mesmo como em seu mosteiro natural, recolhendo aí seu intelecto e pensando com toda sabedoria naquilo que lhe convém. Pois pode acontecer que aquele que permanece sentado em sua cela, mas que é negligente, deixe seus pensamentos errando por aí, e que o que está na praça pública, mas é sóbrio e vigilante, esteja como que no deserto, voltado para si e apenas para Deus, com os sentidos trancados às perturbações que, por intermédio das coisas sensíveis, assaltam sua alma.

Assim, é preciso que aquele que se aproxima do Corpo e do Sangue de Cristo em sua memória³⁶³, em memória dele que morreu por nós e que ressuscitou³⁶⁴, se purifique de toda mancha da carne e do espírito³⁶⁵, para não comer e beber de sua própria condenação³⁶⁶. E ainda será preciso claramente que ele seja o signo do julgamento. Daquele que morreu por nós e ressuscitou, não apenas purificando-se de todo pecado, mas morrendo para o pecado, para o mundo e para si mesmo, e vivendo apenas para Deus³⁶⁷.

³⁶³ Cf. *Lucas* 22: 19.

³⁶⁴ Cf. *II Coríntios* 5: 15.

³⁶⁵ Cf. *I Coríntios* 11: 29.

³⁶⁶ Cf. *II Coríntios* 7: 11.

³⁶⁷ Cf. *Romanos* 6: 11.

Dentre os maus pensamentos, alguns não chegam a atingir a alma, se nos protegemos. Outros nascem e germinam em nós, quando somos negligentes: se nos prevenimos, eles logo se afogam e desaparecem. Outros enfim, quando perseveramos na negligência, nascem e crescem, nos conduzem às más ações e alteram toda a saúde da nossa alma. A beatitude consiste em não receber nenhum mau pensamento; depois, em rejeitar os pensamentos logo que eles entram e não aceitar que permaneçam em nós daí para frente, a fim de que eles cessem de produzir o mal. Mas ainda que sejamos sempre negligentes, o amor que Deus tem pelo homem pode corrigir esta negligência. Sua inefável bondade pode preparar inúmeros remédios para essas feridas.

Assim é que eu lhe peço, enquanto você viver num corpo, não relaxe seu coração. Com efeito, assim como o cultivador não pode jamais estar certo dos frutos que surgirão no seu campo, por que ele não sabe o que poderá acontecer com este fruto antes que ele o guarde no celeiro, também o homem não pode relaxar seu coração enquanto houver um sopro em suas narinas. E assim como nenhum homem, até seu último suspiro, conhece os sofrimentos pelos quais poderá passar, também o monge, enquanto respirar, não pode relaxar seu coração. Ele deve clamar a Deus continuamente, pedindo seu Reino e sua piedade. Ora, o maligno sabe muito bem que ora a Deus sem cessar poderá realizar grandes coisas. Então, ele se esforça, pelas vias da razão ou da loucura, para desviar o intelecto. E cabe a nós, uma vez que temos consciência disto, nos opormos ao nosso inimigo. Quando permanecemos em oração, quando dobramos os joelhos, não deixemos que entre em nosso coração nenhum pensamento, nem branco, nem preto, nem direito, nem esquerdo, que

tenha sido escrito ou que jamais tenha sido escrito. Não deixemos entrar senão a súplica a Deus, a iluminação, a irradiação solar que vem do céu iluminar a razão.

É preciso ter conduzido um grande combate, ter passado muito tempo em oração, para descobrir a serenidade da reflexão, tal como um novo céu, o céu do coração onde habita Cristo, como disse o Apóstolo: “Não reconhecem vocês que Cristo habita em vocês?³⁶⁸”. Se quisermos atingir este estado da inteligência, guardemo-nos de todo pensamento. Então o intelecto verá a si mesmo semelhante a uma safira celeste. Pois se o intelecto não estiver acima de todos os pensamentos que o ligam às coisas, jamais ele verá em si próprio o lugar de Deus. E jamais ele estará no alto, se não se despojar das paixões que, através dos pensamentos, o ligam às coisas sensíveis. Ele ultrapassará as paixões por meio das virtudes; os pensamentos simples pela contemplação espiritual; e a própria contemplação, quando lhe aparecer a luz.

CALIXTO CATAPHYGIOTES

SOBRE A UNIÃO DIVINA E A VIDA CONTEMPLATIVA

³⁶⁸ II *Coríntios* 13: 5.

Calixto Cataphygiotes

Nosso bem-aventurado Padre Calixto, chamado de Cataphygiotes (talvez do nome de uma igreja da Mãe de Deus, também chamada de Cataphyges, ou seja, o refúgio), não deixou registro nos anais a respeito de quem ele foi, qual era sua pátria ou onde teria ele levado sua vida anacorética. Mas pelo testemunho dos presentes capítulos, ele foi um homem versado no conhecimento das coisas exteriores e das coisas interiores e, sobretudo, capaz de além de todos na altura, na profundidade, no comprimento e na largura inteligíveis das contemplações. O bem-aventurado estava voltado para aquilo que é mais do que o mundo, para o Um oculto, para o Deus Trinitário mais alto que o ser, a ponto de, liberto de uma vez por todas, obteve a visão imediata de Deus, a união imediata, o silêncio do intelecto e o desconhecimento mais que desconhecido, na superabundância da pureza, ao mesmo tempo em que caminhava sobre a terra na verdade, conforme nos foi reportado, como se fosse um anjo ou um deus pela graça.

Alguns, por certos indícios, disseram que este Calixto seria Calixto de Xanthopoulos, o Patriarca de Constantinopla que escreveu outros cem capítulos. Pois a maior parte daqueles, dizem, falam de ação, enquanto estes falam apenas da contemplação e da vida contemplativa. Como ação e contemplação estão unidas uma à outra, o intérprete das duas seria naturalmente a mesma pessoa. Eles afirmam ainda que diversos capítulos daquela centúria lembram os presentes capítulos, pois se referem à intervenção e ao recolhimento do intelecto, à união divina, à energia e à iluminação do coração. Outros dizem que as duas centúrias não se assemelham

devido às diferenças de texturas entre as frases de uma e de outra. Quanto a nós, pensamos que se deve estar de acordo com os primeiros, uma vez que não concordamos com estas diferenças de texturas. Pois é possível, e mesmo fácil, para os sábios, adaptar a escrita das frases aos diferentes temas tratados, exprimindo em termos elementares o que é elementar e em termos sublimes o que é elevado. Mas é verdadeiramente lamentável que nesta centúria na qual, na medida em que podemos conjecturar, os presentes capítulos pedem outros, em especial aqueles que explicam a vida contemplativa – que a meu ver são os mais sublimes e mais completos no que se refere ao sentido, ao sublime das frases, à beleza da língua e ao rigor do raciocínio – sejam os únicos do manuscrito que temos em mãos conservados até aqui.

*

O nome de Calixto Cataphygiotes significa “aquele que se refugia”, que vive na solidão, e designa assim um monge, cuja identidade histórica ignoramos, mas que talvez seja o mesmo que se exprime nos escritos de Calixto o Patriarca. Ou seja, Calixto Cataphygiotes, Calixto o Patriarca e Calixto Xanthopoulos seriam a mesma pessoa? Isto não é impossível, dado que suas obras, escritas todas no final do século XIV, logo antes da desapareição do Império Bizantino, constituem com toda evidência a chave de abóboda do memorial hesiquiasta, sendo que em todas se encontram esparsas expressões e referências que indicam uma mesma tensão em direção à última. Mas nada disto é certo. Cada qual a seu modo, eles lembram Simeão o Novo Teólogo, Denis o Areopagita e anunciam os místicos renanos, enquanto os escritos de Calixto Cataphygiotes são atípicos,

como que saídos de uma história milenar em cujo decurso a continuidade do movimento monástico se identificava com a transmissão eclesial do Evangelho.

Aqui o hesiquiasmo é colocado sobretudo naquilo que ele é: um movimento do intelecto que, diz Calixto, “abandona o criado para buscar sua própria causa” e assim “adquirir a paz, penetrar no infinito e no incriado”, onde se encontra, “acima do mundo, Deus, que é o Um”, não o Um imanente e abstrato dos neoplatônicos, mas o Um transcendente, vivo, que representa a essência e as energias das três Pessoas divinas, como a irradiação do amor criador transmitida aos fiéis para que eles sejam um.

Entrementes, a ascese é rigorosa: o intelecto não pode alcançar a semelhante divina se não parar de se dispersar nas coisas do mundo e se não se encontrar “fora das paixões e da divisão”, em plena liberdade evangélica, a qual, diz Calixto, é “o sinal evidente da adoção divina”. Exige-se do intelecto livre que não volte atrás, que não se detenha no sensível, mas que vá em direção ao inteligível, para aquilo que não pode ser percebido senão pela *noera aisthesis*, o sentido intelectual: o Reino de Deus no coração do mundo.

A mensagem filocalica é aqui conduzida à sua ponta mais aguda. Dos três componentes platônicos da alma – o desejo, o ardor e a razão – somente a razão encontra a graça e faz corpo com o intelecto “retornado”, ele próprio conduzido à unidade e à simplicidade originais. Este intelecto em estado puro não pode senão amar a beleza de Deus. Ele está votado ao “eros divino”, ele se torna “filocalico”, diz Calixto. A perspectiva é perfeitamente cristã, mas o amor está de tal forma voltado para a beleza de Deus, o magnetismo

desta é tão forte, que o discurso é como que absorvido pelo ponto de fuga (a visão beatífica) e se anula nele. A partir daí, resta a chave não mencionada: Cristo ressuscitado, o corpo glorioso.

Retomando as palavras do Eclesiastes, Calixto afirma que o monge contemplativo é de algum modo dividido entre o tempo de se calar, que é o arrebatamento do intelecto, e o tempo de falar, que é o combate espiritual e a transmissão da experiência. Mas a conclusão é imperativa: “reencontrar o estado de infância”, para alcançar a condição extrema, a contemplação silenciosa do Um oculto, “que a natureza, o espaço e o tempo não podem conter”. Este último grande texto da mensagem filocalica – certamente um dos mais belos e difíceis – permanece sendo sempre uma apologia do êxtase e do silêncio.

SOBRE A UNIÃO DIVINA E A VIDA CONTEMPLATIVA

1. Tudo o que vive está naturalmente submetido à energia que o domina, e recebe desta o repouso e o prazer que a acompanham. Assim se é cumulado de alegria, consagrando-se a isto de todo seu coração. Assim o homem, uma vez que possui um intelecto e que compreende naturalmente a vida, se alegra plenamente e recebe sua parte em repouso quando concebe as coisas mais elevadas e aquelas que lhe dizem respeito, boas ou belas, segundo o nome que se quiser dar a elas. É isto que lhe acontece em verdade, quando conserva a Deus em seu intelecto e considera as virtudes Daquele que está verdadeiramente acima de tudo, que é inteligível além de toda inteligência, que além de toda inteligência ama o homem até o fim, e que além de toda inteligência prepara aos que vão a ele uma herança de bondade e beleza. E esta herança é eterna.

2. Todo nascimento concede ao nascido uma semelhança com aquele que o engendrou. O Senhor disse: “O que nasce da carne é carne, e o que nasce do Espírito é Espírito³⁶⁹”. Portanto, se o que nasce do Espírito é Espírito, isto quer dizer que ele será Deus, segundo o Espírito que o engendrou, uma vez que é Deus o Espírito do qual nasceu pela graça aquele que tem parte no Espírito. Mas se este homem é Deus, ele será manifesta e naturalmente contemplativo. Com efeito, é por “contemplar” (*theorien*) que Deus é chamado de “Deus” (*Theos*). Assim, aquele que não contempla, não contempla por que o nascimento espiritual ainda não lhe foi concedido e ele ainda não recebeu o Espírito, ou por que, tendo-o recebido, perdeu

por ignorância seu poder de contemplar e em sua inexperiência se desviou dos raios inteligíveis de Deus que envolvem o Sol inteligível da justiça³⁷⁰. Ele teve sua parte no poder contemplativo, mas permaneceu infelizmente privado desta energia, ainda que tenha até se votado para a santidade.

3. Todos os seres receberam Daquele que os criou pela palavra seu próprio movimento e sua própria natureza. O mesmo acontece com o intelecto. Mas o movimento do intelecto é a eternidade, e esta não possui fim nem limite. Será, portanto, ao encontro de sua própria condição e de sua própria natureza que o intelecto poderá ser detido ou limitado em seu movimento. Esta será a sua lei, se ele se mover em meio às coisas finitas e limitadas. Pois não é possível que as coisas sejam finitas e limitadas e que ao mesmo tempo o movimento do intelecto que as percorre ou as envolve vá até o infinito. O movimento eterno do intelecto tem necessidade de um ser que seja sem fim e sem limite, para o qual ele se encaminhe sempre e sempre, por que isto está em conformidade com a sua razão e lhe é natural. Mas nada é verdadeiramente sem limite senão Deus, que é um por natureza e em seu próprio ser. O intelecto deve assim voltar-se, mirar e se pôr em movimento em direção a Deus, para a unidade propriamente infinita. De fato, esta é a sua natureza.

4. Aquilo que contemplamos e que envolve a Deus não tem fim nem limite. No entanto, o intelecto que busca a Deus de quem vêm estas coisas não pode desfrutar delas plenamente. Pois cada ser recebe naturalmente sua alegria daquilo que lhe é semelhante. Ora, o intelecto é um por natureza, ainda que sejam múltiplos seus

³⁶⁹ João 3: 6./

³⁷⁰ Cf. *Malaquias* 3: 20.

pensamentos, desde que ele esteja voltado para Deus e num movimento em sua direção, em direção a Deus, cuja natureza é uma e cuja energia é múltipla. E é impossível ao intelecto usufruir disto plenamente antes que alcance o Um naturalmente sem limites, como que passando através do múltiplo. O intelecto não pode usufruir de modo natural e pleno senão apenas de Deus. Cada ser encontra sua maior alegria em sua própria natureza. Assim, a natureza própria do intelecto consiste em se mover para, em votar-se para, em regozijar-se plenamente apenas no Deus simples e infinitamente uno.

5. Todo movimento de uma criatura, qualquer que seja ela, todo movimento do próprio intelecto, tende para a detenção e a calma, a imobilidade, a paz. O fim da criatura é forçosamente o repouso. Mas o intelecto, que é uma dentre as criaturas, não pode, por seu próprio movimento, participar da detenção e da calma em meio ao criado. Com efeito, se o criado está destinado a terminar – uma vez que teve um começo – é claro que o movimento eterno do intelecto deverá abandoná-lo para buscar sua própria causa. Assim, na medida em que permanecer encerrado nas coisas finitas e limitadas, o intelecto não poderá conhecer a paz, nem descobrirá sua própria finalidade, nem terá em si o movimento de que falamos. Aqui estamos longe de sua natureza própria, que é manifestamente o movimento eterno. E não é possível que o intelecto encontre a paz e se detenha, se ele permanecer entre as criaturas. Onde então poderá o intelecto assumir aquilo que lhe é próprio, vale dizer, deter por si só seu movimento e obter assim a calma, estar em paz e receber com toda certeza a sensação de repouso, se não penetrar no infinito e no incriado, onde se encontra essencialmente e acima do mundo, o Deus que é a própria unidade? É preciso, portanto, que, por meio do movimento, o intelecto alcance esta unidade e este infinito, descobrindo

naturalmente no repouso intelectual a calma que é característica de sua natureza. De fato, esta é a detenção suscitada pelo Espírito, o repouso apátrida, o termo infinito de todas as coisas. No coração desta unidade, o movimento permanece em toda a inteligência que descobriu aquilo que não possui nem fronteira nem limites, o que não tem fim, o que não possui figura nem forma, o que é absolutamente simples, que é o Um de que falamos, ou seja, Deus.

6. Se Deus, segundo Davi, fez de seus anjos espíritos³⁷¹, e se dos homens gerados pelo Espírito ele os torna espíritos³⁷², como disse o Senhor, o homem assim nascido se torna anjo por sua clara participação no Espírito de Deus. Mas a obra dos anjos consiste em contemplar sempre a face de nosso Pai que está nos céus³⁷³, conforme também disse o Senhor. Então é preciso que aquele que possui claramente o Espírito Santo esteja, como é natural, voltado para a contemplação da face de Deus. É o que ensina Davi quando diz: “Busquem o Senhor e sua força. Busquem sempre a sua face³⁷⁴”. Portanto, quem participa do Espírito vivificante, que concede a luz e executa a obra do amor, quem atingiu a experiência do nascimento inefável que provém do Espírito, quem se elevou até o estado angélico e que depois, por causa de uma piedade presunçosa, impede em si mesmo que o sentido espiritual perceba a Deus e recusa voltar-se para Deus e para o que é divino, este não guarda aquilo que deveria se tornar natural nele. Pois o Salvador manda que permaneçamos nele, para que ele permaneça em nós³⁷⁵. E Davi

³⁷¹ Cf. *Salmo* 103 (104): 4.

³⁷² Cf. *João* 3: 6.

³⁷³ Cf. *Mateus* 18: 10.

³⁷⁴ *Salmo* 104 (105): 4.

³⁷⁵ Cf. *João* 15: 4.

disse: “Vão ao seu encontro e irradiarão a luz³⁷⁶”. Na verdade, se fizermos o que devemos fazer e insistirmos até o final, veremos na luz a Deus o Pai, vale dizer, o Espírito Santo, a luz que está ao redor de Deus, ou seja, a verdade divina. Caso contrário, estaremos escolhendo, em nossa própria ignorância, não retornarmos para os raios divinos.

7. O intelecto se eleva por três caminhos à contemplação de Deus: por seu próprio movimento, por um movimento exterior e por um movimento que é a um tempo seu e estranho a si. O caminho do movimento próprio pertence unicamente à natureza do intelecto. Ele apela para a vontade deste, passa pela imaginação e se realiza na contemplação das coisas que cercam a Deus. De certa forma, é o que fizeram os Gregos. O segundo caminho é sobrenatural: ele se abre apenas pela vontade e a iluminação de Deus. Assim, ele está inteiramente sob o comando de Deus, ele é arrebatado nas revelações divinas, ele prova dos mistérios inefáveis, ele vê a realização das coisas por vir. O caminho médio compartilha dos dois caminhos. Como ele trabalha pela vontade e a imaginação, ele está em acordo com o movimento próprio do intelecto. Mas ele comunga do movimento exterior ao intelecto, uma vez que se une a ele sob a iluminação divina e vê a Deus inefavelmente, para além de sua própria união intelectual. Ele está assim fora de tudo o que podemos ver e dizer das coisas que cercam a Deus. Ele não vê nem a bondade original, nem a deificação, nem, a sabedoria ou o poder criativo, a providência ou qualquer das outras coisas divinas. Mas ele está repleto, no mais alto grau, da luz intelectual misturada à alegria que é suscitada pelo amor do fogo divino.

³⁷⁶ Salmo 33 (34): 6.

8. O intelecto que se serve de sua própria imaginação para contemplar o invisível é conduzido pela fé. Quando a graça o ilumina, ele se vê confirmado pela esperança. Mas quando ele é arrebatado pela luz divina, ele se torna um tesouro de amor pelos homens, e mais ainda de amor a Deus. Assim, a ordem tripla do intelecto, seu movimento na fé, na esperança e no amor, é perfeito e deificante, seguro e firme. Uma vez atingido este vasto lugar na acrópole, o intelecto se encontra seguro na cidadela do amor. É o que disse Paulo: “O amor cobre tudo, suporta tudo³⁷⁷”, pela graça da fé e da esperança. “O amor, disse ainda ele, não tomba jamais³⁷⁸”, por sua ardente união com Deus e sua inefável conjunção.

10. A mentira é dividida, mas a verdade é uma. Portanto, o intelecto que, no Espírito, volta-se para o Um, para o que está além do mundo, para o que está acima de tudo, para o que é a origem do múltiplo, volta-se para a própria verdade. Uma vez que o intelecto não pode se livrar das paixões senão for liberto pela verdade³⁷⁹, ele precisará, para tanto, se voltar e se dirigir unicamente para o Um que está acima do mundo. A liberdade conduz o intelecto ao mais alto ponto, à impassibilidade, à semelhança divina e à filiação espiritual. Mas jamais à servidão. Pois foi dito que o escravo não sabe o que seu mestre faz³⁸⁰: a ignorância é própria do escravo. Mas é claro que aquele que participa da liberdade conhece os mistérios do Pai. Foi-lhe concedido elevar-se contra tudo e contra todos até alcançar o que é belo e bom, a dignidade da adoção. Com efeito, assim como a

³⁷⁷ I Coríntios 13: 7.

³⁷⁸ I Coríntios 13: 8.

³⁷⁹ Cf. João 8: 32.

³⁸⁰ Cf. João 15: 15.

ignorância é o contrário do conhecimento, também o status do escravo é oposto ao status filial. Portanto, se quem não sabe é escravo, quem sabe não é escravo, mas livre: a bem dizer, ele é filho. Pois o Espírito de verdade liberta. Ele próprio torna filhos de Deus aqueles em quem penetra. De fato, foi dito: “Os que são conduzidos pelo Espírito de Deus, estes são os filhos de Deus³⁸¹”. Portanto, se dirigir-se ao Deus que está acima do ser é próprio da própria verdade, a verdade concede a liberdade ao intelecto, e a liberdade é o sinal evidente da filiação divina. Nada é maior do que este dom da adoção. E nada convém mais à natureza dotada de razão. Esta é uma coisa mais do que necessária, e é preciso muito refletir sobre ela: que o intelecto conduzido pelo Espírito se volte, para contemplá-lo e nele se recolher, tanto quanto lhe for possível, para o Um que está acima do mundo, ou seja, para Deus.

11. O Espírito Santo diz: “O Senhor seu Deus, o Senhor é um³⁸²”. É assim que é ordenado ao intelecto elevar-se pela divindade do Espírito em direção ao Um que está acima do mundo. Portanto, não é permitido pregar o Um e ao mesmo tempo negar o retorno e a contemplação do intelecto. Pois o desejo do intelecto é de entender o que diz o Espírito Santo, e ele deve se voltar para aquilo que compreende. E de fato, quando falha o retorno do intelecto para o inteligível, aí falha igualmente a compreensão dele. E falharão necessariamente a predicação do Um conforme mencionamos, e também a fé suscitada por esta predicação. Se isto é absurdo, absurdo é que a inteligência que regresse e se volte para o Um não o compreenda.

³⁸¹ Romanos 8: 14.

³⁸² Deuteronômio 6: 4.

12. A natureza conduz os seres nascidos de uma causa, em especial os seres racionais, a se voltar e buscar por sua causa, regressando sobre si mesmos. A causa de tudo é Deus, de quem provém também o intelecto. Ora, Deus é o Um supremo, o Um absoluto. Portanto, a natureza conduz o intelecto a se voltar e buscar o Um supremo e absoluto, desde que se coloque de regresso à sua causa.

13. Se tudo provém dele, existe por ele e para ele³⁸³, e se o intelecto é a unidade do todo, o intelecto provém dele e existe por ele. Mais precisamente, ele provém de Deus e existe por ele, por que se assemelha a ele. Assim ele deve em primeiro lugar voltar-se para ele. E quando dizemos para ele, isto significa que, regressando sobre si mesmo, ele deverá contemplar a manifestação do Um que está acima do mundo. É assim que o intelecto deve contemplar o Um.

14. O múltiplo provém do Um, mas não o contrário. Ora, se a criação é múltipla, claramente ela procede do Um. E o Um, que é o Criador e Ordenador, está acima da criação. A contemplação daquele que observa a criação como se deve se realizará necessariamente voltando-se para o Um acima do mundo. Pois as criaturas trazem em si numerosos ecos do Criador, por meio dos quais conhecemos Aquele que criou tudo com sua providência e ao seu bel prazer, com arte e sabedoria, poder e bondade. É por isso que Isaías disse no Espírito: “Ergam os olhos e vejam quem lhes mostrou todas essas coisas³⁸⁴”. Ele disse “todas essas coisas” por causa das numerosas criaturas, e “quem” elevando sua inteligência em direção Daquela de quem estas coisas provêm, o Um absoluto por natureza.

³⁸³ Cf. Romanos 11: 36.

³⁸⁴ Isaías 48: 26.

15. A criatura se encontra reunida na unidade, mas numa unidade composta, múltipla. Ela também não é sem começo, por que ela foi criada. O Um criador, ele não é um apenas por estabelecer harmonicamente as coisas múltiplas e diferentes com apenas um sopro que a tudo abarcou com o intuito de criar. Ele é ainda incriado, como causa anterior à fundação do mundo. É assim necessário que o intelecto que emerge a partir do Criador alcance a Unidade original, que fundamenta e comanda a ordem visível dos seres, sua gênese, sua harmonia e sua respiração comum no Um. Caso contrário, ele se dirigiria ao infinito, o que é absurdo. Pois todas as coisas que se movem e que nasceram nem sempre existiram: houve um tempo em que elas não haviam. Elas não existiam, e começaram a existir. E se começaram, é porque foram postas em movimento. É preciso buscar aquilo que lhes concedeu o movimento e as conduziu ao nascimento. Ora, o que incita o movimento não pode ser senão imóvel. Caso contrário, qual seria a causa do movimento, algo que não estivesse sujeito a nenhuma outra origem, por ser ela mesma sem origem? Ora, se ela é imóvel, é também imutável. E se ela é assim, ela tem que ser simples, a fim de que o ser composto não possa alterar aquilo que a nós aparece como imutável. Pois é a mistura dos elementos que implica a detenção. E o fim do movimento implica a dissolução. Portanto, na causa não pode existir nenhuma mistura de elementos, para que aí não haja detença, e para que, não havendo detença, não haja dissolução. Não havendo dissolução, não haverá tampouco mudança nem movimento no imutável e imóvel, que concede o movimento mas não o recebe, e que conduz ao nascimento mas não é ele próprio nascido nem submetido ao devir. Portanto, se a causa é imutável e imóvel, ela está necessariamente fora de toda mistura, e por isso ela é completamente simples, o Um absoluto que está acima do mundo. O intelecto que assim se volta para o Um se coloca de

todas as maneiras fora de tudo, pelo olhar que ele dirige para aquilo que é mais do que belo, e pelo impulso que o empurra para junto do que está acima de tudo, ou melhor, para perto do lugar de onde provém tudo, e para o qual tendem naturalmente todas as coisas. Se esta tensão em direção ao Um se faz corretamente, o intelecto se coloca fora das paixões: desenvolvendo-se e se estabelecendo acima até do que há de mais belo, ele permanecerá em repouso, e sentirá vergonha das paixões. Por isso você não deverá adorar senão a ele³⁸⁵, ou seja, ao Um, diz a Lei santa. Devemos, então, nos voltarmos para o Um supremo, se quisermos cumprir a Lei de Deus e nos colocarmos acima das paixões.

16. Foi dito que só o Senhor os conduziu, e que entre eles não haviam deuses estrangeiros³⁸⁶. Vê você aqui o poder do Um e do Único? Vê que não havia com eles nenhum deus estrangeiro, por que só o Senhor os conduzia? Ora, o Senhor conduz os que o seguem, não os que o rejeitam. E quem segue, se volta para aquele a quem segue. Então, se não quisermos ter conosco deuses estrangeiros, demônios ou paixões, sigamos o Um e Único através do regresso do intelecto, para que de nós também seja dito com razão: somente o Senhor os conduz, com eles não há deuses estrangeiros.

17. Se o múltiplo provém do Um, dele provém por diferentes vias. Pois o modo pelo qual os seres provém da Unidade primeira não é o mesmo para todos. Dentre eles, uns têm um começo e são criados, enquanto outros são incriado e escapam ao modo de origem temporal. Para todos, de qualquer maneira, a causa é o Um mais alto que o ser. Agora, uns estão ligados à causa por serem criados,

³⁸⁵ *Deuteronômio* 6: 13.

³⁸⁶ Cf. *Deuteronômio* 32: 12.

enquanto outros estão ligados naturalmente. E não podemos nos aproximar deles, de uns como de outros, nem nos ligarmos a eles da mesma maneira. Dos seres que estão submetidos a um começo e à criação é preciso se aproximar passando por um outro ser e não pelo que eles são em si mesmos; é como quando nos aproximamos de um espelho através daquilo que está figurado ou revelado nele. Com efeito, a criação não é capaz de aproximar do melhor senão pela revelação do Um absoluto nela. Mas quando nos voltamos para os seres que não têm começo e que estão naturalmente ligados à causa, nos dirigimos a eles sem passar por outro ser. E passamos por eles para descobrir a Origem, pois eles dela se aproximam em verdade por si próprios. E o Um supremo habita neles de maneira imediata e natural. Na verdade, eles fazem corpo com o Um supremo e absoluto, direta e naturalmente, como dissemos. E devemos não apenas nos aproximar deles como nos ligarmos a eles e nos esforçarmos por receber a marca divina, imitando por intermédio deles a beleza primeira, a única beleza, a fim de alcançar assim a sinergia e o socorro da graça, a dignidade da glória de Deus, à sua imagem e semelhança³⁸⁷. Portanto, através dos seres que têm sua causa na criação, se bem os observar e considerar, o intelecto se elevará pela contemplação em direção à visão do Um, e se unirá pura e simplesmente à concepção única do Um mais alto do que o mundo. Mas através dos seres que são naturalmente ligados à causa também é possível ao intelecto, animado por esta causa e identificando-se com estes seres, consiga se unir ao próprio Um. Portanto, a partir de todos estes seres nascido de uma causa, naturalmente ligados a ela ou criados, o intelecto pode se recolher normalmente na Origem única e absoluta, seja pela natureza, pela ação ou a contemplação.

³⁸⁷ Cf. *Gênesis* 1: 26.

Porém, se o intelecto que se consagra ao Um – ou às numerosas criaturas, ou aos seres naturalmente primeiros – não o faz para alcançar o Um, nem para se voltar para o Um original e envolvente para compreendê-lo por inteiro, simples e unicamente, na santa comunhão e no impulso do Espírito que ilumina, isto lhe será imputado como pecado, mesmo que esta consagração lhe pareça um bem. O que provém do Um conduz ao Um aqueles que se consagram como devido. Ao se desenvolver, toda manifestação da luz gerada pelo Pai e que vem habitar em nós por um puro dom de sua bondade, diz o grande Denis, nos cumula uma vez mais, com efeito, por sua tensão como um poder unificante, e retorna à unidade do Pai que nos reúne e também à simplicidade deificante. Pois tudo provém dele e a ele retorna³⁸⁸. Mas se o intelecto não se eleva para este objetivo, ele fracassa e seu exercício se desvia do caminho natural.

18. Existe uma ação que precede a contemplação, e uma ação que se segue à vida contemplativa. Uma é realizada pelo corpo. Nos que refrearam os impulsos do corpo e se prepararam para ser conduzidos pouco a pouco à boa ordem, ela concede à inteligência que avance livremente naquilo que lhe é próprio, ou seja, para dentro do próprio intelecto, para aí trabalhar para seu benefício. A segunda, que parte do próprio intelecto e da compreensão em espírito, se recolhe no que existe de mais alto que a inteligência, ou seja, Deus. Uma vez que se aproxime de Deus, o intelecto se dirige para o Um, pois Deus é o Um. Ele se une assim a si próprio em vista do Um e se torna indivisível. Pois o Um suscita a unidade e se deixa contemplar pela simplicidade semelhante a Deus. Que o intelecto contemple o Um mas não possua em si próprio a simplicidade no Um, estas são coisas

³⁸⁸ Cf. *Romanos* 11: 36.

impossíveis de conciliar. Ele se divide e se diversifica por que vê as coisas divididas e compostas. Já o Um absoluto é aquele que é simples por si só. Aquilo que o intelecto vê está sujeito a alterações em sua energia, embora ele próprio permaneça simples; assim, é preciso que ele seja igualmente o Um em sua energia quando vê o Um. Ora, se ele vê o Um mas ainda está dividido em dois, o que pode fazer por si própria a parte separada daquela que vê o Um? De fato, ou bem ela verá outra coisa, ou bem não verá nada, e isto por duas razões: ou por que não quer, ou por que está embotada por outra força de ação que não a visão. Se supusermos que ela vê outra coisa, temos que considerar então que o intelecto não está vendo o Um absoluto, mas duas coisas, o que é contrário à razão. Por que, vendo duas coisas, ele não pode ser o Um, mas permanece dividido naquilo que contempla, como demonstramos. E se ele não vê, é impossível que seja por não querer ver, pois o intelecto dotado de razão não pode sofrer, por pouco que seja, de inação, nem ser reduzido assim à insignificância. Tampouco ele pode ser parte agudo e parte embotado, ou coisa assim, pois então ele será feito de partes dessemelhantes e será, portanto, composto e não simples. Ora, é o que aconteceria se, por um lado, ele visse e, por outro, se consagrasse a qualquer outra forma de energia: ele seria feito de uma mistura de elementos e não poderíamos dizer que a inteligência é simples. É por isso que a unidade e a simplicidade do intelecto, uma vez que ele considera o Um absoluto, se identifica ao Um pela energia. E se ela for pura e simplesmente o Um, ela contemplará o Um absoluto. Portanto, toda ação, ou toda contemplação, deve se voltar necessariamente para o Um que ultrapassa a inteligência. Senão o intelecto não chegará a lugar algum, e tudo o que fizer ou contemplar terá sido em vão. Pois, submetido à divisão ele provocará paixões, por não ser conduzido por nenhuma percepção da

alma em direção à sua união com o Um que de maneira única ultrapassa o entendimento. Com efeito, esta união é capaz de iluminar e purificar a contemplação do intelecto, quando esta contemplação se eleva e se volta para o Um, cheia de amor em relação Àquele de quem, por quem e em quem todas as coisas têm seu ser³⁸⁹, e em vista de quem elas se vieram a ser, existem e permanecem.

19. A união entre Deus e a alma, esta união que ultrapassa a inteligência, é o cume de todos os desejos. Mas para chegar à união divina, é preciso primeiro assemelhar-se a Deus. E para atingir a semelhança divina, é preciso agir segundo o intelecto, ou seja, é preciso contemplar. Uma tal contemplação é da ordem do divino: por isso lhe damos o nome de Deus. Com efeito, a contemplação se eleva diretamente para o pensamento de Deus. Pois de todas as partes e em todas as coisas Deus envia como que raios ao intelecto contemplativo. O intelecto que contempla tem a Deus diante de si. Ora, Deus é o Um que está acima do mundo. E a natureza do intelecto pode, em sua energia, se tornar semelhante àquilo que ele vê. É o que afirma o Teólogo, o divino Gregório, quando diz que viu e experimentou o esplendor de Deus. Pois o que o intelecto vê ele também experimenta, ou ainda, ele se torna como ele. O intelecto, diz ainda Pedro Damasceno, toma a cor daquilo que contempla³⁹⁰. Assim como, observando as coisas divididas ele se diversifica e se divide no múltiplo, também quando ele se eleva na contemplação do Um absoluto mais alto que o mundo ele se torna Um, como eu disse antes. E quando ele penetra no Um, ele vê aquilo que não tem começo nem fim, o que é simples e sem forma. Pois assim é o Um. É

³⁸⁹ Cf. *Romanos* 11: 36.

³⁹⁰ Cf. Pedro Damasceno, *Livro II*, Discurso 9.

por isso que o intelecto, quanto à sua energia, é restabelecido no seu estado original, sem começo nem fim, simples e sem forma. Ao experimentar isto, ao se ver assim transformado, ele se encontra na semelhança do divino, na medida em que isto é possível. Daí para diante ele se lança para o cume de todos os desejos: a união divina e inefável que o ultrapassa. O objetivo supremo, o objetivo divino. Por isso o intelecto deve se esforçar por todos os meios e voltar-se e mirar no Espírito para atingir a contemplação e a consideração do Um que está acima do mundo.

20. Quando o intelecto se dispersa no múltiplo, ainda que apenas na dualidade, é claro que ele não contempla o Um absoluto. Ele então está limitado, encerrado, obscuro. Esta é, com efeito, a parte daquilo que não é absolutamente simples. Mas quando ele entra em contato intangível com o Um verdadeiro, através da contemplação intelectual no Espírito, ele se volta para ele com os olhos fechados e se torna sem começo nem fim, sem limites, forma ou figura, e se reveste de silêncio calando-se num arrebatamento, enchendo-se de delícias e saboreando o inefável. Mas não se diga que ele se tornou sem começo, sem fim e sem limites em sua essência, por que isto se dá em sua energia: a transformação do intelecto não é própria da sua essência, mas de sua energia. Pois se ele se transformasse segundo a essência, vendo e experimentando a deificação, ou seja, tornando-se deificado ao contemplar a Deus, o intelecto seria Deus em sua essência. Isto ele não é, assim como não o são os anjos tampouco. Apenas Deus, em seu absoluto e sua unidade, é Deus em essência. Assim, se a afirmação de que a deificação do intelecto em essência é absurda, resta dizer que ele experimenta a deificação pelo fato de ver. Pois ele não possui uma natureza que o permita mudar em sua essência, mas ele muda segundo sua energia. De resto, se o intelecto

se transforma naturalmente, como dissemos, conforme aquilo que ele contempla, ele não contempla a essência divina, mas a energia. Então, ele próprio não se transformará segundo a essência, mas segundo a energia.

21. Todas as coisas, depois de brotar luminosamente do Um que está acima do mundo, não se afastam do lugar onde tiveram sua gênese, mas permanecem aí contidas e se realizam tal como nasceram. Não existe nada no universo que não testemunhe a irradiação e como que do perfume deste Um criador, deste Um verdadeiro. As coisas que participam do ser não podem deixar de expressá-lo desde que ele se revele, não como o Um acima do mundo (por que este está fundamentado acima de toda contemplação e de toda intelecção), mas como um raio do Um mais alto do que o mundo. Assim, desde que o Um é expressado por todas as coisas e que todas as coisas tendem para o Um, e que o Um acima do mundo se revela por si só ao intelecto através de todos os seres, é necessário que o intelecto seja conduzido, levado e guiado em direção ao Um acima do mundo. Seja por ser forçado a ir pela persuasão de tantos seres, seja por que o Um criador – já falamos disto – na superabundância de sua bondade quer ser contemplado pelo intelecto, a fim de que este, nesta contemplação, experimente a vida, como já o disse o Um eterno: “Eu sou a vida³⁹¹”. E: “A vida eterna consiste em conhecê-lo, o único e verdadeiro Deus³⁹²”. E em outra parte: “Busque ao Senhor e sua alma viverá³⁹³”. Pois da busca vem a visão e da visão vem a vida, a fim de que a inteligência exulte, se ilumine e se regozije, como disse Davi: “Em você está a morada de todos os que se

³⁹¹ João 11: 25.

³⁹² João 17: 3.

³⁹³ Salmo 68 (69): 33.

regozijam³⁹⁴”. E: “Na sua luz vemos a luz³⁹⁵”. Senão, como teria ele criado a inteligência contemplativa, como teria semeado em todos os seres aquilo que a ele pertence e por meio do qual, como que através de uma janela, revelando-se ao intelecto em seu flamejamento intelectual, ele o chama para si, pleno de luz?

22. Tudo o que fez o Deus bom, o Deus único em três Pessoas, ele o fez por sua vontade. E o que Deus quer é profundamente bom, pois a bondade é a sua natureza. Assim, ele criou a inteligência para que o contemple, ou contemple aquilo que dele provém. E ele é capaz de reunir esta inteligência quando ela contempla o Um. Então, é a vontade de Deus que a inteligência contempla – e isto é bom, profundamente bom. Ora, Deus é propriamente o Um absoluto. Assim, tender para o Um e se recolher simplesmente nele é profundamente bom, como demonstramos.

23. Se o *eros* absoluto é um em seu recolhimento, como afirmam os sábios de Deus, o ser amado será também um. Pois se os seres amados fossem dois (no mínimo), ou bem haveria dois *eros*, ou bem o *eros* único seria dividido, e não se poderia dizer que ele é um em seu recolhimento. Mas se afirmamos que na realidade o *eros* absoluto é um em seu recolhimento, daí decorre que o ser amado será igualmente um. Mas o ser amado existe antes do amor que lhe é dedicado, e não é possível que haja amor antes de que o tenha recebido o ser amado. O *eros* é o amor dirigido que a lei natural e a lei escrita de Deus exigem que tenhamos por Deus. A primeira, ao persuadir profundamente a inteligência filocalica, a faz conceber o melhor, que é Deus. A segunda diz: “Você amará o Senhor seu Deus

com toda sua alma, todo seu coração, todo seu pensamento. O Senhor seu Deus, o Senhor é um³⁹⁶”. Um é portanto o ser amado: é a unidade das três Pessoas, que existe antes do amor que o intelecto lhe dedica. É preciso, assim, que o intelecto deseje se dirigir para o Um mais alto do que o mundo. Pois assim, por sua descoberta e sua contemplação, o *eros* brilhará ao redor do Um e o homem terá o poder de realizar a lei e os mandamentos, amando, como foi dito, ao Senhor seu Deus.

24. Uma vez tendo se elevado até o Um que ultrapassa todo entendimento, é impossível que o intelecto não seja amado por ele. Pois a beleza inefável e incompreensível que provém dele nos é dada como uma raiz que fundamenta o universo. O intelecto se encontra diante dos esplendores divinos como a rede que está prestes a se romper sob o peso dos inumeráveis peixes que ele descobriu e atraiu³⁹⁷, e está arrebatado na contemplação da beleza que o ultrapassa. Ele se embriaga como de vinho. Fica fora de si, como um louco. Prova do maravilhamento que ultrapassa todo pensamento. E já não consegue suportar a visão mais do que bela da incomensurável beleza. Ele se torna preso pelos laços do amor e é consumido como se pela sede. Pois o Um que ele contempla está além do seu entendimento. Mas ele foi pregado para todos, como sendo a causa primeira de todas as coisas, como o começo, como o fim, como a continuidade de tudo. Pelo transbordamento do poder que criou o belo e o bom, ele gerou a beleza e a bondade de todas as coisas belas e boas. Pois ele é o Ser único incomparavelmente acima do mundo, e fundamentado infinitamente ao infinito acima de toda beleza e de toda bondade. Ele é o único que ama naturalmente acima

³⁹⁴ Salmo 86 (87): 7.

³⁹⁵ Salmo 35 (36): 10.

³⁹⁶ Deuteronômio 6: 4.5.

³⁹⁷ Cf. Lucas 5: 6.

de todos os que amam, por que ele é o único propriamente belo e bom que está acima de toda bondade e de toda beleza, o único que é verdadeiramente amado em virtude da lei da natureza e da ordem, por que ele é a causa de tudo. Ele ama a tal ponto e de tal maneira é amado que, pelo transbordamento da beleza e da bondade ele ultrapassa todos os seres amados e todos os que amam. O Um mais alto do que o mundo é verdadeiramente como o único Ser que existe, o único Ser que criou todos os seres. Portanto, é preciso – e com a graça de Deus, como foi dito – retornar no Espírito à descoberta e ao conhecimento do único Um, de onde provém a origem de todas as coisas, e para onde segue o fim de todas as coisas. A porta do amor divino se abrirá por si só diante de nós pela graça de Cristo e nós entraremos no repouso de nosso Senhor³⁹⁸, nós nos regozijaremos, exultaremos, conheceremos a alegria do Um e provaremos das delícias divinas, nos tornaremos um e já não seremos mais divididos e partidos, como pediu o Salvador a seu Pai quando disse: “Que eles sejam um, como nós somos Um³⁹⁹”. Então poderemos cumprir exatamente o mandamento que nos ordena: “Você amará o Senhor seu Deus com toda sua alma⁴⁰⁰, e seu próximo como a si mesmo⁴⁰¹”. Então teremos recebido a perfeição de que o homem é capaz. Pois o fim da lei é o amor⁴⁰², do qual dependem não apenas toda Lei e os Profetas⁴⁰³, mas todos os que atingem a perfeição em Deus e em Cristo.

³⁹⁸ Cf. *Hebreus* 4: 3.

³⁹⁹ *João* 17: 22.

⁴⁰⁰ *Deuteronômio* 6: 5.

⁴⁰¹ *Levítico* 19: 18.

⁴⁰² Cf. *Romanos* 13: 10.

⁴⁰³ Cf. *Mateus* 22: 40.

25. Para todo ser que alcance a unidade no Espírito, a divisão representa um relaxamento. Assim é que o intelecto, ao se dividir em sua energia, fica de fora daquilo que a graça lhe concede. E é o que lhe acontece quando se volta para o múltiplo, pois não lhe é possível ter em si o indivisível ao mesmo tempo em que considera a diversidade. Com efeito, se isto fosse possível, não seria fácil explicar por que o intelecto que se dedica à hesíquia é tão posto àquele que mira a confusão: isto equivaleria a demonstrar que o intelecto daqueles que se voltam para Deus é semelhante ao intelecto perturbado pela desordem das paixões, o que é absurdo. Pois este último, seja lá o que for que possa ver potencialmente, vê na verdade as coisas composta e acaba por modificar a si próprio. Ele se afasta da simplicidade e já não pode conter em si o indivisível. Ora, quem está sob os golpes da divisão nunca pode se dizer puro do pecado. É assim que esta divisão foi considerada por aqueles que puderam discernir as coisas. Com efeito, se o intelecto voltado para a visão do Um supremo e mais alto do que o mundo deve, em primeiro lugar, provar, por meio do sentido intelectual, a beleza que ultrapassa a natureza, é a graça que o faz escapar à divisão. É preciso assim conservarmo-nos junto ao Um mais alto do que o mundo e nos voltarmos para ele com toda nossa alma, unicamente e apenas para ele, se quisermos escapar da alienação e da divisão. Se o intelecto não se debruça sobre o Um, mas sobre o criado, é impossível que ele não seja dividido, por que não se pode dizer que o criado seja simples: ele é finito, composto, limitado. Por isso nunca podemos chamá-lo de Um absoluto. Ao se voltar para ele, o intelecto deixa de ter em sua própria energia toda e qualquer simplicidade, toda e qualquer unidade. Sua visão estará cercada e limitada, pois o criado é composto. O que ele contemplar será sempre limitado, e ele terá decaído da graça divina que o fizera simples, sem começo e sem

limite ou restrição. Ele estará fora do Um oculto, deste Um que ultrapassa todo entendimento, e será privado de sua própria glória, que consiste na fruição de sua identidade original e sem começo, no ilimitado e na simplicidade, no fato de ser absolutamente independente de qualquer forma. Nestas condições, ele será incapaz de imaginar a beleza sobrenatural e inefável. É preciso, assim, que o intelecto se volte e se dirija para aquilo que não tem começo, para o simples, o ilimitado e o verdadeiramente Um, e que então ele se abra para a luz, que ele se una à unidade que comanda o recolhimento e que por meio deste se una a si próprio, a fim de não apenas ser amado pelo melhor – por ter se tornado semelhante a ele, na medida do possível, na simplicidade, ilimitado, sem forma nem figura – mas ainda que ele possa amar a beleza divina mais do que bela e sobrenatural, elevando-se em direção à semelhança, como foi dito. Com efeito, se o estado amoroso encaminha naturalmente os seres para os seus iguais, é claro que o intelecto amará a Deus assim como por ele será amado. Pois o mesmo é semelhante ao mesmo. E assim como a similaridade implica sua recíproca, o amor terá sempre como resposta o amor. Nada, mais do que o amor, une a alma a Deus.

26. O intelecto ultrapassa sua própria natureza quando se eleva acima de si próprio, fora de toda imagem e figura, quando se torna todo divinamente sem forma, sem começo nem fim, e por assim dizer acima da união que lhe é própria. Mas quando ele traz consigo seu próprio pensamento, mesmo que se consagre ao divino e ao inteligível, dizemos que ele se move e age naturalmente, e que se mantém dentro de sua natureza. Ora, o sobrenatural ultrapassa em muito o natural: ele está muito acima deste. É preciso, assim, amar intensamente aquilo que ultrapassa a natureza, pois é aí que reside o melhor, conforme o mandamento que nos ordena buscar os melhores

carismas⁴⁰⁴. Vale dizer que está em Deus o intelecto que se encontra no sobrenatural. Pois Deus está fora e além de toda natureza, por ser mais antigo e por ser o Um absoluto. É preciso, portanto, que o intelecto se volte, mire e se eleve ardentemente para aquilo que é mais antigo e que é o Um absoluto, a fim de que, elevado ao Um mais alto do que a natureza acima de sua própria energia natural, ele possa descobrir o que é melhor para si, ao invés de permanecer naquilo que ele já possui segundo a natureza.

27. Cada ser se regozija e repousa naturalmente naquilo que lhe é próprio e que preexiste inteiramente na origem mais antiga, que é a causa única. O intelecto entrará naturalmente nas grandes alegrias e terá em si uma longa felicidade, encontrando o maior repouso quando, depois de haver atravessado tudo e a tudo abandonado, se consagrar por meio do regresso intelectual a esta causa original e primeira da qual nasceram o universo e todas as coisas, por ser ela o começo, o meio e o fim; esta causa na qual tudo existe e se conserva, por meio da qual aquilo que é realizado é conduzido ao seu fim próprio, pela qual é feliz aquele que vive no bem, pela qual foi fundado o próprio intelecto tal como ele é. De certa forma, o intelecto é chamado a regressar sobre si mesmo a partir do instante em que ele retorna a esta causa soberana de todas as coisas, que é seu verdadeiro modelo. Todo ser que ama verdadeiramente a si mesmo – e esta é uma coisa que o intelecto experimenta realmente – como uma imagem da maravilhosa beleza do Um mais do que belo além do entendimento, é tomado de um grande amor ao retornar e contemplar sua própria origem. Pois, como foi dito, ao ver a si mesmo, ele vê o além e ama infinitamente. Aliás, esta é a afeição

⁴⁰⁴ Cf. I *Coríntios* 12: 31.

plena de amor que sentem naturalmente os nascidos em relação aos autores de seu nascimento, assim como, reciprocamente, os pais são tomados de amor por seus filhos. É por isso que aquele que regressa à origem de tudo, ao Um, recebe um grande e inefável prazer. Pois ele regressa para sua causa e para si próprio, como foi dito. Tudo aqui preexiste em razão da causa. E, particular o intelecto, por ser a unidade de tudo, existe no Um que ultrapassa o entendimento, como em sua origem e modelo.

28. Assim como todo ser provém do Ser que está além do ser, que toda natureza provém do Ser acima da natureza, que o temporal e o composto provém do intemporal e do simples, e que, enfim, o criado extrai sua existência do incriado, também toda forma tem sua origem no que não tem forma e a multitude das coisas visíveis tem sua origem no Um que está acima do mundo. Portanto, quem não se consagra ao Um que está além da forma, que não o contempla e que não está como que suspenso nele, mas que olha para qualquer outra coisa que se possa ver numa forma e na criação, este coloca aquilo que está incomparavelmente abaixo antes do que está acima, e se aproxima assim dos idólatras. Por que ele busca o que o ocupa e o que enxerga, e o que ele procura o domina. E o que o domina o sujeita⁴⁰⁵. Assim é que este homem adora a criatura ao invés do Criador⁴⁰⁶. Com efeito, o intelecto de cada um se sujeita àquilo que ele vê e com o que se ocupa. A isto ele adora e ama. Mas se por um lado o fato de se ocupar e de enxergar para longe do Um absoluto e sem forma provoca tal queda, por outro não podemos dirigir para o Um absoluto e sem forma nosso esforço e nossa busca senão por meio de um retorno sobre nós mesmos e pela tensão intelectual, a

⁴⁰⁵ Cf. II Pedro 2: 19.

⁴⁰⁶ Cf. Romanos 1: 25.

fim de que os tesouros de todo conhecimento⁴⁰⁷, onde quer que se encontrem, constituam o repouso e o fim de toda contemplação, a detenção do pensamento, o silêncio que ultrapassa a inteligência e o regozijo inefável num imenso maravilhamento.

29. Todos os seres buscam o ser. Mas em todos este ser tem sua causa no Um que está acima do ser. Portanto, todos os seres, e, em especial os dotados de razão e que caminham sobre a via reta, ao buscarem o ser, buscam pelo Um que está acima do ser. Assim sendo, o intelecto que não se volta para o Um acima do ser e que não o busca, dirige-se em verdade para a desordem e a perdição, e perde a dignidade que lhe é própria: o conhecimento do Um acima do ser, a divindade e a simplicidade da união e do amor que para além de si mesmo ele descobre no Um.

30. As causas condizem ao mais alto grau a beleza dos efeitos que elas produzem. Ora, a causa de todas as coisas, e o que elas têm em comum, é o Um além do ser. Portanto, se o intelecto se liga a alguma das coisas que seguem o Um além do ser e considera que esta coisa é bela e de algum modo digna de atraí-lo, é claro que ele se perde de seu objetivo. Pois assim ele ama a beleza sem ser levado ao Um acima do ser, para o Um primeiro e soberano, de onde todas as coisas belas extraem sua beleza. Deixando-se levar pela negligência e a ignorância, ele se volta para as coisa que não fazem mais do que participar da beleza do Um. Quanto ao intelecto que alcança a visão última, este volta para o Um acima do ser os olhos de seu pensamento. Ele sabe com clareza que seu desejo será atendido além de toda medida, por estar na contemplação espiritual considerada

⁴⁰⁷ Cf. Colossenses 2: 3.

como sua origem. E ele sabe que ninguém, salvo o Um além do ser, pode lhe dispensar a beleza que lhe é própria – ou qualquer beleza que seja. Alguns seres podem ter aparentemente a faculdade de dispensar o que lhes é próprio. Mas estas coisas não permanecem eternamente no intelecto amoroso. Somente o Espírito Santo as realiza, como e onde quer. Pois ele é o Senhor, uma das três pessoas da Unidade, e sua natureza é soberana. É preciso assim que o intelecto retorne para o Um acima do ser, onde se encontra não apenas a fonte de todos os seres, mas ainda a indefectível distribuição dos carismas.

31. Todos os seres buscam naturalmente o bem. Mas o verdadeiro bem é único, ainda que sejam numerosos os nomes do bem. Pois você não encontrará nada nas numerosas formas do bem que seja simplesmente bom e como que perfeito. Aquilo a que chamamos de bem o é sempre por uma certa participação no bem. Ele participa do bem do Um que está acima do ser, mas não possui o bem por si mesmo. Com efeito, somente este bem Absoluto, único, acima do ser, é mais do que bom e fonte de toda bondade. Somente ele dispensa o que lhe pertence, toda essência, toda existência, todo estado, todo poder, todo movimento, toda energia, toda propriedade, toda beleza, toda bondade, e ele retorna naturalmente sobre si mesmo. Simplesmente todos os seres e tudo o que vemos ao redor deles receberam do Um acima do ser sua manifestação, por que este os criou. É por isso que o movimento do intelecto se perde quando se volta para qualquer outra coisa e não para o Um absoluto além do ser. Talvez este intelecto se volte para o bem, mas não para o bem absoluto em si, para aquilo que o pode cumular de bondade pelo transbordamento da efusão benfazeja, para aquilo que concede o melhor a quem precisa receber o bom e o melhor.

32. O intelecto da maioria está dedicado à ignorância por causa da divisão. Ele está como que espedaçado entre numerosos bens, mas ignora o bem real, o Um absoluto. Nem o busca, por que não se consagra a ele. É destes bens que fala o Espírito em Davi: “Muitos dizem: quem nos mostrará os bens?⁴⁰⁸”. Mas não o bem, justamente. Eles se inquietam e se agitam por muitas coisas, enquanto que só uma coisa é necessária. Esta parte, a boa parte⁴⁰⁹, que nos foi revelada pela santa palavra de Deus, ou a ignoraram passando ao largo, ou a negligenciaram e a perderam. Não lhes ocorreu ao espírito buscar o que vale a pena ser buscado mais do que toda outra coisa. Os que foram ensinados por Davi, que resolveram seguir suas pegadas, disseram: “Sobre nós se revelou a luz de sua face, Senhor⁴¹⁰”. Vale dizer: o conhecimento de sua glória única se manifestou a nós como em um espelho. Assim a maior parte dos homens se regozija por possuir muitos bens. Mas os que vivem no Espírito recebem acima deste mundo a luz do conhecimento do bem único, o bem absoluto.

33. Assim como a impetuosidade de um curso d’água é tanto maior na medida em que este corre num só leito do que quando se divide e se separa em muitos ramos, também a contemplação do intelecto, o movimento e o impulso que lhe são próprios serão mais fortes se não o obrigam a se dividir e se modificar, mas se concentram num só ponto sem se dividir. É o que acontece naturalmente quando o intelecto, com toda sua contemplação, se volta e mira o Um absoluto acima do mundo. Pois o Um absoluto acima do mundo se lhe

⁴⁰⁸ Salmo 4: 7.

⁴⁰⁹ Cf. Lucas 10: 42.

⁴¹⁰ Salmo 4: 7.

assemelha verdadeiramente. É impossível que o intelecto ao qual foi concedido ver o Um não receba naturalmente sua forma, como uma imagem, e não realize a unidade da ordem única, não se torne simples, sem cor e sem figura, inqualificável, intangível, invisível, sem limite nem forma, tal como o Um absoluto acima do mundo, iluminado pelos raios do *eros* divino que está acima de tudo, coroado pela revelação do conhecimento místico, pelo silêncio e pela incompreensibilidade que ultrapassam a razão e o entendimento, nas delícias do regozijo espiritual e da felicidade celeste. Pois ele conheceu a mudança que conduz ao mais divino, ele se revestiu da forma divina, ele adquiriu em espírito a simplicidade, a ausência de forma e de figura, a unidade e as demais qualidades que mencionamos. Mas se ele não chegar a este ponto, se não experimentar esta mudança divina, ser-lhe-á impossível tocar e ver o Um mais alto do que o mundo. Pois Deus é a Unidade que unifica, a Inteligência que ultrapassa o entendimento. A partir deste momento o intelecto vê a Deus, mais alto do que o mundo, quando, junto com tudo o que mencionamos, ele se torna o Um que ultrapassa todo o entendimento e experimenta a visão divina.

34. As três Pessoas da Divindade acima do ser estão reunidas sobrenaturalmente na Unidade. Pois Deus é a Unidade das três Pessoas. Assim, não é possível que a alma se torne uma imagem à semelhança de Deus se ela própria não for tripla e não tenha chegado sobrenaturalmente a se tornar o Um em si mesma. Digo que a alma é tripla, não por que ela esteja dividida em razão, ardor e desejo. Não é propriamente nisto que a alma é tripla. Por que a alma racional não tem por que se dedicar ao desejo e ao ardor, que são privados de razão, que pertencem à vida presente, à vida animal, e que são por si mesmos selvagens e tenebrosos. A alma está dedicada à razão, e sua

natureza é cheia da luz intelectual. É preciso dizer aqui que ela possui por si só as coisas sem as quais ela não poderia pôr a trabalhar sua própria energia. Mas ela age bem sem o ardor e o desejo. Na verdade, é quando ela age sem estes que ela age realmente. Eles não fazem propriamente parte dela, mas, como foi dito, constituem nela potências de ordem animal e inferior. Pois a alma racional contempla pelo intelecto as coisas do alto, ela olha o inteligível, ela se coloca além de si mesma, ela rejeita para longe como meras bravatas o desejo e o ardor, e não tem o que fazer com eles. Como foi dito, ela se lança para o lugar onde estão a simplicidade, a ausência de imagens, de figura, de cor e de forma, e todas estas coisas que exigem uma inteligência livre e totalmente simples. É nesta própria simplicidade que a alma é tripla. Pois ela pé a inteligência que, pela razão e o espírito, executa o que lhe é próprio e que não prejudica absolutamente esta simplicidade. Com efeito, o fato de que seja simples a Origem única, a Divindade de quem a alma é a imagem semelhante não impede que ela seja uma e simples. A Divindade é justamente o Um absoluto acima do ser, mas nem por isso deixa de ser, e é certamente, a Trindade. O mesmo acontece com a alma. O intelecto (pois a alma é o intelecto, e o é totalmente), a razão e o espírito são sobrenaturalmente um. A alma nos permite que nos assemelhemos à Divindade única em três Pessoas. E isto não lhe vem aliás senão da consideração e da contemplação da Unidade sobrenatural das três Pessoas. É esta unidade que fez da alma esta imagem, e a tornou esta imagem antes da queda. E sem a consideração e a contemplação da unidade, é impossível que a alma se unifique. Se não chegamos a ver a unidade, se não reencontramos a semelhança, permaneceremos sempre imperfeitos. Assim, tudo o que nos permitir alcançar a contemplação e a verdade será digno de nossa atenção. Sem essas coisas nos será impossível alcançar o

estado de impassibilidade. Pois assim como precisamos da ação para nos voltarmos para o bem, a fim de nos colocarmos entre os impassíveis, também precisamos da contemplação para descobrir a verdade, a fim de nos tornarmos semelhantes a Deus, e adorarmos a Deus que domina o universo, buscando tornarmo-nos deuses por adoção, na medida em que nos é permitido nos assemelharmos ao modelo. É então necessário que nos tornemos um, pela semelhança com o modelo, que é o Um acima do mundo. Esta é a obra da consideração e da contemplação deste Um, da tensão, do retorno do intelecto, do olhar voltado diretamente para ele. Assim é que é preciso nos esforçarmos por todos os modos para nos voltarmos para o Um acima do mundo e de todo entendimento, para a ele nos ligarmos inteiramente com todo fervor, de todo coração e com toda nossa alma, nutrindo em nós o *eros* voltado para o Um – e somente para ele – o Um que está acima do mundo e que se debruça sobre tudo, como se este *eros* que trazemos em nós nos desse asas santas para nos elevarmos até ele através do intelecto. Assim como no espaço, num estado de simplicidade além de toda forma, estaremos sempre juntos do Senhor⁴¹¹, do Um verdadeiro. Pelo intelecto e a razão levaremos em espírito a tripla celebração à Trindade. Abertos naturalmente para ela, arrebatados, estaremos na simplicidade unidos ao Um por nossa própria união além de toda união.

35. A unidade sensível é o princípio de toda multitude possível de enumerar. E a unidade mais alta do que o mundo é o princípio de toda multitude visível e invisível e de todo ser. Assim, do mesmo modo como todo número extrai da unidade sua origem, também todo ser provém do Um mais alto que o mundo, no qual tem sua causa

natural ou criadora. Mas o lugar da unidade numérica, dado que esta unidade é sensível, decorre de sua própria natureza. Pois ela é a origem de tudo o que está submetido ao número. E na ordem sensível dos números, ela é o primeiro. Mas quanto ao Um acima do mundo ocorre o contrário, por que ele está além da inteligência. Ele é por natureza a unidade original de todas as coisas, e o intelecto o coloca depois de todas as coisas. Pois nenhuma inteligência pode tomar como origem o Um mais alto do que o mundo, e daí se dirigir para o múltiplo. Ao contrário, é do múltiplo que ele se eleva até o Um e nele se recolhe. Por um lado, o um numérico é necessário aos sentidos para progredir no múltiplo: de outro modo, nenhum ser poderia contar ou avançar como desejasse. Por outro lado, o múltiplo é necessário ao intelecto para que, através dele, este se eleve até o Um mais alto que o mundo e nele se recolha, por que não há outro ponto de partida para que ele se eleve por meio da contemplação deste Um acima do mundo. Portanto, o intelecto, segundo sua ordem e sua via próprias, começa pelo múltiplo e tem seu fim no Um supremo acima do mundo. Pois o um numérico, tal como o concebem os sentidos é fácil de conceber e definir: os sentidos o colocam naturalmente em primeiro lugar, como pede sua natureza. Mas a unidade que a inteligência busca, a que está acima do mundo, por ser sobrenatural e não se deixar compreender, está longe do lugar que é seu por natureza, um lugar tal que a inteligência pudesse partir dele. Ao contrário, o intelecto o encontra não como uma origem sobrenatural, mais alta do que a natureza, mas como um final que se segue à passagem, e por assim dizer depois da total enumeração do múltiplo. Com efeito, uma vez que a natureza do intelecto é de compreender, e que o Um acima do mundo é em si incompreensível e inacessível, a atividade do intelecto se inclina contra sua vontade para o múltiplo. O intelecto não pode passar sem compreender, mas

⁴¹¹ Cf. I Tessalonicenses 4: 17.

também não tem força para captar o Um supremo mais alto do que o mundo. Quando ele observa o múltiplo, ele vê assim em cada coisa aquilo que é inteligível, não o que faz desta coisa um ser, mas aquilo que o liga a uma unidade. Recolhendo a seguir de cada coisa que ele vê tudo o que lhe parece inteligível, e considerando que os seres correspondem e não se opõem entre si, sendo como as flores de uma mesma raiz e de uma mesma planta, ele vai do múltiplo ao Um supremo, que permite à multidão de todos os seres se reunir naturalmente e passar do estado de natureza à ordem sobrenatural. Então ele contempla o Um acima da natureza e do ser, uma vez que ele agora se coloca em sua natureza de ver simplesmente o sobrenatural a partir das coisas naturais.

Então o intelecto, que teve sob seus olhos, inefavelmente, o jorro da fonte, o transbordamento criador de todas as bondades e de todas as belezas, e que se deliciou no Um mais alto do que o ser, já não retorna por si mesmo para o múltiplo, ainda que aí os seres sejam belos e tragam em si a boa parte. Pois ele ama naturalmente a beleza a ponto de não mais se afastar voluntariamente. Daquele que está acima de tudo, a menos que alguma circunstância o obrigue. Mas uma vez que os seres não se apresentam todos da mesma maneira, o intelecto tem uma visão intelectual diferente de cada um deles, e, por intermédio deles, ele retorna diferentemente ao Um sobrenatural acima do mundo. A meu ver, é preciso ter se esforçado um pouco em caminhar sobre a via que conduz do múltiplo ao Um acima do mundo, para além do ser, para que o intelecto, elevando-se como que por degraus, afirme bem seu movimento próprio, saiba se este movimento não se apresenta defeituoso, se ele segue bem por onde deve andar, ainda que por algum tempo tenha se deliciado no Um, e saiba também qual foi o seu erro, na medida em que se afastou desta

beleza e desta revelação, deste banquete divino, e como lhe será possível retornar para o lugar de onde caiu. Então ele conhecerá a bruma das paixões, a claridade do coração puro e a descoberta da verdade. Por que ele terá visto no espelho o que ele é. E tomará parte das contemplações celestes, e trará em si o sentido divino, e não voltará atrás, quer cresça quer decline na ciência destas coisas admiráveis. E ele compreenderá qual é o objetivo da hesíquia e do enclausuramento.

É justamente isto que dizemos aqui. Todos os seres estão distribuídos em seres criados e sensíveis, seres criados e inteligíveis e seres incriados e inteligíveis. O incriado que ultrapassa a inteligência é o Um mais alto do que o ser. No entanto, o olho da alma – ou seja, o intelecto – que se volta para o Um e o vê distintamente, caso escolha viver na hesíquia e na ascese, se elevará como que de um primeiro degrau desde a ação que o levará a fazer solitariamente aquilo que lhe é natural, até a contemplação que lhe permitirá permanecer no Um verdadeiro, onde receberá as delícias do celestial, onde se cercará e se regozijará com os raios da verdade, onde se enriquecerá infinitamente com o eterno, e dele se cumulará maravilhosamente de encanto e doçura. Pela sinergia da graça, quando chegar o tempo, quando a luz intelectual nele se firmar de modo contínuo, o intelecto poderá se elevar da terra. Tomado por Aquele que está além dele, e vendo Aquele que está incomparavelmente além de toda beleza, ele já não sentirá as coisas daqui.

Esta escada sagrada possui cinco degraus e se eleva de degrau em degrau até o objetivo extremo. Mas a distância entre os degraus não é espacial. A diferença, aquilo que separa um degrau do outro, é da

ordem da qualidade ou da especificidade. Assim é que os seres podem ser criados e sensíveis ou criados e inteligíveis. Mas os segundos superam em larga medida os primeiros, assim como o intelecto, por sua beleza própria, supera os sentidos. Da mesma forma os seres incriados e inteligíveis superam em muito os criados e inteligíveis. Mas cada qual tem seu lugar na ordem dos seres. Os seres incriados e inteligíveis estão eles também submetidos ao Um, ao incriado que ultrapassa a inteligência. A partir daí a coisa é clara: o que permite ao intelecto que se desenvolve a partir da ação alcançar Aquele que o conduzirá acima de todos os seres e alçar-se ao cume do segredo que habita além de todo o sensível e de todo o inteligível, é sua visão e sua contemplação ao mesmo tempo mais altas e mais humildes no seio das criaturas sensíveis e, sobretudo, na vida ativa. Será preciso, então, uma vez que o intelecto ama a beleza por natureza, buscar aquilo que é o melhor de todas as maneiras, para não apenas usufruir, mas ter a experiência da maior mudança, aquela que naturalmente o ultrapassará. Pois, como foi dito, na medida em que vê ou que desfruta daquilo que vê, o intelecto recebe esta transformação. Porém, uma vez que o movimento giratório ligado à natureza do intelecto não terminará por si próprio enquanto durar este dia⁴¹², e, como foi dito, até que desapareçam as sombras⁴¹³, ou seja, até que tenhamos partido desta vida presente, que nos mostra num espelho e num enigma⁴¹⁴ a verdade como uma sombra, é preciso que, inclinando-nos a partir da contemplação e da visão do incriado, do Um que ultrapassa a inteligência, aproximando-nos assim dos seres inteligíveis e incriados, façamos todo o possível para retornarmos a este incriado, ao Um que está

⁴¹² Cf. *Hebreus* 3: 12.

⁴¹³ Cf. *Cânticos* 2: 17.

⁴¹⁴ Cf. *I Coríntios* 13: 12.

acima da inteligência.

Quando se dissipar a bruma espessa que entenebrece toda compreensão e espalha a acídia que impede o intelecto de contemplar, devemos nos voltar, por meio da ação e com um coração humilde, para as orações. E quando, pelo poder da prece e as lágrimas, as trevas se forem, quando a luz do intelecto, pela energia anipostática do Espírito, ocupar o primeiro lugar no coração, ou seja, quando o intelecto for o primeiro a possuir o coração, deveremos regressar como criaturas sensíveis ao grau fundamental, ao poder da vida ativa sustentada pela ciência. Então intelecto se elevará naturalmente, como ao cume de uma montanha ou uma torre de observação, e contemplará não somente aquilo que a maioria não vê, mas ainda o que buscam sem compreender, aquilo sem o que ninguém pode enxergar a si próprio, e muito menos a Deus⁴¹⁵. Falaremos agora rapidamente desta vida ativa, sem nos afastarmos de nosso objetivo.

36. A alma possui dentro de si três faculdades ativas: a razão, o desejo e o ardor. E três faculdades fora dela: a busca pela glória, pelo prazer e pela abundância. A alma que, com conhecimento de causa, vê estas duas tríades, na vida encarnada que Cristo viveu, através das suas quatro virtudes gerais – a sabedoria, a justiça, a coragem e a castidade – se cura pela graça do Senhor Jesus e permite ao seu próprio intelecto elevar-se para fora das trevas, ver o divino ao seu redor e contemplar a Deus. Com efeito, quando o Senhor Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto para combater o diabo⁴¹⁶, ele curou o desejo por meio do jejum, a razão por meio da vigília e a prece na

⁴¹⁵ Cf. *Hebreus* 12: 14.

⁴¹⁶ Cf. *Mateus* 4: 1 ss.

hesíquia, e o ardor pela refutação. Ele não procurou nem o amor pelos prazeres, nem o amor pela vanglória, nem o amor pelo dinheiro, ainda que tivesse fome e o diabo lhe propusesse transformar as pedras em pão; ele tampouco se atirou do pináculo do templo para ser glorificado pela multidão quando a queda não lhe causasse nenhum ferimento; e ele se recusou a se prosternar diante da promessa de receber a riqueza de todos os reinos. Sua ardente refutação foi sábia e justa, casta e corajosa. Ele rejeitou Satanás, nos ensinando a vencê-lo cada vez que ele atacar.

As mesmas coisas veremos nós, e poderemos conhecê-las pela cruz do Salvador. Orava o Salvador, no tempo devido, afastando-se dos seus discípulos⁴¹⁷? Esta é a cura da razão. Permanecia ele vigilante, velava, sofria a sede na cruz⁴¹⁸? É o remédio contra o desejo. Ele não contestava, não disputava, não gritava⁴¹⁹. Injuriado, não orava ele pelos que o ultrajavam⁴²⁰? Esta é a justa medida do ardor: refutar o diabo, responder com o silêncio, a paciência, aos homens que nos ultrajam, pois eles próprios sofrem o ultraje de Satanás, e orar por eles. Não recebeu ele os escarros e as bofetadas, não suportou a zombaria e os gracejos da multidão⁴²¹? Este é o tratamento que previne o amor à vanglória. Não foi ele servido de vinagre, alimentado com bÍlis, crucificado, perfurado com a lança⁴²²? Esta é a cura do amor aos prazeres. Não foi ele suspenso à cruz, em pleno ar, nu, ao desabrigo, à vista de todos, como um pobre e um indigente? É

isto que destrói todo pendor pelo amor ao dinheiro.

Assim o Salvador nos mostrou por duas vezes a cura das paixões de dentro e de fora: quando ele começou a se revelar ao mundo em seu corpo, e no momento em que deixou o mundo. É por isso que quem o vê, quem vê seu ensinamento e sua cruz, e que o imita tanto quanto possível, com a sabedoria e a justiça, a castidade e a coragem que ele próprio possuía, abolirá a energia dessas paixões que conduzem ao mal, e através destas a energia de todas as paixões, e as tratará como devem ser tratadas, e depois delas a todas as demais paixões. Este se tornará um homem que age segundo a verdade, pronto a contemplar e ver a Deus, e a se consagrar a esta tensão do intelecto. Assim é que o intelecto, que começou pela multitude dos seres que ele pode sentir – os seres criados –, viu realizar-se sua obra de beleza, daí compreendeu os seres criados e inteligíveis e em seguida se dirigiu aos seres inteligíveis e incriados, passou por quatro degraus, como numa escada. A partir deste momento já não se fala mais nada, vêm o silêncio e o arrebatamento divinos que ultrapassam a inteligência, numa palavra, a consideração e a contemplação do Um mais alto do que o mundo, a união que ultrapassa o entendimento, o coroamento da hesíquia, o objetivo extremo, o cumprimento perfeito do desejo – na medida em que este pode ser atingido na vida presente – a realização da verdade, o fruto da fé, o claro esplendor da glória esperada, o fundamento do amor, a realização da inteligência, a detenção de seu movimento contínuo, o fim do incompreensível, o estado de simplicidade, a obra que nos garante os penhores do século futuro, a causa da felicidade inimaginável, o tesouro da paz, a extinção dos cuidados da carne, o afastamento do século presente, a tensão em direção ao século futuro, o abandono da vida passional, a aquisição natural da impassibilidade, o alegre regozijo da alma, o

⁴¹⁷ *Mateus* 26: 36.

⁴¹⁸ Cf. *João* 19: 28.

⁴¹⁹ Cf. *Isaías* 42: 2; *Mateus* 12: 19.

⁴²⁰ Cf. *Lucas* 23: 34.

⁴²¹ Cf. *Mateus* 26: 67 e paralelos.

⁴²² Cf. *Mateus* 29: 34 e 48; *João* 19: 20-30.34.

recolhimento, o repouso e a guarda de seus movimentos e seus poderes, enfim, para resumir em poucas palavras, o conhecimento divino e a impassibilidade.

O intelecto que recolhe sua boa vontade, ou seja lá qual for a circunstância exterior, deve então considerar que terá que retornar à sua beleza própria, a beleza da contemplação, desembaraçando-se da paixão que o entrava e o afasta de seu objetivo. Ele deve considerar o quanto está distante de atingir o objetivo extremo de seu desejo e o porquê disto, ainda que lhe tenha sido dado contemplar os seres sensíveis e criados, os seres inteligíveis e criados ou os seres inteligíveis e incriados, ou ainda que esteja separado da Um acima do mundo, o único verdadeiro e além de toda unidade, por pensamentos vãos ou qualquer outra necessidade. Ele deverá afastar os obstáculos entre ele e este Um, a fim de retornar simplesmente, como o pede sua própria ordem, à contemplação e à consideração do Um acima do mundo. Pois o intelecto que se encontra fora deste Um, fora do Um incriado que o ultrapassa, está submetido à divisão e já não se encontra no seio da verdadeira beleza, ainda que se conduza bem. Esta beleza suprema é, com efeito, o Um mais alto do que o ser, simples e incriado, além de toda inteligência. É ela que oferece em verdade ao intelecto sua extrema realização. Assim, o intelecto que sabe se conduzir de modo sã, se vê elevado por tudo o que dissemos e conhece a união que o ultrapassa.

Devemos perseguir o quanto pudermos o infinito, buscar aquilo que ultrapassa a inteligência, contemplar o Um sem forma, e compreender desde o princípio o incompreensível, a fim de descobrir em sua simplicidade a herança do Deus Altíssimo, a herança do Um, pela graça de nosso Senhor Jesus Cristo e do

Espírito vivificante, que nos concedem o esplendor da contemplação e o dom de Deus: pela adoção, nos tornarmos maravilhosamente deuses.

37. O intelecto que se eleva até o lugar onde Deus se oculta permanece naturalmente silencioso. A simplicidade o unificou. Na unidade e na comunhão do Espírito, ele se torna iluminado pelo Um que ultrapassa o entendimento. Com efeito, que poderá ele dizer, uma vez que se encontra acima de sua própria faculdade, colocado fora de todo e qualquer pensamento, inteiramente nu, acima da própria meditação? Pois se ainda lhe restasse uma palavra, por assim dizer, é sinal de que ele ainda se manteria pensando, pois toda palavra segue um pensamento. E, se ele ainda se mantivesse pensando, como poderia ter penetrado no lugar daquilo que é oculto? Com efeito, nada está propriamente oculto se o intelecto o puder ver, ainda que mais ninguém o veja. Se não fosse assim, existiriam muitas coisas ocultas. Pois a maior parte das coisas, e mesmo, por assim dizer, todas as coisas que vê o intelecto, ele as vê ainda que mais ninguém saiba o que ele está vendo. As coisas ocultas seriam então em número infinito, o que é absurdo. Pois o que é realmente secreto é o Um. E é em direção a ele que se eleva o intelecto depois de todas as coisas, como para a origem de tudo o que é visível ou inteligível. Evidentemente, ao se elevar para o que está além de tudo o que pode ser visto, dito e pensado, ele terá ultrapassado a visão, a palavra e o pensamento. Mas ele não terá alcançado ainda este ponto, nem terá penetrado no mistério de Deus enquanto puder falar. Pois ainda estará pensando, e o segredo é impensável, estando assim além de toda palavra. E o intelecto que se elevou até o lugar do segredo divino e a ele se uniu, se cala, voluntária e naturalmente, simplesmente, iluminado pelo Um que ultrapassa o entendimento.

38. Se as palavras fazem o intelecto avançar e progredir, também elas se elevarão e progredirão até o ponto em que já não existirão mais palavras, ou seja, na realidade, no silêncio perfeito. Mas se as palavras estão sempre ligadas ao intelecto, se a alma tem sempre necessidade delas, não vejo todavia qual progresso intelectual se pode obter falando. Pois, é claro, falar é útil, não apenas para agir como também, e não menos, para contemplar. Entretanto, a partir das palavras que representam os seres, o intelecto se eleva parcialmente em direção ao Um simples, sem forma, absoluto, que ultrapassa o entendimento. Ora, aí toda palavra parece deslocada, ou se torna, a bem dizer, um obstáculo. Pois as palavras geralmente passam de um pensamento a outro pensamento. Mas aquilo que é simples, absoluto, sem limite e sem forma, numa palavra, o Um que está além de qualquer palavra, como teria ele necessidade de palavras, e para ir aonde? Como o poderíamos compreender? Pois a palavra normalmente busca a compreensão, e o incompreensível não possui limite nem forma. E, se a palavra não é capaz de se adaptar ao Um que ultrapassa o intelecto, ela sempre poderá se adaptar ao silêncio. Os que progrediram falando devem ao final se calar, a partir do momento em que se dirigiram à pura contemplação, fora de toda figura e de toda forma.

39. As palavras estão ligadas ao conhecido, e o que é oculto é desconhecido. Portanto, o que está oculto está fora de qualquer palavra. Pois se a ignorância do que é oculto é mais alta do que o conhecimento, aquilo que está além do conhecimento não tem necessidade do conhecimento, nem precisará de palavras. O intelecto que se elevou até o Um absoluto, o Um oculto, se cala naturalmente. Mas se ele se calar sem que isto lhe seja natural e sem se dedicar ao

silêncio, ele não terá ainda alcançado o Um oculto que se desenvolve acima de tudo.

40. Assim como acontece eventualmente aos homens que vivem na hesíquia sair de suas celas e, por meio desta experiência, conhecer a diferença entre se manter imóvel e sair, também os que, por meio da contemplação, se ligam à glória de Deus, que vivem no silêncio, mas que se põem a falar num dado momento, sabem por que, no estado em que se encontram, o silêncio lhes vem naturalmente e não por intenção, e por que se permitem falar mesmo possuindo em si este silêncio. Eles oram. Senão, mantendo-se em seu estado, eles jamais chegariam a abrir a boca. Por que eles estão na terra dos anjos: com os olhos fechados, em toda a unidade e toda a simplicidade, fora de qualquer figura ou forma, numa palavra, unidos à verdade nas visões imutáveis do intelecto, a sós consigo mesmos, eles se maravilham e se admiram sem pensar em nada, apenas se atirando de olhos fechados nos flamejamento divinos que não têm começo. Mas quando o intelecto, que tem a faculdade de mudar, retorna do êxtase, eles acabam por falar e se transportar pelo pensamento de um estado a outro, passando assim várias vezes e de diversas maneiras do silêncio à palavra. Depois, para retornar ao estado de silêncio – que é bem melhor do que a palavra – eles abraçam a hesíquia, se protegem de seus sentidos e de todo o sensível, e, ao mesmo tempo em que cessam de falar, se esforçam por todos os meios para não pensar, a fim de poder dizer com Davi: “Eu permaneci mudo, eu me humilhei, eu estou calado, longe dos bens⁴²³”. Falar dos bens está, portanto, abaixo do silêncio que acompanha a palavra.

⁴²³ Salmo 38 (39): 3.

41. O divino não é nem totalmente aparente nem totalmente oculto. É claro que ele existe, que ele é, mas aquilo que ele é permanece oculto. E é grande a diferença entre saber o que ele é e saber que ele existe. Uma coisa é revelada pela energia, mas a outra – aquilo que ele é – pertence à essência, aquilo que mesmo os anjos não podem saber de Deus. Pois Deus é ao infinito infinitamente mais alto do que todo ser, do que toda inteligência e do que todo pensamento. Quando ele se configura àquilo que revela o que é Deus, o intelecto tem muito a dizer e pouco a filosofar. Nestes casos, o filósofo pode também ser chamado de teólogo. Mas quando ele vai mais longe e mais alto, graças ao fato de que o segredo de Deus o envolve, ele é levado pela visão daquilo que é. A graça lhe concede ser sem forma naturalmente, sem contato, sem rosto. Toda palavra que pudesse dizer qualquer coisa de Deus se cala. O intelecto, reunido à unidade, permanece imóvel, e penetra no incompreensível. Ele se entrega inteiramente àquilo que está além de tudo, lá onde já não existe palavra, nem pensamento, nem nenhuma reflexão mutante, mas a simplicidade, a incompreensibilidade, o silêncio e o arrebatamento. Ele vê o Infinito, aquilo que não tem forma nem limite. Ele vê o invisível. Mas sua visão é estranha aos sentidos, por estar diretamente ligada à forma que não tem forma. O próprio intelecto se torna absoluto, fora de qualquer figura. Conforme o que ele houver contemplado no invisível e recebido de olhos fechados, numa palavra, ele se tingirá da divina beleza sobrenatural, e glorificará a Deus que criou semelhante beleza.

42. Não é apenas por ser Deus simples, além de toda composição, que ele é chamado de Um, mas por que ele é o único que em verdade é o Ser entre todos aqueles a quem chamamos seres, mas que extraem seu ser dele. Pois aquele que não é pura e simplesmente o

Ser tampouco é pura e simplesmente o Um. Deus é, de maneira absolutamente incompreensível, Aquele que é. Ele é o único que difere de tudo e que existe puramente independente de tudo. Ele é eterno, nunca teve começo e jamais terá fim. Ele faz brilhar sobre todas as coisas igualmente e com a mesma pureza o raio divino de sua providência, ainda que nem todas as coisas recebam igualmente este raio. Em verdade, ele se revela absolutamente a todos como o Intelecto simples, sem forma, sem figura, sem cor, sem contato com qualquer ser que seja, absolutamente absoluto, sobrepujando ao infinito, fora de qualquer limite, o tempo, a lugar, a natureza e as coisas que envolvem a natureza, exigindo apenas ser contemplado na simplicidade, acima da união intelectual.

43. Quando, além de todo pensamento, tem lugar a união entre Deus e o intelecto, dizemos então que o intelecto que, por meio do sentido intelectual, vê absolutamente o sobrenatural oculto, atinge o que está acima de sua própria natureza. O intelecto se torna ele próprio aquilo que ele mesmo experimenta em sua natureza purificada pela graça. Pois o pensamento está para o intelecto aquilo que a visão é para o olho. Então, assim como aquele que vê nas trevas não enxerga nada senão estas trevas, como uma só e mesma coisa, e ele vê e não vê, pois, se fechasse os olhos, poderia pensar que a luz e outras coisas estivessem ao seu redor, mas agora ele olha e vê claramente que ele não vê: ultrapassar nas trevas a faculdade de ver e conhecer o que está oculto está, com efeito, acima da natureza do olho, que não é a de ver o que não se vê; da mesma forma, o intelecto que se elevou até o lugar oculto de Deus e se encontra além de todo pensamento, não contempla nada. Como? Ele contempla aquilo que não contempla, e o que ele não contempla é uma só e mesma coisa oculta como que por uma treva, donde se origina todo ser qualquer que

seja, visível ou inteligível, contado entre a criação ou eternamente incriado. E, se ele não contemplasse, ele não se veria infinitamente estendido além de si mesmo. Mas na realidade ele contempla. E contempla com toda clareza que não contempla, por que está acima da contemplação. Pois lhe é impossível contemplar o que não contempla.

Penetrar e contemplar no interior do lugar de Deus, o lugar único e oculto que está acima de si, ultrapassa a natureza do intelecto. Mas considerar a treva divina deste lugar oculto, ver nela a unidade inefável que domina todas as coisas num mistério indizível, e contemplar que nada contempla no interior da treva divina, isto é próprio do intelecto puro que contempla no Espírito. Com efeito, quando o intelecto contempla que nada contempla senão a unidade divina absoluta que reside no lugar oculto, a visão intelectual não se fecha, tapada e inerte. Isto é apenas o signo de sua ignorância. Quando ela contempla com clareza, então ela se eleva para aquilo que a ultrapassa e, considerando o lugar oculto, o lugar do Um contempla claramente que o Um é a origem de tudo o que é oculto. Mas não contempla aquilo que ele é.

Foi dito que o intelecto alcança neste momento aquilo que ultrapassa sua própria natureza. Pois ele considera o lugar de Deus, o lugar que é infinitamente simples e oculto. Mas chegar até lá não é natural para o intelecto, a menos que ele tenha se tornado puro. Sua natureza, então, passa a ser a de chegar de olhos fechados àquilo que está acima da natureza, ou seja, de se dirigir inconcebivelmente para o lugar de Deus, o lugar único e oculto que se estende infinitamente além dele. Pois então ele cessa de possuir em si seja lá qual forma de conhecimento for. Ele não conhece senão o Um indivisível. Tendo

chegado a este ponto por seu próprio movimento, ele se detém na imobilidade e no repouso. Não falo da imobilidade desprovida de contemplação, pois isto é a demência. Falo da imobilidade e do repouso nos quais paramos de passar de um pensamento a outro, o que nos permite contemplar. Pois o intelecto que chegou até aí, que atingiu a incompreensibilidade do lugar de Deus, o lugar oculto e invisível, e que se encontra em plena luz intelectual, no coração de um espaço infinito que não tem limites, por assim dizer se abandona e permanece imóvel, não experimentando outra coisa que o arrebatamento que o cumula de alegria radiosa. Ele não sai de si, mas é animado pela energia da luz intelectual. Ele contempla imóvel o lugar oculto que está acima do ser. Na unidade e na simplicidade, ele está privado de todo conhecimento, mas se vê cumulado de beleza pela interioridade inacessível do indivisível flamejamento. A contemplação não o deixa inerte. Senão, como poderia ele provar do arrebatamento e a alegria radiosa? Mas quando o intelecto chega a este ponto dizemos que ele permanece imóvel. Ele contempla, ele descobre o Um sem ter que se agitar, ele se dirige para o esplendor do Um que o cumula de alegria e luz, e permanece imóvel. Mas ele próprio não deixa de usufruir da contemplação. Pois evitar esta experiência é algo condenável, cheia das trevas da ignorância: estaríamos, neste caso, completamente fora da contemplação.

A detenção do intelecto acontece diante de um flamejamento inacessível de luz. A contemplação, aqui, não busca a mudança, a passagem de um estado ao outro, mas o repouso e a detenção. Pois este Um sobrenatural que permanece acima do ser e se revela no lugar oculto, é infinito. Nenhuma inteligência pode chegar até aí. No entanto, não convém que o intelecto contemplativo contemple em outro lugar, desde que ele tenha recebido a purificação que lhe é

própria e a elevação divina. Ele não descerá desta contemplação divina, deste esplendor que está acima de toda beleza e deste infinito, a menos que seja atraído pelas paixões, pela avidez ou pela versatilidade natural de que costuma sofrer.

44. A natureza do intelecto é o pensamento, e o pensamento reside na mudança e no movimento. Mas, uma vez que o intelecto que penetrou em Deus se encontra acima do pensamento e do movimento, podemos dizer com razão que, ao contemplar a Deus, ele ultrapassou completamente sua natureza. Pois está claro que todo pensamento tem sua origem em alguma coisa. Onde não existe nada para ver, nenhum pensamento pode nascer nem se encontrar aí. Deus, que de forma alguma pode ser visto em sua realidade, se revela naturalmente ao intelecto por meio daquilo que o cerca ou seja, por aquilo que ele anima com sua energia. Com efeito, todas as coisas são lugares de uma potência proveniente de um ser potente. Assim, a partir do momento em que o intelecto se habitua a contemplar as potências que acompanham os seres potentes, ele se volta para conhecer a Deus. Mas ele não consegue, por que isto está além da natureza de toda e qualquer inteligência criada. Ele contempla aquilo que está ao redor de Deus, e, com os olhos fechados, como dissemos, ele representa Deus para si colocando sobre ele, simples e em recolhimento, toda a sua atenção. Assim ele alcança o céu da hesíquia, ganha a bem-aventurança divina e, por meio da energia do Espírito de Deus, do Espírito de adoração que age sobre ele, se torna continuamente arrebatado para longe de todo pensamento, num estado simples, fora de qualquer figura e de toda propriedade. O poder sobrenatural do Espírito o faz penetrar no interior do coração rapidamente. Aí ele permanece imóvel na visão de Deus, e já não pensa em mais nada. Ele está além do pensamento.

Do pensamento das coisas que estão ao redor de Deus ele se eleva à visão divina e se restabelece na simplicidade. É neste momento que se diz que ele ultrapassou sua própria natureza, por que atinge um ponto que está além de todos os pensamentos.

45. Tudo o que dizemos ser oculto deve se revelar de algum modo. Por isso estas coisas são chamadas de ocultas: senão elas estariam mais próximas do mero nada. De fato, podemos pensar: aquilo que não se dá inteiramente a conhecer, de uma maneira ou de outra, é semelhante àquilo que absolutamente não existe. O segredo de Deus não deixa de incluir pequenas revelações por meio das quais o intelecto que segue estas pegadas consegue pressentir este lugar oculto, elevando-se em direção à incompreensibilidade por meio daquilo que é compreensível em Deus. É então que ele se dá conta de que existe precisamente algo que escapa à sua compreensão natural, que é muito elevado para que ele possa perceber, por que este lugar oculto é sobre natural. Causa, começo e fim de toda a natureza, de todo ser e de toda existência, ele é em si mais alto dos que a natureza e do que o ser, infinitamente além de toda existência. Ele está fora de todo nascimento, de todo começo, de todo limite. A natureza, o espaço, o tempo simplesmente não o podem conter. Assim é o Um oculto que ultrapassa a inteligência.

E é dele que provém naturalmente a compreensão divina, que é tão abundante que nos conduz novamente para ela nas alturas e que, guiando-nos em espírito, chamando-nos a retornar e nos atraindo para si, nos une ao Um original e oculto, mais alto do que a natureza. E ele nos une de tal forma a si que sabemos que ele existe e é, e que ele é o Um, mas também que nos é absolutamente impossível conhecer este Um oculto. O que está acima da inteligência e que

escapa ao pensamento, que se pode falar dele? Aquilo que é inteligível e do qual não se pode falar, o intelecto o contempla na unidade, em silêncio, indizivelmente, inefavelmente, além de todo pensamento, como segredo, regozijando-se aí como da causa e da providência, e disto se maravilha como do ser mais que luminoso, mais do que bom, mais do que sábio, mais do que poderoso, dele recebendo uma alegria divina, como através de todos os seres que que não têm fim nem limite, que revelam o Um oculto que está acima do ser, e, certamente, a continuidade da natureza dotada de razão. Não é normal que o intelecto que experimenta estas coisas as mencione ou que delas fale ao passar de um estado para outro. Portanto, se ele não se cala e se põe a falar, é por que ainda não atingiu seu estado extremo. Pois é assim o estado extremo, como o testemunham aqueles que nada colocam diante da verdade: quando o intelecto alcança o ponto mais alto de sua energia, o estado supremo consiste na contemplação deste ponto mais alto, a qual, como foi dito, se exerce bem abaixo, com os olhos fechados e em silêncio.

46. Quando o intelecto se dirige ao lugar de Deus com seus olhos fechados, para o cume do lugar oculto, único e além de todo o conhecimento, a própria percepção que ele tem disto é cega. Esta percepção lhe vem de além, marcada de simplicidade e de unidade, e cheia de esplendor inefável, acima de toda beleza e de toda luz. No silêncio ela chama para um abismo de admiração e arrebatamento. Ela investe o coração de energia espiritual e doce alegria. Ela se torna assim, no intelecto, a iluminação intelectual, flamejante, a imagem do *eros* divino, regozijo radioso. Ela tem sua fonte em Deus, de onde provém todo dom de bondade⁴²⁴, por intermédio da pureza

do intelecto. E ela extrai sua matéria, se podemos dizer assim, das revelações divinas reveladas pouco a pouco nas Escrituras e nos seres correta e sabiamente contemplados na hesíquia e na prece. Pois a visão do Um oculto no interior do divino, além de todo pensamento, não é fortuita. Vemos o Um no esplendor que provém do lugar oculto, esplendor simples que cumula para além de tudo a consideração e a contemplação intelectuais. Quem não experimentou isto na razão e no conhecimento sobe de modo exterior para o Um oculto, simples e sobrenatural, mas não tem em si a energia do coração nem a luz do intelecto.

47. A claríssima, pura e simples contemplação do intelecto em Deus, a contemplação voltada para o lugar de Deus, o lugar único e oculto, e para o esplendor que irradia deste lugar, a contemplação que recebeu o divino flamejamento da efusão luminosa sem começo nem fim, exige não somente o silêncio da boca mas também do intelecto. Quando a boca se cala ainda é possível que o intelecto siga trabalhando no interior, entregando-se aos pensamentos e às reflexões mais diversas, como se a palavra se encontrasse no interior. Mas neste caso o intelecto estará longe de se elevar até o lugar oculto da unidade divina, este lugar que se estende para além de toda figura. Com efeito, a contemplação do intelecto é uma coisa, e seu trabalho, seu pensamento que procede da palavra interior, é outra. O intelecto que penetrou nas coisas criadas e compostas, ou simplesmente diversas, começa por contemplar, depois ele próprio se diversifica e se põe a pensar. Muitas vezes ele encontra numa mesma coisa inúmeros pensamentos. Mas no lugar de Deus, no lugar interior oculto, único e simples, ele volta e derrama o olhar de sua contemplação e é iluminado pela simplicidade da irradiação divina. Ele quase não se dispõe a pensar, pois a simplicidade do Um escapa

⁴²⁴ Cf. *Tiago* 1: 17.

a toda mudança e dispersão do intelecto. E o lugar secreto está fora de toda palavra que pudesse explicar o pensamento por um discurso interior e pela boca, É por isso que o homem que se elevou em espírito até o lugar de Deus, o lugar oculto, o lugar único da maior glória, silencia naturalmente em sua boca e em seu intelecto.

48. Quando o intelecto se converte inteiramente a Deus, quando sua contemplação é absorvida pelos raios perfeitamente luminosos da beleza divina, quando ele se eleva além de toda figura, a simplicidade e no ilimitado do Um oculto que não tem forma, quando ele se torna em si mesmo o Um por sua própria tensão em direção a este e a admiração de seu olhar no sopro do Espírito, então esta busca do coração encontra claramente o estado de infância. O intelecto prova do Reino de Deus, inefável e sobrenatural, como disse o Senhor: “Se vocês não se converterem e não se tornarem como crianças, vocês não entrarão no Reino dos céus⁴²⁵”. Com efeito, o intelecto que ultrapassou os limites, que se voltou para o indizível desconhecido acima dele, vê-se inteiramente restabelecido em sua liberdade e em sua independência perante todo começo, todo pensamento, toda composição, toda diversidade. É com naturalidade que ele silencia. Seu estado não apenas se encontra acima de toda e qualquer palavra, como está acima de sua própria energia. Pois ao mesmo tempo em que aborda o lugar oculto onde já não existe forma, ele traz em si o sobrenatural, a graça e a doçura que culminam no regozijo intelectual.

49. É numa forma sobrenatural além de toda forma, numa beleza imaterial que não é composta, e na mais simples figura que os

⁴²⁵ *Mateus* 18: 3.

contemplativos contemplam a Deus, o Um em sua unicidade, corado de bens infinitos, adornado de belas luzes inumeráveis, envolvendo todo o intelecto com as belezas luminosas de sua irradiação, como uma beatitude inefável e indizível, uma abundância incontida de coisas belas e boas que jorram da fonte infinitamente, um imenso tesouro de glória, insondável, inesgotável, que cumula as inteligências cegas com tantas delícias, alegrias, graça e o mais puro regozijo que brota sempre misteriosamente desta unidade divina sobrenatural mais alta do que tudo, oculta no segredo inacessível. Deste local oculto se espalha. Tão imenso que ninguém pode ver seus rastros, um oceano de inefável bondade, de amor inexplicável, de providência incompreensível, no coração de um poder que não tem limite e que é de uma sabedoria indizível: estas coisas que os próprios anjos e serafins não conseguem conceber, por que elas estão além de toda inteligência. Uma razão inefável nos permite tê-las em nós ainda no século presente, mas é no século futuro que elas serão reestabelecidas e como que geradas e realizadas, e elas maravilharão o intelecto dos querubins, que até então as compreendeu apenas obscuramente. Ó bondade e vontade de Deus, amor e doçura, sabedoria e providência divinas! Verdadeiramente bem-aventurados são aqueles cujas faltas foram apagadas e os pecados perdoados⁴²⁶! Bendito o homem que o Senhor instrui e ao qual ele concede o ensinamento de sua Lei e do Espírito⁴²⁷!

50. É em espírito e verdade⁴²⁸ que se revelam as coisas invisíveis aos habitantes do mundo que não podem receber o Espírito Santo⁴²⁹,

⁴²⁶ Cf. *Salmo* 31 (32): 1.

⁴²⁷ Cf. *Salmo* 93 (94): 12.

⁴²⁸ Cf. *João* 4: 23-24.

⁴²⁹ Cf. *João* 14: 17.

conforme nos mostrou o Senhor. Alguns no entanto imaginaram que seria melhor partir, morar longe do mundo e daqueles que vivem no mundo. Pela graça divina, a luz da inteligência, o Oriente altíssimo⁴³⁰, o Oriente do sol inteligível, iluminou os olhos de seus corações. Eles receberam o socorro que vem de Deus, e as revelações estão em seus corações⁴³¹. A irradiação das visões divinas os ilumina. Eles veem de forma natural e clara inúmeras coisas que vêm de Deus, que são oferecidas ao intelecto e que são dignas da contemplação espiritual. Aqueles que assim levaram uma vida santa estão ainda prometidos ao restabelecimento futuro, eterno, imutável, que não apenas não será sensível como ainda ultrapassará o intelecto. Com efeito, todos os que tiverem alcançado o estado mais alto do que a inteligência, que tenham alcançado a vida e as delícias que ultrapassam o entendimento, serão inteiramente transformados. Eles serão como que deuses por adoção, transbordando de alegria diante Daquele que é naturalmente Deus, e se regozijarão dos bens sobrenaturais que o Deus supremo lhes dispensará, ele, o Deus único por natureza. Eles estarão ao redor dele. Sua vida, em toda santidade, em toda pureza, será no mais alto ponto do cume divino, cume que ultrapassa o intelecto. Eles dividirão com todas as ordens inteligíveis dos anjos a única alegria regozijante, a única celebração das delícias bem-aventuradas. Imenso é o fluxo da pura alegria das belezas últimas, é impossível se fazer uma ideia do que seja. Pois se a beleza sensível que, por intermédio dos sentidos, toca o intelecto, esta beleza que é limitada e que passa, que não é ímpia nem incriada, suscita na alma delícias que não são da graça, e se os que têm inteligência e consideram a analogia não estão longe de ver e de compreender, que podem se tornar os que atingem as coisas

⁴³⁰ Cf. *Lucas* 1: 78.

⁴³¹ Cf. *Salmo* 83 (84): 6.

inteligíveis, das que ultrapassam a inteligência, que não têm limites, que não escoam, mas que têm sua origem em Deus de onde vêm todas as coisas belas e boas? Pois estas não são criadas, elas jamais tiveram começo, elas são feitas para o regozijo, para a alegria, para a vida divina, de maneira digna do século futuro e deste estado.

51. O intelecto que expressou sua alegria diante das expansões do tempo e do espaço e diante das propriedades que definem as naturezas, e que depois ultrapassou estas coisas, se torna em verdade despidido na simplicidade única e na vida despojada de toda arte e de toda forma. Sem mais véu algum, sem qualquer vestimenta, fora de todo começo e de toda compreensibilidade, de todo fim e de todo limite, ele cessa de pensar e de falar, penetra sobrenaturalmente no poder e na irradiação divina, poder e irradiação que o Espírito anima e que, o infinito, se estende aparentemente à própria contemplação do intelecto. Então a paz de Deus se eleva sobre a alma, e a alegria inefável, o indizível regozijo do Espírito Santo se espalha sobre ela. O arrebatamento que ultrapassa o conhecimento a leva a cantar. Ninguém a verá. Mas o Deus dos deuses se revela em Sião⁴³², no intelecto que se eleva e contempla a altura. Senhor Deus dos Exércitos, bem-aventurado o homem que se confia a você⁴³³!

52. Quando o intelecto que se encontra entre Deus e as coisas divinas é iluminado no arrebatamento daquilo que ele não consegue nem pensar nem dizer, ele devora o quanto pode dos verdadeiros frutos do conhecimento espiritual, ele é deificado, ele se regozija, ele progride no *eros* divino. Ele já não fala nem disserta, nem consigo mesmo, nem em seu interior. Ele cessa de pensar. Ele vê em si

⁴³² *Salmo* 83 (84): 8.

⁴³³ *Salmo* 83 (84): 13

próprio, na unidade, na luz da verdade e do Espírito, e daquilo que ele vê ele faz suas imutáveis delícias.

53. Quando o rosto do intelecto que se debruça para o interior do coração vê brotar de si como um jorro contínuo o flamejamento do Espírito, este é o momento de se calar⁴³⁴.

54. Quando todo o rosto do intelecto vê a Deus, quando todo o intelecto penetrou em Deus e, por assim dizer, quando Deus penetrou todo o intelecto, este é plenamente, e daí por diante, o tempo de se calar⁴³⁵.

55. Quando o intelecto que, na comunhão com o Espírito, recebeu a permissão de entrar em contemplação diante de Deus, usufrui, na medida em que lhe é possível, da glória e do esplendor que irradiam da face de Deus, é naturalmente necessário se calar e contemplar na hesíquia, na ausência de qualquer ruído. Mas se, suscitado por uma palavra como um fogo luminoso e abrasador, alguma coisa da perturbação das trevas vier, de um modo ou de outro, se insinuar entre o intelecto e Deus, é preciso rejeitar imediatamente esta palavra das trevas, que pode até ter uma aparência divina, a fim de, afastando o mais depressa possível as trevas por meio da luz, as brumas por meio do calor, iluminando e aquecendo desta maneira o intelecto, poder novamente compreender a Deus como antes, contemplar sua beleza, usufruir naturalmente dele, revestir-se de glória, numa palavra, experimentar as coisas que, vindas de Deus, se derramam sobre a inteligência quando recebemos o Espírito vivificante; é preciso retornar à simplicidade e estar em Deus em

⁴³⁴ Cf. *Eclesiastes* 3: 7.

⁴³⁵ *Ibid.*

espírito e verdade, desembaraçado de todas as coisas, inclusive daquelas que envolvem a Deus. É isto que é natural, e que convém ao contemplativo.

Aquele que se dedica apenas à ação deve também se ligar a este estado. Pois ele ainda não se acha unido a si mesmo, e por si mesmo a Deus. É assim normal que este homem cante, que fale muito e muitas vezes das coisas de Deus, de várias maneiras. Suas palavras são como flechas que ele não cessa de lançar, atemorizando e expulsando os que nos oprimem com sua maldade e nos combatem. Pois também para ele, que espera, chegará o tempo. O sopro do Espírito irá chegar quando a cintilação de tantas odes, cantos e palavras divinas, como uma luz flamejante, se reunir num mesmo fogo, quando ele impor ao inimigo um golpe mortal, abrasador, dissipando – ou melhor, destruindo – as trevas, iluminando a si próprio no fogo, aquecendo-se e se elevando o mais possível em direção ao *eros* divino, levando ao próprio Deus o hino do seu coração no silêncio e no arrebatamento, representando para si mesmo o quão extraordinários são os milagres dos mistérios. Pois não é sem razão que são chamados de bem-aventurados os que esperam o Senhor, ou que, ao chegar o tempo, como mansos herdarão a terra prometida⁴³⁶, a terra inteligível, em Cristo nosso Senhor.

56. Quando o intelecto, iluminado por todas as efusões luminosas do Espírito, experimenta a vertigem, perde o pé e se vê transformado, cada vez mais para longe de si próprio em direção ao infinito, para o ilimitado, este é o tempo de calar⁴³⁷.

⁴³⁶ Cf. *Mateus* 5: 5.

⁴³⁷ Cf. *Eclesiastes* 3: 7.

57. Mas quando o intelecto se sente esgotado pelo excesso de claridade que vê, quando sente que quer se desembaraçar para encontrar algum repouso depois de relaxar a tensão, então este é o tempo natural para falar⁴³⁸, ainda que brevemente, daquilo que concerne a iluminação divina.

58. Quando o intelecto, fugindo em meio às águas do Faraó inteligível, atravessa sua noite à luz do fogo e seu dia sob a cobertura da nuvem⁴³⁹, então é chegado o tempo do justo silêncio e da hesíquia, o começo, para a alma, de sua purificação. Mas quando ela é combatida pelo temível Amalec espiritual e pelas nações que o seguem, impedindo-lhe a passagem para a terra prometida⁴⁴⁰, então o tempo é de falar⁴⁴¹. Mas ela é sustentada perante Deus pela ação espiritual e pela justa contemplação, como outrora teve Moisés as mãos sustentadas por Aarão e Hur⁴⁴².

59. Quando o poder espiritual que se derrama do coração vem do abismo da divina contemplação do intelecto, esta inspiração que jorra da fonte, chega naturalmente o tempo de calar⁴⁴³. Com efeito, é neste momento que se celebra inefavelmente o culto de Deus, sua adoração pelo intelecto em espírito e verdade⁴⁴⁴, por intermédio do verdadeiro sentido intelectual.

⁴³⁸ Cf. *Eclesiastes* 3: 7.

⁴³⁹ Cf. *Êxodo* 13: 21.

⁴⁴⁰ Cf. *Êxodo* 17: 8.

⁴⁴¹ Cf. *Eclesiastes* 3: 7.

⁴⁴² Cf. *Êxodo* 17: 12.

⁴⁴³ Cf. *Eclesiastes* 3:7.

⁴⁴⁴ Cf. *João* 4: 24.

60. Quando, à custa de mirar a Deus por intermédio do intelecto, a razão da alma se enche inteiramente do arrebatamento divino, quando sua inteligência se enche com a visão, quando a própria alma se enche de alegria, este é incontestavelmente o momento de se calar. Pois em seu recolhimento e em sua sensibilidade o intelecto vê em espírito a verdade, venera a Deus que ali brilha e o adora em seu arrebatamento.

61. Aqueles que, como convém, adoram e servem naturalmente a Deus, em espírito e verdade, não apenas não o adoram e servem num dado lugar, como não o podem adorar e servir pela expressão da palavra. Com efeito, assim como o sentido intelectual que se elevou retamente não pode adorar num dado lugar Àquele que nada pode conter e que não tem lugar onde repousar⁴⁴⁵, também quando ele guarda o que lhe é necessário e alcança a verdade, ele naturalmente não pode sofrer por adorar e depois servir por uma diversidade de palavras e definições de linguagem Àquele que é infinito, que não tem limite, nem começo, nem forma, que é perfeitamente simples e que, por assim dizer, ultrapassa o intelecto, uma vez que chegou para o intelecto, pela impulsão e o sopro do Espírito, o tempo de brilhar na simplicidade e no conhecimento da verdade divina⁴⁴⁶. Assim, quando chegado o tempo, o intelecto se desembaraça de tudo e sai de si mesmo, não apenas ele deixa de falar, mas deixa de pensar, ele se dedica com alegria e arrebatamento àquilo que a luz intelectual concede de melhor à própria razão e a si mesmo, e ele o contempla, imóvel e imutável, fora de toda arte, numa atenção cega e na união que o ultrapassa.

⁴⁴⁵ *Isaías* 66: 1.

⁴⁴⁶ Cf. *I Timóteo* 2: 4.

62. É preciso que o intelecto, cuidadosamente atento a si mesmo, organize seu próprio estado espiritual com prudência, sabedoria e justiça. A partir do momento em que ele sente que contempla os mistérios da teologia, os mistérios simples, isentos de qualquer figura, é preciso que ele permaneça em silêncio na hesíquia e no maravilhamento, sem se afastar de seu próprio coração que recebe a energia e a luz do Espírito. Pois então é chegado o tempo, não apenas para todos os sentidos do ser em estado de hesíquia, longe das coisas sensíveis, mas para a palavra, que deve cessar todo discurso e se calar. E, sobretudo para os que possuem o conhecimento, é preciso dizê-lo, é chegado o tempo de repousar de toda ocupação intelectual na hesíquia e de deixar de ver. Pois é preciso que ele se aplique a permanecer perfeitamente imóvel nos sentidos, nas palavras, nos pensamentos, a fim de que o intelecto, totalmente isolado – como é justo e devido – em sua pura contemplação do Deus uno e único em três Pessoas, possa com toda liberdade e na medida em que lhe for permitido, ver o que não tem começo, fim ou limite, e as demais coisas divinas, numa palavra, as coisas imutáveis e absolutas, e se unir a elas, transformado e simplificado pela contemplação, e, com alegria e maravilhamento, tornado, pela graça divina, totalmente semelhante a Deus. E, querendo o intelecto, se fosse possível, permanecer neste estado – embora ele não possa, por que ele é mutável, ele vive com as coisas que mudam e está conforme o corpo e as circunstância – ele deve em conhecimento de causa, não se afastar, não decair da contemplação simples, e não falar em excesso. Ele pode falar um pouco, e falar das iluminações divinas, a fim de não apenas retornar o mais depressa possível à união com Deus que o ultrapassa, mas de sentir em si esta união a um tempo mais evidente e mais contínua. Quanto mais o

intelecto guarda aquilo que recolheu em si e não deixa que esorra para fora, mais depressa ele se nutre da união divina, mais ele se une com clareza aos flamejamentos da luz, e mais fecundos se tornam seus flamejamentos no contínuo habituar-se ao divino.

63. Quando o intelecto que prova a revelação da pura e simples luz divina se vê transformado pela visão intelectual e iluminado em todo o seu redor pelo desconhecido além de todo conhecimento, ele é restabelecido em sua natureza indivisível, simples, ilimitado, e se torna iluminado tanto na luz como nas trevas. Em sua simplicidade transbordante ele contempla a beleza infinita, a beleza sem figura acima de toda figura, a beleza sem começo que ultrapassa todo começo, que não tem limites e que é infinita, por que preenche num transbordamento de plenitude todos os bens que nela se encontram, os limites e a extensão de todas as coisas, quaisquer que sejam elas. Numa palavra: quando, acima de todos os seres, ele contempla a todos na visão do Um pela razão inefável de uma potência intelectual que ultrapassa o entendimento, este é o momento de se calar, simultaneamente imerso no mistério e além do mundo, ou, por assim dizer, o tempo de experimentar sem ver e sem falar o puro e simples regozijo que concede uma iniciação mais divina à verdade.

Mas quando tudo isto a que nos referimos deserta do intelecto e ao redor dele surge a divisão, é o momento de falar, mas apenas para dizer coisas dignas da elevação que conduzem ao silêncio. O silêncio que ultrapassa a palavra e que, se podemos dizê-lo, vem a seu tempo e naturalmente, é, com efeito, bem melhor do que qualquer palavra. Salomão colocou o silêncio em primeiro lugar quando disse: “Existe

um tempo para calar e um tempo para falar⁴⁴⁷”. O melhor é colocar em primeiro lugar o silêncio que vem em seu tempo. Mas se este silêncio ainda não chegou, se o intelecto ainda não se voltou unicamente para aquilo que ultrapassa a palavra, que entrementes a palavra em seu tempo seja secundária a fim de que falar seja como calar e esteja próxima do silêncio. Falemos quando for o tempo, mas apressemos-nos em retornar ao silêncio, falando das coisas de Deus e nele pensando continuamente, contemplando a criação, nela vendo seu Criador como num espelho, do qual ela nos conta maravilhas. Nisto consiste em falar a seu tempo. E é assim que deve ser compreendido o que definimos.

64. Quando o intelecto que ultrapassou todas as coisas daqui e que se elevou naturalmente acima dele próprio cala em sua alegria, é chegado para ele o tempo de usufruir das coisas inefáveis mais altas do que o mundo. É o tempo do flamejamento e da luz intelectual, da união do intelecto e da contemplação, da simplicidade, do ilimitado, do infinito e do conhecimento mais do que luminoso. Numa palavra, é o tempo da percepção e da comunhão da sabedoria espiritual, que permite ao intelecto atingir o repouso e o silêncio, depois que ele recebeu a inexprimível alegria do arrebatamento.

65. Quando a alma que recebeu a verdade, que bebeu do cálice da graça como o melhor de todos, se sente embriagada e fora de si, é claro que chegou para ela o tempo de calar.

66. Quando o homem interior chega num estado em que clama: “Senhor, numerosos são os que me atormentam, numerosos os que

se levantam contra mim⁴⁴⁸”, é então o tempo de falar, mas de falar naturalmente, sem dizer qualquer coisa, e de opor aos inimigos, como se deve, a linguagem comedida conveniente.

67. Quando a luz da face do Senhor se imprime na alma⁴⁴⁹, quando esta se vê cumulada de sua beleza e esplendor, e sobre ela se espalha uma efusão de alegria divina: este é o tempo de calar.

68. Mas quando ela vê levantarem-se contra ela os testemunhos injustos que dela exigem o que ela não conhece⁴⁵⁰ e a perturbam, então é tempo de falar, e mesmo de contender.

69. O cume, se podemos dizê-lo, o ponto extremo, a mais alta ponta do belo e bom é Deus, em todos os seres inteligíveis como em todos os seres visíveis. Em sua natureza o homem é um ser bem melhor, sem dúvida incomparavelmente maior do que si mesmo, e, pela graça, verdadeiramente maior do que os próprios anjos. Portanto, o intelecto contemplativo, que dentre tantas coisas que existem entre Deus e os homens, se aproxima daquilo que ultrapassa o entendimento, se vê restabelecido no arrebatamento mesmo que ainda não tenha experimentado da abundância da graça que ilumina. Mas quando ele a prova, pelo poder ativo do Espírito que reside no coração, se posso dizê-lo, ele se eleva ao cimo do belo e do bom, em direção a Deus, e, por intermédio de um dom mais do que divino, nele penetra. Ele enxerga o coração da unidade e é arrebatado, permanecendo em silêncio no abismo que o ultrapassa. Aí estão, se podemos dizê-lo, os penhores do primeiro repouso sabático, cuja

⁴⁴⁸ *Salmo* 3: 2.

⁴⁴⁹ Cf. *Salmo* 4: 7.

⁴⁵⁰ Cf. *Salmo* 34 (35): 11.

⁴⁴⁷ *Eclesiastes* 3: 7.

imagem é o repouso de Deus após a criação dos seres⁴⁵¹. Mas o intelecto contemplativo desfruta manifestamente de outro repouso sabático, maior e diferente, cujo exempli iniludível nos foi dado pelo povo de Deus⁴⁵² que se voltou para si próprio, para longe de Deus, abandonando o sábado. É então que o intelecto conhece a si mesmo como a imagem que segue o modelo, é então eu ele conhece por completo as coisas que estão entre Deus e os homens. Não apenas ela toma o caminho do modo que convém, num arrebatamento maravilhado, em direção ao que é mais alto do que si próprio e que ultrapassa o pensamento, mas ainda, para além de tudo o que se pode descrever ele se enche de alegria e regozijo espiritual, irradia em silêncio sob os flamejamentos e os milagres das visões de Deus que o abrem para além de si mesmo. E ele se une a esta unidade da Divindade sobrenatural, em Jesus Cristo.

70. Quando aquilo que verdadeiramente é apaga como se fossem nada todas as coisas criadas que lhe estão submetidas, então o intelecto que contempla em espírito e verdade, na infinita eminência indizivelmente, acima da energia e da união de que é capaz. Ele se torna simples, ou ele se torna Um, por assim dizer, inefavelmente possuído pelo silêncio. Ele já não está apenas cheio de amor e de alegria, mas das coisa que provêm da energia do Espírito, das delícias dos anjos.

71. Assim como, Senhor, você é absolutamente incompreensível em sua essência, e que ninguém – nenhuma natureza dotada de razão e de intelecto, nenhum conhecimento criado, ainda que aquele dos querubins – pode compreendê-lo, por ser infinitamente ao infinito

⁴⁵¹ Cf. *Gênesis* 2: 2-3.

⁴⁵² Cf. *Hebreus* 4: 9.

mais alto do que todo o conhecimento, também as coisas que estão ao seu redor, Mestre, são totalmente sem fim e sem limites. É isto o que, numa insuperável solicitude, você ordenou a Moisés, o legislador do Antigo Testamento, no sentido de pregar que você é e de falar de você. E é também o que você, que não mente, que é o único, a mais alta verdade, disse de alguns dos seus. De fato, você lhes apareceu, e, no entanto, não revelou seu nome. Por que ele está incomparavelmente acima de todo nome⁴⁵³, não apenas dos nomes dos seres que vivem sobre a terra, mas ainda dos nomes dos seres que estão nos céus. Os que estão cheios de luz revelam a sua essência, mas não aquilo que você é fundamentalmente. Por que a inteligência que temos de você não tem nada de fundamental. Assim é que você se revelou mais alto do que o ser, para se dar a conhecer claramente além do entendimento, infinitamente desconhecido, infinitamente mais alto do que todos os que têm o poder de se dar a conhecer. Você se revelou mais alto do que o tempo, sem começo, por que você é a própria vida. Você não tem limites, você escapa por completo a todo pensamento espacial, você que está sobejamente presente em toda parte e que está acima de tudo, como criador do mundo inteiro. Você é verdadeiramente o único a abarcar as naturezas intelectuais, e você é o lugar inacessível. Você ultrapassa prontamente o intelecto e prevê seu pensamento, por que você está acima de tudo, você é a mão que inexplicavelmente sustenta o universo. E você não está submetido, se isto fosse possível, aos limites da natureza, por que você não tem limites. Não apenas você é como que sobrenaturalmente incompreensível na própria natureza, como ainda é incompreensível nos seres naturais que o cercam, por que você é a sabedoria mais do que sábia, a potência mais do que

⁴⁵³ Cf. *Filipenses* 2: 9.

potente, o amor a bondade que ultrapassam todo pensamento de amor e de bondade.

Que dizer do que é você? A luz, da qual se diz ser inacessível? Mas você está acima da luz. Que dizer do que é você? O juiz para quem nada é desconhecido antes mesmo do nascimento? E isto lá é próprio de algum juiz? Você é muito mais do que um juiz. E que tipo de criador podemos dizer ser você, que deifica num único e mesmo impulso de sua vontade a multitude e a diversidade das coisas imateriais? Ó profundidade da eminência! Com uma única impulsão do Espírito, por assim dizer, sua natureza única suscita tantos e tantos seres espirituais quão diferentes são as condições e as pessoas. Esta é uma coisa maravilhosa e que ultrapassa do pensamento. Mas é isto próprio de um criador? Absolutamente. Existe aqui mais do que criador. Pois podemos chama-lo de criador do mesmo modo como chamamos um pedreiro ou um artesão? Que pedreiro constrói sem uma fundação, sem nenhuma base, e, rapidamente, como você, Mestre que fundou a terra sobre o nada⁴⁵⁴ – com todas as suas montanhas, suas pedras e todos os demais elementos da matéria – e que a fundou tão firmemente? Ou qual artesão criou a partir do nada tão grandes coisas geradas num único instante pela palavra, como você criou? Se dissermos que sua criatura foi feita por um pedreiro ou um artesão, será justo o que dizemos? Na verdade, jamais. Por que você é Deus, você está infinitamente acima de um pedreiro ou um artesão. Poderia jamais alguém conhecer, ou aprender, ou refazer um amor tal como o que sua bondade maravilhosa nos mostrou em condições tão extraordinárias, quando, para além de toda esperança, em seu grande amor pelo homem, você assumiu nossa natureza? Os

⁴⁵⁴ Cf. *Jó* 26: 7.

que são capazes de sem dúvida contemplar estas coisas só o podem fazer por intermédio da graça, quando retamente se dirigem para a imensidão, para o oceano de um amor e de uma providência que lhes são estranhos. Mas a violência do *eros* os coloca fora de si, e eles já não sabem como nomear as coisas que a eles chegam vindas de você. As condições de sua encarnação no homem, ó Deus mais do que bom, ultrapassam com efeito, de longe, a inteligência e a razão, tudo o que podemos entender e pensar.

É você o Pai de todos, podemos chamá-lo assim? Mas você está inefavelmente acima de qualquer paternidade, de toda causa e de todo poder, de toda providência e de toda instrução, de toda paciência, de toda constância. Podemos chama-lo de rei? Mas sua realeza não se resume ao presente, e menos ainda ao futuro, e absolutamente ao passado. Mas como? Maravilhosamente, absoluta e independentemente. Seu Reino é, com efeito, ao mesmo tempo o Reino de todos os séculos, ele pertence igualmente ao presente, ao passado e ao futuro. E sua soberania se estende de idade em idade⁴⁵⁵. Assim, em tudo e por tudo, de uma vez por todas, você está absoluta, incomensurável e simplesmente acima de toda inteligência, Senhor incompreensível, você e as coisas que estão ao seu redor. O intelecto que contempla estas coisas é arrebatado por algo que ele não pode ver de você, ele mergulha por inteiro no sopro do Espírito, ele penetra como que numa treva mística, por que ele não pode vê-lo perfeitamente devido à natureza infinita e inacessível da glória. É assim que, na calma que sobrepuja o mundo, você concede inefavelmente o repouso aos que, maravilhosamente, o contemplam e o amam, e você nada faz sem que eles o vejam. Você lhes concede

⁴⁵⁵ Cf. *Salmo* 144 (145): 13.

novamente o repouso divino e sobrenatural, Deus inefável, incompreensível, indefinível, ilimitado, numa palavra: infinito. Você lhes concede o repouso da essência e da energia. Amém.

72. Quando o intelecto que se confiava às coisas contraditórias e aos pensamentos divididos se afasta de toda atividade distrativa, quando ele se encontra acima de sua própria dispersão, na respiração e na participação do Espírito Santo que unifica e não cessa de soprar e de se derramar no coração, quando ele ama permanecer todo o tempo nos lugares divinos pela graça das visões de Deus, a partir do momento em que ele se alimenta da contemplação inefável, na unidade e no desejo do amor, como de um só e mesmo olhar espiritual, das grandes coisas que estão à volta de Deus, então ele penetra claramente no repouso divino, ele desfruta da paz profunda de Deus, do santo e calmíssimo repouso do coração, em nosso Senhor Jesus Cristo.

73. Quando o intelecto se volta para Deus e ora, como um filho, com todo seu ser, e se entrega ao seu pai afetuosíssimo, quando ele se regozija por ver inefavelmente a luz de Jesus, quando ele é arrebatado em seu grande desejo de amor, quando ele sente clara e sobrenaturalmente em seu coração o *eros* divino e a energia do Espírito Santo, quando ele deseja se elevar no mistério mais alto do que o mundo, acima mesmo das manifestações e das realizações divinas, ele repousa de todas as suas obras⁴⁵⁶, acima de toda meditação, ele ultrapassa o pensamento, ele se regozija maravilhosamente e repousa verdadeiramente na paz do Espírito vivificante de Cristo.

⁴⁵⁶ Cf. *Gênesis* 2: 3.

74. Deus repousou de todos os trabalhos que havia feito⁴⁵⁷, mas depois de se ter cumprido a criação no Verbo e no Espírito. Da mesma forma, o intelecto semelhante a Deus repousa de todas as obras que realizou desde o começo para realizar o mundo inteligível voltado para a virtude, mas não repousa senão depois de haver, no Verbo de Deus e no Espírito vivificante, considerado e refeito em si, continuamente, o mundo inteiro e as coisas vivificantes que ele contém, e não sem antes ter, desde aí, subido, no Verbo e no Espírito, àquelas coisas que dissemos se seguirem às naturais, e de se ter debruçado sobre as visões místicas da teologia, simples e absolutas. Então ele se verá de fato em repouso e desfrutará na verdade intelectual de uma grande paz. Ele será deificado pela luz do conhecimento e pela participação do Espírito vivificante, em nosso Senhor Jesus Cristo.

75. Assim como Deus repousou não de todas as suas obras, mas apenas daquelas que havia começado, e não repousou das obras incriadas que não têm começo e que lhe eram como que naturais, também o intelecto que, à imitação de Deus, conseguiu, pelo Verbo divino e o Espírito vivificante, superar e ultrapassar sobejamente a criação visível, não repousa de todas as obras que lhe são naturais, que não têm começo e que não terão fim, mas repousa apenas das obras visíveis que possuem um começo e que terminarão. A partir do momento em que, pela imobilidade, o repouso do corpo obedece ao que está repousado, é, ao contrário, ao estado do intelecto que ele obedece. Pois se o intelecto não está constantemente em movimento sob o sopro vivificante e contínuo do Espírito no conhecimento

⁴⁵⁷ Cf. *Gênesis* 2: 3.

daquilo que ele vê, tampouco ele saberá se ele entrou no repouso intelectual, girando na unidade e num movimento contínuo em direção a Deus apenas, e contemplando Aquele que se entregou a ele no indizível e inefável repouso de Cristo.

76. “Não se apresse, disse Salomão, em falar diante da face do Senhor. Pois Deus está no céu altíssimo, e você está aqui em baixo sobre a terra⁴⁵⁸”. Ele indica e expõe com clareza e exatidão qual é o tempo de calar. Ele o diz abertamente: uma vez que você que está aqui em baixo sobre a terra foi levado até diante da face do Senhor que está nos altos céus, e que você foi tornado digno de uma graça tal que lhe permite desde baixo contemplar e meditar as coisas do alto⁴⁵⁹, e, dirigindo-se a elas por intermédio do intelecto, erguer-se diante da face do Senhor, não se apresse em dizer palavra. Pois este é o tempo de calar. Não fale quando, na unidade e à imagem de Deus, seu intelecto é animado pela energia da verdade. Nisto consiste o ser em face do Senhor: voltando-se única e simplesmente para Deus, o intelecto o contempla em sua unidade a multidão dos seres que estão ao redor de Deus. Se você fizer esta experiência, se você se encontrar diante da face do Senhor, não se apresse em falar. Do contrário, ou você, voluntariamente e sem o saber, estará recuando e descendo de volta a si mesmo, ou ser-lhe-á necessário explicar o sentido de suas palavras.

A natureza humana era tal como era. Ela era pura, e com toda justiça estava distante do mal e próxima a Deus. Ela contemplava a Deus. Em Adão o Ancestral, com alegria e maravilhamento, ela desfrutava da glória da beleza de sua face. Suas delícias eram imateriais,

intelectuais, celestes, incorruptíveis. Uma graça imensa envolvia, com sua efusão, a alma do primeiro homem. No coração do paraíso terrestre, seu intelecto semelhante a Deus se banhava numa multitude de tensões voltadas para Deus e de contemplações que lhe concediam todo o conhecimento. Assim, ele desfrutava do paraíso intelectual. Eu diria que sua vida era bem-aventurada. Ele estava unido a si próprio e permanecia em si mesmo próximo a Deus, ligado naturalmente a Deus pela simplicidade e divindade de seu estado, e com toda justiça, por que fora criado à imagem de Deus.

Numa palavra, esses bens que provinham de Deus estavam por toda parte ao nosso redor. Ora, isto é uma coisa que o maldito demônio, devorado pela inveja, hostil à nossa felicidade e à nossa glória, não podia suportar. Como? Este ser profundamente malfeitor, por meio de seus pretensos conselhos, iludiu e suspendeu nossa esperança. Atiçando o desejo que tínhamos por uma deificação ainda mais alta, o primeiro operário do mal nos desviou do caminho reto do mandamento de Deus⁴⁶⁰. Então sofremos impiedosamente a perdição a que nos levou a mentira e fomos exilados para longe de Deus e para longe das delícias divinas⁴⁶¹, tombamos fora da vida espiritual simples à qual se dedicava o intelecto, decaímos do poder que tínhamos de contemplar a face de Deus e sermos glorificados, transfigurados pelo raio da beleza divina. Fomos divididos e submetidos a inúmeras divisões. E – coisa jamais deveríamos ter feito – gostamos destas vidas divididas e destas alienações. Nos afastamos até o ponto de venerar, em lugar do Deus único em três Pessoas, numerosos deuses que, na verdade, sequer deuses eram, mas demônios enganadores, corruptores e malfeitores; perdemos o

⁴⁵⁸ *Eclesiastes* 5: 1.

⁴⁵⁹ Cf. *Colossenses* 3: 2.

⁴⁶⁰ Cf. *Gênesis* 3: 4-5.

⁴⁶¹ Cf. *Gênesis* 3: 23-24.

Um em si, a vida e a ordem simples, dividimos nosso ser numa multitude de partes diferentes e nossa força intelectual, a tensão – ou, mais exatamente, a energia que nos elevava – acabou por nos faltar. Fomos dar nas profundezas de um mal extremo⁴⁶², em direção às coisas mais baixas. Nós que éramos a imagem de Deus⁴⁶³, que éramos dignos da vida do alto, escolhemos a loucura⁴⁶⁴.

Mas nossa natureza não é nem imutável, nem imóvel. Da mesma forma como fomos miseravelmente decaídos desta glória imensa até a mais baixa desonra, nos é felizmente possível retornar, voltar e rever a face santíssima de Deus. Claro, não mais a podemos como antes. Mas nos é concedido experimentar de longe o esplendor de sua beleza. Assim foi com o divino Moisés, com o conjunto de todos os profetas e com aqueles que vieram antes deles, com Abraão e seus filhos: todos viram a face de Deus na medida em que lhes foi permitido. E a viram claramente. Desfrutaram suficientemente da luz desta beleza e foram arrebatados por sua glória inacessível. Alguns disseram: “Pobre de mim!”⁴⁶⁵ Outros, diz-se, consideraram que não passavam de terra e cinzas⁴⁶⁶. E outros nada puderam dizer sob o transbordamento da glória Daquele que contemplavam. Eles consideraram que sua voz era fraca e que sua língua muda⁴⁶⁷. E eles atravessaram gloriosamente muitas outras provas bem-aventuradas.

O maravilhoso Davi, queimando de desejo de ver o esplendor de

beleza da face de Deus, clama por Deus e implora: “Quando poderei ver a face de meu Deus?”⁴⁶⁸. Querendo mostrar em que estado de alma é possível ver a face do Senhor, ele disse: “Os corações retos permanecerão com a sua face”⁴⁶⁹. E quando sabiamente ele mostrou a força concedida à alma pela contemplação da face de Deus, disse: “Você me rejeitou sua face e eu estou perturbado”⁴⁷⁰.

Mas se a perturbação vem quando a face de divina nos é rejeitada, a paz espiritual se segue à sua presença e visão na alma. O dom é tão grande que depois do amor divino e da alegria aparecem as coisas do Espírito – podemos chama-las de carismas ou de frutos – e os que vivem na santidade e na beatitude caminham à luz da face do Senhor. Foi dito: “Senhor, eles caminharão à luz de sua face e se regozijarão todo dia com seu nome”⁴⁷¹. Este dia é o dia espiritual, a partir do momento em que o Sol inteligível, o Sol inefável, envia seus puros raios vivificantes ao homem interior e que a percepção das coisas mais altas que o mundo se acende no intelecto, ao mesmo tempo em que toda memória da alma é erguida da terra e levada ao céu.

Quem pode dizer até que ponto o homem é bem-aventurado, e exulta, canta os hinos naturalmente e se regozija na alegria, nas delícias e na felicidade? Ele está radiante e seu coração está em festa, cumulado pelo esplendor da face do Senhor. De resto, é por isso que ele suplica a Deus. Ele diz: “Não afaste de mim sua face, ou

⁴⁶² Cf. *Provérbios* 18: 3.

⁴⁶³ Cf. *Gênesis* 1: 27.

⁴⁶⁴ Cf. *Colossenses* 3: 2.

⁴⁶⁵ *Isaías* 6: 5.

⁴⁶⁶ Cf. *Gênesis* 18: 27.

⁴⁶⁷ Cf. *Êxodo* 4: 10.

⁴⁶⁸ *Salmo* 41 (42): 3.

⁴⁶⁹ *Salmo* 139(140): 14.

⁴⁷⁰ *Salmo* 29 (30): 8.

⁴⁷¹ *Salmo* 88 (89): 16-17.

eu serei como aqueles que descem à cova⁴⁷²”. Pois a causa das trevas é o afastamento da face de Deus. Mas seu retorno nos enche de toda luz do intelecto, bem como, justamente, de alegria espiritual, como Davi diz de si mesmo: “A luz de sua face se levantou sobre mim⁴⁷³”. E ele acrescenta: “Ela trouxe alegria ao meu coração⁴⁷⁴”. Ele deu testemunho novamente do dom espiritual que lhe concedeu a graça divina cumulando-o com a luz da face do Senhor. Ele disse que os que se mantêm perto da face do Senhor e o invocam são os ricos do povo de Deus⁴⁷⁵, os ricos em espírito. Pois se são numerosos os santos e os homens de Deus, seria sem mais permitido a todos que vissem a face de Deus, levando uma vida angélica enquanto ainda estão na terra? Faltaria muito. Só o podem os que, com sabedoria e conhecimento de Deus, consideram seu dever servir e adorar o divino em espírito e verdade⁴⁷⁶. Assim, é com justiça que eles são chamados os ricos do povo de Deus, os que iluminam os mistérios de tantas contemplações. Pois sua riqueza consiste na profundidade de uma imensa sabedoria e de um conhecimento divino e espiritual que, segundo Paulo, não é dada a todos⁴⁷⁷. É por isso que o maravilhoso Davi disse a Deus: “Os ricos da terra implorarão sua face⁴⁷⁸”.

Do mesmo modo, Salomão, que possuía o conhecimento mais do que todos, que mais do que todos estava cheio da sabedoria divina⁴⁷⁹ e que ensinou com grande felicidade as coisas mais altas, disse:

⁴⁷² *Salmo* 142 (143): 7.

⁴⁷³ *Salmo* 4: 7.

⁴⁷⁴ *Salmo* 4: 8.

⁴⁷⁵ Cf. *Salmo* 44 (45): 13.

⁴⁷⁶ Cf. *João* 4: 24.

⁴⁷⁷ Cf. *I Coríntios* 8: 7.

⁴⁷⁸ *Salmo* 44 (45): 13.

⁴⁷⁹ Cf. *I Reis* 3: 12.

“Não se apresse em falar diante da face do Senhor. Pois Deus está nos altos céus, e você está sobre a terra aqui em baixo⁴⁸⁰”. Quando, por um dom de Deus, chegamos a estar diante da face do Senhor, quando vemos sua imagem divina e simples, ou seja, quando nos elevamos à contemplação do intelecto, é o tempo de calar. Não se apresse em dizer a menor palavra, seguindo seu hábito de tomar a palavra ao acaso, pois ainda não é tempo de falar. Você se tornou Deus, você também, enquanto ainda está sobre a terra, contemplando, à imitação dos anjos, a face de Deus que está nos céus. Pois os anjos, como disse nosso Salvador, veem continuamente a face de nosso Pai que está nos céus⁴⁸¹. Então, quando você ouvir, como disse Salomão algures, que a luz brilha sempre sobre os justos⁴⁸², considere que estes experimentam naturalmente esta luz pela própria irradiação da face do Senhor, por que eles veem por intermédio da graça divina, à maneira dos anjos, esta face de onde a luz se derrama como de uma fonte. Pois o homem se torna e se constitui sobre a terra como um anjo, para não dizer Deus. Portanto, se você retornar ao dom da graça do Senhor, ao dom que o faz ver sua imagem, considere que aquilo que é Deus no alto o é também você sobre a terra, ou seja, Deus. Mas não fale desta maravilha, sequer pense nela. Caso contrário, você estará dividido em sua inteligência. Aplique-se com toda simplicidade, contemple como Deus na treva, imóvel, numa visão simples e única, e desfrute do esplendor inacessível que flameja e irradia da face do Senhor.

Esta é, digna de ser imitada, a alta condição daqueles cujo intelecto é sábio e voltado para Deus: a flor, por assim dizer, da pureza

⁴⁸⁰ *Eclesiastes* 5: 1.

⁴⁸¹ Cf. *Mateus* 18: 10.

⁴⁸² Cf. *Provérbios* 13: 9.

intelectual, a unidade desejada da fé⁴⁸³ realizada na comunhão do Espírito, o fruto glorioso da sabedoria divina e deificante, o fundamento da paz espiritual, a morada da alegria inimaginável, a porta do amor de Deus, o germe do flamejamento, a fonte de onde se derramam as águas inesgotáveis do Espírito, o verdadeiro alimento simbolizado pelo maná, as delícias, o crescimento e a transformação da alma, o começo dos mistérios e das revelações inefáveis de Deus, a realização da única verdade primigênia, a desapareição de todo pensamento, o fim de todas as reflexões, o conhecimento mais alto do que toda compreensão, a origem do arrebatamento, a renovação da inteligência, a renovação que a ultrapassa, e sua mudança em vista daquilo que é simples, sem limites, infinito, incompreensível, sem figura e sem forma, puro, invariável, intangível, mais alto do que o mundo: em tudo o restabelecimento que conduz à imagem de Deus.

Uma vez que você atingiu este estado, e que a graça, em seu amor pelo homem, o fez conhecer o milagre de Deus, não se apresse, por ignorância, em dizer a menor palavra diante da face do Senhor⁴⁸⁴. Pois a ele cabe a glória única e simples pelos séculos dos séculos.

77. O intelecto que pretende contemplar os inteligíveis que o ultrapassam não vê senão coisas incertas, obscuras, confusas, se, por intermédio da graça de Deus, não obtiver o auxílio de seu coração para alcançar esta contemplação. É por isso que ela precisa conhecer o prazer que lhe é próprio, mesmo que, por ignorância, ele imagine provar deste prazer antes de tê-lo realmente provado, assim como alguém que come pão sem fermento imagina ter um certo prazer,

enquanto que, não tendo jamais provado do verdadeiro pão, ainda necessita conhecer o prazer que dá o verdadeiro pão.

78. Depois de ter se unido ao coração por intermédio da graça, o intelecto contempla sem erro a luz espiritual e se volta para o objetivo de seu próprio desejo, que é Deus. Ele se encontra totalmente fora dos sentidos. Para além de toda cor, de toda qualidade, de toda imaginação, ele cessa de ver o sensível.

79. O intelecto que, por intermédio da graça, foi conduzido à contemplação, come sempre em verdade do maná espiritual. Pois o maná sensível de que Israel se alimentava e que nutria os corpos tinha o poder de fornecer um prazer real, mas ninguém sabia do que ele era feito. O próprio nome “maná” – que significa: “O que é isto?” – significa este desconhecimento: a palavra o diz. Os Hebreus comiam o que estavam vendo, mas, ignorando do que era feito aquilo que comiam, interrogavam-se, dizendo: “O que é isto?”⁴⁸⁵. O contemplativo se maravilha, ele também, em seu intelecto, e diz a si mesmo: “O que é isto?”. Aquilo que ele contempla alegre e alimenta o intelecto que se alimenta em espírito. Isto, de fato, ultrapassa todo pensamento. Pois é uma coisa divina, sobrenatural, paradoxalmente alimentando e dessedentando a inteligência, e que escapa ao estado desta, não apenas por ser incompreensível em sua essência, como por ser infinita e não possuir limites.

80. Três coisas dão testemunho da verdade, posso dizê-lo com toda certeza: a criação, a Escritura e a visão no Espírito. Com efeito, é a partir da Escritura, da criação e daquilo que vemos em Espírito, que

⁴⁸³ Cf. *Efésios* 4: 13.

⁴⁸⁴ Cf. *Eclesiastes* 5: 1.

⁴⁸⁵ Cf. *Êxodo* 16: 15.

podemos contemplar a verdade simples que é única, e a verdade composta que dela deriva. Se, por intermédio destas três coisas que mencionamos, chegarmos a estas duas verdades, e se aí nos mantivermos, teremos encontrado, pela graça de Cristo, o caminho direito. Pois a verdade simples nos permite atingir a altura e a profundidade inteligíveis, assim como a largura infinita pelas quais celebramos com arrebatamento e temor. E além destas coisas, a verdade composta nos permite descobrir a paz, o amor e a alegria do coração. Maravilhados, cantamos amorosamente.

Mas ao homem é preciso muito tempo, esforço e paciência para, de um modo ou de outro, rejeitar os sentidos, separar o intelecto do sensível e permanecer no inteligível. Só então a contemplação da verdade resplandece na alma. Não digo que a verdade seja necessária para descobrir essas coisas, uma vez que demanda tempo, esforço e paciência para as compreender. O que afirmo é que é o homem que as deve encontrar. Pois a verdade é coisa uma e simples, ainda que sua contemplação a revele como dupla. E ela se dirige a todos, para dar testemunho diante daqueles que a querem ver. Mas o homem é composto, ele está ligado aos sentidos, submetido às mudanças e à evolução, ele acaba saindo de si de um modo ou de outro, alienado pela malícia e a presunção e pela doença da descrença. Pois estas três coisas – a presunção, a malícia e a descrença – o fazem decair miseravelmente dos três testemunhos da verdade, ou seja, da Escritura, da criação e do Espírito. É por isso que devemos rejeitar a má presunção, ao mesmo tempo em que rejeitamos as demais coisas de que já falamos, a fim de que o intelecto, retornando à humildade, possa crer com toda simplicidade para em seguida ser capaz, por meio da Escritura e da criação, de conhecer claramente no Espírito não apenas a verdade simples, como também a verdade composta

que dela é derivada. Acrescentarei ainda que estes males afastam a inteligência da contemplação e a impedem de desfrutar desta.

A verdade primeira é assim uma só e mesma coisa simples. Depois, para nós que somos compostos, vem a verdade composta que se segue à verdade simples. Tal é a última e melhor garantia de nosso intelecto, para a qual os que são conduzidos ao objetivo do Espírito entregam toda conduta e toda ascese, a fim de que o intelecto posto a nu possa ver o esplendor que provém da única verdade primigênia e desta verdade composta, e delas possa desfrutar maravilhosamente. Ora, isto não pode ser feito senão por meio da humildade e da simplicidade na fé, pelo testemunho da Escritura e da criação, no Espírito.

Quando o intelecto vê a verdade no espelho destas três potências, pelo triplo testemunho de que falamos, ele retorna naturalmente a si mesmo, tornando-se ainda mais humilde, mais simples, e reencontra a fé com toda a certeza. A partir daí, com os pés alegres, como se diz, ele se eleva para a contemplação desta verdade que brilha com toda luz de seus raios, que o farão retornar a si mesmo através da grandeza da glória que contempla, arrebatando-o e investindo-o na fé. Assim, regressando e voltando a si, percorrendo como um círculo divino, elevando-se por meio da humildade, a simplicidade e a fé, contemplando a verdade, fazendo-se a cada dia mais humilde na luz da verdade e mais e mais simples na fé, ele não mais cessa de caminhar por esta via, na medida em que lhe for possível dizer: “hoje⁴⁸⁶”. Com humildade, simplicidade e fé, pelo testemunho da Escritura e da criação, no Espírito, ele contempla a verdade e depois

⁴⁸⁶ Cf. *Hebreus* 3: 13.

retorna para o ponto de onde partiu. Assim deificado a cada dia pela graça, brilhando com uma luz que o ultrapassa, levando uma vida cheia de graça em nosso Senhor Jesus Cristo, ele recebeu como penhor o gosto da fruição dos bens eternos por vir.

81. A integridade e a invulnerabilidade da vida contemplativa são asseguradas por estas três coisas, a saber: a fé, a clara comunhão do Espírito Santo e a sabedoria do conhecimento. Com efeito, por definição, a contemplação é o conhecimento do inteligível no seio do sensível. Em alguns casos, naqueles que progridem, ela é o conhecimento do inteligível puro, fora dos sentidos. Mas aqui a fé é necessária. Pois foi dito: “Se vocês não crerem, vocês não compreenderão⁴⁸⁷”. E também é necessário o Espírito, uma vez que o Espírito sonda tudo, mesmo as profundidades de Deus⁴⁸⁸. O divino Jó disse: “O sopro de Deus que domina o universo me ensinou⁴⁸⁹”. Depois a energia divina que brota fervente no coração, se posso me expressar assim, embora viva e vivifique para além do mundo, se recolhe naturalmente em si mesma, reúne inefavelmente o intelecto, afasta-o de toda distração e, com serenidade, profunda alegria, consolação e amor divino, lhe concede ver sem dificuldade as coisas de Deus, se voltar para elas, contemplar a Deus com toda novidade e se regozijar abundantemente nele no coração deste novo *eros* ainda maior e da alegria que dele recebe.

Mas, como eu disse, também é necessária a sabedoria. Pois a sabedoria, diz a Escritura, ilumina a face do homem⁴⁹⁰. Ela a ilumina

para nos fazer passar alegremente dos sentidos à inteligência, para nos elevar das coisas sensíveis às visões inteligíveis de Deus, para nos dar a ver as coisas inefáveis da revelação intelectual. Ela a ilumina para que possamos contemplar no mistério e ver na unidade a Deus mais alto do que o ser. “Bendito é o home a quem você instrui, Senhor, e a quem você ensina com a sua lei⁴⁹¹”. Pois é verdadeiramente sábio aquele que, pela instrução, atinge a fé, e que, pelo ensinamento do Espírito, aprende os segredos de Deus. É uma grande coisa, em verdade, um sábio que, pela fé, caminha na união e na comunhão sobrenaturais do Espírito. Como já foi dito, existem três coisas que ninguém pode dominar: Deus, o anjo e o home que ama a sabedoria. O sábio é uma espécie de anjo, estranho sobre a terra. Em tudo ele vela sobre a criação visível. Ele é o fiel iniciados das processões incriadas de Deus, vale dizer, de seus dons, e ele traz em si, por uma atenção concentrada, à imitação dos anjos, o conhecimento deste Deus invisível.

Tal é, em poucas palavras, o homem que, no Espírito Santo, pela fé, é sábio e bem-aventurado, ainda que, sem nenhuma dúvida, para encerrar me baste citar aquilo que Lucas explica nos Evangelhos a propósito de Jesus nosso Senhor, ao contar o poder e os louvores da sabedoria e da graça. Foi ele, de fato, que escreveu que Jesus progredia em sabedoria, idade e graça⁴⁹², e ainda que ele crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria⁴⁹³. Ainda tentando expressar mais claramente o que precede, acrescentarei o que Salomão disse a Deus: “Quem poderia ter descoberto o que há no céu e quem saberia qual é a sua vontade, se você não concedesse a

⁴⁸⁷ *Isaías* 7: 9.

⁴⁸⁸ Cf. *I Coríntios* 2:10.

⁴⁸⁹ *Jó* 33: 4.

⁴⁹⁰ Cf. *Eclesiastes* 8: 1.

⁴⁹¹ *Salmo* 93 (94): 12.

⁴⁹² *Lucas* 2: 52.

⁴⁹³ *Lucas* 2: 40.

sabedoria e não houvesse enviado do alto seu Espírito Santo? Assim foram guardados os caminhos dos que estão sobre a terra. Assim os homens aprenderam o que lhe agrada, e foram salvos pela sua sabedoria⁴⁹⁴. Vê quanto poder alcança a sabedoria, quando unida ao Espírito? E o quanto se afasta da salvação aquele que não possui nem a sabedoria nem o Espírito que vêm de Deus, e que não tem como se socorrer do sábio e daquele que participa do Espírito? Se estas coisas foram escritas sobre o Salvador em quem reside toda a plenitude da divindade⁴⁹⁵, segue-se daí, numa palavra, que a toda a raça dos homens foi dado saber o quanto é necessária a sabedoria sob a impulsão do Espírito, e o quanto o sábio espiritual – que sonda o que há nos céus e caminha para o conhecimento da vontade do Altíssimo – pelar compaixão, maravilhosamente recebe o poder e o progresso deste Deus que ama aos homens.

Devemos falar agora longamente da vida contemplativa e da contemplação, fazer progredir em parte e nutrir a razão de quem nos escuta atentamente, podemos dizer, sem nenhuma hesitação. Pois Deus ordena de uma vez por todas aos seres racionais: eles devem transmitir abundantemente aos que estão em baixo as coisas inteligíveis e acessíveis da irradiação divina, recebê-las do alto com piedade e, num espírito de comunhão e bondade, falar a seus semelhantes dos inteligíveis e de Deus. Assim, não apenas a retidão e a constância racionais do Deus vivo poderá brilhar na Igreja, como a santidade do amor e a extrema beleza da face conhecida pelos discípulos de Cristo poderão resplender continuamente nos corações, derramadas sobre nós pelo Espírito Santo, no puro e perfeito amor aos homens. Assim poderemos levar sobre a terra, em meio às

⁴⁹⁴ Sabedoria 9:16-19.

⁴⁹⁵ Cf. Colossenses 1: 19.

maiores delícias, uma vida angélica e verdadeiramente bem-aventurada, pois nos teremos ligado ao duplo amor divino e deificante do qual dependem toda a Lei e os profetas⁴⁹⁶. Nada é mais doce à alma do que este amor, em especial quando ele não cessa de irradiar profusamente da contemplação e do conhecimento de Deus e das coisas divinas, ou seja, da graça que nos ilumina.

Portanto, aquele que tem este objetivo, que se esforçou por elevar sua obra a Deus para se unir a ele, por assim ser deificado, para ser salvo – pois se o intelecto não for deificado é impossível que o homem seja salvo, como revelaram os pregadores de Deus – este avança na contemplação permitida dos seres e das aparências, colocando em prática na medida do possível os mandamentos do Senhor. Sua ação não é cega, uma vez que ela não se separa da contemplação. E sua contemplação não é inerte, uma vez que ela acontece conjuntamente com a ação.

Assim, com a sabedoria e a santa ciência da Escritura conformes à razão e à inteligência, ele começa com um bom impulso, como foi dito, a contemplar feliz, como a prova do Criador infinitamente poderoso e infinitamente sábio, o mundo das coisas sensíveis submetidas à razão, depois contempla no infinito o poder e toda a diferença, na medida em que se coloca diante delas com toda a sua atenção e que delas desfruta. Em segredo, por tudo o que é oculto, ele nutre então fartamente o intelecto, e assim, chegado o tempo, ele conduz uma vida calma na hesíquia, filosofando apenas com as coisas de Deus através da Escritura e do mundo visível. Em todas as suas obras, ele busca na medida do possível contemplar em espírito a

⁴⁹⁶ Cf. Mateus 22: 40.

criação pela Escritura, e os símbolos pela verdade, numa visão mais unificadora.

A partir daí, com a benevolência do Espírito de adoração e da energia que dele provém, o intelecto passa a se elevar na visão e na ciência da santa verdade, como disse o grande Denis: “Ele atinge o grau sagrado da contemplação, que é geralmente o segundo, ou seja, o das visões e dos pensamentos divinos, independente de todo véu e de toda imagem⁴⁹⁷”. Assim é que o intelecto nu, aplicando-se às coisas intelectuais nuas, considerando que as manifestações divinas trazem nele, através de sua própria pureza e de sua tensão em direção a Deus, como num espelho limpo, os raios mais brilhantes do que o Sol, e novamente nutrido pela graça com aquilo que lhe foi concedido e que lhe é possível, avança para um terceiro grau, nestas numerosas visões bem-aventuradas e nestas processões divinas, cada vez com mais unidade. Em recolhimento e atenção, ele se eleva das numerosas diferenças ao inefável amor da unidade imutável e secreta. Ele se vê transformado pelo sentido intelectual. Assim, aquele que contempla em verdade e reminiscência se vê, pelo Espírito que ilumina, transformado em fogo e em *eros* do coração, em amor maravilhoso por Deus, em amor sem fim. Esta é, segundo o grande Denis, a divina participação no Um simples, na medida do possível. Sobre estes degraus de uma única participação, o intelecto que traz em si a Deus e pensa em Deus se eleva na tripla beatitude e, desfrutando manifesta e visivelmente dos insuportáveis aguilhões do delírio divino e do amor louco que está no coração deste delírio, ele se vê ferido de amor⁴⁹⁸ e como que consumido pelo que lhe acontece. Ele se vê transportado em Deus e sai verdadeiramente de

⁴⁹⁷ Cf. *Carta IX*, 1.

⁴⁹⁸ Cf. *Cânticos 2*: 5.

si mesmo. Ele penetrou, com o rosto radioso, nos mistérios apofáticos⁴⁹⁹ da teologia. Com toda sua atenção cegada, ele fez sua morada naquilo que não possui começo nem fim, no que é incompreensível, totalmente inefável e impalpável. Ele contempla como um oceano o infinito e a inacessibilidade da essência de Deus que ultrapassa todo pensamento de Deus e de natureza, segundo nosso teólogo. Tal é, ainda conforme Denis, o festim, a visão atenta que nutre o espírito e deifica todo o ser que a ela se consagra, começando pela contemplação e o conhecimento dos seres, no além, onde o próprio Hierofante purifica os símbolos sagrados da hierarquia terrestre⁵⁰⁰.

É o que o grande Basílio explica quando diz: “Quando alguém que, por meio da contemplação, ultrapassa a beleza que está nas coisas sensíveis, é levado diante do próprio Deus cuja visão não é concedida senão aos corações puros, depois de haver progredido até o cume da teologia, então ele pode se tronar contemplativo”.

E ainda: “Pela manhã irei diante de você e o verei⁵⁰¹”. Assim falou no Espírito o grande Davi. Quando eu for em sua direção, disse ele, e quando, por intermédio do intelecto eu me aproximar da contemplação de sua face, então receberei a energia da visão por meio da iluminação do conhecimento. Podemos ouvir as mesmas coisas de são Máximo, que diz e mostra o grande progresso que realizam a contemplação e o conhecimento de Deus por meio da Escritura e da criação. Com efeito, é de lá que costuma vir a iluminação do conhecimento, enquanto que a deificação bem-

⁴⁹⁹ Aproximação de Deus por negações sucessivas.

⁵⁰⁰ Cf. *Hierarquia eclesiástica I*, 3.

⁵⁰¹ *Salmo 5*: 4.

aventurada, quando chega a ocorrer, é uma coisa rara e difícil para os que vivem na hesíquia, caso lhes falte o Mestre que ensina por sua própria experiência o que lhe foi concedido no tempo da graça, como disse santo Isaac o Sírio, este guia eminente dos caminhos da hesíquia, no discurso em que falou do sentido espiritual e o poder contemplativo. Assim é que são Máximo afirma: “Dizemos que os ensinamentos dos santos são luzes da obra divina, pois eles suscitam a luz do conhecimento e deificam aqueles que obedecem”. Nisto ele acompanha são Denis, que disse: “A tradição secreta de nossos guias divinos nos forneceu por suas palavras a revelação de outras luzes da obra divina, estas luzes nas quais nós mesmos fomos iniciados⁵⁰²”. Em outra parte ele diz: “O conhecimento de Deus eleva aqueles que para ele se dirigem tanto quanto é dado, e os unifica em sua união que os torna simples”. E ainda: “Todo progresso da manifestação luminosa que provém do Pai e permanece em nós como um dom de bondade, nos simplifica desenvolvendo-se para o alto como uma potência unificante, e retorna à unidade e à simplicidade deificante do Pai que a tudo reúne. Pois todas as coisas vêm dele e nele são⁵⁰³”.

Compreenda, então, que quem sabiamente encontrou a simplicidade desenvolvendo-se para o alto pelo retorno a Deus, ou seja, pela atenção divina, se une a Deus e é deificado se, em sua elevação, contemplar a Deus a partir dos seres e se contemplá-lo a partir da Escritura, seja de forma simbólica, seja divinamente. Como tal homem não seria chamado de Deus? Pois tudo aquilo que se voltou totalmente, tanto quanto possível, para a união com o segredo da obra divina que reside nas Inteligências espirituais, tende de uma maneira incompreensível, tanto quanto possível, para os esplendores

⁵⁰² *Nomes divinos* I, 4.

⁵⁰³ *Romanos* 11: 36; *Hierarquia celeste* I, 1.

divinos desta união, imitando a Deus com todo seu poder, se podemos nos exprimir assim, e se torna digno do nome divino⁵⁰⁴.

É isto que diz também a língua teológica de Gregório: “O homem é um vivente que tem seu destino aqui em baixo e que depois é transportado para outra parte, para enfim ser deificado ante o chamado do mistério que conduz a Deus”. E são Máximo: “A forma intelectual da Escritura divina muda por meio da sabedoria os que têm o conhecimento. Ela os conduz à deificação transfigurando a palavra que está neles e, com o rosto descoberto, eles refletem a glória do Senhor”⁵⁰⁵. Mas esta vida contemplativa necessita, como eu disse, destas três coisas: a fé, a comunhão espiritual e a sabedoria do conhecimento, em nosso Senhor Jesus Cristo.

82. A vida contemplativa aberta ao Espírito vivificante enche de inúmeras e admiráveis maravilhas inteligíveis aquele que contempla no segredo. Ela não o cumula nem imediatamente nem de uma vez, mas com o tempo e através do longo amor pela sabedoria, progressivamente e como que por degraus.

Agora, escute este contemplativo, quando a eminência da hesíquia e sua fuga para longe de tudo – salvo Deus – o fazem dizer: “Eu me manterei solitário até que eu passe⁵⁰⁶”. Em outra parte, quando ele se volta para os seres para conhecê-los: “Quão grandes são suas obras, Senhor, tudo você fez com sabedoria⁵⁰⁷”. E: “O odor das suas vestes

⁵⁰⁴ *Hierarquia celeste* XII, 3.

⁵⁰⁵ Cf. *II Coríntios* 3: 18; Máximo o Confessor, *Centúrias sobre a Teologia* I, 97.

⁵⁰⁶ *Salmo* 140 (141): 10 (Ofício de Vésperas).

⁵⁰⁷ *Salmo* 103 (104): 24 (Ofício de Vésperas).

é como o odor de um campo fértil que você abençoou, Senhor⁵⁰⁸”. E quando ele chega mais alto e se eleva aos degraus inteligíveis, ele confia a Deus: “Eu corro atrás de você, ao odor de seu perfume⁵⁰⁹”. E: “Eu o exaltarei, ó Deus, meu Rei, eu bendirei seu nome pela eternidade, pelos séculos dos séculos⁵¹⁰”. E: “O Senhor é grande e grande é seu louvor. Sua grandeza não tem medidas⁵¹¹”. E: “Seu conhecimento me deixou maravilhado: ele é tão alto que não consigo atingi-lo⁵¹²”. E também: “Você, ó Senhor, é o Altíssimo por toda a eternidade. Sua memória dura por todas as eras⁵¹³”.

Aqueles que veem, voltados para aquilo que na visão é mais alto do que o ser, são convidados pela vida contemplativa a cantar: você se elevou acima de todos os deuses! Outras vezes eles são levados a declarar abertamente: “Nada se parece com você dentre os deuses, Senhor. E nada é como suas obras⁵¹⁴”. Aos que contemplam em espírito a montanha do conhecimento e o santo lugar de Deus, ela mostra onde se elevam e onde moram os que têm as mãos inocentes e o coração puro, ao mesmo tempo em que lhes permite ver as elevações até os céus e as descidas até os abismos, ou seja, a altura e a profundidade dos mistérios do Espírito. Ora ela se aplica admiravelmente em discernir o que lhe concede ver as Pessoas da Trindade; ora se ocupa, em arrebatamento, em se fixar sobre a contemplação de Jesus, da economia de sua encarnação e dos

⁵⁰⁸ *Gênesis* 27: 27.

⁵⁰⁹ *Cânticos* 1: 4.

⁵¹⁰ *Salmo* 144 (145): 1.

⁵¹¹ *Salmo* 144 (145): 3.

⁵¹² *Salmo* 138 (139): 6.

⁵¹³ *Salmo* 101 (102): 12.

⁵¹⁴ *Salmo* 85 (86): 8.

mistérios sobrenaturais que advêm disto. Enfim, após tantas visões bem-aventuradas, ela não mais abandona aquele que contempla, mas o encaminha por uma nova via – e, ó graça! – no próprio seio de Deus, iluminado numa verdadeira detença, num repouso inefável, nas delícias sobrenaturais do Espírito, para não dizer na embriaguez dos bens de Deus e num êxtase mais e mais divino. Pois este seio mais do que bendito possui a grande profundidade dos segredos divinos, e ele permite aproximar suficientemente o senti da supra-essencialidade de Deus. É este seio que Abraão herdou do alto, quando o próprio Deus se fez herança de Abraão ao dizer: “Eu sou o Deus de Abraão⁵¹⁵”. Deus é, assim, por excelência, o Deus de Abraão. O seio de Deus é, por conseguinte, também o seio de Abraão⁵¹⁶. Portanto, é no seio de Deus – que também podemos chamar de seio de Abraão – que, ao se elevar, a vida contemplativa, a vida no espírito, permite penetrar com toda simplicidade, deifica no coração com uma imensa alegria de amor e conduz à beatitude, no regozijo das delícias inefáveis, ao intelecto que comunga da sabedoria e que coloca toda a sua atenção em voltar para o alto seu olhar, em Jesus Cristo nosso Senhor.

83. A partir do momento em que a criação e a Escritura se desenvolveram pela palavra de Deus, aquilo que se pode contemplar em espírito confirma o intelecto e todas as suas potências na visão e na compreensão de Deus, desde que o coração esteja previamente animado e posto em movimento pela energia do Espírito. Ensina-o o bem-aventurado Davi, com a maior sabedoria, ao dizer: “As inteligências – que ele aqui denomina ‘céus’ – foram fundadas pela

⁵¹⁵ *Gênesis* 26: 24.

⁵¹⁶ Cf. *Lucas* 16: 22.

palavra do Senhor, e todo o seu poder pelo sopro de sua boca⁵¹⁷”. E em outra parte: “A terra inteligível – ou seja, nosso coração – está cheia da piedade do Senhor⁵¹⁸”, vale dizer, do poder, da energia e do movimento do Espírito, de maneira sensível e manifesta. Mas enquanto o intelecto não sentir no coração a energia, o poder e o movimento, não apenas ler em espírito a criação e a santa Escritura pela contemplação como recolher numa só razão o que nelas existe, não o confortarão, e devemos temer a possibilidade de que ele se perca em ilusões. Portanto, se devemos nos consagrar à contemplação de Deus a partir da Escritura e da criação, reunindo em sua unidade e sua simplicidade, numa só razão e num só sopro, as numerosas razões dos seres e tudo o que neles vemos, e nos abrindo, além de todo limite, de todo fim e de todo começo, à contemplação única e simples, independente de toda forma, busquemos em primeiro lugar descobrir o tesouro que existe dentro de nosso coração e supliquemos ao Deus santo que encha de piedade nossa terra. Então, se pudermos, elevemos com toda liberdade nosso intelecto à contemplação de Deus, único, como foi dito, puro e simples, eterno, além de toda forma, de todo fim, de todo limite, na contemplação e no socorro do Verbo e do Espírito.

84. Quando, pela retidão e a simplicidade da alma, o homem, à custa das virtudes, com a humildade, a paciência e a esperança que são dadas pela fé, chega ao fim do caminho virtuoso; quando o poder e a energia vivificantes que jorram sempre e sempre do Espírito Santo fazem sua morada no coração, iluminando as potências da alma, chamando e apressando com seu movimento natural manifesto e pela invocação o intelecto ativo, e se unindo inefavelmente a este, de tal

maneira que o intelecto e a graça se tornam verdadeira e indubitavelmente um só Espírito; então o intelecto, levado pelo sopro da graça, dirige-se por si só à contemplação, com seu movimento giratório e sua desorientação indizivelmente detidos pela energia e a luz do Santo Espírito vivificante. Ele vai e vem nas revelações dos mistérios espirituais de Deus. Por todas as formas do silêncio, pela calma de seu próprio olhar, ele consegue penetrar no sobrenatural inefável. E tanto mais ele contempla, e tanto mais é inspirado por Deus, e tanto mais se volta para a visão do próprio Deus, na ciência das coisas divinas, esta ciência que provém das leituras sagradas, que, animado por Deus no Espírito Santo, ele obtém propriamente, por analogia, a humildade e a prece. Ele já não está por fora do conhecimento teológico, mas se torna precisa e realmente teólogo, e já não suporta não se dedicar continuamente ao conhecimento teológico.

Entretanto, sem o dom celeste de que falamos, sem o Espírito sempre claramente em movimento e soprando no coração, o intelecto jamais vê o que imagina, e o que ele pode dizer de Deus não passa de palavras atiradas ao ar inconsideradamente, que não revelam o sentido da alma convenientemente. Por que ele age por ouvir dizer e sob o efeito de palavras que provêm do exterior. É por este motivo que a terrível desorientação dos inteligíveis corrompe o próprio caminho por onde passa a teologia, por que esta não vem do coração nem é conduzida pelo Espírito que ilumina. O mesmo acontece com a verdade única dos inteligíveis, assim como com a verdade imutável da teologia, quando nele – de modo geral mas especialmente no coração – o poder e a energia vivificantes e irradiantes do Espírito não assistem de maneira manifesta e sempre transbordante aquele que as recebe, quer digamos que o Espírito

⁵¹⁷ Cf. *Salmo* 32 (33): 6.

⁵¹⁸ Cf. *Salmo* 32 (33): 5.

sopra, quer digamos que jorra. Não existe aí nenhuma união intelectual, antes existe a divisão: nenhum poder, nenhuma estabilidade, mas fraqueza e versatilidade; tampouco alguma luz, nenhuma visão da verdade, apenas trevas, ficções arbitrárias da imaginação; em tudo, a via da irracionalidade e do erro.

Para os Padres, com efeito, o intelecto pode passar por três ordens, ou três vias: a via natural, a via sobrenatural e a via contra a natureza. Quando o intelecto contempla em sua matéria uma coisa inteligível, ele vê segundo a natureza, mas com a energia sobrenatural do Espírito. Quando ele vê a coisa de maneira fundamental, e não na matéria, ele pode ver um demônio ou um anjo. Se ele se une na paz, e se a iluminação do Espírito se faz mais e mais forte, ele vê sobrenaturalmente, e é claro que vê sem erro. Mas se, ao contemplar o visível, ele se divide e se entenebrece, se a potência vivificante se extingue, ele está vendo contra a natureza e esta visão é da ordem da ilusão. É por isso que não convém que o intelecto se eleve de maneira fundamental até a visão espiritual, nem que ele deposite confiança nesta visão, quando o coração ainda não se encontra animado e transportado pelo poder do Espírito Santo, se é verdade que devemos ter um intelecto são e sábio.

85. Alguns, que fazem tudo corretamente, tentam curar as queimaduras de suas paixões com o orvalho celeste da graça. Á a respeito destes que foi escrito: “O orvalho que procede de você será para nós um remédio⁵¹⁹”. Em outros, este mesmo orvalho se une de alguma maneira a um socorro divino ainda maior e se transforma em maná, como se, pela contrição da humildade do coração, pela água

das lágrimas e pelo fogo do conhecimento espiritual, ele se tornasse pão de trigo, num estado digno e justo, transformado num alimento semelhante ao dos anjos. É de tais seres que foi dito com razão: “O homem comeu o pão dos anjos⁵²⁰”. Outros há enfim, mais altos ainda, que se tornaram como cordeiros. Sua própria natureza se revela como maná. Os Evangelhos dizem deles: “Aquele que nasce do Espírito é Espírito⁵²¹”. A primeira ordem é a dos sábios hesiquistas. A ordem seguinte é a dos que vivem no silêncio e trazem consigo o conhecimento divino. A terceira ordem é a dos que se tornaram inteiramente simples e que foram transformados em Jesus Cristo nosso Senhor.

86. Quando, pela graça, como é natural, o intelecto foge em espírito do Faraó, do Egito e das coisas duras e penosas que aí ele encontrou, esta vida na carne sacudida pelas ondas passionais da amargura e do mal desagradável, quando ele penetra no deserto inteligível, num estado desembaraçado dos pensamentos faraonitas, numa palavra, quando em espírito ele se liberta das paixões, estes males que então fustigavam os Hebreus em seus sentidos, ele passa a comer doravante, pelo sentidos da alma, com toda certeza, o maná inteligível, cuja imagem foi Israel, quando comia outrora o maná sensível⁵²². Mas pode acontecer ao intelecto, e não sem perigo ou risco de queda, de se lembrar em espírito dos sacrifícios egípcios e desejá-los, como os Hebreus se lembravam e desejavam a carne sensível⁵²³. Neste momento o intelecto experimentará o abandono de Deus, até que, pela prece do arrependimento, ela retorne e ele se

⁵¹⁹ Isaías 26: 19.

⁵²⁰ Salmo 77 (78): 25.

⁵²¹ João 3: 6.

⁵²² Cf. Êxodo 16: 35.

⁵²³ Cf. Êxodo 12: 8.

reconcilie com o divino. Mas se, na hesíquia, ele se saciar do maná sem jamais relaxar, quando chegar o tempo, quando a graça lhe conceder a impulsão e a força, ele verá manifesta e claramente sua carne inteligível se transformar, por assim dizer, na própria natureza do maná.

Mas um intelecto como este que come o maná possui uma balança com pratos graças à qual, tomando seu peso de maná, ele não estoca mais do que o alimento cotidiano, a fim de que nada se perca, cheio de vermes e apodrecendo⁵²⁴ por ter tomado mais do que a medida, e também ele não perde a si mesmo por comer demais, por não observar aquela mesma medida. Fica assim claro que o intelecto que se alimenta do maná, uma vez que não coma nada além disto, leva manifestamente uma vida melhor do que todo intelecto que coma, mesmo em espírito, não importa o que e não importa como. O sinal de que ele próprio, pela faculdade que adquiriu de se alimentar, se transformou naquilo que dá qualidade ao maná, é que ele não tem mais apetite pelas muitas coisas estranhas que ele desejava antes. Quando ele come o maná em todas as coisas e se torna como criança, ligado ao amor de Deus, não é de se estranhar que este intelecto se transforme no estado que ele experimenta continuamente e que o sacia desde há muito; a transformação do intelecto em estado de maná jamais se dá contra a natureza. O alimento, quando tomado contínua e ininterruptamente, costuma se transformar naturalmente naquele mesmo que é alimentado.

A partir daí, não apenas o intelecto se aproxima claramente da ordem angélica, como passa a tomar parte da filiação divina. Ele se torna

⁵²⁴ Cf. *Êxodo* 16: 18-20.

digno de ser transportado de glória espiritual em glória espiritual⁵²⁵. Não apenas ele tende para o Um, como se torna ele mesmo Um, vivendo por ele, dele fazendo suas delícias, desfrutando por assim dizer dos mistérios inefáveis, levado pelo Espírito Santo pela semelhança divina e o amor a Deus, e se tornando assim de certa forma à imagem das coisas visíveis e celebradas, na medida em que ele próprio se vê em estado de maná. Esta ordem é bem mais elevada e mais venerável do que a do intelecto que conhece a si próprio por haver comido o maná, mas não por ter se transformado em estado de maná. O primeiro conhecimento é o do intelecto que começa a se recolher sob si mesmo na união inteligível. O segundo é a clara evidência de uma união mais visível, de uma revelação dos mistérios do conhecimento, da libertação última além de todas as coisas, e da intelectualidade transcendente.

87. O intelecto é simples por natureza. Pois aquilo de que ele é imagem é também simples, vale dizer: o divino. Portanto, se ele é simples, ele ama agir na simplicidade. De fato, ele ama tudo o que traz em si esta natureza simples. E no entanto ele se diversifica, não por si mesmo, mas pelos sentidos e pelo sensível, através dos quais ele recebe os inteligíveis. Mas quando ele permite à sua própria razão discernir e julgar com todo conhecimento, na medida do possível, entre ele próprio e os sentidos dedicados ao sensível, sem podar os sentidos que não devem ser podados, sem suprimir por negligência ou emular por preguiça a beleza do sensível, não submetendo a ela seu poder, por indiferença, mas atribuindo sabiamente a cada coisa o que lhe é devido, então o intelecto logo se restabelece na unidade e na simplicidade que é seu natural, e se

⁵²⁵ Cf. *II Coríntios* 3: 18.

afasta das coisas divididas. Ele retoma naturalmente seu amor pelo Um, pela simplicidade, pela ação una e simples que ele busca com seu amor. E é nesta busca que ele assegura seu próprio voo acima de tudo o que existe de composto, até descobrir aquilo que é em si verdadeiramente uno e simples – que é Deus – enquanto se regozija nas delícias, coberto agora apenas pelas asas divinas, e novamente erguido às alturas por estas mesmas asas, como é natural que se regozije uma inteligência guardada e carregada por Deus.

88. O que provém das paixões cobre o discernimento da alma como uma bruma espessa que toma o lugar da verdadeira visão. Mas quando, pela prece frequente, pela realização dos mandamentos, pela tensão em direção à contemplação de Deus, o intelecto recebe a graça de dissipar esta espessa bruma, ele percebe claramente e por si só que ele enxerga a Deus, sem precisar para tanto de nenhum intérprete, do mesmo modo como alguém que vê o mundo sensível não necessita de ninguém que lhe ensina, se nada vier turbar ou velar as pupilas de seus olhos. Com efeito, assim como o sensível está naturalmente ligado aos sentidos, desde que estes sejam sãos, também o inteligível está unido aos pensamentos purificados da nuvem das paixões. E, assim como a compreensão do sensível provém da percepção dos sentidos, também a visão dos inteligíveis provém normalmente do olhar do intelecto. Depois segue-se a contemplação de Deus, simples, fora de qualquer forma, propriedade ou imaginação, que retém a inteligência e a desembaraça de todo sensível e de todo inteligível, guardando-a no coração de um abismo de infinito, de incompreensibilidade, de ausência de limites, num arrebatamento e num maravilhamento que nenhuma palavra é capaz de descrever.

89. Ó Mestre que domina o universo, que é a origem de todo o visível e de todo o inteligível, Incriado que tem por início o que não tem começo, Infinito que tem por limites o que não tem limites, Incompreensível que tem por natureza o que está além da natureza, Não-gerado que tem como ser o que está além do ser, Invisível que tem como imagem o que não possui imagem, Incorruptível que tem como propriedade o que não tem propriedades, Inencontrável que tem como forma o que não possui forma, Ilimitado que ocupa um lugar que não se pode definir, Insondável que tem como compreensão o que não se pode compreender, Inacessível e Incompreensível que tem como conhecimento e contemplação o invisível e o desconhecido, Inexplicável que tem como palavra o indizível, Indizível que tem como explicação o inexplicável, Inconcebível que tem como pensamento o que não pode ser pensado, Mais-do-que-Deus que em tudo tem como morada o retiro acima de tudo, você que está inteiro em todos, maravilha, serenidade, coragem, amor, doçura, regozijo, confiança, verdadeira ausência de inquietação, alegria, você, a única glória, o único reino, a única sabedoria, a única potência anipostática. Por isso é você natural e indizivelmente o êxtase além de todo o visível, a realização além de todo inteligível e o repouso maravilhoso que recebem os que o contemplam e que participam do Espírito Santo, ó Deus inefável.

90. Aquilo que admiramos – ou seja, o divino – também desejamos. E o que desejamos nos purifica, diz a voz teológica de Gregório. Ora, o que purifica torna os seres semelhantes a Deus, e a estes seres se liga daí por diante, como o faz aos seus⁵²⁶. Não apenas Deus é assim. Aqueles que foram purificados aqui descobrem como seus,

⁵²⁶ Gregório de Nazianze, *Discurso XXXVIII*, 7.

em espírito e verdade, o divino e Deus. O Teólogo acrescenta: “Deus está unido aos deuses e é conhecido dos deuses⁵²⁷”. Vê você a natureza maravilhosa da união? De fato, foi dito: “Deus está unido aos deuses”. Mas se a união se dá entre os mesmos, é claro que as disposições e a fruição desta união são forçosamente as mesmas. É por isso que também foi dito: “Ele é conhecido”. Realmente, assim como os que são semelhantes a Deus e são deuses pela graça encontram e conhecem como seus o divino e Deus, também Deus contempla e encontra para unir-se àqueles que, como dissemos, são semelhantes a Deus e são divinos.

Então o grande Gregório acrescenta, não sem razão, para explicar: “Deus é conhecido pelos seres puros que são deuses, na medida em que ele já os conhece, na medida em que Aquele que é Deus por natureza conhece os deuses por adoção⁵²⁸”. Quão grande é você capaz de representar para si a similitude, quando pensa nela? Bem-aventurados são os que, como se deve, tensionam sua alma com toda força e toda a ciência espiritual, nas visões e nas contemplações de Deus, quando, através da ausência de começo e de limites, a incompreensibilidade, a eternidade e o infinito absolutos o envolvem, são vistos na natureza impalpável de Deus todos os que receberam a maravilha mais do que maravilhosa e tamanho arrebatamento. A partir de então sua alma se dedica a seguir a Deus com todo seu amor⁵²⁹. Consumidos pela contemplação da face divina e da admirável beleza que nela reside, eles experimentam com alegria um desejo difícil de suportar. Então eles são purificados, até que em sua obra divina se tornem semelhantes a Deus e a ele se

⁵²⁷ *Ibid.*

⁵²⁸ *Ibid.*

⁵²⁹ Cf. *Salmo* 62 (63): 9.

unam com todo o conhecimento.

Aquele que, pela eminência que cumula os deificados, e seguindo-se ao dom sobrenatural de sua deificação, alcança o conhecimento da união divina, capta maravilhosamente em sua beleza mais do que bela todo o sentido intelectual e todo o desejo, e os atrai ao redor de si como se fossem anjos que cantam sem descanso e com toda justeza: “Deus está na assembleia dos deuses e julga em meio aos deuses⁵³⁰”. E: “O Deus dos deuses, o Senhor, falou. Ele chamou a terra, os filhos da terra, do nascente ao poente⁵³¹”. É por isso que os príncipes dos povos se juntaram ao Deus de Abraão⁵³². Eles se colocaram ao redor de Deus⁵³³, como os serafins que o cercam, recebendo os esplendores divinos dos mistérios mais altos do que o mundo e ligando-se sem ruptura ao Deus que é infinitamente ao infinito separado de tudo. Assim, se os corações puros, segundo declarou o Senhor, são bem-aventurados por que verão a Deus⁵³⁴, como não seriam manifestamente bem-aventurados os contemplativos purificados pelo maravilhamento do conhecimento de Deus e que, ao avançar, se elevam até a dignidade divina? É preciso, assim, que os que desejam experimentar a beatitude e a deificação, e assim se manter na imobilidade como os querubins ao redor de Deus, se liguem com toda sua força à ciência e à ação contemplativas em nosso Senhor Jesus Cristo.

91. Eu quero vê-lo e por isso mesmo celebrá-lo, a você que criou a

⁵³⁰ *Salmo* 81 (82): 1.

⁵³¹ *Salmo* 49 (50): 1.

⁵³² *Salmo* 46 (47): 10.

⁵³³ Cf. *Isaías* 6: 2.

⁵³⁴ Cf. *Mateus* 5: 8.

vida, a você que é a vida dos que o veem, Senhor meu Deus. Mas eu não posso dizer nada por mim mesmo que seja digno. Na verdade, eu nada sei e sofro. Como pode o intelecto se unir a você, Mestre, Criador sapientíssimo? Aquele que não vê senão a Deus desfruta da paz e do repouso que lhe são naturais. Pois o intelecto, quando se liberta da rotação exterior das aparências e se detém sobre si mesmo, deseja meditar e compreender, com sua natural prontidão, as coisas mais altas, e se ligar por intermédio das coisas mais fortes ao devir de sua imaterialidade. Ele se encaminha naturalmente e como que por si mesmo para aquilo que está acima de tudo, para aquilo que é mais alto do que toda a imaterialidade. E assim ele recebe, como é natural, seu socorro pela fé, sob o impulso do Espírito Santo, e assim ele se dirige para você. Ou antes, a inteligência, atraída pelos seres intelectuais que o cercam como aparentados seus, deseja fortemente vê-lo com toda a resolução de sua alma. E assim ela experimenta naturalmente as coisas maravilhosas e bem-aventuradas.

A partir do momento em que sua natureza, que é intelectual, como eu já disse, mais leve e mais rápida do que todas as criaturas, o transporta com todo seu desejo em direção aos inteligíveis, ele deve pensar, assim como comem os animais sensíveis. Pois pensar é, para a inteligência, aquilo que comer é para os animais sensíveis. É pelo pensamento, com efeito, que a vida própria, o crescimento, a alegria e as delícias são concedidas ao intelecto, como o são aos animais sensíveis pelo alimento sólido.

É isto que o intelecto experimenta agindo assim, ou seja, pensando além de toda medida, e principalmente quando seu desejo misturado à atração de sua glória inefável chega, por sua bondade espiritual, àquilo que nasce indizivelmente em você. Com que finalidade, de

fato, aquele que tem em si seu próprio desejo poderia experimentar naturalmente o que lhe vem Daquele que o atrai, e sobretudo de um ser como você, e isto por sua providência, em vista de um ser tão desejado quanto você? Pois é você, ó Rei sábio, todo-poderoso, Senhor mais do que bom, você que tornou vivificante a inteligência inteligível, é você que a criou tal que ela possa se alegrar com o que é seu e entrar indizivelmente na posse do seu *eros* divino em estado de arrebatamento, é você que a criou de forma a que ela possa se entregar loucamente a você num transporte divino.

O intelecto, criado assim, filocálico ao extremo, é então, por natureza, inteiramente filocálico. Ele tem em si, graças à providência, a tensão que o conduz a pensar o melhor, a deseja r sempre adiante as coisas mais altas e a se regozijar com o melhor em tudo o que lhe acontece. É aí que ele se manifesta, para que você o capture com toda sabedoria, atraído que ele é pelo *eros* no coração de sua contemplação e arrebatado de uma vez por todas para longe de tudo, com exceção apenas de você, na resolução da alma. Pois você não se revela, ó dulcíssimo, nem apenas diverso, nem apenas simples, nem apenas compreensível, nem apenas incompreensível, nem apenas terrível, nem apenas clemente. Você é tanto isto como aquilo, a fim de que o movimento e, portanto, a transformação do intelecto, vindo daqui e dali, não se debruce para alguma das coisas que estão fora de você, por causa da aparente diversidade, ou da simplicidade, ou do desejo da incompreensibilidade, ou do desejo da compreensão, ou por causa do terrível, ou por causa da clemência. Numa palavra, você é a única bondade, a única beleza englobante, a origem mais do que boa e mais do que bela, criadora de toda bondade e de toda beleza. O intelecto não pode absolutamente contemplar, permanecer e se alegrar, de muitas maneiras e

frequentemente, em nada senão em você. Pois você contém em si o universo, do qual é a causa, e você é mais alto do que todas as coisas, por que é infinitamente ao infinito o Criador mais do que bom.

Assim, ó Deus, você é Um. Suas energias, em sua multitude, revelam de inúmeras maneiras a sua essência. E você é imenso, por sua própria grandeza. E o mais admirável, maravilhoso, é que você resida naqueles mesmos a quem se deu a compreender. Pois você é totalmente incompreensível em sua essência e em suas energias, e ninguém pode compreender o seu poder. Quem jamais descobriu a medida de seu poder? Quem conheceu sua sabedoria? Quem sondou o oceano de sua bondade? Quem jamais chegou ao fundo de qualquer coisa sua⁵³⁵, embora, de algum modo e por outra via, seja possível compreendê-lo?

Portanto, o intelecto que, por intermédio do inteligível no coração do mundo sensível, começa a contemplar, se eleva em seguida à unidade e à incompreensibilidade que o cercam, ó Salvador. Pela doçura e as delícias perfeitas daquilo que compreende, e por ser filocálico, ele se apressa com grande ardor e se esforça de todas as maneiras para passar além tanto quanto lhe é possível. Mas enquanto ele não consegue ir mais longe, considerando aquilo que lhe escapa indubitavelmente, que está acima dele e que o transporta, ele se mantém presa do *eros*, irresistivelmente transportado de amor louco por você, e acende na alma um desejo intenso, inflamado pelo amor divino a partir do que consegue compreender do incompreensível, e fazendo da privação um modo de adquirir o *eros*, menos pelo

encanto com que você o toca do que pela queimação daquilo que lhe escapa e que o dispõe, pela natureza inacessível de seu conhecimento, a se maravilhar ao mais alto grau, a desejar antes de tudo, e acrescentarei, a se persuadir a não buscar o que você é em sua essência, coisa que além disso é totalmente impossível. Mas a natureza do poder e da energia da essência divina é incompreensível, como a dos seres inteligíveis que contemplamos ao seu redor e que são infinitos em grandeza e insondáveis em sua multitude. Desde que estes seres são infinitos, é de fato impossível alcançá-los. Mas é possível, aproximando-se de você pela purificação e voltando-se para a sua beleza, atingir visões mais claras e mais luminosas dos seres que o cercam, e ser por conseguinte deificado. Você queima com a ferida do *eros* o intelecto que aguarda, iluminando-o pouco a pouco, e assim introduzindo-o nas maravilhas que ele contempla, inacessíveis, místicas, mais altas do que o céu.

Ó Unidade infinitamente celebrada, Trindade infinitamente venerada, Abismo sem fundo de poder e sabedoria! Como, a partir deste ponto ou desta linha de partida, qualquer que seja o nome que lhe dermos, fará você penetrar na divina treva que está em você o intelecto que se elevou como quer a Lei, conduzindo-o de glória em glória⁵³⁶ e lhe concedendo tantas vezes habitar no próprio interior da treva mais do que luminosa? Eu não sei, como você sabe, se outrora Moisés penetrou nesta treva⁵³⁷, se ele chegou a ser a imagem desta treva, ou se a treva foi sua imagem. Eu só sei de uma coisa: esta treva é manifestamente inteligível, e nela são celebrados divinamente, sobrenaturalmente, inefavelmente, no secreto da alma, os mistérios da união e do amor espirituais. Os que são introduzidos

⁵³⁵ Cf. *Sabedoria* 9: 17; *Isaías* 40: 13.

⁵³⁶ Cf. *II Coríntios* 3: 18.

⁵³⁷ Cf. *Êxodo* 20: 21.

nesta treva com a chama do Espírito que ilumina se encontram na mais intensa luz.

92. Quem, vendo-o, Senhor, Trindade, não se regozija por descobrir em você o rei, o mestre que jamais nos deixa, o dispensador de todas as coisas belas e boas, quaisquer que sejam, e a fonte de sua alegria? E quem, antes de ver seu poder que domina o universo, pode conhecer a verdadeira felicidade? É evidente que ninguém é capaz. É por isso que são verdadeiramente bem-aventurados os corações puros⁵³⁸, pois eles o veem com os olhos da alma, a você que é justamente e antes de tudo a alegria espiritual. Eles se regozijam, radiosos, com o coração profundamente feliz, e são cumulados de insuportáveis desejos de amor, ainda que sejam massacrados pelas vicissitudes do corpo e pelos ataques dos demônios. Pois a luz espiritual da beleza de sua face, Senhor, é infinitamente ao infinito mais alta do que toda submissão à tristeza do mundo, para aqueles que podem ser iluminados pela graça.

É por isso que quando você avança, você é todo doçura, inteiro desejo, santa tensão, *eros* inefável. Então seu amor restabelece os que foram feridos pelos agulhões sobrenaturais insuportáveis e que, de certo modo, o veem em seu intelecto. Indo atrás de você, seguindo o odor de seu perfume⁵³⁹, as almas daqueles aos quais você se revela, Deus inefável, correm com todas as suas forças, sem descanso, e se esforçam por todos os meios para atraí-lo para si mesmos, vencidos e esgotados que estão por seu desejo. Elevados à altura de sua beleza sobrenatural, eles o guardam em seu intelecto sem jamais esquecê-lo. Ou antes, é primeiro você quem guarda

⁵³⁸ Cf. *Mateus* 5: 8.

⁵³⁹ Cf. *Cânticos* 1: 3.

continua e espiritualmente seus corações dia e noite. E o sono se vai de suas pálpebras (...) ⁵⁴⁰. Eles repousam então, mas seu coração vigia⁵⁴¹, alegres em seus leitos⁵⁴², como disse o Profeta. Eles veem em abundância, sentem-se oprimidos e não suportam o que lhes acontece. Eles nada sabem, eles são arrebatados por que recebem o esplendor inefável de sua face, pela grandeza da glória de sua santidade, por suas elevações que vão mais alto do que o mundo e que eles trazem em si, pelas revelações místicas e pelas miríades de dos misteriosos e inefáveis, belos e bons, Pai, que o cercam (...) ⁵⁴³.

Possa você firmar aqueles que, retamente, permanecem diante de sua face⁵⁴⁴.

⁵⁴⁰ Lacuna no texto.

⁵⁴¹ Cf. *Cânticos* 5: 2.

⁵⁴² Cf. *Salmo* 149: 5.

⁵⁴³ Lacuna no texto.

⁵⁴⁴ Cf. *Salmo* 139 (140): 14.

SIMEÃO DE TESSALÔNICA

SOBRE A SANTA PRECE DEIFICANTE

Simeão de Tessalônica foi Arcebispo desta cidade no princípio do século XV, no momento em que a desapareição do Império Bizantino iria, ao redor do mar Egeu, impor a todos os cristãos, e não apenas aos monges, interiorizar mais do que nunca a revelação bíblica e a predicação da Igreja. Nestes dois curtos capítulos extraídos de suas obras, ele pede aos leigos para caminhar sobre a via traçada e perpetuada pelos monges durante um milênio: condensar na prece do coração (a invocação contínua do “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus”) e salvaguardar assim na mais pura simplicidade e na mais imediata humildade, com a compaixão de Deus, a irreduzível identidade do fiel. Simeão faz bondosamente a apologia da ‘prece do coração.

O primeiro capítulo enumera as virtudes desta prece, que ele chama de “prece divina”: o viático que permite a passagem da criação à redenção, até a transfiguração do mundo na luz eterna, em nome e pela graça do Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus. A via cristã é assim reconduzida inteiramente a sua origem e ao seu fim, da invocação à confissão, da confissão à iluminação: “a salvação e a vida”, conclui Simeão.

O segundo capítulo exorta a dizer continuamente esta prece comum. Perpetuando a todo momento, no próprio curso do mundo, os sacramentos da Igreja, identificando, definindo e reunindo “no secreto” todos os cristãos, a prece do coração funda e verifica, na sua fé e nas suas obras, o homem, quem quer que seja, monge, sacerdote ou leigo, que se lembra de Cristo e traz a Cristo em si: tendido entre a humildade e a deificação, aberta sobre o devir absoluto, a vocação mesma do cristão.

SOBRE A SANTA PRECE DEIFICANTE

Capítulo 236

Esta prece divina, a invocação de nosso Senhor – “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim” – é ao mesmo tempo apelo, invocação e confissão de fé. Ela suscita o Espírito Santo, é a morada de Jesus Cristo, é a fonte da reflexão espiritual e dos pensamentos divinos, ela liberta dos pecados, cura as almas e os corpos, concede a iluminação divina, distribui a piedade de Deus, concede na iluminação as revelações e as iniciações divinas, e traz em si a única via de salvação: o nome salutar de nosso Deus, vale dizer, o nome único de Jesus Cristo Filho de Deus invocado em nós, que em nenhum outro reside a salvação⁵⁴⁵, como disse o Apóstolo.

Assim é que a prece é apelo, pois nela pedimos a piedade de Deus. Ela é invocação, por que ao invocarmos oferecemos a nós mesmos a Cristo. Ela é confissão, por que, por haver confessado o nome divino, Pedro foi chamado de bem-aventurado⁵⁴⁶. Ela suscita o Espírito, pois ninguém pode dizer “Senhor Jesus” senão no Espírito Santo⁵⁴⁷. Ela dispensa os dons de Deus, pois por meio dela eu lhe darei as chaves do Reino dos céus, disse Cristo a Pedro⁵⁴⁸. Ela purifica o coração, pois ela vê a chama por Deus, e purifica aquele que vê. Ela expulsa os demônios, pois todos os demônios são expulsos em nome de Jesus Cristo. Ela é a morada de Cristo, pois Cristo está em nós quando nos lembramos dele, ele permanece em

nós em nossa lembrança e nos enche de alegria. De fato, foi dito: “Eu me lembrei de Deus e me alegrei⁵⁴⁹”. Ele é a fonte da reflexão espiritual e dos pensamentos divinos, pois Cristo é o tesouro de toda sabedoria e de todo conhecimento⁵⁵⁰, e ele concede estas coisas àqueles nos quais ele habita. Ele é a libertação dos pecados, pois foi dito: “Aquele que você desatar por seu intermédio será desatado no céu⁵⁵¹”. Ela cura as almas e os corpos, por que foi dito: “Em nome de Jesus Cristo, levante-se e ande⁵⁵²”, e também: “Enéas, Jesus Cristo o curou⁵⁵³”. Ela concede a iluminação divina, por que Cristo é a verdadeira luz⁵⁵⁴, e ele transmite aos que o invocam o esplendor de sua graça. Foi dito: “Venha sobre nós o esplendor do Senhor nosso Deus⁵⁵⁵”. E também: “Aquele que me segue terá a luz da vida⁵⁵⁶”. Ela espalha a piedade de Deus, pois nós pedimos esta piedade e: “O Senhor é compassivo, ele tem compaixão por aqueles que o invocam⁵⁵⁷”, e: “Ele faz justiça rapidamente aos que chama para junto de si⁵⁵⁸”. Ele concede aos humildes revelações e iniciações divinas, pois estas foram dadas a Pedro o pecador por uma revelação do Pai que está nos céus⁵⁵⁹, e Paulo foi arrebatado em Cristo e ouviu as revelações⁵⁶⁰.

⁵⁴⁹ Salmo 76 (77): 3.

⁵⁵⁰ Cf. Colossenses 2: 3.

⁵⁵¹ Mateus 16: 19 e 18: 18.

⁵⁵² Atos 3: 3.

⁵⁵³ Atos 9: 34.

⁵⁵⁴ João 1: 9.

⁵⁵⁵ Salmo 89 (90): 17.

⁵⁵⁶ João 8: 12.

⁵⁵⁷ Salmo 85 (86): 6; Salmo 144: 18.

⁵⁵⁸ Lucas 18: 7.

⁵⁵⁹ Cf. Mateus 16: 17.

⁵⁶⁰ Cf. II Coríntios 12: 2.

⁵⁴⁵ Atos 4: 12.

⁵⁴⁶ Cf. Mateus 16: 17.

⁵⁴⁷ Cf. I Coríntios 12: 30.

⁵⁴⁸ Cf. Mateus 16: 19.

Seus efeitos são sempre os mesmos. E ela é a única via de salvação, pois “em nenhum outro temos a salvação⁵⁶¹”, disse o Apóstolo, e também: “Ele é o Salvador do mundo, o Cristo⁵⁶²”. É por isso que no último dia toda língua, queira ou não, confessará e cantará que Jesus Cristo é o Senhor, na glória de Deus Pai⁵⁶³. Este é o sinal de nossa fé, pois somos cristãos e trazemos este nome. E ele testemunha que somos de Deus. Pois, como já lembramos, foi dito: “Todo espírito que confessa que Jesus Cristo é o Senhor vindo na carne é de Deus. E quem não o confessa não é de Deus⁵⁶⁴”. Mas “este é o espírito do Anticristo, que não confessa Jesus Cristo⁵⁶⁵”.

É preciso assim que todos os fiéis não cessem de confessar este nome, para proclamar sua fé e por amos a nosso Senhor Jesus Cristo, do qual ninguém jamais nos poderá separar⁵⁶⁶, e pela graça que seu nome derrama. E pela absolvição, a redenção, a cura, a santificação, a iluminação, e acima de tudo a salvação. Pois foi neste nome divino que os apóstolos fizeram maravilhas e ensinaram. O divino Evangelista disse: “Estas coisas foram escritas para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus⁵⁶⁷”; esta é a fé. “E para que, crendo, vocês tenham a vida em seu nome⁵⁶⁸”. Tais são a salvação e a vida.

⁵⁶¹ Atos 4: 12.

⁵⁶² João 4: 42.

⁵⁶³ Filipenses 2: 11.

⁵⁶⁴ I João 4: 2.

⁵⁶⁵ I João 4: 3.

⁵⁶⁶ Cf. Romanos 8: 35.

⁵⁶⁷ João 20: 31.

⁵⁶⁸ *Ibid.*

Capítulo 237

Que todo fiel diga continuamente em seu intelecto e com sua língua esta prece do nome de Jesus. Imóvel ou caminhando, sentado ou deitado⁵⁶⁹ o que quer que diga ou faça, que não cesse de se dedicar à prece. Então ele encontrará uma grande serenidade, uma enorme alegria, como sabem por experiência todos os que agem assim. Esta obra ultrapassa os homens que são absorvidos pelas coisas desta vida, e os próprios monges, quando se encontram em meio às perturbações do mundo. Entretanto, é preciso que aquilo que diz respeito a esta obra esteja distribuído a cada qual, e que todos, sacerdotes, monges ou leigos, tenham diante de si o modelo desta prece, a fim de praticá-la tanto quanto possível. Em primeiro lugar os monges, por que esta é a sua ordem, e por que a têm por obrigação. Ainda que estejam no vaivém dos serviços para os quais são chamados, que se esforcem sempre em se aplicar à invocação, pois eles se devem à prece e devem orar continuamente ao Senhor⁵⁷⁰, mesmo que estejam distraídos e ocupados, mesmo que seu intelecto esteja cativo, como se diz, para que não se tornem negligentes e sejam capturados pelo inimigo, eles devem retornar à prece e se alegrar por este retorno. Também os sacerdotes devem orar, por que foram consagrados a esta obra apostólica que realiza a predicação divina e os gestos de Deus, e que revela o amor de Cristo. Enfim, devem praticá-la tanto quanto puderem aqueles que estão no mundo, por que ela se constitui num selo sobre eles e num signo de sua fé, ela os santifica e expulsa deles toda tentação.

É preciso, portanto, que todos, sacerdotes, leigos ou monges, a partir

⁵⁶⁹ Cf. Deuteronomio 6: 6-7.

⁵⁷⁰ I Tessalonicenses 5: 17.

do momento em que despertam do sono, tenham em primeiro lugar a Cristo no espírito, e que se lembrem sempre primeiro de Cristo. Todos devem oferecer a prece a Cristo como as primícias e o sacrifício de todo pensamento, lembrar-se, antes de cada pensamento, de Cristo, que nos salvou e que tanto nos amou. Pois nós somos cristãos, e trazemos o nome de Cristo. Nós nos revestimos dele pelo batismo divino⁵⁷¹ e dele recebemos o selo pela unção. E comungamos e seguimos comungando sua Carne santa e seu Sangue. Somos seus membros⁵⁷², somos seu Templo⁵⁷³. Nós dele nos revestimos⁵⁷⁴ e ele permanece em nós. Por isso devemos amá-lo e sempre nos lembrarmos dele. Que cada um tome para si como um dever consagrar-se à prece tanto quanto puder por um determinado tempo, e de dizer um certo número de vezes esta oração.

Mas já dissemos o bastante. Os que se interrogam a respeito da oração encontrarão benefícios naquilo que ensinamos aqui.

⁵⁷¹ *Gálatas* 3: 27.

⁵⁷² *I Coríntios* 12: 27.

⁵⁷³ Cf. *II Coríntios* 6: 16.

⁵⁷⁴ Cf. *Gálatas* 3: 27.

OPÚSCULOS EM GREGO DEMÓTICO

No final da Filocalia foram inseridos alguns opúsculos ou extratos de obras de Padres traduzidos (provavelmente pelos próprios compiladores, Macário e Nicodemo) em grego demótico, o grego moderno falado, com o objetivo de torna-los acessíveis a todos os cristãos, em razão de sua utilidade. Alguns destes textos já se encontram em um ou outro dos autores publicados; as concordâncias encontrar-se-ão assinaladas.

Sobre as palavras da prece divina

Interpretação do Kyrie eleison

De São Simeão o Novo Teólogo:

Discurso sobre a fé e o ensinamento

Sobre os três modos da prece

De são Gregório o Sinaíta

Da vida de são Máximo o Capsocalyvita

Da vida de são Gregório de Tessalônica

SOBRE AS PALAVRAS DA PRECE DIVINA

O “Discurso sobre as palavras da prece divina” é o primeiro dos sete textos em língua demótica que aparecem como o testamento da Filocalia, pois as dificuldades dos tempos pediam, para os editores de 1782, uma interiorização e uma realização da vida monástica na oração permanente de todos os cristãos. Este discurso, atribuído pela Filocalia a um “santo anônimo”, é de fato a paráfrase de um texto das primeiras décadas do século XV, devido a Marcos Eugênicos, arcebispo de Éfeso, morto em 1429. Ele se segue naturalmente aos capítulos de Simeão de Tessalônica. Mas Simeão apresentava e exortava, enquanto Marcos de Éfeso aprofunda e explica. Ele esclarece que a “prece divina” – a prece do coração – tem sua origem na Sagrada Escritura, que ela perpetua e realiza lembrando continuamente estes dois polos: o nome e a graça de Deus. O próprio nome – “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus” – nos foi confiado pelos três testemunhos-chave do Novo Testamento, Paulo, João e Pedro. E o apelo à graça – “tenha piedade de mim” – nos foi transmitido pelo cego que, no Evangelho, implora pela compaixão de Jesus. A prece do coração integra assim os dados fundamentais da revelação evangélica (o Senhor é Jesus, Jesus é o Cristo, o Cristo é o Filho de Deus) e estabelece o fiel, por meio da piedade e a graça, no coração da redenção. Ela é assim a própria ortodoxia da fé cristã. Ela explicita a natureza humana e a natureza divina de Cristo, ao mesmo tempo que a união e a distinção das duas naturezas numa mesma hipóstase: a resposta, pura e simples, lapidar e luminosa, a todas as heresias, e sobretudo o fruto que a ascese hesiquiasta colhe e prova sobre aquilo que a Filocalia chama de a “grande e bela árvore” da revelação bíblica.

De um santo anônimo

Discurso admirável sobre as palavras da prece divina
“Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim”.

Que poder tem a prece “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim”? E de quais graça ela cumula os que a praticam? E a que estado de dignidade os conduz? Não nos é possível dizer e revelar tais coisas, por que isto nos ultrapassa. Diremos apenas de onde vem esta oração, e quem foram os primeiros a pronunciar suas palavras.

Esta oração tem sua origem na Sagrada Escritura. E foram os três grandes apóstolos de Cristo, Paulo, João e Pedro, que disseram as suas palavras. Foi deles que as recebemos, como uma herança transmitida pelos Padres. Elas são oráculos divinos, revelações do Espírito Santo, vozes de Deus. Com efeito, nós cremos que todos os ditos e escritos dos divinos apóstolos que traziam em si o Espírito são palavras de Cristo, que as disse por suas bocas. Pois nosso Senhor, no santo Evangelho, prometeu a eles que ele próprio, o Filho, o Pai e o Espírito Santo viriam fazer neles sua morada⁵⁷⁵, e não apenas neles, os apóstolos, mas em todo cristão que observe seus mandamentos.

Foi assim que o divino Paulo, que foi considerado digno de ser elevado até o terceiro céu, disse do Senhor Jesus: “Ninguém pode dizer ‘Senhor Jesus’ se não for no Espírito Santo⁵⁷⁶”. Ao afirmar que

⁵⁷⁵ Cf. João 14: 29.

⁵⁷⁶ I Coríntios 12: 3.

ninguém pode dizer este nome do Senhor Jesus fora do Espírito Santo, o apóstolo Paulo revelou de maneira admirável que este nome é muito mais alto do que todos os outros nomes, e que ele os domina: é por isso que é impossível pronunciá-lo fora do Espírito Santo. Quanto a João o Teólogo, que revelou como um trovão as coisas do Espírito e da teologia, ele tomou o final das palavras de Paulo para delas fazer o início. Ele disse: “Todo espírito que confessa Jesus Cristo vindo na carne é de Deus⁵⁷⁷”. Ao afirmar que todo espírito que confessa o nome de Jesus Cristo é de Deus, este apóstolo divino mostra com suas palavras que o nome e a confissão de Jesus Cristo são da ordem da graça divina e espiritual, que esta não é uma coisa simples e fortuita. Da mesma forma Pedro, o príncipe dos apóstolos, tomou o final das palavras de João – ou seja, “Cristo” – e dela fez outro início. A nosso Senhor que perguntou aos seus discípulos: “Quem vocês dizem que sou?”, Pedro respondeu: “Você é o Cristo, o Filho de Deus⁵⁷⁸”, palavras que Deus Pai lhe revelou do céu, como testemunha nosso Senhor no Evangelho⁵⁷⁹.

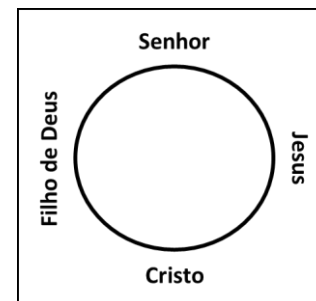
Considere como em suas palavras divinas estes três santos apóstolos de Cristo se apoiam um no outro para formar um círculo. Cada qual recebeu do outro as palavras divinas, de modo a colocar no começo a palavra que o anterior havia colocado no final, e assim realizaram a oração. Paulo disse “Senhor Jesus”, João disse “Jesus Cristo” e Pedro disse “Cristo, Filho de Deus”. Existe aí um círculo admirável. O final “Filho de Deus” se une ao começo “Senhor”. Pois é a mesma coisa dizer “Senhor” e “Filho de Deus”, por que as duas coisas manifestam a divindade do Filho único de Deus.

⁵⁷⁷ I João 4: 2.

⁵⁷⁸ Mateus 16: 15-16.

⁵⁷⁹ Cf. Mateus 16: 17.

É assim que os bem-aventurados apóstolos nos ensinaram a dizer no Espírito Santo e a confessar “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus”. O fato de que eram três os torna dignos de fé. Pois toda palavra deve ser assegurada e confirmada por três testemunhas⁵⁸⁰.



Mesmo a ordem segundo a qual os apóstolos disseram estas palavras não é sem razão, mas tem sua explicação. O primeiro a dizê-las foi Paulo, depois João e enfim Pedro. A tradição mística da prece “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus” começou por Paulo, que foi o último dos discípulos de Cristo, depois através de João ela chegou a Pedro, que foi o primeiro, e nele ela se realizou. Ora, existe aí, penso eu, um sinal da ordem segundo a qual nós progredimos para nos unir a Deus pela ação, a contemplação e o amor. Pois Paulo significa a ação, como ele próprio disse: “Eu trabalhei mais do que todos⁵⁸¹”. João representa a contemplação, como indica seu nome de Teólogo. E Pedro representa o amor, como nosso Senhor testemunhou ao dizer-lhe: “Pedro, você me ama? Apascenta minhas ovelhas⁵⁸²”. Assim, aquele que se dedica à prece progride primeiro na virtude ativa, depois se eleva da ação à contemplação e enfim adquire o amor de Cristo e se une a ele.

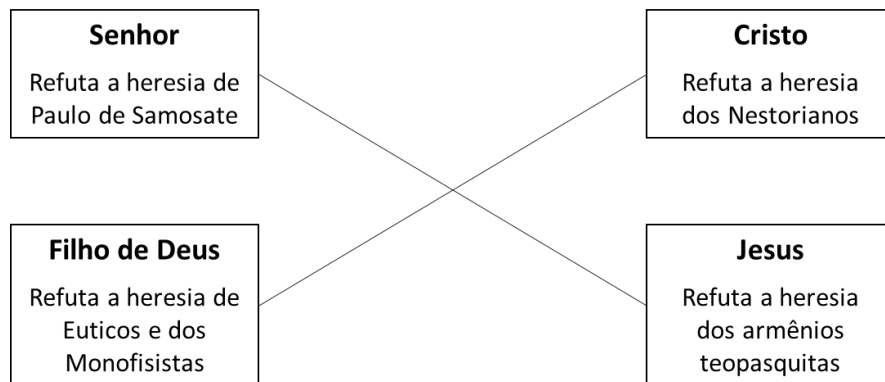
Mas estas palavras divinas da oração não significam apenas isso. Elas revelam igualmente a justa doutrina de nossa fé e derrubam todas as heresias. Com efeito, “Senhor” manifesta a natureza divina

⁵⁸⁰ Cf. Mateus 18: 16.

⁵⁸¹ I Coríntios 15: 10.

⁵⁸² João 21: 16.

de Cristo e derruba a heresia dos que afirmam que ele foi apenas um homem e que não é Deus. “Jesus” manifesta a natureza humana de Cristo e derruba a heresia dos que dizem que ele é somente Deus e que ele não foi homem, ou que ele foi homem apenas na aparência. “Cristo” manifesta as duas naturezas, a divina e a humana, as duas numa só pessoas, numa só hipóstase, e derruba a heresia dos que dizem que em Cristo existem duas hipóstases separadas uma da outra. Por fim, “Filho de Deus” manifesta que, em Cristo, a natureza divina, depois de se ter unido à natureza humana, não se confunde com ela, e que, da mesma forma, a natureza humana não se confunde com a natureza divina. “Filho de Deus” derruba assim a heresia dos que dizem que a natureza divina e a natureza humana em Cristo se confundem e estão misturadas uma à outra. Essas quatro palavras, que são palavras divinas e punhais espirituais, derrubam e refutam dois pares de heresias que se opõem entre si na malícia e na divisão, mas que se unem e concordam na impiedade.



Isto é o que nos transmitiram nossos Padres, estes homens perfeitos que possuíam a sabedoria de Deus, que traziam em si o Espírito, que

imprimiram em seus corações e amaram desmesuradamente, como nos ensinaram os apóstolos, cada uma das palavras divinas “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus”, e, em especial, o nome dulcíssimo de “Jesus”. Eles fizeram deste único nome uma prece perfeita e total. Continuamente, durante toda sua vida, eles se esforçaram por se saciar da doçura de Jesus. Eles sentiam todo o tempo fome e sede de Jesus, ainda que estivessem cheios de alegria espiritual inefável, ainda que houvessem recebido os carismas de Deus e estivessem doravante livres da carne e deste mundo, como anjos terrestres ou homens celestes, tão grande era a altura da virtude à qual se elevaram por meio deste doce nome de Jesus.

Entretanto, a nós, os noviços e imperfeitos, eles ensinaram ainda a dizer: “Tenha piedade de mim”. Ou seja, “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim”. E isto para permitir que conheçamos nossa medida e nosso estado, que saibamos que temos necessidade do enorme e rico amor do Deus Santo e que somos como aquele cego de que fala o Evangelho, e que, desejando ver a luz com seus olhos, clamou no momento em que nosso Senhor passava, dizendo: “Jesus, tenha piedade de mim!⁵⁸³”. Da mesma forma, nós, que somos cegos na alma, pedimos a Deus que nos revele seu amor e que nos abra os olhos da alma, para que possamos ver com o intelecto. É por isso que nos foi ainda prescrito dizer: “tenha piedade de mim”.

Alguns, querendo colocar aí também o amor ao próximo, dizem assim a oração: “Senhor Jesus Cristo, nosso Deus, tenha piedade de nós”. Assim eles oram por todos os irmãos. Pois eles sabem que o

⁵⁸³ Cf. Marcos 10: 47.

amor é a realização da Lei e dos Profetas⁵⁸⁴, que ele consiste numa virtude que contém em si todos os mandamentos e todas as obras espirituais. Assim eles unem à sua prece o amor ao próximo. Eles pedem a Deus que tenha piedade deles e de seus irmãos. Eles pedem assim sobre estes em primeiro lugar o amor de Deus. Pois eles mencionam a Deus pensando nos outros. Eles chamam nosso Deus para todos, e lhe pedem para dispensar a mesma piedade a todos os irmãos. Enfim, o amor do Deus boníssimo vem regularmente a nós quando este vê que mantemos a fé correta nos dogmas e a perfeição dos mandamentos nas obras, estas duas coisas que contém em si o curto verso da prece: “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de nós”.

Se quisermos ainda examinar o tempo em que foram pronunciados originalmente estes nomes divinos “Senhor Jesus Cristo”, encontrá-los-emos novamente na mesma ordem em que os dizemos. Com efeito, dizemos primeiro “Senhor”, depois “Jesus” e enfim “Cristo”. Por toda parte no Antigo Testamento, tanto antes como depois da Lei, o Filho e Verbo de Deus é chamado de “Senhor”. No tempo de Ló, foi dito: “O Senhor fez chover o fogo que veio do Senhor⁵⁸⁵”. E nos Salmos Davi afirma: “O Senhor disse ao meu Senhor⁵⁸⁶”. Também no Evangelho, no momento em que Gabriel anunciou à Mãe de Deus que o Verbo de Deus iria se tornar homem, ele disse a Maria: “Você o chamará pelo nome de Jesus⁵⁸⁷”. Pois o Filho e Verbo de Deus, sendo Senhor, Mestre do universo e Deus, quis, em sua bondade e misericórdia extremas, tornar-se homem para salvar o

homem. E ele foi chamado de Jesus, nome que quer dizer Salvador e Redentor do homem. Enfim, “Cristo” manifesta a deificação da natureza humana que nosso Senhor tomou quando se encarnou e se tornou homem. Antes de sua Paixão e morte, ele proibia seus discípulos de chamá-lo de Cristo. Mas depois de sua Paixão e de sua Ressurreição, foi com toda liberdade que o apóstolo Pedro, diante do povo judeu, o chamou de Cristo, dizendo: “Que toda a casa de Israel saiba que Deus o tornou ele próprio Senhor e Cristo⁵⁸⁸”. Pois a natureza humana que o Filho e Verbo de Deus tomou recebeu a unção de sua divindade e foi semelhante a Deus, a partir do momento em que Cristo foi crucificado, ressuscitou dos mortos, subiu aos céus e sentou-se à direita do Pai. Foi, portanto, depois da Ascensão, que chegou o tempo em que foi revelado este nome de Cristo. Então os apóstolos anunciaram que Jesus era o Cristo, Filho de Deus e Deus.

É assim que o chamamos em primeiro lugar “Senhor”, depois “Jesus” e enfim “Cristo” e “Filho de Deus”, tal como aparece na oração “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim”, oração que, em sua sabedoria divina, nossos Padres receberam dos santos apóstolos como uma herança ancestral, e que eles nos transmitiram. Nós mesmos, tanto quanto podemos, dizemos as palavras desta prece, como colhemos as flores de uma grande e bela árvore. Agora, onde se encontram os frutos que amadurecem em si as palavras divinas, que outros o digam, aqueles que, com tempo e experiência, progrediram nesta obra da oração, que provaram da doçura deste fruto e que alcançaram a perfeição.

⁵⁸⁴ Cf. *Mateus* 22: 40; *Romanos* 13: 10.

⁵⁸⁵ *Gênesis* 19: 24.

⁵⁸⁶ *Salmo* 109 (110): 1.

⁵⁸⁷ *Lucas* 1: 31.

⁵⁸⁸ *Atos* 2: 36

INTERPRETAÇÃO DO KYRIE ELEISON

Sucedendo a dois textos apologéticos sobre a prece do coração (uma simples apresentação e uma explicação bíblica), esta breve interpretação anônima do “Kyrie eleison” aparece sobretudo como uma advertência e uma defesa. Ela relembra as origens bíblicas e apostólicas da prece do coração (em especial o “Kyrie eleison”, ou “Senhor, tenha piedade” dos salmos), mas explica ainda que pedir a piedade do Senhor não faz sentido a menos que saibamos com certeza e consciência o que estamos invocando quando dizemos “Senhor”.

Esta observação toca num dos pontos mais delicados da vida espiritual, já sublinhado no Evangelho: orar não pode ser nem um hábito, nem uma ostentação. Orar implica sempre uma dupla consciência que a um tempo quebranta e abre o coração: a consciência da perdição do homem e a consciência da compaixão do Senhor, sendo que a piedade aqui não é outra coisa do que, como é afirmado, “a graça do Espírito Santo”, ou seja, o dom da deificação. Vale dizer, este é o alcance máximo da prece do coração, e isto mostra a importância deste pequeno texto

De um santo anônimo

1. A oração “Senhor Jesus Cristo, tenha piedade de mim”, e mais resumidamente “Senhor, tenha piedade” (“*Kyrie eleison*”) foi dada aos cristãos desde a época dos apóstolos, e lhes foi prescrito que a dissessem continuamente. Mas o que significa este “*Kyrie eleison*”?

Muito poucos o sabem hoje em dia. É por pura perda de tempo, ou mesmo por nada, que se diz “Senhor, tenha piedade”. Não se recebe assim a piedade de Deus, porque não se sabe o que está sendo pedido. É preciso saber que o Filho e Verbo de Deus se tornou Senhor e Mestre da natureza humana a partir do momento em que se encarnou, ou em que ele se fez homem, quando ele sofreu tormentos, quando foi crucificado e quando, espalhando seu santíssimo sangue, resgatou os homens das mãos do diabo. Pois antes de se encarnar, ele era o Senhor de todas as criaturas visíveis e invisíveis: ele era seu Criador. Quanto aos homens e aos demônios que não quiseram de boa vontade tê-lo como Senhor e Mestre, o Senhor do mundo inteiro não se tornou seu Senhor. Pois o Deus boníssimo, tendo feito os anjos e os homens livres e tendo lhes dado a razão para que eles tivessem o conhecimento e o discernimento, não quis, sendo justo e verdadeiro, lhes retirar a liberdade nem dominá-los à força e contra sua vontade. Mas ele é o Senhor e Mestre apenas dos que querem se submeter ao poder e ao governo de Deus. Quanto aos que não o querem, ele os deixa fazer sua vontade, pois eles são livres.

2. Assim é que quando Adão, seduzido pelo diabo rebelde, se revoltou contra Deus e se recusou a obedecer seu mandamento, Deus lhe deu a liberdade e não quis dominá-lo à força. Mas o diabo invejoso, que havia enganado a Adão no começo, não parou de enganá-lo até conseguir torná-lo semelhante em irracionalidade aos animais desprovidos de inteligência, e ele passou a viver daí em diante como um animal privado de razão e de intelecto. Deus, em sua grande compaixão, teve por fim piedade dele. Ele inclinou os céus e desceu à terra, e se fez homem para o homem. Com seu sangue puríssimo ele o libertou da escravidão do pecado. Pelo santo Evangelho, ele o conduziu pelo caminho de uma vida agradável a

Deus e, segundo João o Teólogo, ele nos deu o poder de nos tornarmos filhos de Deus. Ele nos regenerou pelo batismo divino. Ele nos tornou novas criaturas. Pelos sacramentos, ele alimentou a cada dia e vivificou nossas almas. Numa palavra, em sua extrema sabedoria, ele abriu a via que o tornou para sempre inseparável de nós, como nós dele, para que o diabo não mais tivesse lugar em nós.

3. Aqueles cristãos que, depois de receber de Cristo seu Mestre tantas graças e tantas benesses, se deixaram novamente enganar pelo diabo, que se afastaram de Deus por causa do mundo e da carne e que foram dominados pelo diabo cuja vontade cumprem, mas que não são insensíveis a ponto de não perceberem o mal que sofreram, que compreendem sua falta e reconhecem a escravidão em que se encontram, mas que não podem sozinhos se libertar e pedem socorro a Deus, estes dizem “Senhor, tenha piedade”, para que o Senhor, em seu grande amor, os cumule com sua misericórdia e compaixão, para recebê-los como filhos pródigos, para dar-lhes outra vez a graça divina, a fim de que sejam libertados do pecado pela graça, para que se afastem dos demônios, para que recuperem sua liberdade, e que assim possam viver agradando a Deus e cumprindo seus mandamentos. Estes cristãos, que dizem *Kyrie eleison* com tal finalidade querem com isto descobrir a compaixão do Deus boníssimo, querem receber sua graça, a fim de se libertarem do pecado e ser salvos.

4. Mas os que não têm a consciência total disto que dissemos não sabem, para sua infelicidade, que estão subjugados às vontades da carne e às coisas deste mundo e não têm tempo para pensar na escravidão em que se encontram. Este não é seu objetivo. E se eles dizem *Kyrie eleison* é, acima de tudo, pelo costume de dizê-lo.

Como poderão eles receber a compaixão de Deus, uma compaixão tão maravilhosa e infinita? Melhor seria não receber a compaixão de Deus, do que recebê-la e novamente a perder, pois então a falta será dupla, como se colocassem uma pedra preciosa nas mãos de uma criança ou de alguém que não soubesse seu valor. Se estes recebem a pedra e a perdem, é evidente que a culpa não é deles, mas de quem a deu para eles.

5. Para melhor compreensão daquilo que estamos dizendo, considere que aquele que é pobre e indigente neste mundo e que deseja receber a esmola de um rico, vai ao seu encontro e diz: “Tenha piedade de mim”, ou seja: “Tenha compaixão de minha pobreza e me dê algo para viver”. Do mesmo modo, quem tem uma dívida e deseja que seu credor o perdoe, vai à sua procura e lhe diz: “Tenha piedade de mim”, ou seja: “Tenha compaixão de minha indigência e me perdoe a dívida que eu tenho para consigo”. Também o que cometeu uma falta, se quer que o ofendido o perdoe, vai encontrá-lo e lhe diz: “Tenha piedade de mim”, vale dizer: “Perdoe a ofensa que lhe fiz”. Mas o pecador diz a Deus: “Tenha piedade de mim” e não sabe nem o que diz, nem por que o diz, nem em que lhe será boa esta piedade que pede. É apenas por costume que ele diz “Senhor, tenha piedade”. Assim é que ele não sabe nada. A partir daí, como poderá Deus lhe conceder uma piedade que ele próprio desconhece, que ele desdenha, que ele vai logo por a perder para pecar novamente?

6. A piedade de Deus não é outra coisa que a graça do Espírito Santo, esta graça que nós, os pecadores, devemos pedir a Deus dizendo continuamente o *Kyrie eleison*, ou seja: “Meu Senhor, tenha piedade de mim pecador, nesta miséria em que me encontro, e receba-me de novo em sua graça. Dê-me um espírito de poder para

que eu tenha a força de resistir às tentações do diabo e aos maus hábitos do pecado. Dê-me um espírito de sabedoria para que eu me torne sábio, para que eu perceba a mim mesmo e me corrija. Dê-me um espírito de temor, para que eu o reverencie e guarde seus mandamentos. Dê-me um espírito de amor, para que eu o ame e não mais me afaste de você. Dê-me um espírito de paz, para que eu mantenha minha alma tranquila, para que eu recolha todos os meus pensamentos e permaneça calmo e sereno. Dê-me um espírito de pureza, para que eu me guarde puro de toda mancha. Dê-me um espírito de doçura, para que eu seja afável com meus irmãos cristãos e me abstenha de toda cólera. Dê-me um espírito de humildade, para que eu não me veja nas alturas e não me torne orgulhoso”.

7. Aquele que conhece a necessidade que tem de todas essas coisas e que as pede a Deus em seu grande amor, dizendo *Kyrie eleison*, este receberá certamente aquilo que pede e obterá do Senhor sua piedade e sua divina graça. Mas aquele que nada sabe daquilo que dissemos, e que diz *Kyrie eleison* apenas por costume, não é possível que receba a piedade de Deus. Pois no começo ele recebeu de Deus muitas graças, mas não as reconheceu e não agradeceu a Deus por tê-las concedido. Ele recebeu a piedade de Deus quando foi criado, quando foi feito homem; ele recebeu a piedade de Deus quando foi recriado pelo santo batismo, quando se tornou cristão ortodoxo. Ele recebeu a piedade de Deus quando foi libertado de tantos perigos da alma e do corpo que experimentou durante sua vida. Ele recebeu a piedade de Deus todas as vezes que lhe foi concedido comungar os santos sacramentos. Ele recebeu a piedade de Deus todas as vezes em que pecou contra Deus e o feriu com suas faltas, e no entanto não foi destruído nem castigado como merecia. Ele recebeu a piedade de Deus quando, de um modo ou de outro, foi beneficiado pela graça

divina sem que a tenha reconhecido. Ele esqueceu tudo isso e não se ligou na sua salvação. Assim, como poderá este cristão receber a piedade de Deus, uma vez que ele não o sente, não reconhece esta graça que recebeu de Deus como dissemos, e que ele não sabe o que diz, dizendo *Kyrie eleison* sem objetivo nem finalidade, apenas pela força do hábito?

DISCURSO SOBRE A FÉ E O ENSINAMENTO

Situado no centro da demonstração e da exortação finais dos editores da Filocalia, este “Discurso sobre a fé e o ensinamento” de Simeão o Novo Teólogo é uma transcrição de sua Catequese XXII, parcial e parafraseada, embora fiel quanto à essência. Simeão coloca nos lábios de uma terceira pessoa, ao modo de São Paulo, a confissão de uma experiência pessoal da luz incriada, este êxtase que, com pudor e prudência, aproximam e selam a maior parte dos textos da antologia, em especial os últimos, e que Simeão apresenta aqui em preto no branco, na linha reta das teofanias bíblicas: “De todas as partes ele não via senão a luz, diz ele. Ele esqueceu do mundo inteiro. Ele era um com a luz divina, e lhe parecia que ele próprio havia se tornado luz”.

Toda a mensagem filocalica se abre e se coloca nesta atestação extrema dos vetores e das visadas de uma fé que não está apenas projetada num devir absoluto, nem apenas mergulhada nos abismos da interioridade, mas vivida ao mesmo tempo na atualidade da história e a vinda próxima. Na fina ponta incandescente da mensagem, a ascese hesiquiasta (para Simeão, o primado da consciência, a necessidade do pai espiritual, a referência à tradição dos monges) não conduz senão a manter no fogo da fé e a levar ao estado de graça, à força de orações, independentemente de lugar, de tempo e de situações, o primeiro mandamento: amar a Deus, totalmente.

O “Discurso sobre os três modos da fé”, que a Filocalia grega lhe atribui igualmente, seria na verdade obra de Nicéforo o Solitário, e

deveria assim datar do final do século XIV. Existe aí, de qualquer modo, uma última colocação, onde encontramos apontados os princípios e os desfechos da longa experiência do estado de oração, tal como aparece destilada no florilégio. Importante texto, portanto, que mistura a apologia e a análise crítica, e que coloca a oração em seu verdadeiro lugar: um encaminhamento atento entre o estado de perdição e o estado de graça.

Pois ninguém seria capaz de orar em verdade sem estar atento ao conteúdo e ao alcance da oração. Onde, por toda a tradição hesiquiasta, a estreita conexão, que de início relembra o Discurso, entre prece e atenção (favorecida em grego pela similitude das palavras *proseuché* e *prosoché*). A atenção precede e permite a oração, que se desenvolve segundo três modos complementares. O primeiro prepara o segundo, e este o terceiro, formando os três modos um conjunto indissociável. Se os dois primeiros se fecham sobre si mesmos e deixam de visar o terceiro, eles conduzem à perdição.

O primeiro modo é a manifestação da graça. A compreensão das Escrituras, o desejo do amor de Deus, tudo aí é manifesto. Mas este não é senão um trampolim visível para o estado de graça. Se ele tomar a si próprio como o estado de graça, ele arrisca perder-se na ilusão.

O segundo modo é a guarda dos sentidos. É o combate que o intelecto em oração conduz para se libertar das coisas do mundo. Mas o combate não pode ser um fim em si. Por si só ele não é capaz de realizar a vida espiritual. A suficiência do asceta aparece aqui como um impasse. O combate, conforme está dito, arrisca então

tornar-se mera vaidade.

O terceiro modo é a guarda do coração, que permite ao intelecto que ora “ver este espaço que existe no interior do coração, e ver a si mesmo inteiramente luminoso”. O monge cessa de considerar que ele está em primeira linha na busca da graça e do combate espiritual. Ele se confia a um pai espiritual como se fosse a Deus, e em tudo implora o socorro. Uma única obrigação: “Você deve guardar sua consciência pura, para Deus, para seu pai espiritual, para os outros homens, para as coisas do mundo”. O modo final permite assim aos dois primeiros saírem humildemente de si mesmos, pela absorção pura e simples de toda ostentação e de todo combate no espaço do coração: a própria liberdade do estado de graça.

SIMEÃO O NOVO TEÓLOGO

1

DISCURSO SOBRE A FÉ E O ENSINAMENTO

Para aqueles que dizem que não é possível a quem vive no mundo submetido às suas necessidades, alcançar a perfeição da virtude. Para começar, um relato muito útil.

Irmãos e Padres bem-amados, é coisa muito boa, e útil à alma, pregar comumente a todos a grande e infinita piedade de nosso Deus boníssimo e cheio de compaixão, e revelar a todos os nossos irmãos

cristãos o oceano insondável da misericórdia e da bondade que Deus tem para conosco. Ora, eu, como meus irmãos podem ver e o sabem muito bem, nunca tive como ações minhas, nem jejuns numerosos e excessivos, nem vigílias, não dormi no chão duro, jamais mortifiquei meu corpo além da conta, mas conheci minha indignidade, refleti sobre meus pecados, condenei a mim mesmo, humilhei-me, e o Senhor misericordioso e boníssimo me salvou, como disse o divino Davi: “Eu me humilhei, e ele me salvou⁵⁸⁹”. Numa palavra, não fiz mais do que acreditar nas palavras de Deus, e o Senhor meu Deus me recebeu com esta fé. Pois quem adquire a humildade encontra diante de si muitos obstáculos. Mas a quem descobre a fé e crê nas palavras de Deus nada é capaz de se opor. Se, com efeito, desejamos com toda nossa alma encontrar a fé, depressa e sem pena a encontraremos, uma vez que a fé é uma graça do Deus boníssimo, que a coloca naturalmente à nossa disposição, apenas a queiramos possuir. É por isso que vemos que os bárbaros e os pagãos possuem uma fé natural, cada um crendo nas palavras do outro e tendo mútua confiança em seu meio.

Mas, para provar a vocês o que eu digo, com fatos e não apenas com palavras, escutem este relato:

Um homem chamado Jorge, na flor da idade – por volta de uns vinte anos – morava em Constantinopla, em nosso tempo. Ele era muito bonito, e seus movimentos eram tão estudados, que muitos levantavam suspeitas a seu respeito, principalmente aqueles que tinham por hábito não ver senão o exterior das pessoas e que, sem conhecer os segredos de cada um, condenam e julgam sem

⁵⁸⁹ Salmo 114 (115): 6.

consideração aos demais. Este jovem soube de um monge que morava em um mosteiro de Constantinopla. Tendo revelado a ele todos os segredos de seu coração, ele acrescentou que desejava a salvação de sua alma e que tinha um grande desejo de abandonar o mundo e se tornar monge. O venerável ancião louvou o seu desejo, deu-lhe os conselhos necessários e confiou a ele o livro de São Marcos o Asceta⁵⁹⁰, para que nele pudesse ler o que o santo dizia da lei espiritual. O jovem recebeu o livro com tanto amor e piedade como se viesse do próprio Deus, com a confiança e a esperança de extrair grandes benefícios dali. Voltando à sua casa, pôs-se a ler o resto do dia com muita atenção. Depois releu, piedosamente, umas três ou quatro vezes. E, como esperava, sentiu-se grandemente confortado. Mas ele reteve principalmente três capítulos, que deixou impressos em seu coração, e tomou a decisão de colocá-los em prática e observá-los atentamente. O primeiro capítulo dizia o seguinte: “Se você busca a cura de sua alma, cuide para que sua consciência não tenha do que acusá-lo. Tudo o que ela lhe mandar fazer faça, e você obterá disto um grande benefício⁵⁹¹”. O segundo dizia: “Quem procura adquirir os carismas do Espírito Santo antes de praticar os mandamentos de Deus é semelhante ao escravo que, no mesmo instante em que é adquirido por seu senhor, reclama sua liberdade⁵⁹²”. O terceiro dizia: “Quem reza apenas com a boca e ainda não adquiriu o conhecimento espiritual nem sabe orar com seu intelecto é semelhante ao cego que clamava: ‘Filho de Davi, tenha piedade de mim’⁵⁹³”. Mas quem adquiriu o conhecimento espiritual, que ora com seu intelecto e que abriu os olhos de sua alma, é

semelhante a este mesmo cego depois que o Senhor o curou de sua cegueira: ele recebeu a luz em seus olhos e viu o Senhor, de maneira que já não diz ‘Filho de Davi’, mas ‘Filho de Deus’, e ele o adora como convém⁵⁹⁴”.

Estes três capítulos agradaram muito ao jovem. Ele ficou maravilhado, e recebeu uma certeza plena em sua alma, e acreditou sem sombra de dúvida que ele obteria um grande benefício em obedecer à sua consciência, como dizia São Marcos, que ele desfrutaria dos carismas do Espírito Santo e de sua energia, se ele observasse os mandamentos de Deus, e que, enfim, pela graça do Espírito Santo, ele se tornaria digno de abrir os olhos da alma e de ver o Senhor com olhos de seu intelecto. Ele esperava contemplar esta indizível beleza do Senhor e foi ferido de tanto amor quanto desejava. Entretanto, ele não fez nada além, como me afirmou mais tarde sob juramento, do que rezar e se prosternar toda noite, antes de ir para cama dormir, conforme o que lhe havia sido recomendado pelo ancião.

Algum tempo depois, numa noite em que ele seguia a regra ditada pelo ancião e sempre atento à sua consciência, ela lhe ordenou que continuasse a rezar e a se prosternar, dizendo: “Senhor Jesus Cristo, tenha piedade de mim”, por tanto tempo quanto pudesse. De bom coração ele obedeceu e logo se pôs, sem a menor hesitação, a fazer o que lhe ordenava sua consciência, persuadido de que era o próprio Deus quem lhe pedia que agisse assim. A partir daí, ele nunca mais se deitou para dormir sem primeiro fazer o que lhe ordenara sua consciência. E, como ele não cessava de escutá-la e ela não cessava

⁵⁹⁰ Ver Marcos o Monge, *Tratados espirituais e teológicos*, SO 41.

⁵⁹¹ Marcos o Asceta, *Sobre a lei espiritual* 69.

⁵⁹² *Dos que pensam ser justificados* 64.

⁵⁹³ Cf. Mateus 10: 47.

⁵⁹⁴ Cf. João 9: 38; *Sobre a lei espiritual* 13-14.

de lhe pedir sempre mais, em pouco tempo sua oração da noite se alongou grandemente. De fato, durante o dia ele dirigia a casa de um patrício, ocupando-se de muitos negócios, ia cotidianamente ao Palácio, e quase não lhe restava tempo para orar. Mas à noite, antes de se recolher, ele orava como dissemos. Sem coração se enchia de calor e compunção, e as lágrimas escorriam de seus olhos. Ele multiplicava as prosternações e, gemendo e chorando, rezava também à Mãe de Deus. Parecia-lhe que o Senhor estava em pessoa diante dele, e ele se prosternava a seus pés e lhe pedia que tivesse compaixão de si, como o cego de que fala o Evangelho, e que desse luz aos olhos de sua alma. Assim, a prece que ele fazia alongava-se cada dia mais. Enquanto rezava, ele se mantinha reto como uma coluna, sem mexer os pés ou qualquer membro de seu corpo e sem voltar os olhos para olhar aqui ou ali, e permanecia imóvel, com grande temor e tremor.

Assim, numa noite em que ele orava e dizia em seu intelecto: “Deus, tenha compaixão de mim, pecador”, um esplendor divino brilhou subitamente sobre ele e encheu de luz o quarto. O jovem, extasiado, perdeu a consciência de si mesmo e até esqueceu que estava em uma casa. Pois de todos os lados ele não via senão luz e já não sabia se tinha os pés no chão ou se planava no ar, e em seu intelecto não havia a menor preocupação com seu corpo. Ele esqueceu o mundo inteiro. Ele era uma coisa só com a luz divina, e parecia-lhe ter ele próprio se tornado luz. Ele encheu-se de lágrimas e de uma alegria indizíveis. Então seu intelecto se elevou aos céus e lá ele viu uma luz ainda mais radiante e, junto a esta luz, apareceu-lhe o santo ancião que lhe havia dado o livro do abade Marcos e a regra.

Quando eu ouvi o relato do jovem, eu pensei que a intercessão do

ancião foi de um grande auxílio para ele, e que deste modo a providência de Deus lhe tinha mostrado em que altura de virtude se encontrava este santo, permitindo a ele vê-lo junto a tamanha luz.

Passada a contemplação o jovem voltou a si, cheio de alegria e maravilhado. Ele chorou do fundo de seu coração e suas lágrimas foram acompanhadas de uma doçura extrema. Finalmente ele caiu sobre seu leito, e no mesmo instante o galo cantou. Pouco depois, as igrejas soaram as matinais, e ele se levantou para salmodiar conforme seu costume. Durante toda a noite ele não havia dormido, nem sequer cochilado um pouco.

Eis o que aconteceu ao jovem. Como ele próprio me afirmou, ele não fez nada além daquilo que vocês ouviram. Simplesmente – e foi por isto que lhe foi concedida esta contemplação – ele teve uma fé e uma esperança resolutas. E que ninguém diga que ele fez isto para tentar uma experiência, pois conforme me relatou isto jamais lhe passou pela cabeça. Ele não teve mais do que a resolução de sua fé. Ele apenas rejeitou de seu pensamento toda ideia relativa à carne e ao mundo, e tomou tanto cuidado em guardar sua consciência e de seguir bem aquilo que ela lhe dizia, que estava como que insensível a todas as coisas desta vida. Comer e beber lhe eram indiferentes, e muitas vezes ele permanecia em jejum.

Entenderam, irmãos bem-amados, o que a fé pode fazer, e o poder que ela tem quando é confirmada pelas obras? Compreenderam que nossa juventude não nos prejudica, e que nossa velhice não nos adianta se nos faltar o temor a Deus? Aprenderam agora que nem o mundo, nem a vida na cidade nos impedem de praticar os mandamentos de Deus se estivermos atentos, e que a anacorese e o

deserto de nada servem se somos preguiçosos e negligentes? Todos nós ouvimos falar de Davi que, em meio às suas ocupações reais, conservava seu intelecto consagrado a Deus; nós nos admiramos e dizemos que só houve um Davi, que nunca houve outro? E eis que naquele jovem existiu mais do que um Davi. Pois Davi havia recebido o testemunho do próprio Deus, foi ungido profeta e rei e foi cumulado da graça do Espírito Santo. Se, depois de ter faltado com Deus, de ter perdido a graça do Espírito Santo e a dignidade de profeta, e de ter se distanciado da presença de Deus, ele retomou sua consciência, lembrou-se dos bens que teve e que perdeu, e outra vez buscou recuperá-los, o que há nisto de admirável? Mas que um jovem de vinte anos totalmente ligado às coisas passageiras deste mundo, sem que seu intelecto jamais tenha pensado em nada mais elevado do que estas coisas, que com muito custo entendeu o pouco que lhe disse o ancião e leu os três capítulos do abade Marcos, tenha podido acreditar imediatamente e sem hesitação, pondo-se ao trabalho com a esperança de que aquilo permitiria ao seu intelecto elevar-se até o céu, que ele receberia para si a compaixão e a intercessão da Mãe de Deus, que assim ele iria se reconciliar com Deus, a ponto deste lhe enviar do céu a iluminação e a graça do Espírito Santo, permitindo-lhe atingir o céu e desfrutar desta luz que muitos desejaram e poucos descobriram, isto sim é admirável e digno de louvor.

Foi assim que este jovem, que, durante muitos anos, não havia jejuado, nem velado, nem travado os combates da ascese, nem dormido sobre o chão duro, nem levado o cilício, que não se tornou monge, que não havia deixado o mundo, conseguiu se tornar, velando um pouco e orando um pouco, anjo terrestre e homem celeste, homem na realidade sensível e incorpóreo na realidade

inteligível, próximo e inatingível, visto por todos mas a sós com o Deus único e onisciente. Foi-lhe dado ver esta dulcíssima luz do sol inteligível da justiça. E merecidamente. Pois o amor a o desejo que ele tinha por Deus o fizeram deixar o mundo em espírito, permitiram a ele esquecer a carne e todas as coisas vãs desta vida, e o ligaram inteiramente a Deus. Ele se tornou inteiramente espiritual, inteiramente luz. Ele conheceu esta contemplação e esta alegria, mesmo vivendo na cidade, mesmo passando a maior parte do tempo no palácio real, com seus encargos senhoriais e múltiplos servidores, sempre ocupado com suas tarefas.

Mas já dissemos o bastante, tanto para louvar a este jovem quanto para engajá-los em seguir seu amor e imitá-lo, para que se tornem dignos de receber de Deus semelhante graça. Ou vocês preferem que eu lhes diga coisas ainda maiores? Mas o que existe de maior do que o temor a Deus, como dizia Gregório o Teólogo⁵⁹⁵, uma vez que “o começo da sabedoria é o temor a Deus⁵⁹⁶”? Pois aonde está o temor a Deus, ali está a guarda dos mandamentos; onde está a guarda dos mandamentos está a purificação da carne, que é uma nuvem que cobre a alma e a impede de ver em sua pureza o esplendor da luz divina; aonde está a purificação da carne está o esplendor divino; e onde está o esplendor divino, aí estará o cumprimento do desejo de Deus. Ora, aonde estiver o esplendor divino e a iluminação do Espírito Santo estará o fim infinito de toda virtude. Quem alcançou este fim chegou até o limite do sensível e penetrou no conhecimento do espiritual.

Tais são, irmãos, as maravilhas de Deus. É assim que Deus

⁵⁹⁵ Gregório de Nazianze, *Discurso XXXIX*, 8.

⁵⁹⁶ *Provérbios* 1: 7.

manifesta seus santos que se escondem, ou bem para que outros os imitem e mudem sua condita, ou bem para que não tenham desculpa, caso não os imitem. Pois aqueles que vivem no meio da confusão, se se conduzirem como se deve, serão salvos e receberão de Deus grandes bens, apenas por sua fé. Assim, tenham piedade de suas almas, e confiem a si mesmos ao Senhor e às suas palavras de todo o coração. Tenham aversão e desprezem as coisas do mundo, mentirosas e passageiras. Caminhem em direção a Deus e agarrem-se a ele⁵⁹⁷. Pois, sem Deus, nada existe no mundo. As coisas são nada, se Deus falta.

É por isso que eu choro, lamento-me e me aflijo quando penso que temos um mestre generoso que nos a ponto de nos conceder as graças que vimos se mostrarmos que temos fé em suas palavras e em suas promessas, enquanto que nós, como animais irracionais, preferimos a terra e as coisas corruptíveis que, em sua misericórdia, ele nos dá em abundância para as necessidades do corpo, a fim de que este utilize moderadamente o necessário à sua vida e que a alma não seja entravada, mas que faça sua própria busca e se conduza como prescrito, vivendo do alimento inteligível da graça do Espírito Santo.

É para isto que o homem foi criado: para encontrar nas coisas do mundo uma razão para glorificar a Deus que lhe deu tudo, para conhecer Aquele que lhe manifesta suas benfeitorias e sua benevolência, para desejar-lo, render-lhe graças em palavras e atos, para ser considerado digno de receber dele outros bens ainda maiores na eternidade. Mas nós nem suspeitamos os bens futuros,

⁵⁹⁷ Cf. *Salmo* 33 (34): 6.

ligados que estamos apenas aos bens presentes, sem nenhuma atenção ou reconhecimento por Aquele que no-los deu. Somos assim semelhantes aos demônios, ou mesmo piores, para dizer a verdade, e é por isso que merecemos ser castigados por eles. Pois fomos cumulados das maiores benfeitorias desde que nos tornamos cristãos, que recebemos tantos mistérios e tantos carismas, que cremos em um só Deus que se fez homem por nós, que sofreu tantos tormentos e morreu finalmente na cruz para nos libertar dos erros do diabo e do pecado. Ora, em tudo isso cremos por palavras, mas negamos com nossas obras. Não é o nome de Cristo anunciado todos os dias em toda parte, nas cidades, nas vilas, nos mosteiros e nos desertos? Entretanto, se quiserem, examinem de que modo os cristãos aprendem a guardar seus mandamentos: com dificuldade encontrarão um que seja verdadeiramente cristão em palavras e obras. Não disse o Senhor no Evangelho: “Quem crê em mim fará também as obras que eu faço, e ainda maiores⁵⁹⁸”? Mas quem, hoje em dia, ousará dizer: “Eu faço as obras de Cristo, e nele creio com uma fé reta”? Vejam, irmãos, que arriscamos ser considerados sem fé no dia terrível do Juízo, e sermos castigados mais duramente do que aqueles que não conhecem a Cristo e não creem nele. Pois então será preciso, ou que sejamos condenados como incrédulos, ou que Cristo seja convencido com nossas mentiras, o que é impossível.

Escrevi isso, irmãos, não para interditar aos cristãos a anacorese e a hesíquia, dando preferência à vida no mundo – longe disto! – mas para fazer saber a todos os que lerem este relato que aquele que quiser e desejar fazer o bem com toda sua alma e todo seu coração, receberá do Senhor poder fazê-lo em qualquer lugar e será cumulado

⁵⁹⁸ *João* 14: 12.

de carismas espirituais e de contemplações divinas, como o jovem que conheci, que foi meu amigo e me contou o que escrevi. É por isso que eu lhes peço, meus irmãos em Cristo, que tenhamos nós também em nossos corações o desejo de fazer o bem e que nos esforcemos por cumprir os mandamentos de Deus, na resolução da fé e da esperança. Nosso Senhor é fiel e não mente⁵⁹⁹. Nossos rostos não serão confundidos⁶⁰⁰. Estejamos certos de que podemos fazer o bem aonde quer que estejamos, nas cidades, vilas, mosteiros ou desertos. Pois, em sua bondade e segundo sua promessa, Deus abre as portas de seu Reino a qualquer um que não cesse de bater⁶⁰¹, e concede graça do Espírito Santo a quem pedir⁶⁰². Não é possível que quem procura com toda sua alma não encontre⁶⁰³ a riqueza dos carismas de Deus. A ele a glória, por todos os séculos dos séculos. Amém.

SIMEÃO O NOVO TEÓLOGO

2

SOBRE OS TRÊS MODOS DA PRECE

Existem três modos de atenção e de oração, por meio dos quais ou a alma se eleva e progride, ou tomba e se perde. Se ela utilizar estes três modos no tempo oportuno e como se deve, ele progride; se usar

⁵⁹⁹ Cf. II Tessalonicenses 3: 3.

⁶⁰⁰ Cf. Salmo 33 (34): 6.

⁶⁰¹ Cf. Mateus 7: 8.

⁶⁰² Cf. Lucas 11: 13.

⁶⁰³ Cf. Mateus 7: 9.

desconsiderada e inoportunamente, ela cai. A atenção deve estar inseparavelmente ligada à oração, como o corpo está inseparavelmente ligado à alma. A atenção deve ir adiante e aguardar os inimigos como uma sentinela. É ela que deve em primeiro lugar conhecer o pecado e se opor aos maus pensamentos que penetram na alma. Então chega a oração, que destrói e faz perecer no mesmo instante todos esses maus pensamentos, contra os quais a atenção lutou previamente. Pois a oração não pode matá-los sozinha. Ora, é deste combate da atenção e da prece que dependem a vida e a morte da alma. Pois se por meio da atenção mantivermos pura a prece, progrediremos. Mas se negligenciarmos de guardar a pureza da prece, se não velarmos por ela, se a deixarmos manchada pelos maus pensamentos, teremos sido inúteis e não progrediremos nada.

Existem, portanto, três modos de atenção e de oração. Diremos agora quais são as propriedades de cada qual. Assim, aquele que ama sua salvação poderá escolher o melhor e não o pior.

Do primeiro modo de atenção e oração

São as seguintes as propriedades do primeiro modo. Quando alguém se mantém em oração, eleva ao céu seus braços, suas mãos e seu intelecto. Representa para si mesmo pensamentos divinos, os bens celestes, as ordens dos anjos e as moradas dos santos. Reúne e colhe em seu intelecto tudo o que compreendeu das divinas Escrituras. Assim, ele conduz sua alma a amar e desejar a Deus. Às vezes e exulta, às vezes chora. Mas então seu coração se orgulha, sem que ele o perceba. Parece-lhe que o que faz vem da graça divina, para consolá-lo, e ele pede a Deus que o torne sempre digno de agir como o faz agora. Esta é a marca do erro. Pois o bem não é bem quando

não é feito no bom caminho e da maneira correta. Ainda que vivesse numa extrema hesíquia, seria impossível a este homem não perder seu bom senso e enlouquecer. E mesmo que não chegue a tanto, ele não alcançará o conhecimento, nem será capaz de manter em si as virtudes da impassibilidade. É assim que muitos se perderam, por verem uma luz e um brilho com os olhos de seu corpo, por sentirem um perfume com seu olfato, por terem ouvido vozes com seus ouvidos, ou por terem experimentado outras coisas desta ordem. Alguns foram possuídos por demônios, outros vagaram de lugar em lugar, fora de si. Outros acolheram em si as contrafações do demônio: ele lhes apareceu como um anjo de luz e assim eles se desviaram do caminho tornando-se incorrigíveis, jamais ouvindo os conselhos de seus irmãos. Outros foram levados pelo diabo a se matar: atiraram-se de precipícios, enforcaram-se. Quem poderia descrever todas as ilusões por meios das quais o diabo os faz se perderem? É quase impossível.

Mas depois do que dissemos qualquer homem sensato pode compreender os danos a que se expõe adotando este primeiro modo de atenção e prece. E, mesmo que aconteça a alguém que utiliza este modo não sofrer nenhum mal, por se achar em companhia de outros irmãos (pois são principalmente os anacoretas que conhecem estes males), ainda assim, por toda a sua vida, ele não progredirá.

Do segundo modo

É o seguinte o segundo modo de atenção e oração. Quando alguém recolhe seu intelecto em si mesmo, separando-o do sensível, quando guarda seus sentidos e reúne todos os seus pensamentos para que eles não se dirijam às coisas vãs deste mundo, quando num momento

examina sua consciência e em outro se mantém atento às palavras da oração, quando, em determinados momentos ele corre atrás dos pensamentos que o diabo capturou e que o conduzem ao mal e à vaidade, e em outros, depois de ser dominado e vencido pela paixão, volta a si, é impossível que este homem, que tem em si o combate, esteja em paz, ou que encontre tempo para trabalhar pelas virtudes e receba a coroa da justiça⁶⁰⁴. Pois ele é semelhante a alguém que combate à noite, na escuridão. Ele ouve as vozes e recebe os golpes, mas não consegue ver claramente quem são, nem de onde vêm os golpes, como e porque eles o atingem, pois está devastado pelas trevas de sua inteligência e os tormentos de seus pensamentos. É impossível a ele livrar-se de seus inimigos, os demônios que o ferem. O infeliz pena em vão e perde seu salário, pois está dominado pela vaidade. Ele não compreende. Pensa estar atento. Muitas vezes, em seu orgulho, ele despreza e acusa os outros. Ele imagina que pode conduzi-los e se tornar seu pastor. Ele é semelhante ao cego que pretende conduzir os outros cegos⁶⁰⁵.

É preciso a quem quiser ser salvo, que saiba o prejuízo que este segundo modo pode causar à alma, e que preste muita atenção. Mesmo assim, este segundo modo é melhor do que o primeiro, assim como uma noite enlutarada é melhor do que uma noite escura.

Do terceiro modo

O terceiro modo é verdadeiramente algo paradoxal e difícil de explicar. Não apenas os que não o conhecem têm dificuldade em entendê-lo, como lhes parece coisa impossível. Eles não creem que

⁶⁰⁴ Cf. II *Timóteo* 4: 8.

⁶⁰⁵ Cf. *Mateus* 15: 14.

tal coisa possa existir, pois, hoje em dia, este modo não é utilizado por muitos, mas por pouquíssimos. Parece-me que tamanho bem nos deixou, tanto quanto a obediência. Pois é a obediência ao pai espiritual que permite a cada um não se preocupar com nada, uma vez que seus cuidados são remetidos a seu pai, que ele se distancia das tendências deste mundo e que ele se torna um operário zeloso e diligente deste modo. E é preciso que ele encontre um mestre e um pai espiritual verdadeiro, livre de todo erro. Pois a quem se consagrou a Deus e a seu pai espiritual com uma verdadeira obediência, a quem não vive sua própria vida nem mais faz sua própria vontade, estando morto para as tendências do mundo e para seu próprio corpo, que coisa passageira poderá vencer e dominar? Que cuidados ou inquietações poderá ter este homem? Assim, é por meio deste modo e pela obediência que se dissipam e desaparecem todos os artifícios dos demônios e todas as armadilhas que eles tramam para arrastar o intelecto em toda espécie de pensamentos. É assim que o intelecto deste homem está livre de tudo. É com total liberdade que ele examina os pensamentos que lhe são sugeridos pelo demônio, com real aptidão que ele os expulsa, e com um coração puro que ele oferece suas orações a Deus. Este é o começo da verdadeira via. Os que não se consagram a este início penam em vão, sem que o saibam.

Ora, o começo deste modo não consiste em olhar para o alto, erguer as mãos, por seu intelecto nos céus e implorar por socorro. Estas, como dissemos, são as marcas do primeiro modo, características da ilusão. Tampouco consiste em vigiar os sentidos com o intelecto, de só estar atento a isto sem perceber na alma a guerra que lhe travam os inimigos e sem prestar atenção a ela. Estas são as marcas do segundo modo. Quem as traz é ferido pelos demônios mas não

consegue feri-los. É morto e não se dá conta. É reduzido à escravidão, subjugado e não consegue se vingar daqueles que fazem dele um escravo; os inimigos não cessam de combatê-lo aberta ou secretamente, e o tornam vaidoso e orgulhoso.

Mas você, meu bem-amado, se quiser sua salvação, deverá a partir de agora se consagrar ao começo deste terceiro modo. Depois de prestar total obediência ao seu pai espiritual, como dissemos, você deverá fazer tudo com uma consciência pura, como se estivesse diante da face de Deus. Pois sem obediência a consciência jamais é pura. E você deve mantê-la pura por três razões: primeiro, por Deus; segundo, por seu pai espiritual; terceiro, para os outros homens e as coisas do mundo.

Você deve manter a sua consciência pura. Por Deus, significa não fazer o que não lhe agrada. Por seu pai espiritual: fazer tudo o que ele lhe ordenar, nem mais nem menos, mas caminhar segundo sua intenção e sua vontade, Para os outros homens: não fazer a eles o que você não gosta nem gostaria que lhe fizessem⁶⁰⁶. Para as coisas do mundo: guardar-se dos abusos, ou, dito de outro modo, usar as coisas como se deve, tanto a comida como a bebida e as vestimentas. Em uma palavra, você deve fazer tudo como se estivesse na presença de Deus, a fim de que sua consciência não possa reprová-lo em nada, faça você o que fizer, e para que ela não possa açoitá-lo pelo que você fez de errado. Siga assim este caminho verídico e seguro do terceiro modo da atenção e da prece, como descrito aqui.

Que seu intelecto guarde o coração no momento da prece. Que ele

⁶⁰⁶ Cf. *Mateus* 7: 12.

não cesse de rodear o coração. E que do fundo do coração ele encaminhe a Deus suas preces. Quando ele provar que o Senhor é bom⁶⁰⁷ e assim for cumulado de doçura, ele já não se afastará do lugar do coração, e dirá as mesmas palavras do apóstolo Pedro: “É bom estar aqui⁶⁰⁸”. Ele não mais deixará de velar sobre o coração e girar ao seu redor, afastando e expulsando todos os pensamentos que o diabo, o inimigo, semeia. Àqueles que não fazem ideia do que é isto e que não conhecem este estado, esta obra salutar parece penosa e incômoda. Mas os que provaram de sua doçura e desfrutaram do prazer que ela proporciona ao fundo do coração dizem, com o divino Paulo: “Quem nos separará do amor de Cristo?⁶⁰⁹”.

Pois nossos pais, tendo ouvido o Senhor dizer no santo Evangelho que é do coração que saem os maus pensamentos, os assassinatos, as prostituições, os adultérios, os roubos, os falsos testemunhos, as blasfêmias, e que é aí que se encontra aquilo que mancha o homem⁶¹⁰, ouviram também o Evangelho ordenar que purificássemos o interior do cálice, para que também o exterior se torne puro⁶¹¹, e assim deixaram quaisquer outras obras espirituais e se dedicaram totalmente a este combate, ou seja, à guarda do coração, persuadidos de que, por meio desta obra, eles poderiam obter todas as demais virtudes, uma vez que não há meio de uma virtude perdurar senão assim. Alguns de nossos pais denominaram a esta obra hesíquia do coração, outros a chamaram de atenção, outros de sobriedade e vigilância, ou refutação, outros de exame dos

pensamentos e guarda do intelecto. Foi sobre ela que todos trabalharam e foi por meio dela que foram tornados dignos dos carismas divinos. É por isso que o Eclesiastes diz: “Alegre-se, jovem, com sua juventude, e caminhe sobre as vias de seu coração, íntegro⁶¹² e puro, e afaste de seu coração os pensamentos”. O autor dos Provérbios diz a mesma coisa, se a sugestão do diabo assaltá-lo: “Não o deixe entrar em seu lugar⁶¹³”. Como lugar, ele entende o coração. E nosso Senhor diz no santo Evangelho: “Não se deixem levar⁶¹⁴”, ou seja, não dispersem o intelecto aqui e acolá. Ele diz também: “Bem-aventurados os pobres de espírito⁶¹⁵”, ou seja: bem-aventurados aqueles que não possuem no coração nenhuma ideia deste mundo, e que são pobres, desprovidos de qualquer pensamento mundano. Todos os nossos Padres disseram coisas semelhantes. Quem quiser pode ler o que escreveram Marcos o Asceta, João Clímaco, Hesíquio e Filoteu o Sinaíta, o abade Isaías, o grande Barsanulfo e tantos outros.

Numa palavra, quem não estiver atento em guardar seu intelecto não poderá tornar puro seu coração, para ser considerado digno de ver a Deus⁶¹⁶. Quem não está atento não pode se tornar pobre de espírito⁶¹⁷, nem afligir-se e chorar⁶¹⁸, nem se tornar manso⁶¹⁹ e pacífico, nem ter fome e sede de justiça⁶²⁰. Resumindo, não é

⁶⁰⁷ Cf. *Salmo* 33 (34): 9.

⁶⁰⁸ *Mateus* 17: 4.

⁶⁰⁹ *Romanos* 8: 35.

⁶¹⁰ Cf. *Mateus* 15: 19-20.

⁶¹¹ Cf. *Mateus* 23: 26.

⁶¹² *Eclesiastes* 10: 4.

⁶¹³ Na realidade trata-se de *Eclesiastes* 10: 4.

⁶¹⁴ *Lucas* 12: 29.

⁶¹⁵ *Mateus* 5: 3.

⁶¹⁶ Cf. *Mateus* 5: 8.

⁶¹⁷ Cf. *Mateus* 5: 3.

⁶¹⁸ Cf. *Mateus* 5: 4.

⁶¹⁹ Cf. *Mateus* 5: 5.

⁶²⁰ Cf. *Mateus* 5: 6.

possível obter as outras virtudes senão por meio desta atenção. Assim, é a ela que você deve se aplicar antes de mais nada, a fim de compreender pela experiência aquilo de que lhe falei. E se você quiser saber como fazê-lo, eu lhe direi agora, na medida do possível. Esteja atento.

Antes de tudo, é preciso guardar três coisas. Em primeiro lugar, não se preocupar com nada, tanto com o que é racional como o que é irracional e vão, ou seja, morrer para tudo. Em segundo lugar, ter uma consciência pura, que não tenha nada que reprova-lo. Em terceiro lugar, não ter nenhum pendor: que seu pensamento não se volte para nada do que é deste mundo. Então se sente num lugar retirado, permaneça calmo, só, feche a porta, recolha seu intelecto para longe de tudo o que for passageiro e vão. Descanse o queixo sobre seu peito, mantenha-se atento a si mesmo com seu intelecto e seus olhos sensíveis. Retenha por um momento a respiração, dando um tempo para que seu intelecto encontre o lugar do coração e nele permaneça por inteiro. De início, tudo lhe parecerá tenebroso e duro. Mas depois que você trabalhar sem descanso, noite e dia, nesta obra de atenção, oh! milagre, você descobrirá em si uma alegria contínua. Pois o intelecto combatente terá encontrado o lugar do coração, e verá lá dentro aquilo que jamais havia visto antes e ignorava por completo. Ele verá este espaço que existe no interior do coração e verá a si mesmo inteiramente luminoso, pleno de sabedoria e de discernimento. Daí em diante, de qualquer lado que surja um pensamento, e antes mesmo que este penetre, seja concebido e se forme, o intelecto o expulsará e o fará desaparecer em nome de Jesus, ou seja, com a invocação: “Senhor Jesus Cristo, tenha piedade de mim”. É então que ele começará a ter aversão pelos demônios, travando contra eles um combate sem trégua, opondo a eles seu

ardor natural, expulsando-os, surrando-os, forçando-os a desaparecer. O que virá a seguir, com a ajuda de Deus, é algo que você aprenderá sozinho, pela experiência, graças à atenção do intelecto, e guardando a Jesus em seu coração, ou seja, a prece “Senhor Jesus Cristo, tenha piedade de mim”. De fato, um Padre disse: “Permaneça em sua cela, e ela lhe ensinará tudo”⁶²¹.

Questão: Porque o primeiro e o segundo modo de que falamos não podem conduzir com sucesso o trabalho pelo bem?

Resposta: Porque não os utilizamos como se deve. São João Clímaco compara estes modos a uma escada de quatro degraus, e diz: “Há os que se humilham e reduzem as paixões; outros que salmodiam, isto é, oram com a boca; outros, que se dedicam à prece intelectual; e outros, que chegam à contemplação”⁶²². Assim, quem quer subir os quatro degraus não começam pelo alto para se dirigir para baixo, mas vão de baixo para cima. Eles se erguem do primeiro degrau, depois do segundo, do terceiro e do quarto. É desta maneira que eles podem se elevar da terra e alcançar o céu. Primeiramente, no começo, devemos nos esforçar para deter e reduzir as paixões; depois, devemos nos dedicar à salmodia, orando com a boca, pois, quando as paixões estão reduzidas, a prece dá naturalmente à língua prazer e doçura, e agrada a Deus; em terceiro lugar, devemos orar com a inteligência e, em quarto, nos elevarmos à contemplação. O primeiro grau é o dos noviços, o segundo se abre aos que progredem, o terceiro aos que chegam ao cume do progresso, e o quarto, o dos perfeitos.

⁶²¹ *Sentenças dos Padres do Deserto*, Moisés 6.

⁶²² *A escada santa*, XXVIII, 35.

Portanto, o começo não é outra coisa do que a redução das paixões, que não se retiram da alma a não ser pela guarda e atenção do coração. Pois é do coração, como diz nosso Mestre, que vêm os maus pensamentos que mancham o homem⁶²³, e é aí que são necessárias a guarda e a atenção. Uma vez que as paixões foram detidas e reduzidas a nada pela guerra que contra elas travou o coração e pela aversão que este lhes dedica, o intelecto pode desejar e buscar a reconciliação com Deus. Ele incrementa a oração, e atinge seu objetivo. Por meio da oração, ele castiga e expulsa os pensamentos que giram ao redor do coração para nele penetrar. Esta é a guerra. Os demônios se excitam, se opõem, e, por meio das paixões, suscitam no interior do coração a confusão e a vertigem. Mas diante do nome de Jesus Cristo eles desaparecem e derretem como a cera de uma vela. Expulsos do coração, eles já não têm paz e continuam a perturbar o intelecto, mas agora do exterior, por meio dos sentidos. É por isso que o intelecto percebe rapidamente as primícias da serenidade e da hesíquia, pois os demônios já não têm o poder de perturbá-lo em profundidade, mas apenas desde o exterior, na superfície. Entretanto, é impossível livrar-se da guerra e não mais ser combatido pelos maus espíritos. Isto só cabe aos perfeitos, àqueles que se retiraram completamente de tudo e que se dedicam continuamente à atenção do coração.

Portanto, aquele que se utilizar desses três modos em ordem, cada qual a seu tempo, poderá ao longo do tempo, depois de ter purificado seu coração das paixões, dedicar-se inteiramente à salmodia, combater os pensamentos, erguer aos céus seus olhos sensíveis (se sentir necessidade), contemplá-lo com o olhar da alma e se consagrar

⁶²³ Cf. *Mateus* 15: 19.

à prece pura, em verdade, como convém.

Porém, não devemos nos voltar em demasia para o céu, para evitar os maus espíritos que habitam o espaço e são chamados de espíritos aéreos, pois eles suscitam muitas ilusões, e é preciso estar atento. Deus só nos pede uma coisa: que nosso coração seja purificado pela guarda e a atenção. Se a raiz é santa, como diz o Apóstolo, claro que os galhos e os frutos serão sãos⁶²⁴. Fora deste caminho, quem eleva seus olhos e seu intelecto para o céu e pretende se representar os inteligíveis não vê mais do que imaginações, coisas enganosas e não verdadeiras, pois seu coração é impuro.

Como dissemos, o primeiro e o segundo modos não levam o homem a progredir. Quando queremos construir uma casa, não começamos pelo teto para depois fazer as fundações, pois isto não é possível. Primeiro colocamos as fundações, depois erguemos a casa e finalmente fazemos o telhado. É assim que devemos agir quanto ao espiritual. Primeiro, colocar as fundações, ou seja, guardar o coração e dele retirar pouco a pouco as paixões. Depois, construir a casa espiritual: expulsar a perturbação dos maus espíritos que nos combatem pelos sentidos, e fugir o mais depressa possível da guerra que contra nós eles travam. Então fazer o telhado: retirarmo-nos de todas as coisas, pacificarmo-nos como se deve, darmos-nos totalmente a Deus. É assim que completaremos a morada espiritual, em Jesus Cristo nosso Senhor. A ele a glória, pelos séculos dos séculos. Amém.

⁶²⁴ Cf. *Romanos* 11: 16.

GREGÓRIO O SINAÍTA

O quinto dos textos parafraseados é constituído de diversos capítulos de Gregório o Sinaíta já inseridos na antologia propriamente dita. Prova, se preciso fosse, de que estes últimos textos estão destacados da transmissão inerente à instituição monástica e são endereçados a outros leitores, qualquer que seja a vida que levam no mundo, e feitos para engajá-los, como a monges, sobre os caminhos da prece perpétua.

Daí procede a retomada dos conselhos prodigados aos monges por Gregório. Primeiro sobre a maneira hesiquiasta de orar apenas usando o intelecto, no silêncio do “lugar do coração”. Depois sobre o modo de conservar o intelecto no coração, com o auxílio da graça do Espírito Santo, que impede a dispersão, suscita a prece pura e permite a *noera aisthesis*, o “sentido intelectual”, a aproximação filocalica do perfeito. Enfim, sobre o modo de expulsar do coração todo pensamento que não participa da ação de graças, deixando todo o espaço para o intelecto em oração.

Segue-se uma série de capítulos sobre as modalidades práticas (em especial a alternância entre a prece pura e a salmodia) e as condições fundamentais (a paciência e a humildade) capazes de abrir a todos o próprio santuário da vida monástica: a hesíquia do coração.

Mas a hesíquia faz causa comum coma prece perpétua. Ninguém conseguiria atingi-la no alvo, nem nela se manter sem o estado de graça. Um capítulo preconiza assim a salmodia como caminho de aproximação, ou como linha auxiliar, e sublinha a necessidade da

alternância, que permite à tensão relaxar e se renovar. Da mesma forma, em matéria de alimentação, tanto quanto a dura ascese dos monges, é recomendado a todos o equilíbrio entre o excesso e a falta: “Jamais ultrapassar a medida”, diz Gregório.

Enfim, no último capítulo citado, um rigoroso aviso, também endereçado a todos, assim como aos monges. A prece do coração não pode ser “utilizada” ostensivamente. Ela é antes de mais nada o reconhecimento e amor a Cristo, e humilde socorro. Como nos mosteiros, a vida espiritual nas condições do século implica um discernimento preciso e o banimento de toda presunção: uma busca ativa das âncoras da experiência.

COMO CADA UM DEVE ORAR

Sente-se, seja sobre um banco para fazer esforço, seja sobre um leito pata relaxar e aliviar seu corpo, e permaneça pacientemente nesta posição, tanto quanto puder, a fim de cumprir o mandamento do divino Paulo, que ordena permanecer por longo tempo em oração de “perseverar na oração⁶²⁵”, de não se apressar em se livrar do esforço e se levantar, mas de manter a paciência, permanecer com a cabeça inclinada, recolher o intelecto no coração e pedir a ajuda do Senhor, dizendo: “Senhor Jesus Cristo, tenha piedade de mim”. Mesmo que com o tempo suas espáduas e sua cabeça lhe doam, persevere nestas penas e, com todo o seu amor e todo o seu desejo, busque o Senhor em seu coração. Pois o Reino dos céus é daqueles que violentam a si próprios. São os violentos que dele se apoderam⁶²⁶, como disse o

⁶²⁵ Cf. *Romanos* 12: 12.

⁶²⁶ Cf. *Mateus* 10: 12.

Senhor, que com isto quis mostrar que tipo de violência, quanto ardor, que tipo de esforços exige a oração. A perseverança em todas as coisas: eis o que suscita as penas da alma e do corpo.

Como dizer a oração

Os Padres diferem em suas recomendações sobre o modo como devemos orar. Um manda dizer a prece inteira: “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim”. Outro recomenda dizer apenas a metade: “Jesus, Filho de Deus, tenha piedade de mim”, o que resulta mais fácil para a fraqueza do intelecto. Pois o intelecto sozinho não é capaz de dizer pura e ‘perfeitamente “Senhor Jesus”, senão pelo Espírito Santo⁶²⁷. Mas não se deve mudar constantemente as palavras, dizendo-as negligentemente ora de uma maneira, ora de outra. Podemos mudar de tempos em tempos, para não relaxar devido à repetição. Da mesma forma, existem os que ensinam a dizer a prece com a boca, enquanto outros ordenam dizê-la com o intelecto. Eu digo que devemos fazê-la com os dois. Com efeito, às vezes o intelecto relaxa e fica incapaz de dizer a oração sozinho, ora é a boca que fica preguiçosa. É por isso que devemos orar com a boca e o intelecto, tanto com uma quanto com outro. Porém, quando dizemos a oração com a boca, devemos pronunciá-la calmamente, humildemente, sem perturbação, para que a voz não venha a agitar e entrar a atenção do intelecto, até que este se habitue com a duração e o progresso nesta obra da prece, recebendo da graça do Espírito Santo o poder de orar só. A partir de então já não será necessário falar com a boca. Nem isto será mais possível. Pois, com gratidão e alegria, diremos a prece apenas com o intelecto.

⁶²⁷ Cf. I Coríntios 12: 3.

Como manter o intelecto desperto

Saiba que ninguém consegue por si só dominar o intelecto, se antes não tiver sido dirigido pela graça do Espírito. Pois o intelecto não se deixa dominar, não por sua natureza, por que está sempre em movimento e é incapaz de se deter naturalmente, mas por que ele se dissipa na negligência, dispersando-se daqui e dali desde a origem. Pois, ao transgredir os mandamentos de Deus, nós nos afastamos dele, nos separamos dele e perdemos o sentido do intelecto e já não sabemos quando estamos com Deus e quando formos cortados de sua presença. A partir de então, nosso intelecto, separado de Deus, é atraído de todos os lados, servilmente. É por isso que ele não se deixa dominar e não consegue permanecer em repouso a não ser remetendo-se novamente a Deus, submetendo-se inteiramente aos seus mandamentos, pedindo sempre a ele e a ele confiando todas as nossas faltas. Ora, estamos em falta todo o tempo. Mas ele nos perdoa instantaneamente, se lhe pedimos com humildade e coração contrito, e se invocamos constantemente seu santo nome. Quando o intelecto se aproxima de Deus desta maneira e assim o reencontra com enorme alegria, então ele se torna capaz de ser dirigido por Deus e não mais se dispersar em todas as direções. Também o sopro da respiração, quando retido na boca, ajuda naturalmente a dominar o intelecto.

Entretanto, o intelecto não permanece assim por muito tempo, e então volta a se dispersar. Mas quando a prece age no coração, é ela que passa a resguardar o intelecto, que o alegra, e que o impede de se dispersar. Porém, pode acontecer que, no momento em que o intelecto está imerso no coração e orando, o pensamento se perca e

se ocupe de outras coisas. Somente os que são perfeitos no Senhor são capazes de dominar o pensamento, somente os que, em Cristo Jesus, alcançaram esta graça, quando seu intelecto não mais se dispersa e não mais se separa de Deus.

Como expulsar os pensamentos

Jamais um noviço expulsará um pensamento que Deus já não tenha expulsado. Cabe aos fortes combater e expulsar os pensamentos. E mesmo eles não os expulsam por si sós. É com Deus que eles os combatem e os expulsam. Quanto a você, quando estes chegarem, apele para o Senhor, repita a prece sem descansar, e eles fugirão. Pois eles são suportam o calor que vem da prece para o coração, e fogem como se queimados pelo fogo. “Fustigue os que o combatem, diz João Clímaco, com o nome de Jesus⁶²⁸”. Pois nosso Deus é um fogo que consome⁶²⁹ a perversidade. O Senhor apressa-se em auxiliar, e logo faz justiça aos que, com toda alma e todo coração, o chamam dia e noite⁶³⁰, como disse o divino Lucas na parábola do juiz iníquo.

O noviço, cuja oração é ainda impotente, deve se manter em pé, pedir a ajuda de Deus, e o Senhor expulsará os pensamentos. Depois ele deve se sentar novamente e voltar a orar. Mas mesmo aquele cuja oração é forte, todas as vezes que for combatido por pensamentos de relaxamento e de prostituição deve também se por de pé, erguer as mãos e pedir o socorro de Deus. Mas ele deve temer a ilusão e não

fazer isto por muito tempo, para que o diabo não lhe mostre no ar figuras imaginárias para enganá-lo. Pois manter a inteligência ao mesmo tempo em cima e em baixo, no coração e em nas coisas em geral, e mantê-la infalível e a salvo, é apanágio apenas dos perfeitos.

Da hesíquia

Quem busca a hesíquia deve ter como fundamento, em primeiro lugar, estas cinco virtudes: o silêncio, a temperança, a vigília, a humildade e a paciência; a seguir, as três obras agradáveis a Deus: a salmodia, ou seja, a prece com a boca, a leitura, a prece intelectual – e um pouco de trabalho manual, se for fraco. Pois as virtudes que mencionamos contêm todas as demais e trabalham juntas. Desde a primeira hora do dia, o hesiquista deve começar pela oração “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim”, e se consagrar à lembrança de Deus com atenção e a hesíquia do coração, durante uma hora; na segunda hora, ele deve se dedicar à leitura; na terceira, orar com a boca; na quarta, dizer a prece do coração; na quinta, fazer a leitura; na sexta, salmodiar, dizer a oração com a boca; na sétima, dizer a prece do coração; na oitava, ler; na nona, salmodiar; na décima, alimentar-se, na décima-primeira, dormir, se necessário; na décima-segunda, salmodiar as vésperas. Fazer desta maneira a jornada agrada a Deus.

Da mesma forma, se você quiser passar facilmente o período da noite; escute. A vigília noturna tem três modos: o dos noviços, o dos médios e o dos perfeitos. O primeiro modo consiste em dormir a metade da noite e velar a segunda metade, seja do por-do-sol até a meia noite, seja da meia noite à aurora, e passar esta metade tanto

⁶²⁸ João Clímaco, *A escada santa* XX, 7.

⁶²⁹ Cf. *Deuteronômio* 4: 24.

⁶³⁰ Cf. *Lucas* 18: 7.

salmodiando como orando. O segundo modo consiste em velar após o crepúsculo por uma hora ou duas, depois dormir por quatro horas, e por fim se levantar para as matinas, salmodiando e orando por seis horas. O terceiro modo consiste em passar a noite toda de pé velando.

Antes de mais nada, a hesíquia exige que tenhamos fé, paciência, amor e esperança, com todo nosso coração e toda nossa força. Pois àquele que crê, mesmo que não encontre nesta vida o que deseja – por negligência ou por qualquer outra causa – é impossível que não receba na hora da morte a certeza dos frutos de sua fé e de seu esforço, e que não veja a liberdade, que é Jesus Cristo. Mas quem não tem fé será julgado no momento de sua morte. Pois quem está sujeitado aos prazeres da carne e busca a glória dos homens, e não a de Deus, este, conforme foi dito, não crê, ainda que pareça crer nas palavras, pela simples confissão da fé. Este homem se ilude, se engana, sem saber. Pois ele escutará do Senhor: “Por que você me desprezou e não me recebeu em seu coração, mas dele me expulsou, também eu o expulsarei de junto de mim”. É preciso que o fiel creia que todas as palavras de Deus são verdadeiras, que é possível trabalhá-las, e que ele confesse sua própria fraqueza, a fim de não incorrer na dupla condenação, caso não as cumpra e nelas não creia.

Nada deixa mais o coração contrito e humilhado⁶³¹ do que o silêncio e a hesíquia, quando esta é vivida com discernimento. E nada devasta a hesíquia tanto quanto estas seis paixões: a liberdade de linguagem, a gula, o falatório, as distrações, o orgulho e a presunção. O infeliz que se habitua com elas é tomado de uma vertigem, e, com

o tempo, se torna insensível. Porém, se ele se arrepender, se recomeçar com fé e fervor, ele reencontrará o que antes desejava, sobretudo se for humilde e se dirigir com amor aos que possuem experiência. Mas se ele for dominado por alguma das paixões que mencionamos, os demais males o assaltarão com a descrença, o despojamento de todo bem, a locupletação das demais paixões e o abandono à vertigem e à perturbação pelos demônios. O infeliz se tornará irascível e inimigo dos hesiquiastas, que ele acusará voltando contra eles sua língua como uma espada de dois gumes.

Da mesma forma, se não nos entregarmos ao luto como uma forma de tristeza, será impossível suportarmos as provas da hesíquia. Pois quem toma o luto e medita nas coisas terríveis que precedem e sucedem à morte, este adquire a paciência e a humildade, os dois fundamentos da hesíquia. Mas quem busca a hesíquia sem estas duas virtudes terá sempre em si a presunção e a negligência. Ora, estes dois males não fazem senão aumentar a dispersão do intelecto, conduzindo ao relaxamento e à preguiça. Então a intemperança, esta filha da negligência, amolecerá e relaxará o corpo, entenebrecendo e endurecendo o intelecto, fazendo que com nosso Senhor Jesus Cristo se vá daí, ao mesmo tempo em que a multidão dos pensamentos e das ideias invade o lugar da reflexão.

Nada torna a alma tão relaxada, preguiçosa, dura e sem inteligência, como o egoísmo, ou seja, o amor irracional por si mesmo, que é a mãe, a causa e a nutriz das paixões. Pois o egoísmo prefere o repouso do corpo aos esforços da virtude, e pensa que é possível se comportar convenientemente sem se dedicar às obras virtuosas, e, em especial, àquelas que exigem os esforços racionais exigidos pelos mandamentos. O egoísmo suscita assim a preguiça e a impotência da

⁶³¹ Cf. *Salmo* 50 (51): 19.

alma do hesiquiasta e faz crescer em meio às obras da ascese um relaxamento tal, que a torna irremediavelmente perdida.

Como salmodiar

Uns dizem que se deve salmodiar de tempos em tempos (ou seja, cantar os salmos, os tropários e outras orações), outros, com muita frequência, outros nunca. Quanto a você, não salmodie muito, para não ficar confuso: logo viria o relaxamento. Imite aqueles que salmodiam de tempos em tempos, pois toda medida é excelente. A salmódia frequente é própria dos ativos, que fazem isto para compreender aquilo que cantam e para manter seu esforço. Mas ela não convém aos hesiquiasta, aos quais basta orar a Deus apenas no coração e se afastar dos pensamentos. A hesíquia, segundo João Clímaco, consiste de fato na rejeição de todo e qualquer pensamento que venham dos sentidos e do intelecto⁶³². Se esgotar toda sua força na salmódia frequente, o intelecto ficará fraco para orar com intensidade e perseverança.

“Durante a noite, diz João Clímaco, dedique muito tempo à prece e pouco à salmódia⁶³³”. É o que você deve fazer. Quando, estando sentado, você perceber a oração agir e não cessar de se mover no coração, não a deixe para se levantar e salmodiar, até que ela o deixe por si só. Pois então você terá abandonado a Deus em seu coração, onde orava, levantando-se para lhe falar desde fora, com a boca, por meio da salmódia. Você terá descido do alto para o baixo, criando a confusão. Você perturbará seu intelecto, expulsando-o da hesíquia e

da calma. Pois Deus é paz⁶³⁴, longe de toda confusão e de todo barulho. Nosso louvor deve ser angélico, sem confusão, como angélica é nossa maneira de viver, desde que a prece da boca, o apelo sensível, aponte e vise o apelo ao intelecto. E no entanto, a salmódia nos foi prescrita, para nos elevarmos do sensível ao inteligível e verdadeiro. Pois foi aos que desconhecem a prece intelectual que foi concedido salmodiar bastante, e com uma grande diversidade, além de toda medida, sem jamais cessar, até esgotá-los por meio desta penosa ação, e que possam assim se aproximar da contemplação, descobrindo a prece intelectual que trabalha em seus corações. Pois uma é a ação dos hesiquiastas, e outra a da comunidade. Porém cada qual, se perseverar na via para a qual foi chamado, será salvo⁶³⁵, segundo o Apóstolo. É por isso que eu temo estar escrevendo apenas aos fracos, quando o vejo viver entre eles.

Pois quem se dedica à prece intelectual por ouvir falar ou por que aprendeu nos livros, deve ficar muito atento ao que está escrito, para não se perder. Quem provou do mel de Deus está obrigado a salmodiar comedidamente e a se consagrar a maior parte do tempo à prece. Mas quando sobrevém a indolência, ele deve salmodiar ou fazer uma leitura sobre a Vida dos padres, para aprender como estes venceram e foram salvos. Se alguns dizem que muitos Padres permaneciam de pé por toda a noite, que salmodiavam e que não se dedicavam à prece intelectual, responderemos com base nas Escrituras que nem todas as obras dos Padres eram perfeitas, e que as pequenas virtudes não são pequenas para os grandes, pois estes são fortes e as usam como melhor desejam, enquanto que as grandes virtudes não são grandes nem perfeitas para os pequenos, que, por

⁶³² João Clímaco, *A escada santa* XXVII, 52.

⁶³³ João Clímaco, *A escada santa* XXVII, 92.

⁶³⁴ Cf. *Efésios* 2: 14.

⁶³⁵ Cf. *I Coríntios* 7: 24.

serem fracos, não as sabem utilizar devidamente. Pois antigamente, como hoje, nem todos os Padres eram ativos, nem todos contemplativos. E nem todos os ativos se dedicavam integralmente à ação: muitos se elevaram através da contemplação, abandonaram a ação, se separaram de tudo e se regozijaram na pura contemplação de Deus, saciados daí por diante com o alimento divino. Eles já não podiam nem salmodiar, nem meditar em outras coisas, uma vez que se encontravam no êxtase da contemplação de Deus, até alcançar, nesta vida, a fruição daquilo que desejavam – mas parcialmente, como se eles tocassem os penhores. Outros se consagraram até o fim apenas à ação e foram salvos: estes esperaram para receber em outra vida a recompensa. Alguns só obtiveram a certeza na hora da morte, ou mesmo após a morte, quando se preservaram suas santas relíquias: então tiveram a certeza de terem sido salvos. Todos haviam recebido a graça no momento do batismo, mas, por diversas razões, nem todos provaram o mel da graça durante sua vida presente, como muitos outros. Alguns ainda houve que se consagraram aos dois modos, à salmódia e à prece, e assim passaram suas vidas sem jamais encontrar obstáculos. Outros mantiveram até o fim a hesíquia, sabiamente, sozinhos e apenas com o Deus único, e foram justificados. Como dissemos, os perfeitos tudo podem em Cristo que lhes dá a força.

Como se alimentar

Quanto ao ventre que reina sobre as paixões, que posso dizer? Se você puder paralisá-lo e torná-lo meio morto, não economize esforços. Pois muitas vezes ele me dominou. Como um escravo, eu o servi e fiz o que ele exigiu. Ele próprio trabalha com os demônios e é

a morada das paixões quando se entrega à desordem. É ele que nos faz cair, mas é também ele, quando reencontra a boa ordem, que nos levanta e nos endireita. É ele que nos faz perder a graça e a dignidade que havíamos recebido, primeiro no paraíso e depois no batismo. Pois negligenciamos os mandamentos de Deus, que guardam e aumentam a graça naqueles que se aplicam e se dedicam ao progresso da alma, enquanto que nós nos orgulhamos, julgamos estar unidos a Deus e decaímos de sua graça.

Os Padres dizem que existem grandes diferenças no modo como se nutrem os corpos. Um necessita de pouco, outro de muito, para sustentar suas forças naturais. Cada qual, segundo sua força e seu estado, demanda assim sua alimentação. Entretanto, aquele que se dedica continuamente à hesíquia não deve jamais estar saciado, mas deve sempre ter fome ao se levantar da mesa. Por que quando seu estômago está pesado com os alimentos, seu intelecto fica perturbado e já não consegue orar com a devida pureza. Ele se entorpece sob os vapores dos numerosos alimentos e procura dormir o quanto antes. Então, no sono, ele se torna presa de sonhos e imaginações infames.

Quem pretende encontrar a salvação e violentar a si mesmo pelo Senhor a fim de viver a hesíquia deve, na minha opinião, se satisfazer a cada dia com uma libra de pão e três a quatro copos de água ou vinho, comer pouco e de todos os alimentos que lhe forem apresentados, mas evitando a saciedade para poder assim escapar ao orgulho, deve comer de tudo sem nada desprezar (pois tudo é criação de Deus, que é boníssimo) e em tudo dando graças a Deus. Este é o discernimento dos sábios. Quanto aos que são fracos na alma e na fé, os que não têm firmeza, é melhor para eles que se abstenham de

determinados alimentos. O divino Paulo recomenda que não comam senão legumes⁶³⁶, uma vez que eles não conseguem acreditar que são guardados por Deus, cuja providência se estende sobre todas as criaturas.

Quanto a você que é velho e que procura uma regra em matéria de alimentação, que posso lhe dizer? Existem jovens que são incapazes de tomar sua sopa pesando-a comedidamente. Como o poderá você, que é velho? É por isso que você deve permanecer livre em tudo. Se você for vencido por ter comido demais, aflija-se, arrependa-se, condene-se por ter sido intemperante e retome sua obra. Nunca deixe de fazer assim, caindo, levantando e condenado a si mesmo e nunca a outro: assim você encontrará o repouso. Você vencerá através de suas quedas, desde que condene a si próprio, entregando-se ao arrependimento e à humildade.

Não transgrida a regra de que falamos, e isto lhe será suficiente. Pois nada fortifica tanto o corpo como comer pão e beber água. É por isso que o profeta dizia: “Filho do homem, coma seu pão e beba sua água comedidamente⁶³⁷”. A alimentação possui três medidas, a saber: a temperança, o contentamento e a saciedade. A temperança consiste em ainda ter fome depois da refeição. O contentamento consiste em comer o suficiente, sem ficar faminto nem saciado. A saciedade consiste em ficar com o estômago um pouco pesado depois de ter comido. Mas comer após estar saciado equivale a abrir a porta para a gula, e com ela entrará a prostituição. Portanto, escolha o melhor, na medida em que puder. Não ultrapasse a medida, nem para mais, nem para menos. Ter fome e estar saciado, ser forte em tudo e não ser

lesado, isto é próprio dos perfeitos.

Do erro, e de outros assuntos

É preciso que você saiba exatamente o que é o erro, para se proteger dele, para estar atento e não perder sua alma. Pois os pendores do homem, e em especial os do noviço e do monge independente⁶³⁸, os levam facilmente a viver com os demônios que, por meio dos pensamentos e das imaginações, não cessam de girar ao redor deles, colocando armadilhas e cavando poços para fazê-los cair. Não devemos nos espantar em ver que muitos se perderam, que dizem ou fazem uma coisa por outra, perturbam numerosos cristãos que não têm conhecimento de tais coisas e cobrem de opróbrio e de vergonha os hesiquistas. Pois não há nada de espantoso em que um noviço ou um monge independente se engane, mesmo depois de uma dura ascese. Isto acontece com muitos, tanto hoje em dia como antigamente. A lembrança do nome de Deus, que é apreço intelectual, por ser a mais elevada de todas as ações e o cume de todas as virtudes, como o é o amor a Deus, o primeiro de todos os mandamentos⁶³⁹, requer muita atenção, piedade e temor.

Aquele que, com impudência, temeridade e impiedade, pretende se utilizar desta obra admirável da prece intelectual, e que busca sem temor dizer por si mesmo o nome de Deus e de Deus se aproximar enfrentando-o, certamente (se Deus o permitir) afogar-se-á na ilusão e será destruído pelos demônios. Pois, em seu orgulho e presunção,

⁶³⁶ Cf. *Romanos* 14: 2.

⁶³⁷ *Ezequiel* 4: 16.

⁶³⁸ O monge independente, ou idiorritmo, é aquele que não tem guia espiritual e que age segundo sua própria conveniência.

⁶³⁹ Cf. *Mateus* 22: 38.

ele tenta alcançar o que está além de sua força e de seu estado. Ele tem a audácia, antes de chegado o tempo, de chamar a Deus em si por meio da prece intelectual. Ora, frequentemente, vendo em nós tal audácia nas coisas elevadas, o Senhor compassivo não permite que sejamos tentados pelos demônios e nos concede que tomemos consciência de nosso estado e de nosso orgulho, permite que nos arrependamos, que voltemos atrás e nos endireitemos, antes que nos tornemos o opróbrio dos demônios e o riso dos homens. É por isso que quem pretende se dedicar a esta obra maravilhosa deve interrogar os que têm experiência, para com eles aprender como agir, mostrando-se submisso e obediente a estes, e que ele se engaje com temor a Deus e humildade e que dê provas de paciência; assim ele não colherá espinhos em lugar do trigo, nem encontrará a perdição em lugar da salvação.

Quanto a você, meu irmão, se você vive na hesíquia, se se dedica a esta obra como se deve, e se espera unir-se a Deus por intermédio da prece intelectual, preste muita atenção em jamais aceitar seja lá o que for de sensível ou de inteligível que lhe apareça do exterior ou que venha até você, bem como não imagine nem modele em seu intelecto a figura de Cristo, de um anjo ou de um santo, pois o intelecto possui, por si só, a faculdade de imaginar, e pode facilmente dar forma a qualquer coisa que queira, e assim fazer um grande mal aos que não estão atentos. A simples lembrança do que é bom e do que é mau já suscita normalmente a imaginação no intelecto, pois o homem é levado a imaginar as coisas que lhe vêm à memória. Quem as recebe se torna assim imaginativo, mas não hesiquiasta.

É por isso que você não deve se fiar numa coisa, ainda que pareça

boa, nem acolhê-la, antes de examiná-la e de interrogar os que possuem experiência, para não se prejudicar. Quando estas coisas chegarem a você, não as receba facilmente, mas mantenha-se à distância, e guarde atentamente seu intelecto longe de toda figura, forma ou cor. Pois muitas vezes, para pôr à prova os que combatem e para ver para que lado pende sua resolução, Deus lhes envia essas coisas. E mesmo vindo a coisa de Deus, aquele que a viu em seu intelecto ou com seus olhos, recebendo-a sem examiná-la e sem interrogar os mais experientes, será facilmente enganado pelo diabo, por ser crédulo.

Cada qual, especialmente o noviço, deve se aplicar a dizer a prece intelectual em seu coração, pois aí ele não poderá se enganar, e ele não deve admitir outra coisa até que se acalmem as paixões. Deus não reprova aquele que, para não se enganar, permanece estritamente atento a si mesmo, e que, por causa disso, não acolhe nada, nem aquilo que vem de Deus, sem antes examinar e interrogar os mais experientes. Este é louvado por ele, por ser atento e refletido.

No entanto, não se deve interrogar qualquer um, mas somente um homem virtuoso, espiritual, testado, que vele por outros irmãos, e que tenha experiência. Pois ninguém é capaz de guiar a outros se não tiver o carisma do discernimento e não souber distinguir o bem do mal. Cada qual, pelo que fez e pelo que aprendeu, possui um conhecimento e um discernimento naturais, mas nem todos têm o discernimento do Espírito Santo. Não é fácil encontrar este homem certo, dotado de tal discernimento, em suas obras, suas palavras, seus pensamentos, e conseguir tomá-lo como guia espiritual. Por este sinal é possível saber que ele é a pessoa certa: tudo o que ele diz, faz e pensa é atestado pela divina Escritura. Assim, é preciso que ele

seja comedido em tudo. Pois o diabo costuma dar a seu erro a aparência de verdade, sobretudo entre os noviços, disfarçando seus próprios vícios para fazê-los parecer virtudes espirituais.

É por isso que quem deseja alcançar a prece pura deve passar sua vida na hesíquia, no temor, na tristeza do luto, sob a condução dos que têm experiência, interrogando-os amiúde. Ele deve se afligir todo o tempo, chorar por seus pecados, tremer, temer ser condenado e separado de Deus, aqui como na outra vida. Pois o diabo, ao ver alguém que passa sua vida em luto e aflição, não suporta ficar ao seu lado. Ele é queimado pela humildade gerada pela aflição e foge, levando seu orgulho consigo. Mas ele se aproxima daquele que, em sua presunção, imagina atingir as coisas elevadas, e que, impudentemente, tenta alcançar o que ultrapassa suas forças. Deste ele se aproxima como se ele lhe pertencesse, e o prende facilmente em sua rede.

A arma suprema consiste em ter sempre consigo a prece e o luto, a fim de não cair da alegria da prece na presunção, e de permanecer sempre humilde para ser salvo. Pois a verdadeira prece é este calor no coração que se encontra na invocação Senhor Jesus Cristo, que veio, como diz o Evangelho, lançar fogo sobre a terra⁶⁴⁰ de nosso coração, para queimar nossas paixões e suscitar em nossa alma a alegria e a mansidão. Também você, irmão, deseje esta prece, a fim de encontrá-la e de a possuir em seu coração, guardando sempre seu intelecto desprovido de toda imaginação e de todo pensamento. E não tema. Pois o Deus que procuramos está conosco e não cessa de nos proteger.

⁶⁴⁰ Cf. Lucas 12: 49.

Se alguns se perderam, considere que eles chegaram a este ponto por causa de seu orgulho e de sua independência, desde que se deixaram levar por sua própria vontade e não pelos conselhos dos mais experientes. Pois aquele que, com humildade e obediência, sempre interrogando, se dedica à prece e busca a Deus, jamais fará mal, pela graça de Cristo que veio salvar todos os homens⁶⁴¹. Se sobrevém uma tentação, ela é como que uma prova e uma coroa. Pelos caminhos que só ele conhece, Deus nos traz logo sua ajuda. Como dizem os Padres, as maquinações dos demônios não podem prejudicar a quem vive retamente, que não busca agradar aos homens e que evita o orgulho. Mas os que vivem sua vida com presunção e por sua própria vontade se perdem facilmente e acabam por prejudicar a si próprios.

Existem assim três virtudes que devemos guardar, examinando a todo momento se as temos conosco: a temperança, o silêncio e a autocondenação, ou seja, a humildade. Elas se contêm e se guardam mutuamente. É por intermédio delas que a prece nasce e cresce continuamente.

A graça aparece de diferentes maneiras nos que se dedicam à obra da prece. Em uns, ela vem com o temor e o tremor que arrasam as montanhas das paixões e quebram os corações petrificados, reduzindo ao silêncio e mortificando o sentimento de sua carne. Em outros, ela se manifesta na alegria e no regozijo do coração, aquilo que os Padres chamam de sobressalto. Em outros, enfim, sobretudo nos que progrediram, Deus suscita a graça na paz, na doçura, na

⁶⁴¹ Cf. I Timóteo 2: 4.

calma, a partir do instante em que Cristo faz sua morada no coração, segundo o divino Paulo. É por isso que Deus disse ao profeta Elias que o Senhor não está nem no vento violento, nem no tremor de terra, ou seja, ele não está nos efeitos da graça que se manifestam de início nos noviços, no temor a Deus e na alegria do coração, mas que ele é uma brisa leve⁶⁴², luminosa e pacífica. Com isto ele mostrou onde está a perfeição.

Que fazer quando o demônio se transforma em anjo de luz⁶⁴³ e engana o homem?

Quem presencia isto não deve recebê-lo de imediato, mas deve primeiro provar e discernir o bem e o mal, e somente depois crer. Pois aquilo que a graça pode fazer e que o demônio é incapaz de fazer, é evidente. O demônio (ainda que apareça como um anjo de luz) não consegue provocar no homem nem doçura, nem luz, nem desdém pelo mundo, nem a detenção das paixões e dos prazeres; isto é obra da graça. O que ele provoca é o orgulho, a preguiça, a presunção e outras malícias do gênero. Pelo modo como ela opera, você pode saber se a luz que brilha na sua alma vem de Deus ou de Satanás. A alface lembra uma salada amarga, e o vinagre se assemelha ao vinho. Mas quando você os prova, você sabe a diferença. O mesmo acontece com a alma do homem. Se ele tiver o discernimento, ele reconhecerá os carismas do Espírito Santo e os fantasmas de Satanás.

Entretanto, é preciso saber que o erro tem três causas: o orgulho, a

inveja dos demônios e a concessão de Deus que permite o castigo. O orgulho provém da inconsequência do intelecto. A inveja dos demônios provém do progresso. A concessão de Deus provém do pecado. O erro proveniente do orgulho e da inveja dos demônios é fácil de curar, quando o homem se humilha. Mas aquele que provém de Deus dura às vezes até a morte.

Também é preciso saber que o demônio do orgulho vem primeiro sobre aqueles que não estão atentos ao coração. Você, irmão, esteja sempre pronto para conduzir o combate contra os demônios. Se lhe vier uma imaginação, não se perturbe. Ainda que você veja uma espada que vai trespassá-lo, ou um fogo brilhante que vai queimá-lo, ou uma figura selvagem e feia, ou um dragão, ou seja lá o que for, não tenha medo nem recue. Resista, confesse o Senhor Jesus Cristo, e você verá facilmente a vitória chegar, com a fuga e a dispersão dos seus inimigos.

Conheça ainda esta armadilha que os demônios empregam muitas vezes. Eles se dividem em dois. Uns o assaltam, aparentemente para tentá-lo. Se você parece pedir por socorro, chegam outros como anjos, e aparentemente expulsam os primeiros, que fingem estar temerosos e fogem, para enganá-lo e fazê-lo adorar como se fossem santos anjos aqueles que aparentemente expulsaram os demônios.

Muitas vezes ainda eles irão lhe sugerir belos pensamentos e o incitarão a rezar contra os que parecem tentá-lo, ou o incitarão a resistir. Se você fizer isto, eles fingirão ter sido vencidos por você e fugirão, para que você se orgulhe e pense que progrediu e que agora é capaz de vencer os pensamentos e expulsar os demônios.

⁶⁴² Cf. I Reis 19: 11-12.

⁶⁴³ Cf. II Coríntios 11: 14.

MÁXIMO O CAPSOCALYVITA

Máximo o Capsocalyvita – o “queimador de cabanas” – foi um destes monges do Monte Athos que, pelos frutos de sua humildade e de sua contemplação, contribuíram para fundar a renovação hesiquiasta dos séculos XIII e XIV. Ele próprio não deixou nada escrito. Mas seu exemplo extremo – incendiando suas sucessivas moradias, como para chamar sobre si o Juízo final – impressionou seus contemporâneos a ponto de um deles, Teófano de Vatopedi, escrever um relato de sua vida, de onde foi extraído o diálogo que a Filocalia grega inseriu na sua conclusão.

Diálogo admirável, entre Máximo e um dos Padres da renovação hesiquiasta, Gregório o Sinaíta, e que não deixa de lembrar o relato de Filemon, no século VI, quando o movimento hesiquiasta estava se iniciando no deserto do Egito. Gregório coloca em primeiro lugar a questão crucial do carisma do Espírito Santo: a passagem da prece contínua ao arrebatamento do intelecto, ao êxtase, que ele chama de “transformação divina”. Máximo afirma peremptoriamente, contra os que negam o sobrenatural, a realidade desta passagem. Mas ele ao mesmo tempo recusa, não sem humor, toda ostentação do carisma. A ilusão tem seus sinais, e a graça os seus. O discernimento destes sinais é fundamental, pois somente ele permite a santidade sacrificial. Isto manifesta e confirma o testemunho discreto de Máximo, ao final e no próprio coração da perspectiva hesiquiasta: a atualidade desta.

DA VIDA DE NOSSO SANTO PAI MÁXIMO CAPSOCALYVITA

O divino Gregório o Sinaíta encontrou um dia a são Máximo e conversou com ele. Entre outras coisas, disse-lhe: “Ó venerável Padre, diga-me, eu lhe peço: você tem consigo a prece intelectual?”.

Este sorriu e lhe respondeu: “Não lhe esconderei, venerável Padre, o milagre que a Mãe de Deus operou por mim. Eu sempre tive, desde a minha juventude, uma grande confiança na Mãe de Deus. Eu pedia a ela, chorando, que me concedesse a graça da prece intelectual. Um dia em que, conforme meu costume, tinha eu ido à igreja que lhe era consagrada, pedi-lhe mais uma vez com todo meu coração. E, no instante em que me abraçava ao seu santo ícone, senti no meu peito um calor, como uma chama que provinha do ícone, mas que não me queimava, mas me cobria como um orvalho, me enchia de doçura e colocava toda minha alma numa imensa mansuetude. Foi a partir deste momento, Padre, que meu coração começou a dizer de dentro de si próprio a prece, e que meu intelecto conheceu a doçura de se lembrar continuamente de Jesus e da Mãe de Deus. A partir de então, a prece nunca mais deixou meu coração. Perdoe-me”.

O divino Gregório lhe falou: “Diga-me, no momento em que você dizia a prece ‘Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim’, você sentiu alguma vez uma transformação divina, ou um êxtase, ou qualquer outro fruto do Espírito Santo?”.

O divino Máximo lhe respondeu: “Ó Padre, se eu me retirei para um lugar deserto, se sempre desejei a hesíquia, foi justamente para poder desfrutar daí em diante do fruto da prece, que é um imenso amor a Deus e um arrebatamento do intelecto no Senhor”.

São Gregório lhe disse: “Eu lhe peço, Padre, diga-me. Você tem consigo aquilo de que me fala?”. O divino Máximo sorriu outra vez e falou: “Dê-me de comer... não se inquiete com a ilusão”.

O divino Gregório falou-lhe então: “Possa eu ter em mim esta ilusão, como a sua. Mas eu lhe peço que me diga o que seu intelecto vê com seus próprios olhos quando está arrebatado em Deus; e se então lhe é possível elevar a prece simultaneamente ao coração”.

São Máximo lhe respondeu: “Não, ele não pode. Quando, por meio da prece, a graça do Espírito Santo chega ao homem, a prece cessa. Pois o intelecto está inteiramente dominado pela graça do Espírito Santo. Ele já não pode fazer nada por si mesmo, ele não é capaz de agir. Ele não se submete senão ao Espírito Santo, e vai para onde este deseja: para o espaço imaterial da luz de Deus, ou para alguma outra contemplação impossível de descrever, ou, muitas vezes, para escutar as palavras divinas. O Consolador, o Espírito Santo, conforta assim seus servidores, conforme lhe apraz. Ele concede sua graça segundo o que convém a cada um”.

“Podemos ver claramente o que eu digo se considerarmos os profetas e os apóstolos aos quais foi dado ter tais contemplações, mesmo que os homens se rissem deles e os considerassem como perdidos e bêbados⁶⁴⁴. O profeta Isaías viu o Senhor sobre um trono elevado, e os serafins que o rodeavam⁶⁴⁵. Estevão, o primeiro mártir, viu os céus abertos e Jesus à direita do Pai⁶⁴⁶. Do mesmo modo, hoje

⁶⁴⁴ Cf. Atos 2: 13.

⁶⁴⁵ Cf. Isaías 6: 2.

⁶⁴⁶ Cf. Atos 7: 56.

em dia ainda é concedido aos servidores de Cristo ter estas visões. Alguns não acreditam nisto, e lhe negam qualquer realidade: acham que tudo não passa de ilusão, e consideram que quem tem estas visões está perdido. Eu fico admirado o quanto estes homens são endurecidos. Com a alma cegada, eles não creem naquilo que o próprio Deus, que não pode mentir, prometeu, pela boca do profeta Joel, conceder, quando disse: “Eu derramarei a graça de meu Espírito sobre todos os fiéis, sobre meus servos e servas⁶⁴⁷”. É esta graça que nos veio trazer nosso Senhor, que ele concede ainda hoje, e que concederá até o fim do mundo aos seus servidores fiéis, conforme prometido. Então, quando esta graça do Espírito Santo chega a alguém, ela não lhe mostra o que ele está acostumado a ver, ela não lhe mostra as coisas sensíveis deste mundo, mas lhe revela o que ele jamais viu, o que jamais imaginou. Então o intelecto deste homem recebe do Espírito Santo o ensinamento dos mais altos mistérios, dos mistérios ocultos que o olho corporal do homem não é capaz de ver, nem sua inteligência compreender por si própria, como disse o divino Paulo⁶⁴⁸”.

“Para compreender o modo pelo qual o intelecto pode ver os mistérios, considere o que vou lhe dizer. Enquanto está distante do fogo, a cera é sólida e pode ser segurada. Mas se você a coloca no fogo, ela se ilumina e queima numa chama, torna-se luz e se consome inteiramente no fogo. Ela não pode não se fundir no fogo, nem deixar de liquefazer. Da mesma forma, enquanto o intelecto do homem está só e não encontrou a Deus, ele só concebe aquilo que está em seu poder. Mas se ele se aproxima do fogo da Divindade e do Espírito Santo, daí por diante ele está totalmente sob o domínio

⁶⁴⁷ Joel 3: 2.

⁶⁴⁸ Cf. I Coríntios 2: 9.

da luz de Deus, tornando-se ele próprio luz, queimando na chama do Espírito Santo e fundindo-se sob os pensamentos divinos. Daí por diante lhe é impossível, no fogo da Divindade, conceber por si mesmo o que lhe é próprio e o que deseja conceber”.

O divino Gregório lhe disse então: “Existem coisas aparentadas a estas, mas que seriam da ordem da ilusão?”.

E o grande Máximo lhe respondeu: “Uns são os sinais da ilusão, outros os da graça. Pois o espírito maligno, o espírito da mentira, quando se aproxima do homem, perturba e exacerba o intelecto. Ele endurece e entenebrece o coração. Ele provoca a preguiça, o medo e o orgulho. Ele apavora os olhos. Ele faz ferver o cérebro e faz o corpo tremer. Ele revela em imaginação aos olhos do corpo uma luz que não é clara nem pura, mas vermelha. Ele coloca o intelecto fora de si e o torna demoníaco. Ele o força a dizer pela boca palavras blasfemas e maledicentes. Aquele que vê este espírito de ilusão passa a ficar a maior parte do tempo num espírito de irritação, cheio de cólera, ignorando a humildade, o verdadeiro luto e as lágrimas, vangloriando-se sempre daquilo que sabe, vaidoso. Sem a menor reserva, sem temor a Deus, ele vive continuamente com suas paixões. Acaba por sair totalmente de si e se perder por completo. Que o Senhor, por nossas orações, nos livre de tal ilusão!”.

“Quanto aos sinais da graça, ei-los aqui: quando a graça do Espírito Santo vem ao homem, ela reúne seu intelecto, concede que ele seja atento e humilde, traz consigo a lembrança da morte e dos pecados cometidos, do julgamento que virá e do castigo eterno. Ela enche sua alma de compunção. Ela o faz chorar e vestir luto. Ela torna seus olhos mansos e cheios de lágrimas. Quanto mais ela se aproxima do

homem, mais ela apazigua sua alma, consolando-a com os santos sofrimentos de nosso Senhor Jesus Cristo e com seu infinito amor pelo homem. Ela suscita em seu intelecto as mais altas contemplações, as verdadeiras contemplações. Primeiramente, a contemplação do poder incompreensível de Deus: como, por uma só palavra, ele criou todo o universo e o levou do nada à existência. Depois, a contemplação do poder infinito por meio do qual ele mantém e governa tudo, colocando a tudo sob sua providência. Enfim, a contemplação do mistério da Santa Trindade e do insondável oceano do Ser divino. Quando o intelecto do homem é assim arrebatado pela luz divina, iluminado pelo esplendor do conhecimento de Deus, então seu coração se torna sereno e doce, ele traz os frutos do Espírito Santo, a alegria, a paz, a paciência, a bondade, a compaixão, o amor e a humildade⁶⁴⁹. E sua alma exulta, inefavelmente regozijada”.

São Gregório o Sinaíta, maravilhado, admirou o que tinha escutado e que lhe dissera o divino Máximo. E já não dizia que este era um homem, mas um anjo terrestre.

⁶⁴⁹ Cf. *Gálatas* 5: 22.

GREGÓRIO DE TESSALÔNICA

Este texto composto – tirado em particular dos escritos do patriarca Filoteu e de Simeão Metafraste – expõe em plena luz o desígnio dos editores da Filocalia grega, no final do século XVIII: deixar claro que a invocação do nome de Jesus – a prece contínua – é inerente à identidade cristã e diz respeito a todos os fiéis, independentemente de seu engajamento ou de seus encargos na Igreja. Acontece com a mensagem filocalica a mesma coisa que com o Evangelho: ela não pode ser reservada a alguns. Ela foi feita para todos.

É o que afirma aqui Gregório de Tessalônica (Gregório Palamas) ao velho Jó. E é o que confirma também a Vida de Constantino, o pai de Gregório, reportada pelo Patriarca Filoteu, e a Vida de Eudócimo, contada por Simeão Metafraste.

Assim a prece contínua verifica e orienta a vocação dos fiéis a recolher o intelecto no abismo do coração, e a unir sem confusão da vida que levam no século e a exigência evangélica: fechar as portas dos sentidos e pedir em segredo a graça do Pai das luzes. A abertura para o mundo é aí também tão completa quanto a consagração à interioridade orante. Este ultimíssimo texto constitui com toda justiça o “endereço” da antologia filocalica.

DA VIDA DE SÃO GREGÓRIO,
ARCEBISPO DE TESSALÔNICA

Que todos os Cristãos devem orar continuamente

Não se deve pensar, irmãos cristãos, que somente os sacerdotes e os monges têm o dever de orar continuamente, mas não os leigos. Não, não. Todos os cristãos têm em comum o dever de estar todo o tempo em oração.

O Patriarca de Constantinopla Filoteu escreveu na Vida de São Gregório de Tessalônica, que este tinha um amigo muito querido chamado Jó, um homem muito simples e muito virtuoso. Num dia em que o santo estava conversando com ele, falou-lhe da prece, dizendo que todo cristão devia simplesmente sempre se esforçar por orar, e orar continuamente, como ordenou o apóstolo Paulo a todos: “Orai sem cessar⁶⁵⁰”, e como disse o profeta Davi, embora tenha sido rei e encarregado de todos os negócios de seu reino: “Eu tenho sempre o Senhor diante de mim⁶⁵¹”, ou seja: por meio da oração, em meu intelecto, eu vejo todo o tempo o Senhor diante de mim. Da mesma forma, Gregório o Teólogo ensinava a todos os cristãos que é preciso, na prece, lembrar-se do nome de Deus mais frequentemente do que se respira⁶⁵².

O santo falava destas coisas e de muitas outras a seu amigo Jó. E acrescentava que devemos obedecer às recomendações dos santos, e que não apenas devemos orar, nós mesmos, continuamente, como devemos ainda ensinar os demais, monges e leigos, sábios e ignorantes, homens, mulheres e crianças, e exortá-los a orar sempre. A coisa pareceu novidade ao velho Jó, e ele se pôs a contestar. Ele

⁶⁵⁰ 1 *Tessalonicenses* 5: 17.

⁶⁵¹ *Salmo* 15 (16): 8.

⁶⁵² Gregório de Nazianze, *Discurso* XXVII, 4.

disse ao santo que a prece contínua era própria só aos ascetas e aos monges que viviam fora do mundo e de suas distrações, mas que era impossível que orassem sem cessar os que viviam no mundo e tinham tantos cuidados e afazeres. O santo lhe forneceu ainda outros testemunhos e provas irrefutáveis, mas o velho Jó não se deixou persuadir. Então o divino Gregório, para fugir da querela e da discussão, calou-se. Em seguida, cada qual entrou de volta para sua cela. Mais tarde, quando Jó orava sozinho em sua cela, um anjo do Senhor lhe apareceu, enviado por Deus que quer a salvação de todos os homens. O anjo reprovou-lhe haver contestado o que lhe dissera são Gregório e haver se oposto a ele em coisas que eram com toda evidência a fonte de salvação dos cristãos. Ordenou a ele em nome do Deus santo que daí por diante fosse mais atento e que evitasse dizer coisas contra uma obra tão útil à alma, pois ele estaria se opondo à própria vontade de Deus. Ele o proibiu de aceitar em si doravante qualquer pensamento contrário, e lhe pediu que considerasse as coisas conforme o que lhe havia dito o divino Gregório. Então o velho Jó, este homem simples, correu logo a ver o santo. Ele caiu a seus pés e lhe pediu perdão por ter se oposto a ele e por haver contestado suas palavras. E lhe revelou o que lhe havia dito o anjo do Senhor.

Veem, irmãos, que todos os cristãos, do menor ao maior, têm em comum o dever de orar continuamente, de dizer a prece intelectual ‘Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim’, e de acostumar seu intelecto e seu coração a dizê-la sem cessar? Considerem o quanto esta prece agrada a Deus e quanto benefício ela nos traz, uma vez que, em sua extrema misericórdia, ele enviou um anjo celeste para no-la revelar, para que não tivéssemos mais a respeito nenhuma dúvida?

Mas que dizem os homens que vivem no mundo? “Estamos nomeio de tantos cuidados e afazeres... Como é possível orar sem cessar?”.

Eu lhes respondo: Deus não nos pede nada impossível. Ele só nos ordenou aquilo que sempre esteve em nosso poder executar. Todo homem que, esforçando-se, busca a salvação de sua alma, é capaz de atingir a prece contínua. Pois se a coisa fosse impossível, ela o seria para todos os leigos, e não encontraríamos no mundo tantos homens que a obtiveram. O pai de são Gregório é apenas um exemplo entre muitos. Este homem admirável, chamado Constantino, trabalhava no palácio do rei. Ele era chamado de pai e mestre do rei Andrônico. Ele se ocupava diariamente dos negócios reais, sem falar dos assuntos de sua própria casa, pois era muito rico, tinha muitas propriedades e servidores, além de sua esposa e filhos. Apesar de tudo, ele jamais se separava de Deus. Ele permanecia tão voltado para a prece intelectual contínua que muitas vezes esquecia o que lhe dissera o rei e os ministros do palácio a propósito dos assuntos do reino, e era obrigado a perguntar reiteradamente sobre os mesmos assuntos. Alguns ministros, que ignoravam a causa deste comportamento, ficavam contrariados e lhe reprovavam por esquecer tão depressa e por perturbar o rei repetindo as questões. Mas o rei, que conheci a causa, o defendia dizendo: “Constantino, este homem feliz, tem seus próprios pensamentos. E eles o impedem de estar atento aos assuntos provisórios e vãos de que falamos nós. Mas sua inteligência está ligada ao que é verdadeiro, às coisas do céu, e assim ele esquece das coisas terrestres. Pois toda a sua atenção está na prece, e voltada para Deus”.

Como nos conta o santo Patriarca Filoteu, Constantino era assim venerado e amado pelo rei e por todos os grandes e os ministros do

reino, assim como era amado por Deus a ponto de lhe ter sido concedido fazer alguns milagres. São Filoteu, na vida de São Gregório, o filho de Constantino, conta que um dia este embarcara com toda sua família para ir a Gálata ver um anacoreta que lá vivia em estado de hesíquia, e receber sua bênção. Já em viagem, ele perguntou aos seus servidores se haviam trazido algum alimento para oferecer ao abade. Estes responderam-lhe que, na pressa, haviam se esquecido e que não trouxeram nada. Este homem bendito ficou um pouco entristecido, mas não disse nada. Ele simplesmente foi até a proa do barco, colocou a mão na água e, em sua prece intelectual silenciosa, pediu a Deus, o mestre do mar, que lhe enviasse um peixe. E pouco depois – ó obras maravilhosas, Cristo Rei, pelas quais, paradoxalmente, você glorifica seus servidores! – ele retirou a mão do mar, trazendo um grande peixe que atirou ao barco diante de seus servidores, dizendo: “O Senhor pensou em nós e em seu servidor, o abade, e lhe enviou algo para comer.” Veem, irmãos, com quanto glória Jesus Cristo glorifica seus servidores que estão sempre com ele e que invocam continuamente seu nome santo e dulcíssimo?

Da mesma forma Eudócimo, este homem justo e santo, não morava também ele em Constantinopla? Não vivia ele no palácio do rei, misturado aos negócios do reino? Não participava ele da comitiva do rei e dos ministros do palácio, no meio dos assuntos e das discussões? Malgrado tudo, a prece intelectual jamais o abandonava, como nos reporta Simeão Metafrastre no relato de sua vida. Assim, ainda que se encontrasse no mundo e em meio às coisas do mundo, o três vezes bem-aventurado levava verdadeiramente uma vida angélica acima do mundo, e o Deus que recompensa lhe concedeu ter um fim divino. Muitos outros ainda, inumeráveis, viveram da

mesma maneira suas vidas no mundo e conseguiram se dedicar a esta prece intelectual salutar, como podemos ver nos relatos de suas vidas.

Irmãos cristãos, eu lhes peço então, com o divino Crisóstomo, pela salvação de suas almas, não negligenciem esta obra da prece. Imitem aqueles de quem lhes falei. E, tanto quanto possível, sigam-nos. Se a coisa lhes parecer difícil no começo, estejam seguros e certos, como se viesse do próprio Deus que domina o universo, que o próprio nome de nosso Senhor Jesus Cristo, invocado por nós a cada dia e continuamente, aplainará todas as dificuldades, e que, com o tempo, quando nos tenhamos acostumado com este nome, quando formos cumulados de doçura nele, saberemos por experiência que sua invocação contínua não é nem impossível nem difícil, mas possível e fácil. É por isso que o divino Paulo, que, melhor do que nós, sabia o grande bem que proporciona esta prece, nos exortou a orar sem cessar⁶⁵³.

Ora, ele não quis nos recomendar uma coisa difícil e impossível, que não pudéssemos fazer; nós o teríamos necessariamente desobedecido e transgredido sua ordem, e assim estaríamos condenados. Mas o objetivo do Apóstolo, ao dizer “Orem sem cessar” era de que oremos com nosso intelecto, coisa que é sempre possível fazer. Quando trabalhamos com as mãos, quando caminhamos, quando nos sentamos, quando comemos ou bebemos, sempre podemos orar com nosso intelecto e trazer conosco uma prece que seja verdadeira e que agrade a Deus. Podemos trabalhar com o corpo e orar com a alma. O homem exterior pode cumprir com todas as tarefas corporais

⁶⁵³ Cf. 1 *Tessalonicenses* 5: 17.

enquanto o homem interior está inteiramente consagrado à adoração a Deus, trazendo consigo sempre esta obra espiritual da prece do intelecto. É o que nos pede Jesus, o Deus Homem, quando diz no Evangelho: “Quando você orar, entre em sua câmara, feche a porta e ore a seu Pai em segredo⁶⁵⁴.” A câmara da alma é o corpo. As portas de nosso ser são os cinco sentidos. A alma penetra em sua câmara quando o intelecto cessa de ir e vir nas coisas do mundo e se coloca no centro de nosso coração. E os sentidos permanecem fechados quando não os deixamos ligados às coisas sensíveis e visíveis. Assim, nosso intelecto se vê liberado de toda atividade do mundo. Por meio da prece intelectual secreta, ele se une a Deus, seu Pai. O mesmo Cristo disse também: “E seu Pai que está no secreto lhe concederá a recompensa⁶⁵⁵”. Deus, que conhece os segredos dos corações, vê a prece intelectual e a recompensa concedendo grandes carismas visíveis.

Pois esta prece intelectual é a verdadeira prece, a prece perfeita. Ela enche a alma da graça divina e dos carismas o Espírito, como o perfume cujo odor, num vidro, é tanto mais forte quanto mais fechado. O mesmo acontece com a oração. Quanto mais você a encerrar em seu coração, mais ela encherá o coração de graça divina. Bem-aventurados os que se dedicam a esta obra celeste. Pois por meio dela eles superam todas as tentações dos demônios malignos, como Davi venceu o orgulhoso Golias⁶⁵⁶; por meio dela eles extinguiram os desejos desordenados da carne, como as três crianças que extinguiram as chamas da fornalha⁶⁵⁷; com ela eles apaziguaram

as paixões, como Daniel acalmou os leões selvagens⁶⁵⁸; por meio dela eles fizeram descer o orvalho do Espírito Santo aos corações, como Elias fez descer a chuva sobre o Carmelo⁶⁵⁹. É esta prece intelectual que sobe até o trono de Deus e é guardada em cálices de ouro, de onde se eleva seu perfume até o Senhor, como diz João o Teólogo no Apocalipse: “Os vinte e quatro anciãos se prosternavam diante do Cordeiro com suas cítaras e com cálices de ouro cheios de perfume, que são as preces dos santos⁶⁶⁰”. Esta prece intelectual é uma luz que ilumina sempre a alma do homem e aquece seu coração nas chamas do amor a Deus. Ela é uma corrente que une Deus ao homem.

Ó graça incomparável da prece intelectual! Ela permite ao homem estar sempre em diálogo com Deus. Ó coisa verdadeiramente maravilhosa! Você está com os homens por meio do corpo, e com Deus por intermédio do intelecto. Os anjos não possuem uma voz material, mas eles não cessam de glorificar a Deus em seu intelecto. Esta é a sua obra, e a ela eles se consagram por toda sua vida. Também você, irmão, quando penetrar na câmara e fechar a porta, ou seja, quando seu intelecto não se dispersar mais aqui e ali, mas entrar em seu coração, quando seus sentidos permanecerem fechados e não mais se ligarem às coisas do mundo, quando você puder assim orar sempre com sua inteligência, você se tornará semelhante aos santos anjos, e seu Pai, que vê a prece escondida que você lhe oferece no segredo de seu coração lhe concederá a recompensa de grandes carismas espirituais. E o que pode você querer mais do que estar sempre unido a Deus pelo intelecto, como dissemos, e

⁶⁵⁴ *Mateus* 6: 6.

⁶⁵⁵ *Ibid.*

⁶⁵⁶ Cf. *I Samuel* 17: 51.

⁶⁵⁷ Cf. *Daniel* 3: 24-25.

⁶⁵⁸ Cf. *Daniel* 6: 18-19.

⁶⁵⁹ Cf. *I Reis* 18: 45.

⁶⁶⁰ *Apocalipse* 5: 8.

continuamente conversar com ele, sem o que, nem aqui nem em outra vida, homem algum jamais poderá ser bem-aventurado?

Portanto, irmão, seja você quem for, quando você tomar em suas mãos este livro e o ler pelo bem de sua alma, eu lhe rogo, lembre-se de invocar a Deus, de dizer “Kyrie eleison” pela alma pecadora daquele que se esforçou por compor este livro e daquele que o publicou. Eles têm grande necessidade de sua oração, para que a piedade divina venha sobre suas almas, como sobre a sua também. Assim seja.

COM ESTE TEXTO
ENCERRA-SE A COLETÂNEA
DA FILOCALIA GREGA

Que a paz de Cristo esteja sobre o leitor.